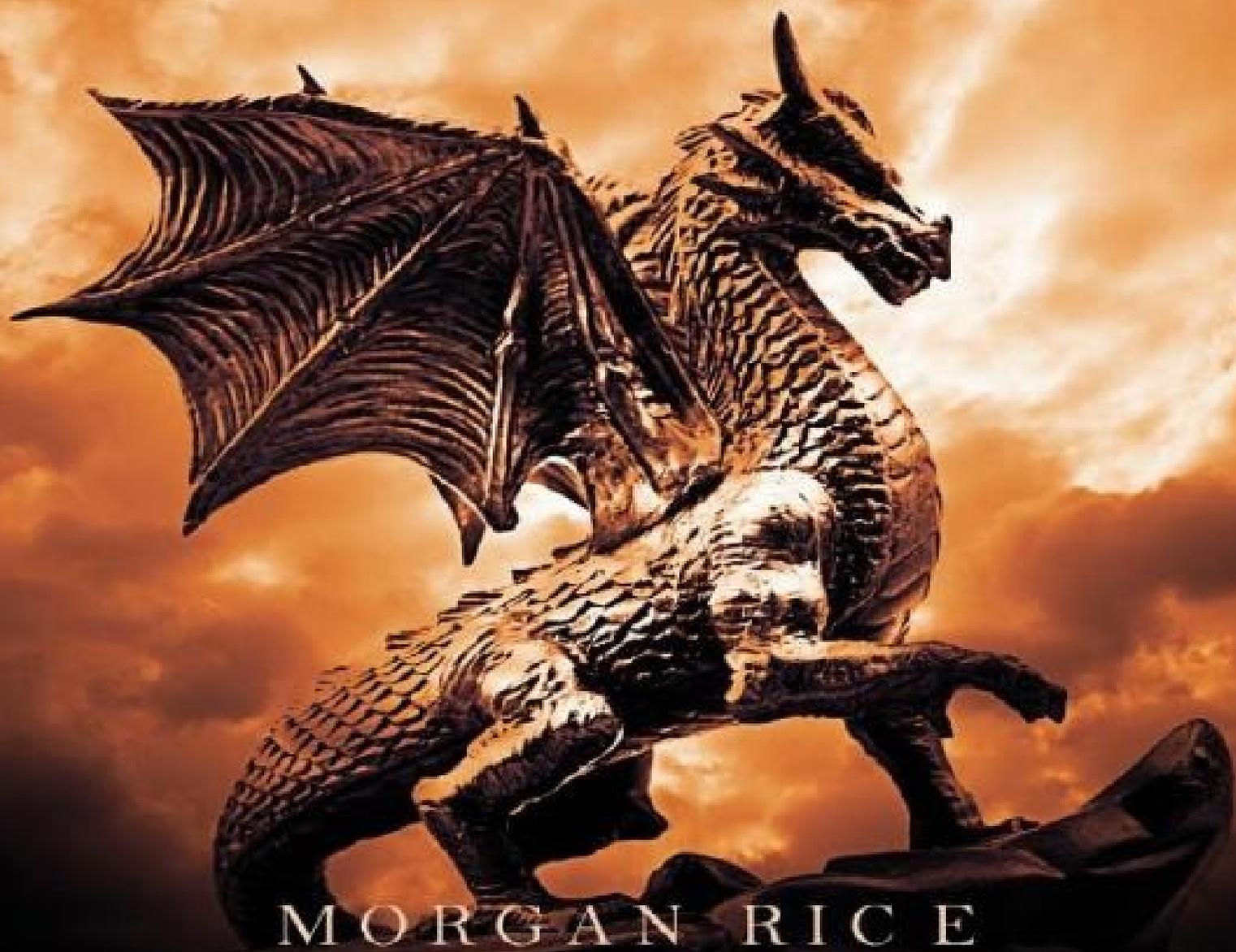


A ASCENSÃO dos DRAGÕES

REIS E FEITICEIROS - LIVRO 1



MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

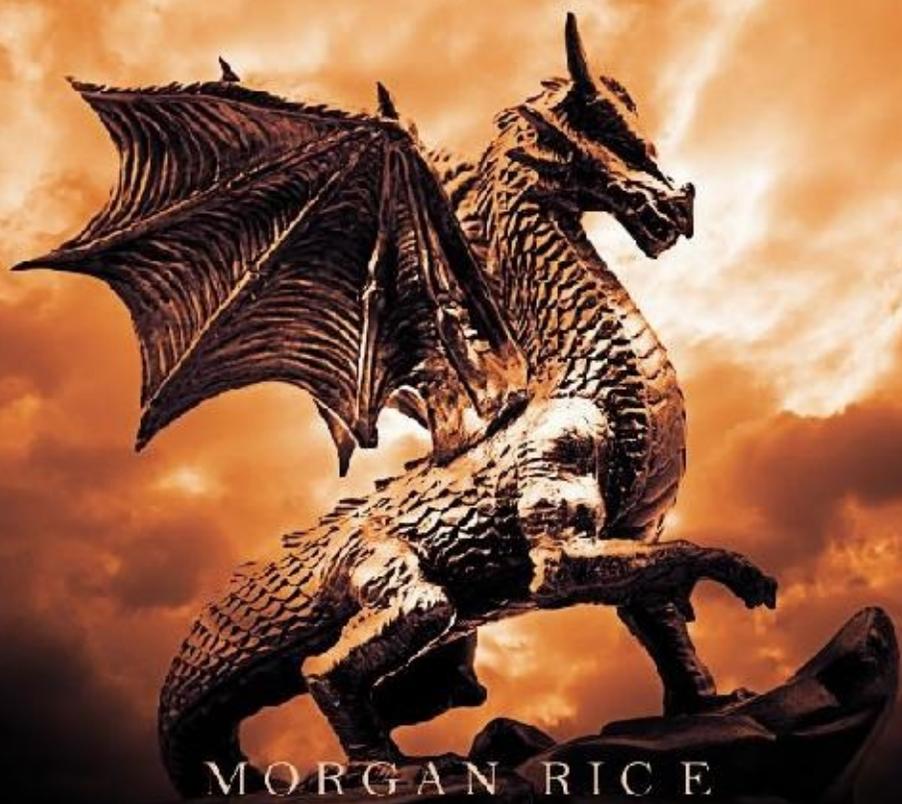
O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A ASCENSÃO dos DRAGÕES

REIS E FEITICEIROS - LIVRO 1



A ASCENSÃO dos DRAGÕES

(REIS E FEITICEIROS - LIVRO 1)

MORGAN RICE

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro N°1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro N°1 da série Trilogia de Sobrevivência) e

[EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro N°1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!

Críticas aos livros de Morgan Rice

“Uma fantasia espirituoso que inclui elementos de mistérios e intriga em sua trama. *Em Busca de Heróis* mostra onde nasce a coragem e como a busca por um propósito leva ao crescimento, amadurecimento e excelência... Para aqueles que buscam aventuras, os protagonistas, acontecimentos e ação oferecem uma série de acontecimentos relacionados à evolução de Thor de uma criança sonhadora a um jovem adulto e sua busca pela sobrevivência apesar de todas as dificuldades... Este é apenas o começo de uma série de literatura juvenil épica.”

Midwest Book Review (D. Donovan, Crítica de E-livros)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“A fantasia épica de Rice [O ANEL DO FEITICEIRO] inclui as características clássicas do gênero - um lugar marcante, altamente inspirado pela antiga Escócia e sua história, e uma boa medida de intriga da corte.”

— *Kirkus Reviews*

“Adorei como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. A paisagem e as criaturas que vivem no lugar são bem descritas... Eu gostei de trama, curta e doce... A quantidade ideal de personagens secundários me ajudou a não ficar confusa.

Há bastante aventura e momentos angustiantes, mas a ação contida no livro não é excessivamente violenta. O livro é ideal para leitores adolescentes... Há indícios de algo realmente marcante no primeiro livro da série...”

--*San Francisco Book Review*

“Neste livro recheado de ação, o primeiro da série de fantasia O Anel do Feiticeiro (que atualmente conta com 14 livros), Rice introduz os leitores ao garoto de 14 anos Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é juntar-se ao Exército Prata, os cavaleiros de elite do rei... A narrativa de Rice é sólida e intrigante.”

--*Publishers Weekly*

“[EM BUSCA DE HERÓIS] é de leitura rápida e fácil. Os finais dos capítulos fazem com que você queira ler mais e é impossível deixar o livro de lado. Há alguns erros ortográficos no livro e alguns nomes estão trocados, mas isso não interfere no andamento da história. O final do livro fez com que eu adquirisse o livro seguinte imediatamente. Todos os livros disponíveis da série O Anel do Feiticeiro podem atualmente ser adquiridos na loja da Kindle e Em Busca de Heróis está disponível gratuitamente para que você comece a ler! Se estiver à procura de algo rápido e divertido para ler nas férias, este é o livro ideal.”

--*FantasyOnline.net*

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Imagem da capa copyright Photosani, usada com autorização da Shutterstock.com.

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

“Os homens às vezes são senhores de seus destinos:

A culpa, caro Brutus, não é das estrelas,

Mas de nós mesmos, que somos subalternos.”

--William Shakespeare

Julio César

CAPÍTULO UM

Kyra fica no topo de uma colina gramada com o solo congelado sob suas botas e a neve caindo ao seu redor, e tenta ignorar o frio cortante ao erguer seu arco e se concentrar em seu alvo. Ela aperta os olhos, ignorando o resto do mundo – o vento que sopra, o som de um corvo distante – e se esforça para ver apenas a árvore de vidoeiro magro, distante, branca, destacando-se no meio da paisagem de pinheiros roxos. A quarenta metros, este é exatamente o tipo de tiro que seus irmãos não conseguem acertar – um alvo que nem mesmo os homens de seu pai poderiam acertar – o que a deixa ainda mais determinada, sendo a mais jovem do grupo e a única garota entre eles.

Kyra nunca se sente à vontade com eles. Uma parte dela gostaria, é claro, de fazer o que se espera

dela e passar seu tempo com as outras meninas, onde é o seu lugar, cuidando de assuntos domésticos; mas no fundo, isso não representa quem ela é. Ela é filha de seu pai e tem o espírito de um guerreiro como ele, - e não seria contida pelas paredes de pedra de sua fortaleza ou sucumbiria a uma vida sentada diante de uma lareira. Ela é melhor atiradora do que esses homens – na verdade, ela já consegue superar os melhores arqueiros de seu pai – e faria o que fosse preciso para provar a todos eles - acima de tudo, para seu próprio pai, - que ela merece ser levada a sério. Seu pai a ama, ela sabe, mas ele se recusa a vê-la por quem ela é.

Kyra consegue treinar melhor longe do forte, ali na planície de Vólis, sozinha - o que lhe convém, já que ela, a única menina em um forte de guerreiros, havia aprendido a apreciar a solidão. Ela está acostumada a ir até ali todos os dias, no seu local preferido, no alto do platô com vista para as enormes paredes de pedra do forte, onde ela poderia encontrar boas árvores, árvores jovens e difíceis de acertar. O barulho de suas flechas havia se tornado um som constante ecoando sobre a vila; nenhuma árvore tinha sido poupada de suas flechas, seus troncos carregam cicatrizes e algumas delas já estão se inclinando.

A maioria dos arqueiros de seu pai, Kyra sabe, fazia dos ratos que cobrem as planícies seus alvos; quando ela havia começado, tinha tentado acertá-los ela mesma, e descoberto que podia matá-los com muita facilidade. Mas isso a tinha enjoado. Ela era destemida, mas também sensível, e matar um ser vivo sem qualquer propósito a tinha desagradado. Ela havia prometido, então, que nunca mais usaria um ser vivo como alvo novamente, a não ser que ele fosse perigoso, ou que a atacasse, - como os morcegos-lobo que surgiam durante a noite e voavam muito perto do forte de seu pai. Ela não tinha escrúpulos em acertá-los, especialmente depois que seu irmão mais novo, Aidan, tinha sido mordido por um dos morcegos-lobo e adoecido por meia lua. Além disso, eles eram as criaturas mais rápidas que ela conhecia, e Kyra sabe que se conseguisse acertar um deles, especialmente à noite, ela seria capaz de acertar

qualquer alvo. Certa vez, ela tinha passado uma noite inteira de lua cheia atirando de cima da torre de seu pai, e tinha ansiosamente corrido até o pátio ao nascer do sol, encantada ao ver as dezenas de morcegos-lobo espalhados pelo chão, suas flechas ainda enfiadas neles enquanto os moradores se

aglomeravam ao redor deles, com olhares espantados.

Kyra se esforça para se concentrar. Ela repassa o lance em sua mente, vendo-se erguendo o arco, puxando-o rapidamente em direção ao seu queixo e soltando a flecha sem hesitação. O tiro verdadeiro, ela sabe, acontece antes que a flecha seja lançada. Ela já tinha visto muitos arqueiros com a sua idade - catorze anos, prepararem seus arcos e vacilarem, - e ela soube imediatamente que os seus tiros não acertariam os alvos. Ela respira fundo, erguendo o seu arco e, em um movimento decisivo, solta a flecha sem hesitar. Ela nem sequer precisa olhar para saber que tinha acertado a árvore.

Um momento depois, ela ouve o som da batida - mas ela já tinha se afastado e já estava à procura de outro alvo, ainda mais distante.

Kyra ouve um gemido aos seus pés e ela olha para Leo, seu lobo, caminhando ao seu lado, como sempre fazia, esfregando-se contra sua perna. Leo já é um lobo adulto, atingindo quase até a cintura de Kyra, e é tão protetor em relação à Kyra quanto Kyra dele, os dois são sempre vistos juntos no forte de seu pai. Kyra não pode ir a qualquer lugar sem que Leo corra para alcançá-la. E Leo ficava o tempo todo ao lado dela, a não ser que um esquilo ou coelho cruzassem o seu caminho, e então ele poderia desaparecer por horas.

"Eu não me esqueci de você, garoto," Kyra diz, colocando a mão no bolso e entregando um osso que havia sobrado da festa daquele dia. Leo pega o osso e continua caminhando feliz ao lado dela. Enquanto Kyra caminha sua respiração forma uma névoa diante dela, e ela apoia seu arco em cima do ombro e assopra suas mãos frias. Ela atravessa o planalto e aprecia a paisagem. Daquele ponto de vista, ela pode ver toda a região, as colinas de Volis, geralmente verdes, mas agora cobertas de neve, a província do forte de seu pai, situada no canto nordeste do reino de Escalon. Dali de cima Kyra tem uma visão panorâmica de todos os acontecimentos na fortaleza de seu pai, as idas e vindas do povo da aldeia e dos guerreiros, outro motivo pelo qual ela gosta de ir até ali. Ela gosta de estudar os contornos antigos das pedras na fortaleza de seu pai, o formato de suas muralhas e torres que se estendem de forma impressionante pelas colinas, parecendo nunca ter fim. Volis é a estrutura mais alta da região, e alguns dos seus edifícios se erguem por quatro andares e são rodeados por impressionantes ameias. O forte ainda possui uma torre circular no lado mais distante - uma capela para o povo, mas para ela,

apenas um lugar onde subir para apreciar a paisagem e ficar sozinha. O complexo de pedra é cercado por um fosso, acessado por uma estrada principal ampla e uma ponte de pedra em arco; esta, por sua vez, é cercada por taludes externos impressionantes, colinas, valas, muros - um lugar condizente com um dos mais importantes guerreiros do rei – o pai dela.

Embora Volis, a fortaleza final antes das Chamas, fique vários dias de distância de Andros, a capital de Escalon, ela é o lar de muitos dos famosos guerreiros do antigo rei. Ela havia se tornado como um farol, um lar para as centenas de moradores e agricultores que viviam dentro ou perto de suas paredes, sob a sua proteção.

Kyra observa as dezenas de pequenas casas de barro situadas sobre as colinas nos arredores da fortaleza, com fumaça saindo das chaminés e agricultores correndo para lá e para cá para se prepararem para o inverno e para o festival da noite. O fato de que os aldeões se sentem seguros o suficiente para viver do lado de fora das paredes do forte, Kyra reconhece, é um sinal de grande respeito pela força de seu pai, e algo jamais visto em outros lugares de Escalon. Afinal, eles precisam apenas soar um alarme para que as forças de seu pai se reúnam para lhes dar proteção.

Kyra olha para a ponte levadiça, sempre lotada com uma multidão de pessoas - agricultores, sapateiros, açougueiros, ferreiros, e claro, guerreiros - todos correndo pra dentro e pra fora da fortaleza, cumprindo com seus afazeres. As muralhas do forte não lhes dão apenas um lugar para morar e treinar, mas também um infindável número de pátios de paralelepípedos que serve de ponto de encontro para os comerciantes. Todos os dias eles alinham as barracas para vender suas mercadorias, negociando, mostrando a caça ou promoção do dia, algum tecido ou especiarias exóticas, ou doces trazidos do outro lado do oceano. Os pátios do forte estão sempre tomados por algum cheiro exótico, seja ele de um chá estranho ou um ensopado; ela poderia ficar ali por horas. E um pouco além das paredes da fortaleza, ao longe, seu coração se acelera ao ver o pátio de treinamentos circular dos homens de seu pai, o Portal dos Lutadores e o muro baixo de pedra que o rodeia, e ela assiste com entusiasmo enquanto seus homens atacam em linhas organizadas montados em seus cavalos, tentando acertar com suas lanças os escudos que servem de alvos. Ela metas de escudos pendurados em árvores. Ela anseia em treinar com eles.

Kyra de repente ouve um grito - tão familiar quanto a sua própria voz, vindo da direção da guarita, e ela se vira imediatamente em estado de alerta. Há uma comoção no meio da multidão, e ela vê quando do meio da agitação, abrindo caminho entre a multidão, surge pela estrada principal seu irmão mais novo, Aidan, liderado por seus dois irmãos mais velhos, Brandon e Braxton. Kyra fica tensa, em guarda. Ela percebe pelo tom de angústia na voz de seu irmão mais novo que seus irmãos mais velhos não têm boas intenções.

Os olhos de Kyra se estreitam enquanto ela observa seus irmãos mais velhos, sentindo uma raiva familiar crescendo dentro dela e, inconscientemente, apertando as mãos ao redor de seu arco. Aidan chega mais perto, marchando entre seus irmãos mais velhos, bem mais altos que ele, que seguram seus braços e o arrastam a contragosto para longe do forte, na direção do campo. Aidan, um garoto franzino e sensível de quase dez anos, parece ainda mais vulnerável imprensado entre seus dois irmãos, dois brutos de dezessete e dezoito anos. Todos eles têm características e coloração semelhantes, com suas mandíbulas fortes, queixos orgulhosos, olhos castanhos escuros e cabelos castanhos ondulados - embora Brandon e Braxton tenham um corte curto, e Aidan ainda deixe os seus cabelos mais compridos, caindo na frente de seus olhos. Todos eles se parecem - mas ninguém é como ela, com seus cabelos loiros e olhos cinza-claro. Vestida com suas calças justas, túnica de lã e casaco, Kyra é alta e magra, - pálida demais como costumam lhe dizer, com uma testa larga e um nariz pequeno, abençoada com traços marcantes que fazem os homens virarem os rostos para olhar para ela. Agora que ela está fazendo quinze anos, ela nota estes olhares com cada vez mais frequência.

Essa situação a deixa desconfortável. Ela não gosta de chamar a atenção para si mesma, e não se vê como uma garota bonita. Ela não dá a mínima para as aparências - importando-se apenas com seu treinamento, seu valor e sua honra. Ela gostaria - como seus irmãos, de ser parecida com seu pai - o homem que ela admira e ama mais do que qualquer outra pessoa no mundo, a ter os traços delicados que possui. Ela sempre procura no espelho algo de seu pai em seus olhos, mas não importa o quanto ela se observe, ela não consegue encontrar nada.

"Eu disse, *solte-me!*" Aidan grita, e sua voz é ouvida de longe.

Ao ouvir o chamado angustiante de seu irmão caçula, um menino que Kyra ama mais do que qualquer pessoa no mundo, ela fica em atenção, como um leão assistindo seu filhote. Leo também fica aflito e o pelo de suas costas se arrepia. Com a morte de sua mãe há tantos anos, Kyra se sente obrigada a vigiar Aidan, para compensar a mãe que ele nunca teve.

Brandon e Braxton o arrastam bruscamente pela estrada, para longe do forte, no caminho solitário que leva à floresta distante, e ela vê quando eles tentam forçá-lo a empunhar uma lança, uma arma grande demais para ele. Aidan tinha se tornado um alvo demasiado fácil para as brincadeiras deles; Brandon e Braxton são valentões. Eles são fortes e um pouco corajosos, mas têm mais bravata do que habilidades reais, e sempre parecem se envolver em problemas dos quais eles não conseguem sair sozinhos. É enlouquecedor.

Kyra percebe o que está acontecendo: Brandon e Braxton estão arrastando Aidan com eles para uma de suas caçadas. Ela vê os sacos de vinho em suas mãos e sabe que eles estavam bebendo, e se irrita. Não basta que eles estejam prestes a matar um animal sem motivo, eles agora estão arrastando o seu irmão mais novo junto com eles, apesar de seus protestos.

Os instintos de Kyra tomam conta dela e ela entra em ação, correndo ladeira abaixo para enfrentá-los, com Leo correndo ao seu lado.

"Você já tem idade o suficiente agora," Brandon fala para Aidan.

"Já passou da hora de se tornar um homem," completa Braxton.

Correndo pela relva que ela conhece de cor, não demora muito tempo para Kyra alcançá-los. Ela corre até a estrada e para diante deles, bloqueando seu caminho enquanto respira com dificuldade, com Leo ao seu lado, e seus irmãos param de andar e olham para ela, surpresos.

Aidan demonstra claramente estar aliviado em vê-la.

"Você está perdida?" Braxton zomba.

"Você está bloqueando nosso caminho," diz Brandon. "Volte para suas flechas e varinhas."

Os dois riem ironicamente, mas ela franze a testa, decidida, e Leo solta um rugido ao lado dela.

"Deixe esse monstro longe de nós," ordena Braxton, tentando parecer corajoso, mas com o medo evidente em sua voz quando ao apertar ainda mais sua lança.

"E onde vocês acham que estão levando Aidan?" ela pergunta em tom sério, olhando para eles sem recuar.

Eles param, e suas feições lentamente se tornam sérias.

"Vamos levá-lo onde bem quisermos," afirma Brandon.

"Ele vai nos acompanhar em uma caçada para aprender como se tornar um *homem*," diz Braxton, enfatizando a última palavra como uma forma de provocá-la.

Mas ela não pretende ceder.

"Ele é muito jovem," ela responde com firmeza.

Brandon faz uma careta.

"Quem disse?" ele pergunta.

"Eu estou dizendo."

"E você por acaso é a mãe dele?" Pergunta Braxton.

Kyra enrubesce, cheia de raiva, desejando que sua mãe estivesse ali, agora mais do que nunca.

"Tanto quanto você é pai dele," ela responde.

Eles ficam parados, em meio a um silêncio tenso, e Kyra olha para Aidan e vê que ele a observa com um olhar assustado.

"Aidan," ela pergunta para ele: "isso é algo que você deseja fazer?"

Aidan olha para o chão, envergonhado. Ele fica ali em silêncio, evitando seu olhar, e Kyra percebe que ele está com medo de falar, com receio de provocar a ira de seus irmãos mais velhos.

"Bem, você mesma está vendo," diz Brandon. "Ele não se opõe."

Kyra continua ali, queimando com a frustração, querendo que Aidan comunique sua vontade, mas incapaz de forçá-lo.

"Não é sensato que vocês o levem em sua caça," ela afirma. "Uma tempestade se aproxima, e ficará escuro em breve. A floresta é repleta de perigos, - se vocês querem ensiná-lo a caçar, esperem outro dia, quando ele for mais velho."

Eles fazem uma careta para ela, claramente irritados com sua intromissão.

"E o que você entende de caça?" Pergunta Braxton. "O que você já caçou, além daquelas árvores que você tanto gosta?"

"Alguma delas por acaso já te mordeu?" Acrescenta Brandon.

Os dois caem na risada, e Kyra se irrita, debatendo sobre o que fazer. Sem a resposta de Aidan, não há muito que ela possa fazer.

"Você se preocupa demais, irmã," Brandon finalmente diz. "Nada vai acontecer com Aidan enquanto estivermos com ele. Queremos fortalecê-lo um pouco, e não matá-lo. Você realmente acha que é a única pessoa que se importa com ele?"

"Além disso, Papai está assistindo," informa Braxton. "Você quer desapontá-lo?"

Kyra olha imediatamente para trás e, no alto da torre, ela vê seu pai em pé diante da janela arqueada, observando-os. Ela fica bastante decepcionada com ele por não impedir aquilo.

Eles tentam passar por ela, mas Kyra continua no lugar, obstinadamente bloqueando o caminho. Brandon e Braxton parecem querer empurrá-la, mas Leo se coloca entre eles, rosnando, e eles reconsideram.

"Aidan, não é tarde demais," ela diz para ele. "Você não tem que fazer isso. Você quer voltar para o forte comigo?"

Ela analisa seu irmão caçula e vê seus olhos lacrimejando, mas ela também pode ver o seu tormento. Um longo silêncio se segue sem qualquer ruído, exceto o vento e a neve que cai.

Finalmente, ele se manifesta.

"Eu quero caçar," ele responde sem entusiasmo.

Seus irmãos de repente passam por ela, batendo em seu ombro enquanto arrastam Aidan, e se apressam em descer pela estrada. Kyra se vira e os acompanha com o olhar, com um pressentimento ruim.

Ela se vira na direção do forte e olha para a torre, mas seu pai já não está mais lá.

Kyra observa enquanto seus três irmãos desaparecem de sua vista, para a tempestade que se aproxima e para a floresta de espinhos, e sente um vazio no estômago. Ela pensa em agarrar Aidan e

trazê-lo de volta, mas não quer envergonhá-lo.

Ela sabe que deveria deixá-lo ir, mas ela não consegue. Algo dentro dela não permite que ela faça isso. Ela sente o perigo, especialmente na véspera da Lua de Inverno. Ela não confia em seus irmãos mais velhos; eles não machucariam Aidan, ela sabe, mas eles são imprudentes e muito ásperos. E pior ainda, eles são excessivamente confiantes em suas habilidades, e isso é uma combinação ruim.

Kyra não aguenta mais, se seu pai não pretende interferir, ela o fará. Ela tem idade suficiente agora - e não precisa responder a ninguém, exceto para si mesma.

Kyra sai em disparada, correndo pela estrada com Leo ao seu lado, indo direto para a Floresta de Espinhos.

CAPÍTULO DOIS

Kyra entra na sombria Floresta de Espinhos a oeste do forte, uma floresta tão densa que ela mal consegue ver através dela. Enquanto caminha lentamente com Leo, pisando sobre a neve e o gelo no chão, ela olha para cima. Ela é ofuscada pelas árvores espinhosas que parecem estender-se para sempre, - antigas árvores negras com galhos retorcidos que se assemelham a espinhos e grossas folhas pretas. Aquele lugar, ela sente, é amaldiçoado; nada de bom jamais vinha dali. Os homens de seu pai sempre voltavam feridos de suas caças, e mais de uma vez um troll, tendo atravessado as chamas, havia se refugiado ali e usado a floresta como forma de atacar um morador.

Assim que Kyra entra na floresta, ela imediatamente sente um arrepio. Está mais escuro ali, mais frio e mais úmido, e o cheiro das árvores espinhosas paira no ar, misturando-se ao cheiro de terra em decomposição, enquanto as árvores enormes obstruem o que resta da luz do dia. Kyra, alarmada, também está furiosa com seus irmãos mais velhos. É perigoso se aventurar até ali sem a companhia de vários guerreiros - especialmente ao entardecer. Todo barulho a assusta. Há um grito distante de um animal e ela se encolhe, voltando-se e olhando na direção do ruído. Mas a floresta é densa, e ela não consegue encontrá-lo.

Leo, porém, rosna ao seu lado e de repente sai correndo atrás do barulho.

"Leo!" Ela grita.

Mas ele já tinha ido embora.

Ela suspira, irritada; é sempre assim quando um animal cruza o caminho de Leo; ela sabe que ele vai voltar - eventualmente.

Kyra continua, - agora sozinha à medida que a floresta se torna cada vez mais escura, lutando para seguir o rastro de seus irmãos, quando ela ouve o riso distante. Ela segue o barulho, correndo na direção dele em meios às árvores, até que ela localiza seus irmãos um pouco à frente.

Kyra permanece um pouco atrás, mantendo uma boa distância, sem querer ser vista. Ela sabe que se Aidan a visse, ficaria envergonhado e a mandaria embora. Ela pretende assistir tudo de longe, apenas para se certificar de que eles não entrariam em apuros. É a melhor opção que Aidan não seja humilhado, e se sinta como um homem adulto.

Um galho estala sob seus pés e Kyra abaixa, preocupada que o som entregue sua presença - mas seus irmãos mais velhos estão bêbados e distraídos, já uns bons trinta metros à frente dela e andando rapidamente, e o ruído é abafado pelo som da risada deles. Ela pode ver pela linguagem corporal de Aidan que ele está tenso, quase como se estivesse prestes a chorar. Ele segura sua lança com força, como se estivesse tentando provar para si mesmo que já é um homem, mas é um aperto estranho em uma lança muito grande, e ele luta sob o peso dela.

"Vem logo!" Braxton grita, virando-se para Aidan, que se arrasta alguns metros atrás deles.

"O que você tanto teme?" Brandon pergunta para ele.

"Eu não estou com medo-" Aidan insiste.

"Silêncio!" Brandon diz de repente, parando e segurando uma palma da mão contra o peito de Aidan com uma expressão séria pela primeira vez desde que haviam chegado. Braxton também para, e a tensão é evidente em ambos.

Kyra se esconde atrás de uma árvore enquanto observa seus irmãos. Eles estão à beira de uma clareira, olhando pra frente, como se tivessem visto algo.

Ela avança um pouco, em estado de alerta, tentando enxergar melhor o que está acontecendo, e ao

passar entre duas grandes árvores ela para, espantada quando tem um vislumbre do que eles estavam vendo. Ali, em pé sozinho no meio da clareira, há um javali. Ele não é um javali ordinário; é um monstruoso, Javali Chifre-Negro, o maior que ela já tinha visto, com longas presas brancas curvadas e três longos chifres pretos afiados, um saindo de seu nariz e dois de sua cabeça. Ele é quase do tamanho de um urso, uma criatura rara, famosa por sua crueldade e velocidade-relâmpago, - um animal muito temido, que nenhum caçador fazia questão de conhecer.

Eles teriam problemas.

Kyra, com os cabelos de seus braços arrepiados, gostaria que Leo estivesse ali, mas também fica grata que ele não esteja, - sabendo que ele iria atrás da criatura e sem saber se ele seria capaz de ganhar o confronto. Kyra dá um passo adiante, removendo lentamente o arco de seu ombro enquanto instintivamente usa a outra mão para pegar uma flecha. Ela tenta calcular a distância que o javali está dos meninos, e a distância em relação a ela - e sabia que aquilo não era bom. Há muitas árvores no caminho para que ela consiga um tiro certo - e com um animal daquele tamanho, não há espaço para erros. Ela duvida que uma seta seja capaz de derrubá-lo.

Kyra percebe um flash de medo nos rostos de seus irmãos, em seguida, vê Brandon e Braxton esconderem rapidamente o medo com um olhar de bravata - um olhar que ela tem certeza é resultado da bebida. Ambos erguem suas lanças e dão alguns passos à frente. Braxton vê Aidan preso no lugar, e ele se vira, agarrando o ombro do menino e fazendo com que ele dê um passo à frente também.

"Eis uma chance de fazer de você um homem de verdade," Braxton diz. "Mate esse javali e o povo irá cantar a seu respeito por muitas as gerações."

"Traga-nos a sua cabeça e você será famoso pelo resto da vida," emenda Brandon.

"Eu estou... com medo," responde Aidan.

Brandon e Braxton zombam dele, rindo ironicamente.

"Medo?" Diz Brandon. "E o que Papai diria se ouvisse você dizer isso?"

O javali, em alerta, levanta a cabeça, revelando brilhantes olhos amarelos, e olha para eles com uma expressão irritada no rosto. Ele abre a boca, revelando enormes presas repletas de saliva, e emite um rosnado aterrorizante que parece surgir do fundo de sua barriga. Kyra, mesmo daquela distância, sente

uma pontada de medo, e só pode imaginar o terror que Aidan está sentindo.

Kyra corre pra frente, deixando a cautela de lado, determinada a alcançá-los antes que seja tarde demais. Quando ela está poucos metros atrás de seus irmãos, ela grita:

"Deixe-o em paz!"

Sua voz rouca corta o silêncio da floresta, e seus irmãos olham para trás, claramente assustados.

"Vocês já se divertiram bastante," ela acrescenta. "Deixe-o em ir."

Enquanto Aidan parece aliviado, Brandon e Braxton olham irritados para ela.

"E quem é você para dizer quando é o bastante?" Brandon rebate. "Pare de interferir com homens de verdade."

O grunhido do javali soa mais alto, à medida que ele se aproxima deles, e Kyra, com medo e furiosa, dá um passo adiante.

"Se você é tolo o suficiente para contrariar esta besta, então vá em frente," ela diz. "Mas você vai mandar Aidan de volta até mim."

Brandon faz uma careta.

"Aidan vai ficar exatamente aqui," Brandon rebate. "Ele está prestes a aprender a lutar. Não é mesmo, Aidan?"

Aidan fica em silêncio, atordoado pelo medo.

Kyra está prestes a dar mais um passo à frente e agarrar o braço de Aidan quando ela ouve um farfalhar na clareira. Ela vê o javali se aproximando deles, um passo de cada vez, de forma ameaçadora.

"Ele não vai atacar se não for provocado," Kyra fala para seus irmãos. "Deixe-o ir."

Mas seus irmãos a ignoram, e ambos ficam de frente para o javali com suas lanças em punho. Eles avançam para o meio da clareira, como se querendo provar como são corajosos

"Eu vou apontar para a cabeça," diz Brandon.

"E eu, pra garganta," Braxton concorda.

O javali rosna mais alto, abrindo ainda mais a boca e salivando excessivamente, e dá mais um passo ameaçador.

"Voltem aqui!" Kyra grita desesperada.

Mas Brandon e Braxton dão um passo adiante e erguem suas lanças, arremessando-as de repente.

Kyra assiste em suspense enquanto as lanças voam pelo ar, preparando-se para o pior. Ela vê, para seu desespero, quando a lança de Brandon passa raspando pela orelha do javali - o suficiente para tirar sangue e provocá-lo - enquanto a lança de Braxton passa diretamente acima dele, errando o seu alvo por vários metros.

Pela primeira vez, Brandon e Braxton parecem sentir medo. Eles ficam parados ali, de bocas abertas e com um olhar bobo no rosto, e o brilho causado pela bebida é rapidamente substituído pelo medo.

O javali, enfurecido, abaixa a cabeça, fazendo um som horrível, e de repente ataca.

Kyra assiste horrorizada enquanto ele parte para cima de seus irmãos. O animal é a coisa mais rápida que já tinha visto daquele tamanho, saltando pela grama como se fosse uma gazela.

À medida que o javali se aproxima, Brandon e Braxton correm para salvar suas vidas, afastando-se em direções opostas.

Eles deixam Aidan ali, completamente sozinho, paralisado pelo medo. Ele abre a boca, deixando sua lança cair no chão, e Kyra sabe que isso não faria muita diferença; Aidan não conseguiria se defender, mesmo que tentasse – nem mesmo um homem adulto seria capaz de se defender daquela criatura. E o javali, como se sentindo isso, fixa seu olhar em Aidan, partindo na direção dele.

Kyra, com o coração aos pulos, explode em ação, sabendo que só teria uma chance. Sem pensar, ela salta pra frente, esquivando-se entre as árvores, e já segurando seu arco à sua frente, sabendo que poderia usar apenas uma flecha e que teria que ser um tiro e perfeito. Aquele seria um alvo difícil, mesmo se o javali não estivesse se movendo, mas naquele estado de pânico, ela teria que acertá-lo se pretendesse sobreviver.

"AIDAN, ABAIXE-SE!" Ela grita.

A princípio, ele não se mexe. Aidan bloqueia seu caminho, impedindo um tiro certo e, quando

Kyra ergue o arco e corre pra frente, ela percebe que se Aidan não se movesse, aquele seria um tiro perdido. Tropeçando através da floresta, com seus pés deslizando na neve e terra úmida, por um

momento, Kyra sente que tudo está perdido.

"AIDAN!" Ela grita de novo, desesperada.

Por algum milagre ele a ouve desta vez, e se joga no chão no último segundo, deixando o caminho livre para Kyra.

Quando o javali ataca Aidan, o tempo de repente parece parar para Kyra. Ela sente como se estivesse entrando em uma zona alterada, e algo acontece dentro dela que ela nunca havia experimentado e que ela não consegue compreender totalmente. O mundo se parece diminuir e entra em foco; ela consegue ouvir o som das batidas de seu próprio coração, de sua respiração, do farfalhar das folhas, de um corvo grasnando acima dela. Ela se sente em maior sintonia com o universo do que nunca, como se tivesse entrado algum reino onde ela e o universo são um só.

Kyra sentiu suas mãos começarem a formigar com uma energia quente que ela não compreende, como se algo estranho estivesse invadindo seu corpo. É como se, por um breve instante, ela tivesse se tornado alguém maior do que ela, alguém com poderes muito maiores.

Kyra entra em um estado de não-pensamento, e ela se permite ser conduzida apenas pelos seus instintos, e por aquela nova energia que flui através dela. Ela planta seus pés e levanta o arco, coloca a flecha no lugar, e a solta em seguida.

Ela sabe no mesmo instante que aquele seria um tiro especial. Ela não precisa acompanhar a seta para saber que ela está indo exatamente onde ela queria: no olho direito da fera. Ela havia atirado com tanta força que a seta perfura o seu alvo quase meio metro antes de parar.

A besta de repente geme enquanto suas pernas fraquejam embaixo dele, caindo de cara na neve. Ele desliza pelo que resta da clareira, contorcendo-se, ainda vivo, até chegar até Aidan. Ele finalmente para diante de Aidan, tão perto que eles quase se tocam.

Ele se contorce no chão e Kyra, já com outra flecha em seu arco, dá um passo adiante, parando sobre o javali, e coloca outra flecha na parte traseira de seu crânio. O javali finalmente para de se mover.

Kyra fica parada na clareira em meio ao silêncio, com seu coração batendo forte, enquanto o formigamento nas palmas de suas mãos lentamente recua e a estranha energia sutilmente parece adormecer, e se pergunta o que teria acontecido. Ela tinha realmente dado aquele tiro?

Ela se lembra imediatamente de Aidan, e quando ela vira e o segura pelos ombros, ele a observa com os olhos cheios de lágrimas, parecendo assustado, porém ileso. Ela sente uma pontada de alívio quando ela percebe que ele está bem.

Kyra se vira e vê seus dois irmãos mais velhos, ainda deitados na clareira, olhando para ela com choque - e pavor. Mas há algo mais no olhar deles, algo que a deixa abalada: suspeita. Eles a observam como se ela fosse diferente deles. Uma pessoa de fora. É um olhar que Kyra já tinha visto antes, raramente, mas um número suficiente de vezes para deixá-la curiosa a respeito de si mesma. Ela olha mais uma vez para o animal morto, monstruoso, enorme, jogado aos seus pés, e se pergunta como ela, uma menina de quinze anos de idade, poderia ter feito aquilo. Aquilo tinha sido um golpe além de suas habilidades, e ela sabe disso. Era algo mais além de um golpe de sorte.

Ela sempre soube que havia algo diferente sobre ela. Ela fica ali, entorpecida, querendo se mover, mas incapaz de fazê-lo. Porque o que a tinha deixado abalado não era aquela criatura, mas a maneira como seus irmãos tinham olhado para ela. E ela não consegue deixar de fazer, pela milionésima vez, a pergunta que ela tinha medo de enfrentar durante toda a sua vida:

Quem era ela?

CAPÍTULO TRÊS

Kyra anda atrás de seus irmãos enquanto todos sobem pela estrada de volta para o forte, e ela os observa lutando sob o peso do javali, acompanhada de Aidan e com Leo, que retornou de sua caça, em seus calcanhares. Brandon e Braxton se esforçam para levar o animal morto, preso às suas duas lanças apoiadas em seus ombros. O humor sombrio tinha mudado drasticamente assim que haviam deixado a floresta e ficado a céu aberto, especialmente agora com o forte de seu pai à vista. A cada passo, Brandon e Braxton se tornam mais confiantes, quase tão arrogantes quanto antes, e agora eles riem entre si e se gabam de *sua* matança.

"Foi *a minha* lança que passou raspando por ele," diz Brandon para Braxton.

"Mas," rebate Braxton, "foi a minha lança que o levou para a direção da flecha de Kyra."

Kyra ouve, enrubescendo ao ouvir as mentiras deles; seus irmãos com cabeça de vento estão

praticamente convencidos de sua própria história, e parecem realmente acreditar no que dizem. Ela já pode prever sua vanglória no salão de seu pai, contando a todos sobre a matança *deles*.

É enlouquecedor. No entanto, ela sente que não deve corrigi-los. Ela acredita firmemente nas rodas da justiça, e sabe, eventualmente, a verdade sairia vitoriosa.

"Vocês são uns mentirosos," Aidan diz, caminhando ao lado de Kyra, claramente ainda abalado pelos acontecimentos. "Vocês sabem muito bem que foi Kyra que matou o javali."

Brandon olha por cima do ombro com ironia, como se Aidan fosse um inseto.

"E você por acaso viu alguma coisa?" Ele pergunta para Aidan. "Você estava ocupado demais mijando nas calças."

Os dois são risadas, como se fortalecendo a sua história a cada passo.

"E vocês não estavam morrendo com medo?" Pergunta Kyra, saindo em defesa de Aidan, incapaz de suportar mais um segundo daquela conversa.

Com isso, os dois ficam em silêncio. Kyra poderia facilmente dizer-lhes algumas verdades, mas ela não precisa levantar a voz. Ela caminha alegremente, sentindo-se bem consigo mesma, sabendo no fundo de seu coração que ela havia salvado a vida de seu irmão; e essa é toda a satisfação de que ela precisa.

Kyra sente uma pequena mão em seu ombro, e ao olhar para lado vê Aidan, sorrindo, consolando-a, claramente grato por estar vivo e sem qualquer arranhão. Kyra se pergunta se seus irmãos mais velhos também apreciam o que ela tinha feito por eles; afinal de contas, se ela não tivesse aparecido naquele exato momento, eles também teriam sido mortos.

Kyra observa o javali balançando diante dela, e ela faz uma careta; ela gostaria que seus irmãos tivessem deixado o javali na clareira, onde era o seu lugar. Aquele era um animal amaldiçoado, ele não era de Volis, e não deveria estar ali. Ele representa um mau presságio, especialmente vindo da Floresta de Espinhos e, especialmente, na véspera da Lua de Inverno. Ela se lembra de um velho ditado que ela tinha lido: *não se orgulhe depois de ser poupado da morte*. Seus irmãos, ela sente, estavam tentando o destino, levando a escuridão de volta para sua casa. Ela não consegue evitar a sensação de que aquilo tudo é um

sinal de coisas ruins que estão por vir.

Eles chegam ao topo de uma colina e assim que o fazem, a fortaleza surge diante deles, juntamente com uma vista deslumbrante da paisagem ao redor dela. Apesar da rajada de vento e da neve cada vez mais intensa, Kyra é tomada por uma grande sensação de alívio por estar em casa. Há fumaça saindo das chaminés que pontilham o campo, e o forte de seu pai emite um brilho suave e aconchegante, completamente iluminado com fogueiras e tochas, rechaçando a chegada do crepúsculo. A estrada se alarga quando eles se aproximam da ponte, e todos aumentam o ritmo e caminham a passos largos na etapa final. A estrada está repleta de pessoas, ansiosas para o festival, apesar do tempo ruim e da noite que cai.

Kyra não está surpresa. O festival da Lua Inverno é um dos feriados mais importantes do ano, e todos estão ocupados se preparando para a festa por vir. Uma grande multidão de pessoas se amontoa sobre a ponte levadiça, correndo para pegar suas mercadorias nos fornecedores, para juntar-se à festa do forte - enquanto um número igual de pessoas corre para fora do portão, apressando-se para retornar para suas casas e celebrar com suas famílias. Bois puxam carrinhos e levam mercadorias em ambas as direções, enquanto pedreiros erguem mais um muro que está sendo construído para proteção do forte, o som de seus martelos uma constante no ar, pontuando o barulho do gado e de cães. Kyra se pergunta como eles podem trabalhar com este tempo, como eles evitam que suas mãos se congelem.

Ao entrarem na ponte, misturando-se com as massas, Kyra olha para frente e seu estômago se contrai quando ela vê, de pé perto da porta, vários dos homens do Lorde, os soldados do Lorde Governador, designados pela Pandésia, vestindo suas distintivas cotas de malha escarlate. Ela sente um lampejo de indignação com a visão, compartilhando o mesmo ressentimento que o restante de seu povo. A presença dos homens do Lorde é opressiva a qualquer momento - sobretudo durante a Lua Inverno, quando eles certamente só poderiam estar ali para recolher os recursos que puderem de seu povo. Em sua mente, eles não passavam de coletores, coletores valentões para os aristocratas desprezíveis que tinham se colocado no poder desde a invasão Pandesiana.

O antigo rei e sua fraqueza eram responsáveis por aquela situação, tendo se rendido a eles - mais isso fazia pouca diferença agora. Agora, para sua desgraça, eles tinham que respeitar aqueles homens, o que deixa Kyra furiosa. A situação faz de seu pai e seus grandes guerreiros, e todo o seu povo, nada mais

do que servos elevados; ela desesperadamente deseja que todos eles se revoltem, - que lutem por sua liberdade, para lutar a guerra que o antigo rei havia temido. No entanto, ela também sabe que se eles se revoltarem agora, terão que enfrentar a ira do exército Pandesiano. Talvez eles pudessem ter oferecido resistência se nunca os tivessem deixado entrar; mas agora que eles estão entrincheirados, seu povo tem poucas opções.

Eles chegam à ponte, misturando-se com a multidão, e quando eles passam as pessoas param, olham, e apontam para o javali. Kyra tem uma pequena satisfação ao ver que seus irmãos estão suando sob o peso do animal, ofegantes. Enquanto eles andam, cabeças se viram e as pessoas ficam boquiabertas, plebeus e guerreiros igualmente, todos impressionados com a enorme criatura. Ela também vê alguns olhares supersticiosos, algumas das pessoas querendo saber, como ela, se aquilo seria um mau presságio. Todos os olhos, no entanto, olham para seus irmãos com orgulho.

"Uma excelente caça para o festival!" Um fazendeiro grita, guiando seu boi ao se juntar à eles na rua. Brandon e Braxton sorriem orgulhosos.

"Ele deve ser suficiente para alimentar metade da corte de seu pai!" Grita um açougueiro.

"Como vocês conseguiram fazer isso?" Pergunta um seleiro.

Os dois irmãos trocam um olhar, e Brandon finalmente sorri de volta para o homem.

"Um lance perfeito e falta de medo," ele responde com ousadia.

"Se você não se aventurar na Floresta," Braxton acrescenta, "nunca saberá o que poderia encontrar."

Alguns homens gritam, dando tapinhas nas costas deles. Kyra, apesar de tudo, segura a língua. Ela não precisa da aprovação dessas pessoas; ela sabe o que tinha feito.

"Eles não mataram o javali!" Aidan grita, indignado.

"Cale-se," Brandon dispara, olhando para ele. "Diga mais uma palavra e eu vou contar a todos que você mijou nas calças quando ele atacou."

"Mas isso não aconteceu!" Aidan protesta.

"E você acha que eles vão acreditar em você?" Acrescenta Braxton.

Brandon e Braxton dão risadas, e Aidan olha para Kyra, como se quisesse saber o que fazer.

Ela balança a cabeça.

"Não desperdice o seu tempo," ela fala para ele. "A verdade sempre prevalece."

A multidão aumenta à medida que eles atravessam a ponte, e logo eles estão ombro a ombro com as massas, caminhando sobre o fosso. Kyra pode sentir a emoção no ar com o anoitecer, tochas são acesas ao longo da ponte, e a neve se intensifica. Ela olha para cima e seu coração dispara, como sempre, ao ver o enorme portão de pedra de acesso ao forte, guardado por uma dúzia dos homens de seu pai. Na parte superior há lanças de uma grade levadiça, com suas pontas afiadas e barras grossas e fortes o suficiente para impedir a entrada de qualquer inimigo, pronta para ser fechada com o simples tocar de uma buzina. O portão tem nove metros de altura, e no topo há uma ampla plataforma, e ao redor de toda a fortaleza, largas muralhas de pedra repletas de mirantes, sempre mantendo um olhar vigilante. Kyra sempre havia considerado Volis uma bela fortaleza, sentindo orgulho dela. O que lhe dá ainda mais orgulho são os homens em seu interior, os homens de seu pai, muitos dos melhores guerreiros de Escalon, lentamente se reagrupando em Volis depois terem se separado durante a rendição do antigo Rei, atraídos como um ímã para o pai. Mais de uma vez ela havia pedido ao pai que se declarasse o novo rei, como todo o seu povo queria que ele fizesse, mas ele apenas balançava a cabeça, dizendo que aquele não era o seu caminho.

Ao se aproximarem do portão, uma dúzia dos homens de seu pai saem montados em seus cavalos, e as massas abrem caminho para eles, que se dirigem ao campo de treinamento, uma grande área circular nos campos do lado de fora do forte, cercado por um muro baixo de pedra. Kyra se vira para vê-los partir com o coração acelerado. Os campos de treinamento são seu lugar favorito. Ela costuma ir até lá para vê-los treinar por horas, estudando cada movimento que eles fazem, a forma como eles montam seus cavalos, a maneira como eles sacam as espadas, arremessam lanças e usam flagelos. Aqueles homens cavalgam para treinar apesar da neve que cai e da noite que se aproxima, mesmo na véspera de uma grande gesta, porque *querem* treinar, querem aprimorar suas habilidades, porque eles preferem passar um tempo no campo de batalha do que dentro de casa banqueteadando - exatamente como ela. Aqueles, ela sente, eram seu verdadeiro povo.

Outro grupo dos homens de seu pai sai pelos portões, e quando Kyra chega perto do portão com

seus irmãos, os homens se afastam, assim como as massas, abrindo caminho para Brandon e Braxton quando eles se aproximam com o javali. Eles assobiam em admiração e se reúnem ao redor deles, grandes homens musculosos, mais altos até do que seus irmãos, que não eram baixos, a maioria deles usando barbas salpicadas com cinza, todos eles homens endurecidos, com trinta ou quarenta anos, que já tinham visto muitas batalhas, tendo servido o antigo rei e sofrido a indignidade de sua rendição. Homens que nunca teriam se rendido por conta própria. Aqueles eram homens que já tinham visto de tudo e que não ficavam impressionados com muita coisa - mas eles certamente parecem espantados com o javali.

"Vocês mataram isso sozinhos, foi?" Pergunta um deles para Brandon, chegando perto e examinando o javali.

A multidão engrossa e Brandon e Braxton finalmente param, aceitando os elogios e admiração daqueles grandes homens, tentando não demonstrar a dificuldade que estão sentindo para respirar.

"Sim, senhor!" Braxton grita com orgulho.

"Um Chifre-Negro," exclama outro guerreiro, chegando mais perto e passando a mão pelas costas do animal. "Não vejo um desses desde que eu era um menino. Ajudei a matar um desses, uma vez, mas eu estava com um grupo de homens - e dois deles perderam alguns dedos."

"Bem, nós não perdemos nada," Braxton afirma corajosamente. "Só a ponta de uma lança."

Kyra se irrita quando os homens dão risadas, claramente admirados com o feito, enquanto outro guerreiro, seu líder, Anvin, adianta-se e examina atentamente a criatura. Os homens abrem caminho para ele, dando-lhe espaço em sinal de respeito.

O comandante de seu pai, Anvin, o favorito de Kyra entre todos os homens, responde apenas ao seu pai, e comanda todos aqueles excelentes guerreiros. Anvin é como um segundo pai para ela, e ela o conhece desde que consegue se lembrar. Ele a ama muito, ela sabe, e sempre cuida dela; mas o mais importante para Kyra, é que ele sempre parece ter tempo para ela, mostrando-lhe técnicas de duelo e armamento quando os outros nunca pareciam se interessar. Ele tinha até mesmo deixado que ela treinasse com seus homens em mais de uma ocasião, e ela tinha saboreado cada segundo da

experiência. Ele é o mais forte de todos eles, no entanto também tem um grande coração - para aqueles de quem ele gosta.

Mas Anvin tem pouca tolerância para a mentira; ele é o tipo de homem que sempre precisa chegar à verdade absoluta de tudo, por mais obscura que ela seja. Ele tem um olhar meticoloso, e quando ele se adianta e examina o javali de perto, Kyra observa quando ele para e examina os dois ferimentos de flecha. Ele tem um olho para o detalhe, e se alguém é capaz de reconhecer a verdade, essa pessoa é Anvin.

Anvin examina as duas feridas, inspecionando as pequenas pontas de flecha que ainda estão alojadas, os fragmentos de madeira, onde seus irmãos tinham partido as flechas. Eles as tinham partido próximo da ponta, de modo que ninguém pudesse ver o que realmente tinha derrubado o javali. Mas Anvin não é qualquer um.

Kyra assiste enquanto Anvin estuda as feridas, vê seus olhos concentrados, e sabe que ele tinha deduzido a verdade em um piscar de olhos. Ele estende a mão, tira a luva, enfia um dedo no olho do bicho, e extrai uma das pontas de flecha. Ele a ergue, ensanguentada, e em seguida, se vira lentamente para seus irmãos com um olhar cético.

"A ponta de uma lança, não é mesmo?" Ele pergunta em tom de desaprovação.

Um silêncio tenso cai sobre o grupo quando Brandon e Braxton parecem nervosos pela primeira vez. Eles se contorcem no lugar.

Anvin olha para Kyra.

"Ou a ponta de uma flecha?" Ele acrescenta, e Kyra pode ver as rodas girando em sua cabeça, quando ele chega às suas próprias conclusões.

Anvin caminha até Kyra, pega uma flecha em sua aljava, e a coloca ao lado da ponta de flecha em suas mãos. É uma combinação perfeita, para que todos possam ver. Ele olha para Kyra com orgulho, um olhar significativo, e Kyra sente todos os olhos se voltarem para ela.

"Esse foi um tiro seu, não foi?" ele pergunta para ela. É mais uma afirmação do que uma pergunta.

Ela assente com a cabeça.

"Sim," ela responde sem rodeios, amando Anvin por dar-lhe o reconhecimento e, finalmente, sentindo-se vingada.

"E foi o tiro que o matou," ele conclui. É uma observação, não uma pergunta, sua voz dura, final, enquanto ainda estuda o javali.

"Eu não vejo outros ferimentos além destes dois," acrescenta ele, passando a mão ao longo do animal – parando próximo à orelha. Ele a examina e, em seguida, se vira e olha para Brandon e Braxton desdenhosamente. "A menos que você chame esse arranhão de ferimento."

Ele levanta a orelha do javali, Brandon e Braxton enrubescem, e o grupo de guerreiros cai na gargalhada.

Outro dos famosos guerreiros de seu pai se adianta - Vidar, amigo próximo de Anvin, um homem baixo e magro com uns trinta anos, de rosto fino com uma cicatriz no nariz. Com seu pequeno porte, ele não parece ser grande coisa, mas Kyra sabe a verdade: Vidar é duro como pedra, famoso por seu combate corpo-a-corpo. Ele é um dos homens mais duros que Kyra já havia conhecido, famoso por enfrentar e vencer homens com o dobro do seu tamanho. Muitos homens, por causa de seu tamanho diminuto, haviam cometido o erro de provocá-lo, somente para aprender a lição da maneira mais difícil. Ele, também, tinha colocado Kyra sob suas asas, e se tornado seu protetor.

"Parece que eles erraram," Vidar conclui, "e a menina os salvou. Quem ensinou vocês dois a arremessar lanças?"

Brandon e Braxton parecem cada vez mais nervosos, claramente pegos em uma mentira, e não dizem uma palavra.

"É uma coisa triste mentir sobre uma caça," Anvin diz sombriamente, voltando-se para seus irmãos. "Vamos logo com isso, seu pai quer que vocês digam a verdade."

Brandon e Braxton ficam ali, contorcendo-se, claramente desconfortáveis, olhando um para o outro como se estivessem decidindo o que dizer. Pela primeira vez desde que consegue se lembrar, Kyra percebe que eles não sabem como responder.

Quando eles estão prestes a abrir a boca, de repente, uma voz estrangeira atravessa a multidão.

"Não importa quem o matou," diz a voz. "Ele agora é nosso."

Kyra se vira com todos os outros, assustada com o tom áspero da voz desconhecida, e seu estômago embrulha quando ela vê um grupo dos homens do Lorde, distintos em sua armadura escarlate, darem um passo à frente no meio da multidão quando os moradores abrem caminho para eles. Eles se aproximam do javali, olhando-o com admiração, e Kyra percebe que eles o querem como um troféu - não porque precisam dele, mas como uma forma de humilhar seu povo, levando embora algo de que eles se orgulham. Ao lado dela, Leo rosna, e ela coloca uma mão reconfortante em seu pescoço, segurando-o no lugar.

"Em nome do Lorde Governador," diz um dos homens do Lorde, um soldado corpulento com uma testa baixa, sobrancelhas grossas, uma grande barriga, e um rosto nitidamente estúpido, "nós reivindicamos este javali. Ele agradece antecipadamente pelo presente neste festival."

Ele faz um gesto para seus homens e eles andam na direção ao javali, se preparando para agarrá-lo. Assim que eles se aproximam, Anvin de repente dá um passo adiante, com Vidar ao seu lado, e bloqueia o caminho deles.

Um silêncio atônito cai sobre a multidão – ninguém jamais havia confrontado os homens do Lorde; como se houvesse uma regra não escrita. Ninguém propositalmente provocava a ira de Pandésia.

"Ninguém lhe ofereceu um presente, que eu tenha visto," ele diz, sua voz firme como o aço, "ou ao Lorde Governador."

A multidão engrossa, centenas de moradores se reúnem para assistir o tenso impasse, sentindo que um confronto está prestes a acontecer. Ao mesmo tempo, outros recuam, abrindo espaço em torno dos dois homens, à medida que a tensão no ar se intensifica.

Kyra sente seu coração batendo acelerado. Inconscientemente, ela apertou a mão em torno de seu arco, sabendo que a situação está ficando séria. Por mais que ela queria uma briga, queria sua liberdade, ela também sabe que seu povo não pode dar-se ao luxo de incitar a ira do Lorde Governador; mesmo se por algum milagre eles o derrotarem, o Império Pandesiano os defenderia. Eles poderiam convocar divisões de homens tão vastas quanto o oceano.

No entanto, ao mesmo tempo, Kyra se sente orgulhosa de Anvin por defender seu povo. Finalmente, alguém o tinha feito.

O soldado olha com raiva, encarando Anvin.

"Você se atreve a desafiar o seu Lorde Governador?" ele pergunta.

Anvin se mantém firme.

"Esse javali é nosso, ninguém está dando ele pra vocês" afirma Anvin.

"Ele *era* seu," o soldado o corrige, "e agora ele nos pertence." Ele se vira para os seus homens. "Peguem o javali", ele ordena.

Os homens do Governador se aproximam e uma dúzia dos homens de seu pai dá um passo adiante, oferecendo apoio para Anvin e Vidar, que bloqueiam o caminho dos homens do Governador com as mãos em suas armas.

A tensão aumenta, e Kyra aperta seu arco até que as juntas de seus dedos ficam brancas, sentindo-se mal, como se de alguma forma ela fosse responsável por tudo aquilo, já que ela havia matado o javali. Ela sente que algo muito ruim está prestes a acontecer, e ela amaldiçoa seus irmãos por trazer o animal de volta para a sua aldeia, especialmente durante a Lua de Inverno. Coisas estranhas sempre acontecem nos feriados, épocas místicas em que os mortos são capazes de passar de um mundo para o outro. Por que seus irmãos tinham de provocar os espíritos desta forma?

Enquanto os homens se enfrentam, e os homens de seu pai se preparam para sacar suas espadas, prestes a começarem o derramamento de sangue, uma voz autoritária de repente corta o ar, atravessando o silêncio.

"A caça pertence à garota!" diz a voz.

É uma voz forte, cheia de confiança, uma voz que chama a atenção, e que Kyra admira e respeita mais do que qualquer outra coisa no mundo: a voz de seu pai, o Comandante Duncan.

Todos os olhos se voltam para seu pai, que se aproxima à medida que a multidão abre caminho, dando-lhe amplo espaço para passagem em sinal de respeito. Lá está ele, grande como uma montanha, duas vezes mais alto que os outros homens, com os ombros duas vezes mais largos, uma barba castanha

indomada e cabelos castanhos compridos com mechas cinza, vestindo peles sobre os ombros e com duas longas espadas em seu cinto e uma lança em suas costas. Sua armadura, na cor negra de Volis, tem um dragão esculpido em seu peitoral, o símbolo de sua casa. Suas armas apresentam riscos e arranhões de batalhas anteriores e ele sua imagem projeta toda a sua experiência. Ele é um homem a ser temido, um homem a ser admirado, um homem que todos sabiam ser justo e correto. Um homem amado e, acima de tudo, respeitado.

"O animal pertence à Kyra," ele repete, olhando com desaprovação para os irmãos dela e, em seguida, voltando-se e olhando para Kyra, ignorando os homens do Governador. "Ela deve decidir o seu destino."

Kyra fica chocada com as palavras de seu pai. Ela não esperava por isso, não esperava que ele fosse colocar a responsabilidade em suas mãos, deixando para ela uma decisão tão importante. Pois não se trata apenas da decisão sobre o javali, ambos sabem, mas do destino de seu próprio povo.

Soldados tensos se alinham em ambos os lados, todos com as mãos sobre suas espadas, e quando ela olha para seus rostos, todos olhando para ela e aguardando sua resposta, ela sabe que sua escolha, - suas próximas palavras, seriam as mais importantes ela já havia pronunciado.

CAPÍTULO QUATRO

Merk caminha lentamente pela trilha na floresta, abrindo caminho através da Floresta Branca e refletindo sobre sua vida. Seus quarenta anos tinham sido duros; ele nunca tinha tido a oportunidade de caminhar através de uma floresta, admirando a beleza ao seu redor. Ele olha para as folhas brancas sendo esmagadas sob seus pés, ouvindo o som de seu cajado batendo no chão macio da floresta; ele olha para cima enquanto caminha, admirando a beleza das árvores de Esopo, com suas resplendorosas folhas brancas e brilhantes galhos vermelhos, brilhando sob sol da manhã. As folhas caem, derramando sobre ele como neve, e pela primeira vez em sua vida, ele sente uma sensação real de paz.

De tamanho e altura medianos, com cabelos castanhos escuros, a barba perpetuamente por fazer, uma grande mandíbula, maçãs do rosto proeminentes, e grandes olhos negros com enormes olheiras, Merk sempre aparentava não ter dormido há dias. E é exatamente assim que ele se geralmente se sentia. Exceto agora. Agora, finalmente, ele se sente descansado. Ali, em Ur, no lado noroeste de

Escalon, não há neve. A brisa temperada do oceano, apenas um dia de viagem a oeste, lhe oferece um clima mais

quente e permite que folhas de todas as cores floresçam. O clima também permite que Merk faça sua peregrinação vestindo apenas um manto, sem a necessidade de se esconder dos ventos congelantes, como as pessoas fazem em grande parte de Escalon. Ele ainda está se acostumando com a idéia de usar um casaco em vez de armadura, de empunhar um cajado em vez de uma espada, de tocar as folhas com o seu cajado, em vez de perfurar seus inimigos com um punhal. É tudo novo para ele. Ele está tentando ver como se sentiria ao se tornar a nova pessoa que ele tanto deseja ser. É tranquilo, mas estranho, como se ele estivesse fingindo ser alguém que não é.

Pois Merk não é um viajante, ou um monge – ou um homem pacífico. Ele ainda é, no fundo de seu ser, um guerreiro. E não apenas qualquer guerreiro; ele é um homem que luta segundo suas próprias regras, e que nunca havia perdido uma batalha. Ele é um homem que não tem medo de levar suas batalhas das pistas de justas para os becos atrás das tabernas que ele adora frequentar. Ele é o que algumas pessoas gostam de chamar de mercenário. Um assassino, uma espada contratada. Há muitos nomes para ele, alguns até menos lisonjeiros, mas Merk não se importa com rótulos, ou sobre o que as outras pessoas pensam. Tudo o que lhe importa é que ele é um dos melhores.

Merk, como se para se ajustar ao seu papel, tinha usado muitos nomes, alterando-o segundo seu próprio capricho. Ele não gosta do nome que seu pai havia lhe dado - na verdade, ele também não gostava de seu pai, - e não estava disposto a passar o resto de sua vida carregando um nome que lhe tinha sido imposto. Merk é o nome que ele usa com mais frequência, e ele gosta do nome, por ora. Ele não importa com o nome que as pessoas usam para chamá-lo. Ele se preocupa apenas com duas coisas na vida: encontrar o local perfeito para a ponta de sua adaga, e que seus empregadores o paguem com ouro recém cunhado – e em grande quantidade.

Merk havia descoberto em tenra idade que ele tinha um dom natural, que era superior a todos os outros no que conseguia fazer. Seus irmãos, assim como seu pai e todos os seus antepassados famosos, são cavaleiros orgulhosos e nobres, que usam as melhores armaduras, empunham as melhores armas, e

desfilam em seus cavalos agitando suas bandeiras com cabelos esvoaçantes, acostumados a ganhar competições enquanto mulheres jogam flores aos seus pés. Eles não poderiam se sentir mais orgulhosos de si mesmos.

Merk, porém, odeia a pompa, detesta ser o centro das atenções. Aqueles cavaleiros lhe parecem desajeitados ao matar, muito ineficientes, e Merk não tem qualquer respeito por eles. Ele também não precisa do reconhecimento, das insígnias ou bandeiras e brasões pelos quais os cavaleiros tanto anseiam. Isso é para pessoas que não possuem o que mais importa: a habilidade de tirar a vida de um homem, rapidamente, em silêncio, e de forma eficiente. Em sua mente, não há mais nada a discutir.

Quando ele era jovem e seus amigos, muito pequenos para se defenderem, tinham sofrido nas mãos de valentões, eles o procuravam, pois suas habilidades com a espada já eram conhecidas, e ele aceitava um pagamento para defendê-los. Seus agressores nunca mais os atormentavam, pois Merk se certificava disso. As notícias de suas proezas haviam se espalhado rapidamente, e à medida que Merk aceitava pagamentos com mais e mais frequência, suas habilidades progrediam.

Merk poderia ter se tornado um cavaleiro, um guerreiro famoso como seus irmãos. Mas ele preferia trabalhar nas sombras. Vencer é o que lhe interessa; com sua eficiência letal, ele havia descoberto rapidamente que cavaleiros, por mais belas que fossem suas armas e armaduras, não poderiam matar com metade da velocidade e eficiência dele, um homem solitário com uma camisa de couro e um punhal afiado.

Enquanto caminha, cutucando as folhas com o seu cajado, ele se lembra de uma noite em uma taverna com seus irmãos, quando espadas tinham sido empunhadas contra alguns cavaleiros rivais. Seus irmãos tinham sido cercados, em menor número, e enquanto todos os cavaleiros assistiam com cerimônia, Merk não havia hesitado. Ele correu por todo o beco com sua adaga e cortou todas as suas gargantas antes que os homens pudessem reagir.

Seus irmãos deveriam ter lhe agradecido por salvar suas vidas, mas em vez disso, todos se distanciaram dele. Eles o temiam, e olhavam para ele com desdém. Essa é a gratidão que ele havia recebido, e a dor da traição tinha afetado Merk mais do que ele era capaz de dizer. O ocorrido havia

aprofundado ainda mais a divisão entre ele e seus irmãos, e toda a nobreza. Eles são todos hipócritas e autosservientes em seus olhos; com suas armaduras brilhantes e desdém, se não fosse por ele e sua adaga todos eles estariam mortos no beco até hoje.

Merk caminha sem parar, suspirando, e tentando se liberar do passado. Enquanto ele reflete, Merk percebe que realmente não compreendia a origem do seu talento. Talvez fosse porque ele era muito rápido e ágil; talvez porque ele era rápido com as mãos e os pulsos; talvez fosse porque ele tinha um talento especial para encontrar os pontos vitais dos homens; ou talvez fosse porque ele nunca hesitava em dar o último passo, um impulso final que outros homens temiam; talvez fosse porque ele nunca tinha que atacar duas vezes; ou porque ele sabia como improvisar, e era capaz de matar com qualquer ferramenta à sua disposição - uma pena, um martelo, um tronco velho. Ele é mais habilidoso que outros, mais adaptável e mais rápido em seus pés - uma combinação mortal.

Enquanto Merk crescia, todos aqueles cavaleiros orgulhosos tinham se distanciado dele, e até zombado dele por trás (ninguém zombaria dele abertamente). Mas agora, quando eles estão mais velhos, e seus poderes começam a diminuir enquanto a fama dele se espalha, ele é o único alistado por reis, enquanto todos eles são esquecidos. Porque o que seus irmãos jamais entenderiam é que o *cavalheirismo* não transforma homens em reis. É a violência brutal, o medo primitivo, a total eliminação de seus inimigos, um de cada vez, a matança horrível que ninguém está disposto a fazer, que tornava um homem um rei. E é ele a quem os reis recorriam quando tinham um *verdadeiro* serviço real a ser feito.

Com cada toque do seu cajado, Merk se lembra de cada uma de suas vítimas. Ele tinha matado os piores inimigos do rei - não com veneno – para isso, eles costumavam usar assassinos mesquinhos, boticários e mulheres sedutoras. Para os piores inimigos, muitas vezes os reis desejavam mandar algum recado, e para isso, eles precisavam dele. Algo horrível, algo público: um punhal no olho; um corpo exibido em uma praça pública, pendurado em uma janela, para que todos possam ver com o nascer do sol, para que todos vejam o que espera aqueles que ousavam se opor ao rei.

Quando o velho rei Tarnis havia rendido o reino, abrindo as portas para Pandésia, Merk havia se sentido vazio, sem propósito, pela primeira vez em sua vida. Sem um rei a quem servir, ele sentia à

deriva. Algo que há muito tempo existia dentro dele, e por algum motivo que ele não compreendia, ele havia começado a se perguntar sobre a vida. Durante toda sua vida ele tinha sido obcecado com a morte, com a matança, em tirar a vida das pessoas. Isso havia se tornado fácil - fácil até demais. Mas agora, algo dentro dele está mudando; é como se ele mal pudesse sentir o chão estável sob seus pés. Ele sempre soube, em primeira mão, como a vida era frágil, a facilidade com que pode ela podia lhe ser tirada, mas agora ele começa a se perguntar sobre como preservá-la. A vida é tão frágil, preservá-la não seria um desafio maior do que tirá-la?

E, apesar de si mesmo, ele começa a se perguntar: o que era essa coisa que ele estava arrancando dos outros?

Merk não sabe o que tinha causado aquela autorreflexão, mas ela o deixa profundamente desconfortável. Algo tinha surgido dentro dele, uma grande náusea, e ele havia se sentido cansado de matar, e tinha desenvolvido um sentimento de repulsa por aquilo de que tanto gostava. Ele gostaria de ser capaz de indicar algo que pudesse ter ocasionado essa mudança - o assassinato de uma pessoa em particular, talvez, mas ele não consegue. A sensação tinha simplesmente tomado conta dele, sem qualquer motivo aparente. E isso o perturba mais que tudo.

Ao contrário de outros mercenários, Merk só aceitava causas em que acreditava. Foi apenas mais tarde na vida, quando ele havia se tornado bom no que fazia, quando os pagamentos se tornaram muito grandes, as pessoas que o contratavam demasiado importantes, que ele tinha começado a misturar as coisas, aceitando pagamento para matar pessoas que não eram necessariamente culpadas – e algumas até eram inocentes. E é o que o está incomodando.

Merk tinha desenvolvido uma paixão igualmente forte por desfazer tudo o que ele tinha feito, para provar aos outros que ele poderia mudar. Ele queria acabar com seu passado, consertar todos os erros que havia cometido no passado, para fazer penitência. Ele havia feito um voto solene para si mesmo de nunca mais voltar a matar; nunca mais levantar um dedo contra ninguém; passar o resto de seus dias pedindo perdão a Deus, dedicando-se a ajudar os outros e se tornar uma pessoa melhor. E isso o tinha levado até aquela trilha na floresta, ouvindo o clique de seu cajado no chão.

Merk vê a trilha na floresta subir um pouco à frente, e em seguida desaparecer, brilhando com folhas brancas, e ele procura no horizonte pela Torre de Ur mais uma vez. Ainda não há sinal dela. Ele sabe que, eventualmente, o caminho o levaria até lá, em uma peregrinação que havia chamado por ele há meses. Desde quando ainda era um menino, ele se interessava pelos contos dos Vigilantes, a ordem secreta de monges / cavaleiros, parte homens e parte alguma outra coisa, cujo trabalho era residir nas duas torres - a Torre de Ur, a noroeste e da Torre de Kos a sudeste - para vigiar a relíquia mais preciosa do Reino: a Espada de Fogo. Era a Espada de Fogo, dizia a lenda, que mantinha as Chamas acesas. Ninguém sabia ao certo em qual torre ela estava guardada, um segredo muito bem guardado conhecido por ninguém, exceto os Vigilantes mais antigos. Se ela fosse movida, ou roubada, as chamas seriam perdida para sempre e Escalon ficaria vulnerável a ataques.

Dizia-se que vigiar as torres era uma vocação, um dever sagrado e honroso - se os Vigilantes o aceitassem. Merk sempre havia sonhado com os Vigilantes enquanto criança, indo para a cama à noite se perguntando como seria juntar-se às suas fileiras. Ele quer se perder na solidão, no serviço, na autorreflexão, e sabe que não há maneira melhor do que se tornar um Vigilante. Merk se sente pronto. Ele havia descartado sua cota de malha de couro, trocando sua espada por um cajado e, pela primeira vez em sua vida, ele tinha passado uma lua inteira sem matar ou ferir uma alma. Ele está começando a se sentir melhor.

Quando Merk alcança o topo de uma pequena colina, ele olha pra frente esperançoso, como já fazia há dias, que aquele pico pudesse revelar a Torre de Ur em algum lugar no horizonte. Mas não há nada para ser visto – nada, exceto mais floresta, chegando até onde seus olhos podem ver. No entanto, ele sabe que está chegando perto - depois de tantos dias de caminhada, a torre não poderia estar muito mais longe.

Merk continua descendo a trilha e a floresta se torna mais densa, até que lá embaixo, ele chega a uma enorme árvore derrubada bloqueando o caminho. Ele para e olha para ela, admirado com o seu tamanho e se perguntando como faria para contorná-la.

"Eu diria que você já foi longe o suficiente," diz uma voz sinistra.

Merk reconhece o mal naquela voz imediatamente, algo em que ele havia se tornado especialista, e nem sequer precisa se virar para saber o que está por vir. Ele ouve as folhas sendo esmagadas em torno dele, e de dentro da floresta surgem rostos para combinar com a voz: assassinos, cada um mais desesperado do que o outro. São os rostos dos homens que mataram sem motivo. Os rostos de ladrões e assassinos comuns que atacavam os fracos com violência aleatória e sem sentido. Aos olhos de Merk, eles eram os mais baixos dos baixos.

Merk vê que ele está cercado e sabe que ele tinha caído em uma armadilha. Ele olha a sua volta rapidamente, sem deixar que eles percebam, deixando seus velhos instintos agirem, e consegue contar oito deles. Todos eles seguram punhais, vestidos com trapos, com rostos, mãos e unhas sujos e a barba por fazer, todos com um olhar desesperado que mostra que não eles não comem nada há vários dias. E que eles estão entediados.

Merk fica tenso quando o líder dos ladrões se aproxima, não porque ele o teme; Merk poderia matá-lo - poderia matá-los em um piscar de olhos, se assim desejasse. O que o deixa tenso é a possibilidade de ser forçado a praticar um ato de violência. Ele está determinado a manter seu voto, custe o que custar.

"E o que temos aqui?" Pergunta um deles, aproximando-se, rodeando Merk.

"Parece que um monge," diz outro, em tom de zombaria. "Mas essas botas não combinam."

"Talvez ele seja um monge que pensa que é um soldado," fala outro.

Todos eles caem na gargalhada, e um deles, um idiota de um homem na casa dos quarenta anos com um dente da frente faltando, inclina-se com seu mau hálito e cutuca Merk no ombro. O velho Merk teria matado o homem que ousasse chegar tão perto.

Mas o novo Merk está determinado a ser um homem melhor, a se elevar acima da violência, mesmo que ela pareça persegui-lo. Ele fecha os olhos e respira fundo, obrigando-se a manter a calma.

Não recorra à violência, ele diz a si mesmo uma e outra vez.

"O que é este monge está fazendo?" Pergunta um deles. "Orando?"

Todos caem na gargalhada novamente.

"Seu Deus não vai te salvar agora, garoto!" Exclama outro.

Merk abre os olhos e olha para o cretino.

"Eu não quero machucá-lo" ele diz calmamente.

As risadas ficam ainda mais altas do que antes, e Merk percebe que ficar calmo e não reagir com violência é a coisa mais difícil que ele já tinha feito.

"Sorte para nós, então!" Responde um deles.

Eles riem de novo, então todos ficam em silêncio enquanto o líder se adianta e para diante de Merk.

"Mas talvez," ele fala com a voz grave, tão perto que Merk pode sentir seu mau hálito, "nós queremos machucá-lo."

Um homem se aproxima por trás Merk, passa um braço em torno de sua garganta, e começa a apertar. Merk engasga quando começa a ser sufocado, o aperto é forte o suficiente para causar dor, mas não para cortar todo seu ar. Seu reflexo imediato é esticar o braço e matar o homem. Seria fácil; ele conhece o ponto de pressão perfeito no antebraço para fazer com que o bandido o solte. Mas ele se obriga a não fazer nada.

Deixe-os passar, ele repete para si mesmo. O caminho para a humildade deve começar em algum lugar.

Merk enfrenta o líder.

"Peguem o que desejarem," diz Merk, ofegante. "Peguem o que quiserem e sigam o seu caminho."

"E se nós pegarmos o que quisermos e quisermos continuar aqui?" O líder responde.

"Ninguém está perguntando o que podemos ou não podemos fazer, garoto," diz outro.

Um deles se adianta e pega os itens na cintura de Merk, vasculhando seus bolsos com mãos gananciosas à procura dos poucos pertences que ele ainda possui. Merk se obriga a manter a calma enquanto aquelas mãos vasculham os seus pertences. Finalmente, eles extraem sua adaga revestida de prata, sua arma favorita e Merk, ainda assim e por mais doloroso que seja, não reage.

Deixe, ele diz para si mesmo.

"O que é isso?" Pergunta um dos bandidos. "Uma adaga?"

Ele olha para Merk.

"O quê um monge extravagante como você está fazendo com um punhal?" Pergunta um deles.

"O que você está fazendo, menino, esculpindo árvores?" Pergunta outro.

Todos riem, e Merk range os dentes, se perguntando quanto mais ele poderia suportar.

O homem que havia tirado a adaga dele para, olha para o pulso de Merk, e puxa a manga de sua túnica para cima. Merk se prepara, sabendo que eles haviam encontrado.

"O que é isso?" Pergunta o ladrão, segurando seu pulso para examiná-lo.

"Parece que é uma raposa," um deles responde.

"O que é um monge fazendo com uma tatuagem de uma raposa?" Pergunta outro.

Outro homem dá um passo à frente, um homem ruivo, alto e magro, que agarra seu pulso e o examina de perto. Ele solta o braço de Merk e olha para eles com um olhar cauteloso.

"Isso não é raposa, seu idiota," ele fala para seus homens. "É um lobo. É a marca dos homens do rei – ele é um mercenário."

Merk sente seu rosto corar quando ele percebe que eles estão olhando para sua tatuagem. Ele não queria ser descoberto.

Os ladrões permanecem em silêncio, olhando para ele e, pela primeira vez, Merk sente a hesitação em seus rostos.

"Essa é a ordem dos assassinos," um deles fala, em seguida, olha para ele. "Como você conseguiu essa marca, menino?"

"Provavelmente ele mesmo a fez," um dos bandidos responde. "A marca deixa a estrada mais segura."

O líder acenou para seu homem, que solta a garganta de Merk, que respira fundo, aliviado. Mas o líder então estende o braço e segura a faca na garganta dele, e Merk se pergunta se iria morrer ali, hoje, naquele lugar. Ele se pergunta se aquele seria sua punição por toda a matança que tinha feito. E se pergunta se ele está pronto para morrer.

"Responda a pergunta," o líder dispara. "Você fez isso em si mesmo, rapaz? Dizem que é preciso matar uma centena de homens para conseguir essa marca."

Merk respira e, durante o longo silêncio que se segue, reflete sobre o que dizer. Finalmente, ele

suspira.

"Mil," ele fala.

O líder continua olhando para ele, confuso.

"O quê?" ele pergunta.

"Mil homens," explica Merk. "É então que você recebe a tatuagem. Ela me foi dada pelo próprio Rei Tarnis."

Todos olham para ele, chocados, e um longo silêncio cai sobre a floresta, que fica tão silenciosa que Merk pode ouvir o barulho dos insetos. Ele se pergunta o que aconteceria em seguida.

Um deles dá um riso histérico e todos os outros o seguem. Eles riem enquanto Merk fica ali, claramente pensando que aquilo é a coisa mais engraçada que já tinham ouvido.

"Essa é boa, rapaz," diz um deles. "Você é tão bom mentiroso quanto você é um monge."

O líder empurra o punhal contra sua garganta, com força suficiente para começar a tirar sangue.

"Eu lhe disse para responder a pergunta," o líder repete. "Diga a *verdade*. Você quer morrer agora, rapaz?"

Merk fica ali, sentindo a dor, e considera a pergunta - ele realmente pensa em sua resposta. Será que ele quer morrer? É uma boa pergunta, uma pergunta ainda mais profunda do que o ladrão supunha. Enquanto pensa sobre isso, realmente considerando como responder, ele percebe que uma parte dele quer morrer. Ele está cansado da vida, cansado de tudo aquilo.

Mas, ao continuar pensando, Merk em última análise percebe que não está pronto para morrer. Não agora, não hoje. Não quando ele está pronto para começar de novo. Não quando ele está apenas começando a aproveitar a vida. Ele quer uma chance de mudar. Ele quer uma chance para servir na Torre, e se tornar um Vigilante.

"Não, na verdade não quero," Merk responde.

Ele finalmente olha diretamente nos olhos de seu captor, sentindo uma vontade crescente dentro dele.

"E por causa disso," ele continua, "eu vou lhe dar uma chance para me soltar, antes que eu mate todos vocês."

Todos olham para ele em choque e silêncio, até que o líder faz uma careta e começa a partir para a ação.

Merk sente a lâmina começar a cortar sua garganta, e algo dentro dele o força a agir. É o seu lado profissional, algo que ele havia treinado durante toda a sua vida, uma parte dele que ele não consegue mais controlar. Aquilo significaria quebrar seu voto, mas ele não se importa mais com isso.

O velho Merk assume o controle rapidamente, como se nunca tivesse sido abandonado - e em um piscar de olhos, Merk se vê mais uma vez no modo assassino.

Merk se concentra e consegue enxergar todos os movimentos de seus oponentes, cada contração, cada ponto de pressão, cada vulnerabilidade. O desejo de matá-los toma conta dele, como um velho amigo, e Merk permite que ele assuma o controle de suas ações.

Em um movimento extremamente rápido, Merk agarra o pulso do líder, enfiando o seu dedo em um ponto de pressão, e torce o braço dele até ouvir um estalo; em seguida, ele pega a adaga quando ela cai e com outro movimento rápido, corta a garganta do homem de orelha a orelha.

O líder olha para ele com um olhar espantado antes de cair ao chão, morto.

Merk se vira e olha para os outros, que o encaram atordoados.

Agora é a vez de Merk sorrir, e ele olha para todos eles, saboreando o que está prestes a acontecer.

"Às vezes, meninos," ele diz, "você escolhem o homem errado para importunar."

CAPÍTULO CINCO

Kyra está no centro da ponte lotada, sentindo todos os olhos sobre ela, aguardando sua decisão quanto ao destino do javali. Suas bochechas estão coradas; ela não gosta de ser o centro das atenções. Mas ela ama seu pai por ter reconhecido sua participação, e ela sente um grande senso de orgulho, especialmente por ele ter colocado a decisão em suas mãos.

Mas, ao mesmo tempo, ela também sente uma grande responsabilidade. Ela sabe que a escolha que ela fizesse decidiria o destino de seu povo. Por mais que ela deteste os Pandesianos, ela não quer ser responsável por lançar seu povo em uma guerra que eles não poderiam vencer. No entanto, ela também não quer voltar atrás, encorajando os homens do Governador e fazendo seu povo parecer fraco,

especialmente depois que Anvin e os outros tinham tão corajosamente oferecido resistência.

O pai dela, ela percebe, era um homem sábio: ao colocar a decisão em suas mãos, ele fez parecia que a decisão era deles, e não dos homens do Governador, e isso já havia poupado a honra de seu povo. Ela também percebe que ele tinha colocado a decisão em suas mãos por um motivo: ele sabia que aquela situação exigia uma voz externa para poupar a honra de todos os envolvidos - e ele a tinha escolhido porque era conveniente, e porque ele sabia que ela não seria imprudente, e que ela usaria a voz da razão. Quanto mais ela pensa sobre isso, mais ela percebe que é exatamente por isso que ele a escolheu: não para incitar uma guerra – ele poderia ter escolhido Anvin para isso - mas para salvar o seu povo de uma.

Ela chega a uma decisão.

"A besta está amaldiçoada," ela afirma com desdém. "Ele quase matou meus irmãos. O javali vem da Floresta de Espinhos e foi morto na véspera da Lua de Inverno, um dia em que somos proibidos de caçar. Foi um erro trazê-lo para dentro de nossos portões – ele deveria ter sido deixado para apodrecer na selva, onde é o seu lugar."

Ela se vira ironicamente para homens do Governador.

"Leve-o para o seu Lorde Governador," diz ela, sorrindo. "Você nos fazem um favor."

Os homens do Governador olham para ela e para o javali, e suas expressões se transformam; eles agora parecem ter mordido algo podre, como se não o quisessem mais.

Kyra vê Anvin e os outros olhando para ela com aprovação, sentindo-se gratos – seu pai, acima de tudo. Ela havia conseguido - ela tinha permitido que seu povo não fosse envergonhado, poupando-os de uma guerra, e tinha conseguido provocar os Pandesianos ao mesmo tempo.

Seus irmãos deixar o javali cair no chão, e ele bate na neve com um baque. Eles recuam humilhados, com os ombros claramente doloridos.

Todos os olhos se voltam para os homens do Governador, que ficam ali parados, sem saber o que fazer. Claramente as palavras de Kyra tinham causado um efeito profundo; eles agora olham para a besta como se o javali fosse algo sujo que tinha sido arrastado para fora das entranhas da terra. Obviamente,

eles já não o querem. E agora que o animal lhes pertence, eles parecem ter perdido todo o interesse nele.

O comandante, depois de um longo e tenso silêncio, finalmente faz um gesto para que seus homens peguem o animal, em seguida, ele lhes dá as costas, carrancudo, e marcha para longe, claramente irritado, como se soubesse que tinha sido enganado.

A multidão se dispersa, a tensão desaparece e é substituída pela sensação de alívio. Muitos dos homens de seu pai se aproximam dela com aprovação, colocando as mãos em seus ombros.

"Muito bem," Anvin diz, olhando para ela com aprovação. "Você será uma boa governante algum dia."

O povo da aldeia retoma seus afazeres, a tensão se dissipa, e Kyra se vira e começa a procurar os olhos de seu pai. Ela o encontra olhando para ela, em pé a poucos metros de distância. Na frente de seus homens, ele era sempre reservado em relação a ela, e desta vez não é diferente - ele carrega uma expressão indiferente, mas ele acena ligeiramente para ela, um aceno de cabeça que, ela sabe, comunica sua aprovação.

Kyra olha e vê Anvin e Vidar, segurando suas lanças, e seu coração acelera.

"Posso me juntar a vocês?" Ela pede para Anvin, sabendo que eles estão indo para os campos de treinamento, assim como o resto dos homens de seu pai.

Anvin olha nervosamente para seu pai, sabendo que ele não aprovaria.

"A neve está ficando mais forte," Anvin finalmente responde hesitante. "Está anoitecendo, também."

"Isso não está impedindo a sua partida," Kyra rebate.

Ele sorri pra ela.

"Não, não está," ele admite.

Anvin olha mais uma vez para o pai dela, e ela vê quando ele sacode a cabeça negativamente, antes de se virar e voltar para dentro.

Anvin suspira.

"Eles estão preparando uma festa grandiosa," ele fala. "É melhor você ir."

Kyra já pode sentir o cheiro do banquete, o ar está pesado com o cheiro das carnes finas assando, e ela vê seus irmãos entrarem, junto com dezenas de moradores, todos correndo para se preparar para o festival.

Mas Kyra se vira e olha longamente para os campos de treinamento.

"Uma refeição pode esperar," ela diz. "O treinamento não pode. Deixe-me ir."

Vidar sorri e balança a cabeça.

"Tem certeza que você é uma menina e não um guerreiro?" Pergunta Vidar.

"Eu não posso ser os dois?" Ela responde.

Anvin deixa escapar um longo suspiro e, finalmente, balança a cabeça.

"Seu pai vai pedir minha cabeça por isso," ele diz.

Então, finalmente, ele assente.

"Você não vai aceitar um não como resposta," conclui ele, "e você tem mais coragem do que metade dos meus homens. Acho mais uma pessoa não vai nos prejudicar."

*

Kyra corre em meio à neve na trilha de Anvin, seguida por Vidar e vários dos homens de seu pai e com Leo ao seu lado, como de costume. A neve se intensifica, mas ela não se importa. Ela sente uma sensação de liberdade e alegria, como sempre tinha ao passar pelo Portal dos Lutadores, uma abertura em arco nas paredes de pedra na entrada do campo de treinamento. Ela respira fundo quando o céu se abre, e entra correndo no lugar que ela mais ama no mundo, com suas colinas verdes, agora cobertas de neve, cercadas por uma parede de pedra com quase um quarto de milha de largura e profundidade. Ela tem a sensação de que tudo está exatamente como deveria ser ao ver todos os homens em treinamento, atravessando o campo em seus cavalos, empunhando lanças, apontando para alvos distantes e aprimorando suas habilidades. Isso, para ela, é o significado de viver.

Aquele campo de treinamento é reservado para homens de seu pai; e mulheres não podiam entrar ali, nem os meninos que ainda não tinham atingido dezoito anos - e que não tinham sido convidados. Brandon e Braxton, todos os dias, esperam com impaciência para serem convidados – e Kyra suspeita que isso nunca vá acontecer. O Portal dos Lutadores é para guerreiros honrosos e endurecidos pela batalha, e não para perdedores como seus irmãos.

Kyra corre pelos campos, sentindo-se mais feliz e viva ali do que em qualquer outro lugar na

Terra. A energia é intensa e se mistura às dezenas dos melhores guerreiros de seu pai, todos vestindo armaduras um pouco diferentes, vindos de todas as regiões de Escalon, guerreiros que ao longo do tempo haviam se dirigido ao Forte de seu pai. Há homens do sul, de Thebus e Leptis; das Midlands, a parte vinda da capital, Andros, mas também das montanhas de Kos; há ocidentais de Ur; homens ribeirinhos de Thusis e seus vizinhos de Esephus. Há homens que moravam perto do Lago de Ire, e os homens de lugares tão distantes como as cachoeiras em Everfall. Todos usam armaduras de cores diferentes, empunham armas diferentes, todos eles homens de Escalon, ainda que representassem seu próprio reduto. É um conjunto deslumbrante e variado de poder.

Seu pai, o ex-campeão do rei, um homem que comanda grande respeito, é o único homem nestes tempos, neste reino em frangalhos, a quem os homens poderiam recorrer. Na verdade, quando o antigo rei havia rendido seu reino sem oferecer resistência, foi o pai dela que as pessoas haviam pressionado a assumir o trono e liderar a luta. Com o tempo, os melhores guerreiros do antigo rei o tinham procurado, e agora, com sua força crescendo a cada dia, Vólis tinha alcançado uma força que quase rivalizava com a da capital. Talvez fosse por isso, Kyra percebe, que os homens do Governador sentiam a necessidade de humilhá-los.

Em outros lugares em toda Escalon, o Lorde Governadores de Pandésia não permite que os cavaleiros se reúnam, não permitindo tais liberdades por medo de uma revolta. Mas ali, em Vólis, é diferente. Ali, eles não têm escolha: eles precisam permitir aquilo, porque eles precisam dos melhores homens possíveis para manter as Chamas.

Kyra se vira e olha além das paredes, além das colinas cobertas de branco e, ao longe, no horizonte distante, mesmo através da neve, ela pode ver, por pouco, o brilho ofuscante das Chamas. A parede de fogo que protege a fronteira ocidental de Escalon, as Chamas, uma parede de fogo de cinquenta pés de profundidade e várias centenas de pés de altura, ardendo com tanta intensidade quanto sempre, iluminando a noite, seu contorno visível no horizonte e se tornando mais pronunciado à medida que a noite cai. Com quase oitenta quilômetros de largura, as chamas são a única coisa permanente entre Escalon e a nação de trolls selvagens a leste.

Mesmo assim, trolls suficientes conseguem atravessá-las a cada ano para criar o caos, e se não fosse pelos Guardiões, bravos homens de seu pai que mantinham as Chamas acesas, Escalon seria uma nação de escravos para os trolls. Os trolls, que temem a água, só podem atacar Escalon por terra, e as Chamas são a única coisa os mantém à distância. Os Guardiões montam guarda em turnos, patrulhando em rotação, e Pandésia precisa deles. Outros também estão estacionados nas Chamas - alistados, escravos e criminosos, mas os homens de seu pai, os Guardiões, são os únicos verdadeiros soldados do grupo, e os únicos que sabem como manter as Chamas.

Em troca, Pandésia permite a Volis e seus homens suas muitas pequenas liberdades, como aqueles campos de treinamento e armas de verdade – uma pequena mostra de liberdade para fazer com que ainda se sintam como guerreiros livres, mesmo que isso seja uma ilusão. Eles não são homens livres, e todos eles sabem disso. Eles vivem em um equilíbrio estranho entre liberdade e servidão que ninguém consegue tolerar.

Mas ali, pelo menos, no Portal dos Lutadores, aqueles homens são livres, como um dia tinham sido, guerreiros que ainda podem competir e treinar e aprimorar suas habilidades. Eles representam o melhor de Escalon, os melhores guerreiros que qualquer Pandésia tinha para oferecer, todos eles veteranos das Chamas - e todos eles prestando serviço lá, a um dia de viagem. Kyra não quer outra coisa a não ser juntar-se a suas fileiras; provar que é capaz, ser enviada para o posto nas Chamas para combater trolls de verdade quando eles tentassem atravessar, e ajudar a proteger o seu reino de uma invasão.

Ela sabe, é claro, que isso nunca seria permitido. Ela é muito jovem para ser elegível, e é uma menina. Não há outras meninas nas fileiras e, mesmo se houvesse, seu pai nunca permitiria isso. Seus homens, também, a tinham tratado como uma criança quando ela tinha começado a visitá-los há anos, se divertindo com a sua presença, como espectadores. Mas depois que os homens iam embora, ela tinha ficado para trás, sozinha, treinando todos os dias e noites nos campos vazios, usando as armas e os alvos deles. Eles haviam sido surpreendidos a princípio, ao chegar no dia seguinte e encontrar marcas de flechas em seus alvos, - e ainda mais surpresos quando elas estavam no centro. Mas com o tempo, eles haviam se acostumado com isso.

Kyra havia ganhado seu respeito, especialmente nas raras ocasiões em que tinha sido autorizada a se

juntar a eles. Agora, dois anos depois, todos eles sabem que ela é capaz de atingir alvos que a maioria deles não consegue - e a tolerância deles em relação a ela havia se transformado em outra coisa: respeito.

É claro que ela ainda não tinha lutado em batalhas, como aqueles outros homens, ela nunca tinha matado alguém, montado guarda nas Chamas, ou enfrentando um troll em uma batalha. Ela não é capaz de empunhar uma espada, um machado de batalha ou alabarda, ou lutar como aqueles homens. Ela não tem a mesma força física que eles, para sua própria tristeza.

No entanto, Kyra havia aprendido que ela tinha uma habilidade natural com duas armas, que a tornavam, apesar de seu tamanho e sexo, um adversário formidável: seu arco, e seu cajado. A primeira ela tinha aprendido naturalmente, enquanto a última ela tinha encontrado acidentalmente, luas atrás, quando ela não conseguiu levantar uma espada de duas mãos. Naquela época, os homens tinham rido de sua incapacidade para manejar a espada, e como um insulto, um deles ironicamente havia lhe dado um cajado.

"Veja se você pode levantar esta vara em vez disso!" Ele havia dito, para deleite dos outros. Kyra nunca tinha esquecido a sua vergonha naquele momento.

A princípio, os homens de seu pai tinham visto o cajado como uma piada; afinal de contas, eles a usavam apenas como uma arma de treinamento, - aqueles bravos homens que carregavam espadas e machados e alabardas de duas mãos, que poderiam cortar através de uma árvore com um único golpe. Eles consideravam aquele pedaço de madeira como um brinquedo; a arma havia dado a Kyra ainda menos respeito do que ela já tinha.

Mas ela havia transformado a piada em uma inesperada arma de vingança, uma arma a ser temida. Uma arma contra a qual muitos dos homens de seu pai agora não conseguiam se defender. Kyra tinha se surpreendido com o seu baixo peso, e ainda mais surpresa ao descobrir que ela era naturalmente boa com a arma - tão rápida que ela era capaz de desferir golpes enquanto os soldados ainda estavam levantando suas espadas. Mais do que um dos homens que a enfrentaram havia saído com hematomas à medida que, um golpe de cada vez, ela tinha conquistado seu respeito.

Kyra, através de noites intermináveis de treinamento, sozinha, havia ensinado a si mesma movimentos que deslumbravam os homens, movimentos que nenhum deles conseguia entender. Eles haviam se interessado por seu cajado, e ela lhes havia ensinado. Na mente de Kyra, seu arco e seu cajado se complementavam, cada um de igual necessidade: o arco para o combate de longa distância, e seu cajado para a luta corpo a corpo.

Kyra também tinha observado que ela possuía um dom inato que aqueles homens não tinham: ela era ágil. Ela era como um peixinho em um mar de tubarões lentos em movimento, e enquanto aqueles homens envelhecidos tinham grande poder, Kyra pode dançar ao redor deles, saltar no ar, pode pular sobre eles e cair com uma cambalhota perfeita ou em pé. E ao combinar sua agilidade com sua técnica pessoal, Kyra consegue uma combinação letal.

"O que é que *ela* está fazendo aqui?" diz uma voz rouca.

Kyra, em pé ao lado de Anvin e Vidar, ouve a aproximação de cavalos, e se vê Maltren se aproximar a cavalo, ladeado por alguns de seus amigos soldados, - ainda ofegante enquanto segura uma espada, recém saído dos campos de treinamento. Ele olha para ela com desdém e seu estômago fica embrulhado. De todos os homens de seu pai, Maltren é a única pessoa que não gosta dela. Ele a odiava, por algum motivo, desde a primeira vez que ele havia colocado os olhos em cima dela.

Maltren continua montado em seu cavalo, irritado; com seu nariz achatado e cara feia, ele é um homem que ama odiar, e que parece ter encontrado um alvo em Kyra. Ele sempre se opunha à sua presença ali, provavelmente porque ela era uma menina.

"Você deveria estar no forte de seu pai, menina," ele fala, "preparando-se para a festa com todas as outras jovens ignorantes."

Leo, ao lado de Kyra, rosna para Maltren, e Kyra coloca uma mão reconfortante em sua cabeça, acalmando-o.

"E por que é que esse lobo tem permissão para ficar em nossas terras?" Acrescenta Maltren.

Anvin e Vidar olham para Maltren com um olhar frio e duro, ficando do lado de Kyra, e Kyra se mantém firme e sorri de volta, sabendo está protegida e que ele não poderia forçá-la a sair.

"Talvez você devesse voltar para o campo de treinamento," ela responde em tom zombaria, "e não perder tempo com as idas e vindas de uma jovem garota ignorante."

Maltren enrubesce, incapaz de responder. Ele se vira, preparando-se para partir, mas não sem emitir uma última provocação.

"Estamos treinando com lanças hoje," ele fala. "É melhor você ficar fora do caminho dos homens de verdade que treinam com armas de verdade."

Ele se vira e começa a se afastar, juntamente com seus companheiros, e ao vê-lo partir, a alegria de Kyra se mistura ao desagrado com a presença dele.

Anvin olha para ela com um olhar consolador e coloca uma mão em seu ombro.

"A primeira lição de um guerreiro," ele diz, "é aprender a conviver com os que te odeiam. Goste ou não, você vai se encontrar lutando lado a lado com eles, dependendo da ajuda deles para salvar sua vida. Muitas vezes, seus piores inimigos não virão de fora, mas de dentro."

"E aqueles que não podem lutar, usam suas bocas," diz uma voz.

Kyra se vira e vê Arthfael se aproximando, sorrindo, rapidamente saindo em defesa dela, como sempre fazia. Assim como Anvin e Vidar, Arthfael, um guerreiro feroz e alto com uma cabeça completamente careca e uma longa barba negra, tinha uma queda por ela. Ele é um dos melhores espadachins, raramente superado, está sempre pronto para sair em sua defesa. Ela se sente confortada pela sua presença.

"Isso é papo furado," continua Arthfael. "Se Maltren fosse um guerreiro melhor, ele estaria mais preocupado consigo mesmo do que com os outros."

Anvin, Vidar e Arthfael montam em seus cavalos e partem com os outros, e Kyra fica ali a observá-los, pensando. Por que algumas pessoas a odeiam? Ela se pergunta. Ela não sabe se algum dia conseguiria se entender isso.

Enquanto eles avançam pelo terreno, correndo em círculos largos, Kyra estuda os grandes cavalos de guerra admirada, ansiosa pelo dia em que poderia ter o seu próprio cavalo. Ela observa os homens circular o campo, cavalgando ao lado dos muros de pedra, e seus cavalos às vezes escorregam na neve. Os homens seguram lanças entregues a eles por escudeiros ansiosos, e ao fazerem a curva, eles

jogam as lanças contra alvos distantes: escudos pendurados em galhos. Quando acertam, o barulho distinto de metais ressoa pelo local

Kyra sabe que arremessar lanças de cima de um cavalo é mais difícil do que parece, e vários homens erram o alvo, especialmente à medida que passam a apontar para os escudos ainda menores. Daqueles que atingem o alvo, poucos acertam o centro, com exceção de Anvin, Vidar, Arthfael e alguns outros. Maltren, ela nota, erra várias vezes, xingando baixinho e olhando para ela, como se ela fosse a culpada.

Para continuar aquecida, Kyra pega seu cajado e começa a girá-lo em suas mãos, por cima da cabeça e ao redor de seu corpo, torcendo e girando o cajado como se ele fosse uma coisa viva. Ela desfere golpes em inimigos e bloqueia ataques imaginários, alternando as mãos, ao longo de seu pescoço, em volta da cintura, usando o cajado de madeira gasta após anos de uso como um terceiro braço.

Enquanto os homens circulam os campos, Kyra corre para seu próprio campo, uma pequena área dos campos de treinamento negligenciada pelos homens, mas que ela usa para si mesma. Pequenos pedaços de armadura pendem de cordas em um bosque de árvores, espalhados em diferentes alturas. Kyra passa por cada uma delas, fingindo que cada alvo é um adversário, batendo nos alvos com seu cajado. O ar é tomado pelo som de seu cajado enquanto ela corre pelo bosque, cortando, costurando e esquivando-se à medida que eles oscilam de volta para ela. Em sua mente, ela ataca e defende gloriosamente, conquistando um exército de inimigos imaginários.

"Já conseguiu matar alguém?" diz uma voz zombeteira.

Kyra vê Maltren montado em seu cavalo, rindo ironicamente dela antes de se afastar. Ela se irrita, desejando que alguém o colocasse em seu lugar.

Kyra faz uma pausa quando ela vê alguns homens, empunhando suas lanças, desmontarem e formarem um círculo ao redor da clareira. Seus escudeiros correm para lhes entregar espadas de treinamento de madeira feitas de carvalho grosso, que pesam quase tanto quanto o aço. Kyra fica na periferia, com seu coração acelerado, enquanto observa aqueles homens se enfrentando, querendo mais

do que qualquer outra coisa se juntar a eles.

Antes que eles comecem, Anvin entra no meio e encara todos os presentes.

"Neste feriado, duelamos por uma recompensa especial," ele anuncia. "O vencedor terá direito as melhores porções do banquete!"

Um grito de excitação se segue e os homens atacam uns aos outros, com o barulho de suas espadas de madeira enchendo o ar, enquanto se alternam entre recuar e atacar.

A disputa é marcada pelo som de uma buzina, soando cada vez que um lutador é atingido por um golpe, sendo enviado para a lateral da clareira. A buzina soa com frequência, e logo as fileiras começam a diminuir à medida que a maioria dos homens agora está em pé assistindo.

Kyra fica ao lado com eles, morrendo de vontade de participar, embora ela não tenha permissão. No entanto, é seu aniversário, ela completa quinze anos hoje e se sente preparada. Ela sente que é hora de insistir um pouco.

"Deixe-me juntar a eles!" Ela implora para Anvin, que está perto, observando.

Anvin balança a cabeça, sem tirar os olhos da ação.

"Hoje é meu décimo quinto aniversário!" Ela insiste. "Permita que eu participe!"

Ele olha para ela com ceticismo.

"Este é um campo de treinamento para homens," opina Maltren, em pé próximo a eles, depois ter sido eliminado. "Não é um lugar para garotas. Você pode sentar e assistir com os outros escudeiros, e nos trazer água se nós pedirmos."

Kyra fica corada.

"Você está com medo que uma menina possa derrotá-lo?" Ela responde, mantendo-se firme, sentindo uma onda de raiva dentro dela. Ela é filha de seu pai, afinal, e ninguém pode falar com ela dessa forma.

Alguns dos homens dão risadas e, desta vez, Maltren enrubesce.

"Ela tem razão," Vidar entra na conversa. "Talvez devêssemos deixá-la participar. O que temos a perder?"

"E ela vai usar o quê?" Maltren rebate.

"Meu cajado!" Kyra grita. "Contra suas espadas de madeira."

Maltren ri.

"Isso é algo que eu pagaria para ver," ele retruca.

Todos os olhos se voltam para Anvin, que fica parado, considerando o assunto.

"Se você se machucar, seu pai vai me matar," ele fala.

"Eu não vou me machucar," afirma ela.

Ele fica parado mais uns instantes, - uma eternidade para Kyra, até que, finalmente, ele suspira.

"Não vejo nenhum mal nisso, então," ele declara. "No mínimo, isso a manterá calada. Caso nenhum destes homens tenha alguma objeção," ele acrescenta, voltando-se para os soldados.

"Claro!" Grita uma dúzia dos homens de seu pai, em uníssono, todos entusiasmados e torcendo por ela. Kyra se sente agradecida por isso, mais do que ela poderia dizer. Ela vê a admiração que eles sentem por ela, o mesmo amor que reservam para seu pai. Ela não tem muitos amigos, e aqueles homens significam o mundo para ela.

Maltren zomba.

"Então deixem a menina fazer uma tola de si mesma," ele fala. "Pode ser que isso lhe ensine uma lição de uma vez por todas."

A buzina soa, e quando um dos homens sai do círculo, Kyra corre para o centro.

Kyra sente todos os olhos nela quando os homens a observam, claramente não esperando por aquilo. Ela se vê diante de seu adversário, um homem alto, de complexão robusta, com aproximadamente trinta anos, - um poderoso guerreiro que ela conhecia desde os tempos de seu pai na corte. Tendo observado ele antes, ela sabe que ele é um bom lutador, mas também excessivamente confiante – atacando logo no início de cada luta, um pouco imprudente.

Ele se vira para Anvin, franzindo a testa.

"Que insulto é esse?" ele pergunta. "Não vou lutar contra uma menina."

"Você se insulta por medo de lutar comigo," Kyra responde indignada. "Eu tenho duas mãos e duas pernas, assim como você. Se você não vai lutar comigo, então admita sua derrota!"

Ele pisca, em choque, depois faz uma careta para ela.

"Muito bem, então," ele fala. "Não vá correndo para o seu pai depois que você perder."

Ele ataca a toda a velocidade, como ela sabia que ele faria, erguendo a espada de madeira, e dando um golpe direto, apontando para o ombro dela. É um movimento que ela já tinha antecipado, tendo observado ele realizar o golpe muitas vezes – um movimento que ele inconscientemente sinaliza pelo movimento de seus braços. Sua espada de madeira é poderosa, mas também é pesada e desajeitada em comparação ao cajado de Kyra.

Kyra observa atentamente, esperando até o último momento, e então desvia, fazendo com que o poderoso golpe passe ao lado de seu corpo. No mesmo movimento, ela gira seu cajado e acerta um golpe na lateral do ombro de seu adversário.

Ele geme ao cair para o lado. Ele fica parado, atordoado, irritado por ter que admitir a derrota.

"Mais alguém?" Pergunta Kyra, sorrindo abertamente, virando-se de frente para o círculo de homens.

A maioria deles está sorrindo, claramente orgulhosos dela, orgulhosos de vê-la crescer e chegar a este ponto. Exceto, é claro, Maltren, que franze a testa como se estivesse prestes a desafiá-la, quando de repente outro soldado aparece, encarando Kyra com uma expressão séria. Este homem é mais baixo e mais largo, com uma barba vermelha desganhada e olhos ferozes. Ela percebe pelo jeito que ele empunha sua espada que ele é mais cauteloso do que seu adversário anterior. Ela toma isso como um elogio: finalmente, eles estão começando a levá-la a sério.

Ele ataca, e Kyra não sabe por que, mas por alguma razão, saber o que fazer é fácil para ela. É como se seus instintos assumissem o controle e decidissem por ela. Ela percebe que é muito mais leve e mais ágil do que aqueles homens com suas armaduras e espadas de madeira pesadas. Todos estão lutando pelo poder, e todos esperam que seus adversários desfiram golpes e se defendam. Kyra, porém, fica feliz em desviá-los, e se recusa a lutar nos termos deles. Eles lutam com a força - e ela usa a velocidade.

O cajado de Kyra se move em sua mão como uma extensão de seu braço; ele gira tão rapidamente que seus oponentes não têm tempo de reagir, ainda na metade de seus golpes enquanto ela já se encontra atrás deles. Seu novo adversário se aproxima dela com uma estocada no peito, mas ela apenas se esquiva e leva seu cajado para cima, atingindo o pulso dele e tirando a espada de suas mãos. Ela, então, bate na

cabeça dele com a outra extremidade de sua arma.

A buzina soa, atribuindo o ponto a Kyra, e ele olha para ela em estado de choque, segurando a testa, sua espada no chão. Kyra examina o seu feito e, percebendo que ainda está de pé, fica um pouco admirada.

Ela havia se tornado a pessoa a vencer, e agora os homens, sem qualquer sinal de hesitação, alinham-se para testar suas habilidades contra ela.

A tempestade de neve se alastra e tochas são acesas enquanto Kyra enfrenta um homem após o outro. Eles não carregam mais sorrisos: suas expressões agora são sérias, perplexas e abertamente irritadas, já que ninguém conseguia tocá-la - todos são derrotados por ela. Contra um homem, ela salta sobre sua cabeça enquanto ele a ataca, dando uma cambalhota e aterrissando atrás dele antes de bater em seu ombro; contra outro, ela se abaixa e rola, trocando o cajado de mão e dando um golpe decisivo, de forma inesperada, com a mão esquerda. Para cada um, seus movimentos são diferentes, parte ginasta, parte espadachim, de modo que ninguém consegue antecipar seus movimentos. Os homens caminham envergonhados de volta para a margem da arena, todos espantados por terem sido derrotados.

Logo resta apenas um punhado de homens. Kyra fica no centro do círculo, respirando com dificuldade, girando em todas as direções à procura de seu próximo adversário. Anvin, Vidar e Arthfael observam tudo do lado de fora da clareira, todos com sorrisos em seus rostos e olhares de admiração. Se seu pai não poderia estar ali para testemunhar aquilo e sentir orgulho dela, pelo menos aqueles homens estavam.

Kyra derrota mais um adversário, desta vez com um golpe atrás do joelho, mais uma buzina soa e, finalmente, quando não resta ninguém para enfrentá-la, Maltren se dirige ao centro da clareira.

"Truques de uma criança," ele dispara, andando em direção a ela. "Você pode girar um pedaço de madeira. Na batalha, isso não irá ajudá-la; contra uma espada de verdade, seu cajado seria cortado pela metade."

"Será que seria mesmo?" Pergunta ela, corajosa, destemida, sentindo o sangue de seu pai fluindo dentro dela e sabendo que ela precisa enfrentar aquele valentão de uma vez por todas, especialmente porque todos aqueles homens estão olhando para ela.

"Então, por que você não tenta?" Ela provoca.

Maltren pisca para ela com surpresa, claramente sem esperar aquela resposta. Em seguida, ele olha atentamente para ela.

"Por quê?" Ele rebate. "Para você poder correr para a proteção do seu pai?"

"Eu não preciso da proteção de meu pai, nem de qualquer outra pessoa," ela responde. "Isso é entre você e eu – o que quer aconteça."

Maltren olha para Anvin, claramente desconfortável, como se ele mesmo tivesse cavado uma cova de onde não conseguisse escapar.

Anvin também o encara igualmente perturbado.

"Treinamos com espadas de madeira aqui," ele grita. "Eu não vou ter ninguém machucado durante a minha guarda, e muito menos a filha de nosso comandante."

Mas o olhar de Maltren de repente escurece.

"A menina quer armas de verdade," diz ele, com a voz firme, "então vamos dar o que ela deseja. Talvez ela aprenda uma lição para a vida."

Sem esperar qualquer coisa, Maltren atravessa o campo, saca sua verdadeira espada da bainha, e se apressa de volta ao centro da pequena arena. A tensão no ar aumenta quando todos ficam em silêncio, sem saber o que fazer.

Kyra encara Maltren, sentindo as palmas das mãos suando apesar do frio e do vento que sopra as tochas para os lados. Ela pode sentir a neve se transformando em gelo, esmagando sob suas botas, e se esforça para se concentrar, sabendo que aquela não seria uma luta comum.

Maltren solta um grito agudo, tentando intimidá-la, e ataca, erguendo sua espada no alto, que brilha sob a luz das tochas. Maltren, ela sabe, é um lutador diferente dos outros, mais imprevisível, com menos honra, um homem que luta pela sobrevivência em vez de se concentrar na vitória. Ela se surpreende ao ver que ele pretende acertar seu peito.

Kyra desvia para fora do caminho e a lâmina passa reto.

Os homens engasgam, indignados, e Anvin, Vidar e Arthfael avançam.

"Maltren!" Anvin grita furioso, prestes a interferir na luta.

"Não!" Kyra grita de volta, ainda focada em Maltren e respirando com dificuldade, quando ele parte pra cima dela mais uma vez. "Deixe-nos lutar!"

Maltren imediatamente se vira e a ataca de novo – e de novo, repetidas vezes. Cada vez que ele ataca, ela se esquiva, dando um passo para trás, ou pulando sobre a espada dele. Ele é forte, mas não é tão rápido quanto ela.

Ele então ergue a espada e a abaixa novamente em um golpe rápido, na expectativa de que Kyra tentasse bloqueá-lo para que ele pudesse partir seu cajado ao meio.

Mas Kyra consegue prever seu plano e não se esquiva, dando um golpe lateral com seu cajado que acerta a espada dele, desviando o golpe e ao mesmo tempo protegendo seu cajado. Com o mesmo movimento, ela aproveita a abertura e acerta um golpe na boca do estômago de Maltren.

Ele engasga e cai de joelhos assim que a buzina soa.

Há um grande grito de aprovação, e todos os homens olham para ela com orgulho, enquanto ela ainda está sobre Maltren, sagrando-se a campeã.

Maltren, enfurecido, olha para ela e, em vez de admitir a derrota como todos os outros tinham feito, de repente parte para cima dela, erguendo a espada e preparando-se para golpeá-la.

É uma jogada que Kyra não esperava, tendo presumido que ele admitiria a derrota honrosamente. Quando ele parte para cima dela, Kyra percebe que não há muito que ela possa fazer em tão pouco tempo – não seria possível sair do caminho a tempo.

Kyra mergulha no chão, rolando para fora do caminho e, ao mesmo tempo, ela vira com seu cajado e bate atrás dos joelhos de Maltren, dando-lhe uma rasteira.

Ele cai de costas na neve e sua espada voa de suas mãos. Kyra imediatamente fica em pé e se coloca em cima dele, segurando a ponta de seu cajado contra a garganta dele e pressionando. No mesmo momento, Leo se aproxima dela e rosna para o rosto de Maltren, a centímetros de distância, babando na bochecha dele e aguardando a ordem para atacar.

Maltren olha para cima com sangue nos lábios, atordoado e, finalmente, humilhado.

"Você desonra os homens de meu pai," Kyra ferve de raiva, ainda furiosa. "O que você acha da minha pequena varinha agora?"

Um silêncio tenso cai sobre eles enquanto ela o mantém preso, uma parte dela querendo levantar seu cajado e golpeá-lo ou deixar que Leo o ataque. Nenhum dos homens tenta impedir que ela o faça, ou se aproxima para ajudá-lo.

Percebendo que está sozinho, Maltren olha para cima com medo de verdade.

"KYRA!"

Uma voz dura de repente corta o silêncio.

Todos os olhos se voltam, e seu pai aparece de repente, marchando até a clareira e usando suas peles, ladeado por uma dúzia de homens e olhando para ela com desaprovação.

Ele para a alguns metros dela, encarando-a, e ela já antecipa o sermão que está por vir. Enquanto eles se enfrentam, Maltren sai de debaixo dela e se afasta correndo, e ela se pergunta por que seu pai não havia repreendido Maltren em vez dela. Isso a irrita, deixando pai e filha diante um do outro em um impasse de raiva, ela tão teimosa quanto ele, ninguém disposto a ceder.

Finalmente, o pai dela lhe dá as costas, seguido por seus homens, e marcha de volta ao forte, sabendo que ela o seguiria. A tensão se dissipa quando todos os homens vão atrás dele, e Kyra, relutantemente, os acompanha. Ela começa a marchar de volta através da neve, vendo as luzes distantes do forte, sabendo que levaria uma bronca, mas já sem se importar.

Se ele a aceita como ela é ou não, não lhe importa, ela tinha sido aceita entre os seus homens - e para

ela, isso é tudo que importa. Deste dia em diante, ela sabe, tudo mudaria.

CAPÍTULO SEIS

Kyra caminha ao lado de seu pai pelos corredores de pedra da Fortaleza Volis, um forte desmedido do tamanho de um pequeno castelo, com paredes lisas de pedra, tetos cônicos e grossas portas de madeira entalhada, um reduto antigo que tinha servido para abrigar os Guardiões das Chamas e proteger Escalon por séculos. Ele é um forte crucial para o seu reino, ela sabe, ainda que também seja a casa dela, o único lar que ela conhecia. Kyra muitas vezes adormecia ao som de guerreiros, festas pelos corredores, o rosnado de cães brigando por restos de comida, lareiras sibilando com chamas quase extintas e o barulho do vento que encontra caminho através das rachaduras. Apesar de todas as suas peculiaridades, ela ama cada canto daquele lugar.

Enquanto Kyra se esforça para manter o ritmo, ela se pergunta o que está incomodando seu pai. Eles caminham rapidamente em silêncio, acompanhados por Leo, atrasados para a festa ao atravessarem os corredores à medida que soldados e lacaios se colocam a postos quando eles passam. Seu pai anda mais rápido do que o habitual, e apesar de estarem atrasados, ela sabe que há algo de errado com ele. Normalmente, ele caminha lado a lado com ela, sempre com um grande sorriso pronto escondido atrás de sua barba, colocando o braço em torno do ombro dela, por vezes contando piadas ou os acontecimentos de seu dia.

Mas agora ele caminha melancolicamente, com semblante sério, vários passos à frente dela, mostrando o que parece ser uma expressão de desaprovação que ela raramente tinha visto. Ele também parece perturbado, e ela presume que seja devido aos acontecimentos do dia, a imprudente caçada de seus irmãos, devido ao fato dos homens do Governador terem levado seu javali - ou talvez até mesmo porque ela, Kyra, havia duelado. No início, ela havia pensado que ele estava apenas preocupado com o banquete - festas eram sempre onerosas para ele, tendo que hospedar tantos guerreiros e visitantes até depois da meia-noite, como mandava a tradição antiga. Kyra havia sido informada que quando sua mãe ainda era viva e organizava estes eventos, aquilo costumava ser muito mais fácil para ele. Ele não é uma criatura social, e se esforça para receber bem seus convidados.

Mas à medida que o seu silêncio se estende, Kyra começa a se perguntar se seria algo completamente

diferente. Muito provavelmente, ela deduz, tinha algo a ver com o treinamento dela junto aos seus homens. Sua relação com o pai, que costumava ser tão simples, está se tornando cada vez mais complicada à medida que ela cresce. Ele parece ter uma grande ambivalência sobre o que fazer com ela, sobre que tipo de filha ele espera que ela seja. Por um lado, muitas vezes ele lhe ensina os princípios de um guerreiro, como um cavaleiro deve pensar, como se conduzir. Eles costumavam ter conversas intermináveis sobre valentia, honra, coragem, e muitas vezes ele ficava acordado até tarde da noite contando contos de batalhas de seus antepassados, momentos pelos quais ela ansiava, - e os únicos contos que ela tinha interesse em ouvir.

Mas, ao mesmo tempo, Kyra repara que ele agora se cala ao se ver discutindo esses assuntos com ela, silenciando-se abruptamente, como se percebesse que não deveria falar com ela sobre aquilo, ou como se sentisse que havia plantado algo dentro dela e desejasse ser capaz de voltar atrás. Falar sobre batalhas e bravura faz parte da natureza dele, mas agora que Kyra não é mais uma menina, agora que ela está se tornando uma mulher, e uma guerreira está nascendo dentro dela, uma parte dele parece surpresa com isso, como se ele nunca esperasse que ela crescesse. Ele parece não saber como se relacionar com uma filha adulta, especialmente uma que deseja ser uma guerreira, como se não soubesse qual caminho incentivá-la a seguir. Ele não sabe o que fazer com ela, ela percebe, e uma parte dele até mesmo se sente desconfortável na presença dela. No entanto, ao mesmo tempo ela sente que ele está secretamente orgulhoso. Ele simplesmente não pode se permitir demonstrar isso.

Kyra não consegue mais suportar seu silêncio - ela precisa chegar ao fundo da questão.

"Você se preocupa com a festa?" ela pergunta.

"Por que eu deveria me preocupar?" Ele responde sem olhar para ela, um sinal claro de que ele está chateado. "Tudo está preparado. Na verdade, estamos atrasados. Se eu não tivesse ido até o Portal dos Lutadores para encontrá-la, eu estaria sentado na cabeceira de minha própria mesa até agora," ele conclui ressentido.

Então é isso, ela percebe: seu duelo. O fato de que ele está com raiva a deixa chateada também. Afinal, ela havia vencido seus homens e merece sua aprovação. Em vez disso, ele está agindo como se nada tivesse acontecido, e até mesmo demonstrando sua desaprovação.

Ela exige saber a verdade e, irritada, decide provocá-lo.

"Será que você não me viu vencer seus homens?" ela diz, querendo humilhá-lo, exigindo a aprovação que ele se recusa a dar.

Ela vê seu rosto cora, sutilmente, mas ele segura a língua enquanto caminha - o que só aumenta a raiva dela.

Eles continuam andando, passando pelo Salão de Heróis e da Câmara da Sabedoria, e estão quase chegando ao Salão Principal quando ela não consegue mais se segurar.

"O que aconteceu, papai?" Ela pergunta. "Se você desaprova meu comportamento, basta dizê-lo."

Ele finalmente para diante das portas arqueadas do Salão de Festas, e olha para ela com uma expressão séria. A maneira como ele olha para ela a entristece; seu pai, a pessoa que ela ama mais do que qualquer outra pessoa no mundo, que sempre tinha um sorriso reservado para ela, agora a encara como

se ela fosse uma estranha. Ela não consegue entender.

"Eu não quero que você volte ao campo de treinamento de novo," ele declara com raiva em sua voz.

O tom que ele usa a deixa ainda mais magoada que as palavras que ele profere, e ela sente um arrepio de traição atravessar o corpo dela. Vindo de qualquer outra pessoa, isso dificilmente a teria incomodado, mas vindo dele, um homem que ela ama e tanto admira, que era sempre tão gentil com ela, aquele tom de voz faz seu sangue gelar.

Mas Kyra não é o tipo de pessoa a recuar de um confronto - uma característica que ela tinha aprendido com ele.

"E por que isso?" Ela pergunta.

Sua expressão se torna sombria.

"Eu não preciso lhe dar uma razão," ele responde. "Eu sou o seu pai. Eu sou o comandante deste forte, dos meus homens. E eu não quero que você treine com eles."

"Você tem medo que eu vá derrotá-los?" pergunta Kyra, querendo tirar a melhor, recusando-se a permitir que esta porta seja fechada para sempre.

Ele fica vermelho, e ela pode ver que suas palavras também o tinham magoado.

"A arrogância é para pessoas comuns," ele a repreende, "não para guerreiros."

"Mas eu não sou uma guerreira, não é mesmo, papai?" ela provoca.

Ele estreita os olhos, incapaz de responder.

"É o meu décimo quinto aniversário. Você deseja que eu lute contra as árvores e galhos durante toda a minha vida? "

"Eu não quero que você lute de forma alguma," ele retruca. "Você é uma garota - uma mulher agora. Você deve fazer o que as mulheres fazem - culinária, costura - seja lá o que sua mãe teria lhe ensinado se estivesse viva."

Agora a expressão de Kyra fica sombria.

"Me desculpe por não ser a garota que você gostaria que eu fosse, papai," ela responde. "Eu sinto muito por não ser como todas as outras meninas."

A expressão de seu pai também muda, e ele também parece chateado.

"Mas eu sou filha do meu pai," ela continua. "Eu sou a garota que você criou. E me reprovar é desaprovar a si mesmo."

Ela fica ali, com as mãos nos quadris, seus olhos cinza claros carregados com a força de um guerreiro, encarando seu pai. Ele olha para ela com seus olhos castanhos e balança a cabeça.

"Hoje é um feriado," ele fala, "uma festa não só para guerreiros, mas para visitantes e dignitários. Pessoas de toda Escalon e de terras estrangeiras estarão presentes." Ele a olha de cima a baixo com desaprovação. "Você está usando roupas de um guerreiro. Vá para o seu quarto e vista as roupas de uma mulher, como todas as outras mulheres da mesa."

Ela enrubesce, furiosa, e ele se aproxima dela com o dedo erguido.

"E não deixe que eu a veja em campo com os meus homens de novo," ele adverte.

Ele lhe dá as costas abruptamente quando criados abrem as enormes portas para ele, e uma onda de barulho sai do salão para recebê-los, assim como o cheiro de carne assada, de cães sujos e da lareira. A música atravessa o ar, e o barulho da atividade dentro da sala toma conta de tudo. Kyra observa seu pai virar e entrar, seguido por seus atendentes.

Vários servos continuam ali, segurando as portas abertas, esperando Kyra que arde de raiva, debatendo sobre o que fazer. Ela nunca havia se sentido tão irritada em toda sua vida.

Ela finalmente se vira e sai com Leo, distanciando-se do Salão e voltando para o seu quarto. Pela primeira vez em sua vida, ela odeia seu pai. Ela achava que ele fosse diferente, acima de tudo aquilo;

mas agora havia aprendido que ele era um homem menor do que ela acreditava - e isso, mais do que qualquer outra coisa, a tinha deixado abalada. O fato de seu pai tê-la afastado de tudo que ela mais ama - os campos de treinamento - é como uma faca em seu coração. A ideia de viver sua vida confinada a sedas e vestidos a deixa mais desesperada do que ela jamais acreditou ser possível.

Ela quer deixar Volis - e nunca mais voltar.

*

O comandante Duncan se senta à cabeceira da mesa de banquete, no enorme salão de festas da Fortaleza Volis, e olha para sua família, seus guerreiros, súditos, conselheiros, assessores e visitantes, - mais de uma centena de pessoas, todos sentados ao longo da mesa para o feriado - com o coração pesado. De todas essas pessoas diante dele, a mais presente em sua mente é justamente aquela que ele a princípio tenta não olhar: sua filha, Kyra. Duncan sempre teve uma relação especial com ela, sempre sentiu a necessidade de ser pai e mãe para ela, para compensar a perda de sua mãe. Mas ele estava falhando, ele sabe, em seu papel como pai - e sobretudo como sua mãe.

Duncan sempre fizera questão de acompanhá-la de perto, a única menina em uma família de meninos, e em um forte cheio de guerreiros - especialmente considerando que ela era uma menina diferente das outras meninas, uma menina, ele tinha que admitir, muito parecida com ele. Ela certamente era muito sozinha em mundo de um homens, e ele havia se esforçado por ela, não só por obrigação, mas também porque ele a amava muito, mais do que ele poderia dizer, talvez até mais, ele odiava ter que admitir, que seus filhos. Pois de todos os seus filhos, ele tem que admitir, estranhamente, mesmo sendo uma menina, é nela que ele vê mais de si mesmo. Sua obstinação; sua determinação feroz; seu espírito guerreiro; sua recusa em recuar; seu destemor; e sua compaixão. Ela sempre saía em defesa dos fracos, especialmente seu irmão mais novo, e sempre defendia a justiça - qual fosse o seu custo.

O que é outra razão pela qual a conversa havia lhe irritado tanto, deixando-o naquele estado de espírito. Quando ele a tinha visto no campo de treinamento naquela noite, empunhando seu cajado contra aqueles homens com notável habilidade, seu coração tinha se enchido de orgulho e alegria. Ele

odeia Maltren, um fanfarrão e uma pedra em seu sapato, e tinha ficado feliz que sua filha, de todas as pessoas, o tinha colocado no devido lugar. Ele se sente mais que orgulhoso de que ela, uma menina de apenas quinze anos, havia conseguido se defender contra seus homens - e até mesmo vencê-los. Ele gostaria muito de abraçá-la, cobri-la de louvores na frente de todos os outros.

Mas, como seu pai, ele não pode fazer isso. Duncan quer o melhor para ela e, no fundo, ele sente que ela está seguindo por um caminho perigoso, uma estrada de violência em um mundo de homens. Ela seria a única mulher em um campo de homens perigosos, homens com desejos carnisais, os homens que, quando provocados, lutariam até a morte. Ela não percebe o que uma verdadeira batalha significa, ou como é presenciar o derramamento de sangue, a dor e a morte de perto. Essa não é a vida que ele quer para ela - mesmo que isso fosse permitido. Ele quer que ela fique segura e protegida ali no forte, vivendo uma vida doméstica de paz e conforto. Mas ele não sabe o que fazer para que ela deseje o mesmo.

Aquilo tudo o tinha deixado confuso. Ao se recusar a elogiá-la, ele havia pensado que pudesse dissuadi-la. No entanto, no fundo, ele tem a sensação de que ele não conseguiria - e que o fato de não aprovar ou elogiar suas ações só a afastariam ainda mais. Ele não está feliz com a forma como tinha agido aquela noite, ou com a maneira como se sente naquele momento. Mas ele não sabe o que mais poderia fazer.

O que o deixa ainda mais perturbado, é a lembrança que ecoa em sua mente: a profecia proclamada sobre ela no dia de seu nascimento. Ele sempre havia considerado tudo aquilo uma grande bobagem, apenas as palavras de uma bruxa; mas hoje, olhando para ela, vendo sua proeza, o faz perceber como ela é especial, fazendo com que ele se pergunte se a profecia poderia realmente ser verdade. E esse pensamento o aterroriza mais do que qualquer coisa. O destino dela está se aproximando rapidamente, e ele não tem qualquer maneira de impedir que isso aconteça. Quanto tempo levaria até que todos descobrissem a verdade sobre ela?

Duncan fecha os olhos e balança a cabeça, dando um longo gole de seu saco de vinho e tentando tirar tudo isso de sua mente. Esta deve ser uma noite de comemoração, afinal. O solstício de inverno havia chegado, e quando ele abre os olhos, ele vê a neve forte através da janela, agora uma nevasca de

verdade, e se acumulando em pilhas altas na pedra, como se estivesse chegando para o feriado. Enquanto o vento uiva lá fora, estão todos seguros ali dentro do forte, aquecidos pelos fogos que ardem nas lareiras, pelo calor do corpo dos convidados, pela comida e pelo vinho.

De fato, ao olhar a sua volta, todos parecem felizes - malabaristas, bardos e músicos demonstram seus talentos enquanto os homens riem e se divertem, compartilhando histórias de batalha. Duncan olha com apreço a impressionante fartura diante dele, a mesa de banquete coberta com todo tipo de comida e iguarias. Ele sente orgulho ao ver todos os escudos pendurados ao longo da parede, cada um com uma insígnia diferente martelada à mão, cada um representando sua casa, um guerreiro diferente que havia comparecido para lutar junto dele. Ele vê todos os troféus de guerra pendurados, também, memórias de uma vida de luta por Escalon. Ele é um homem de sorte, e sabe disso.

E, no entanto, por mais que prefira fingir o contrário, ele deve encarar o fato de que o seu, é um reino sob ocupação. O velho rei, o rei Tarnis, havia rendido seu povo, para sua própria vergonha, desistindo sem nem mesmo oferecer resistência, permitindo a que Pandésia os invadisse. Ele havia poupado vidas e cidades, mas também tinha roubado o espírito da população. Tarnis sempre argumentava que Escalon era indefensável de qualquer maneira e que, mesmo que eles defendessem o Portão Sul, a Ponte das Dores, Pandésia poderia cercá-los e atacar pelo mar. Mas todos sabiam que esse era um argumento fraco. Escalon é abençoada com costas feitas de falésias de cem metros de altura, com ondas e pedras irregulares em sua base. Nenhum navio poderia se aproximar - e nenhum exército seria capaz de superá-los sem pagar um alto preço. Pandésia poderia atacar por mar, mas o preço seria alto, mesmo para tamanho império. Atacar por terra seria o único caminho viável, deixando apenas o gargalo do Portão Sul, que todos em Escalon sabiam ser defensável. Render-se tinha sido uma escolha de pura fraqueza e nada mais.

Agora, ele e todos os outros grandes guerreiros estavam sem rei, deixados aos seus próprios recursos, sua própria província, a sua própria fortaleza, e forçados a dobrar o joelho e responder ao Lorde Governador nomeado pelo Império Pandesiano. Duncan ainda se lembra do dia em que tinha

sido forçado a fazer um novo juramento de fidelidade, da sensação que ele teve quando foi obrigado a se ajoelhar, e a lembrança o deixa enojado.

Duncan tenta lembrar os primeiros dias, quando ele estava lotado em Andros, e todos os cavaleiros de todas as casas estavam juntos, reunidos por uma causa, um rei, uma de capital, um estandarte, com uma força dez vezes maior que os homens que ele vê diante de si. Agora eles estão espalhados por todos os cantos do Reino, e os homens ali presentes são tudo o que resta de uma força unificada.

O rei Tarnis sempre tinha sido um rei fraco; Duncan soube disso desde o início. Como seu comandante-chefe, ele tinha a tarefa de defendê-lo, mesmo que ele não merecesse. Uma parte de Duncan não tinha ficado surpresa quando o Rei havia se rendido, mas ele tinha se surpreendido com a rapidez com que tudo havia desmoronado. Todos os grandes cavaleiros se separaram, voltando para suas casas, sem um rei para lhes governar e com todo o poder nas mãos de Pandésia. Isso havia acabado com as leis e tornado o reino, antes tão pacífico, em um terreno fértil para o crime e o descontentamento. Não é mais prudente até mesmo viajar pelas estradas, outrora tão seguras, longe da proteção das fortalezas.

Horas se passam, e à medida que a comida é consumida, criados retiram a mesa e completam as canecas de cerveja. Duncan come vários chocolates, saboreando-os, quando bandejas de iguarias da Lua de Inverno são trazidos para a mesa. Canecas de chocolate real são servidas, cobertas com creme de leite fresco de cabra, e Duncan, com cabeça girando por causa da bebida e precisando se concentrar, pega uma delas nas mãos e saboreia o seu calor. Ele bebe tudo de uma vez, e o calor se espalha através de seu corpo. A neve continua caindo lá fora, mais forte a cada momento, enquanto bobos da corte fazem suas brincadeiras, bardos contam histórias, músicos fazem interlúdios, e a noite avança, alheios ao clima. É uma tradição na Lua do Inverno festejar até depois da meia-noite, para receber o inverno como a um amigo. Mantendo a tradição corretamente, como dizia a lenda, faria com que o inverno não durasse tanto tempo.

Duncan, apesar de seus esforços, finalmente olha na direção de Kyra; ela está ali, desconsolada, olhando para baixo, como se estivesse sozinha. Ela não tinha tirado sua roupa de guerreira, como ele havia ordenado; por um momento, sua ira se acende, mas então ele decide ignorá-la. Ele percebe que ela

também está chateada; ela, como ele, sente as coisas muito profundamente.

Duncan decide que é hora de fazer as pazes com ela, pelo menos para consolá-la mesmo que ele não possa concordar com ela, e ele está prestes a se levantar da cadeira e ir até ela quando, de repente, as grandes portas do salão de banquete se abrem.

Um visitante corre para dentro do salão, um homem pequeno com peles luxuosas anunciando outra terra, seu cabelo e capa cobertos de neve, e ele é escoltado por atendentes até a mesa do banquete. Duncan fica surpreso por receber um visitante tão tarde da noite, especialmente naquela tempestade, e quando o homem tira o capuz, Duncan observa que ele veste o roxo e amarelo de Andros. Ele tinha vindo, Duncan percebe, todo o caminho desde a capital, uma viagem de uns bons três dias.

Visitantes haviam chegando durante toda a noite, mas nenhum tão tarde, e nenhum indo de Andros. Ver aquelas cores faz Duncan pensar no velho rei, em dias melhores.

O salão se acalma quando o visitante para diante dele e abaixa a cabeça graciosamente para Duncan, à espera de ser convidado a sentar-se.

"Perdoe-me, meu senhor," diz ele. "Eu tinha a intenção de chegar mais cedo. Receio que neve tenha me atrasado. Não quero, com isso, desrespeitá-lo. "

Duncan assente.

"Eu não sou seu senhor," Duncan corrige, "mas um mero comandante. E somos todos iguais aqui, nobres e plebeus, homens e mulheres. Todos os visitantes são bem vindos, a qualquer momento."

O visitante assente graciosamente e está prestes a se sentar quando Duncan levanta a palma da mão.

"A nossa tradição manda que visitantes de longe devem sentar-se em posição de honra. Venha, sente-se perto de mim."

O visitante, surpreendido, acena graciosamente com a cabeça e os atendentes o levam, um homem magro, baixo, com bochechas e olhos profundos, talvez na casa dos quarenta, mas aparentando ser

muito mais velho, para um assento perto de Duncan. Duncan o examina e detecta ansiedade em seus olhos; o homem parece estar bastante incomodado para um visitante em pleno feriado. Algo, ele sabe, está errado.

O visitante se senta, de cabeça baixa e desviando o olhar, e quando todos no salão retomam suas conversas, o homem engole o prato de sopa e chocolate quente colocados diante dele, engolindo tudo com um grande pedaço de pão, claramente faminto.

"Diga-me," Duncan fala assim que o homem termina, ansioso para saber mais, "quais são as notícias que você traz da capital?"

O visitante lentamente empurra sua taça e olha para baixo, sem vontade de encontrar os olhos de Duncan. A mesa se acalma, vendo o olhar triste no rosto dele. Todos esperam por sua resposta.

Finalmente, ele se vira e olha para Duncan, com os olhos injetados de sangue, marejados.

"Nenhuma notícia que um homem mereça ouvir," ele responde.

Duncan se prepara, pressentindo o mesmo.

"Diga de uma vez, então," ordena Duncan. "Más notícias ficam mais velhas com o tempo."

O homem olha ao redor da mesa, esfregando os dedos, nervoso.

"A partir da Lua de Inverno, uma nova lei Pandesiana será promulgada em nossas terras: puellae nuptias."

Duncan sente seu sangue gelar ao ouvir essas palavras, ao mesmo tempo em que um suspiro de indignação é emitido ao longo da mesa, um ultraje que compartilha. Puellae Nuptias. É incompreensível.

"Você tem certeza?" Duncan exige.

O visitante assente.

"A partir de hoje, a primeira filha solteira de cada homem, senhor, e guerreiro em nosso reino, ao atingir seu décimo quinto ano, podem ser tomadas pelo Lorde Governador - para casar com ele mesmo, ou com quem ele escolher."

Duncan imediatamente olha para Kyra, e vê o olhar de surpresa e indignação em seus olhos. Todos os outros homens na sala, todos os guerreiros, também se viram e olham para Kyra, compreendendo a gravidade da notícia. Qualquer outra garota teria sido tomada pelo terror, mas ela aparenta querer vingança.

"Eles não podem levá-la!" Anvin grita, indignado, levantando a voz no silêncio. "Eles não podem levar

qualquer uma de nossas meninas!"

Arthfael saca sua adaga e esfaqueia a mesa com ela.

"Eles podem ficar com o nosso javali, mas vamos lutar até a morte, antes que os deixemos levar nossas meninas!"

Os guerreiros dão um grito de aprovação, sua raiva alimentada também pela bebida. Imediatamente, o clima na sala se transforma.

Lentamente Duncan fica em pé, sua refeição estragada, e o salão se acalma quando ele se levanta da mesa. Todos os outros guerreiros fazem o mesmo em sinal de respeito.

"Esta festa acabou," anuncia ele, sua voz pesada. Mesmo ao pronunciar as palavras, ele observa que ainda não é meia-noite - um presságio terrível para a Lua de Inverno.

Duncan se aproxima de Kyra no silêncio espesso, passando fileiras de soldados e dignitários. Ele para diante de sua cadeira, e olha nos olhos dela, que retribui com força e desafio em seu olhar, um olhar que o enche de orgulho. Leo, a seu lado, também olha para ele.

"Venha, minha filha," ele diz. "Você e eu temos muito a discutir."

CAPÍTULO SETE

Kyra está sentada no quarto de seu pai, uma pequena sala de pedra nos andares superiores de seu forte, com tetos cônicos altos e uma lareira de mármore maciço, enegrecida após anos de uso, e ambos encaram o silêncio sombrio. Eles estão sentados em lados opostos, cada um em uma pilha de peles, olhando para as toras que queimam na lareira.

A mente de Kyra ainda processa a notícia enquanto ela acaricia a pele do Leo, amontoado aos seus pés, e ainda é difícil acreditar que tudo aquilo é verdade. A mudança tinha finalmente chegado a Escalon, e ela tem a sensação de aquele é o dia em que sua vida havia terminado. Ela olha para as chamas, perguntando-se qual motivo ainda tinha para viver se Pandésia iria levá-la para longe de sua família, de seu forte, e de tudo o que ela conhece e ama para casá-la com o grotesco Lorde Governador. Ela preferiria morrer.

Kyra geralmente encontra conforto em estar ali, naquele quarto, onde ela passava incontáveis horas lendo, perdendo-se em contos de honra e às vezes, de lendas - contos que ela nunca sabia se eram

verdade ou fantasia. Seu pai gostava de folhear seus livros antigos e lê-los em voz alta, frequentemente até as primeiras horas da manhã, crônicas de outra época, de um lugar diferente. Acima de tudo, Kyra adorava as histórias de guerreiros, das grandes batalhas. Leo estava sempre aos seus pés e Aidan se juntava a eles; muitas vezes, em mais de um amanhecer, Kyra tinha voltado com os olhos turvos para seu quarto, - embebedada pelas histórias. Ela gosta de ler ainda mais do que ela aprecia as armas, e quando ela olha para as paredes dos aposentos de seu pai, forradas com estantes de livros, cheias de pergaminhos e volumes encadernados em couro passados de geração em geração, ela gostaria de poder se perder neles

agora.

Mas olhar para o rosto sério de seu pai a traz de volta para sua terrível realidade. Esta não é uma noite para a leitura. Ela nunca tinha visto seu pai tão perturbado, em tamanho conflito, como se pela primeira vez ele não tivesse certeza qual decisão tomar. O pai dela, ela sabe, é um homem orgulhoso - todos os seus homens são - e nos dias em que Escalon ainda tinha um rei, uma capital, uma corte - todos eles teriam dado suas vidas pela liberdade. Seu pai não é o tipo de homem a se render, ou disposto a negociar. Mas o antigo rei os tinha deixado à própria sorte, oferecendo a rendição em seu nome, deixando todos eles deixaram naquela terrível situação. Como, um exército disperso fragmentado, eles não poderiam lutar contra um inimigo já infiltrado em seu meio.

"Teria sido melhor ter sido derrotado naquele dia no campo de batalha," seu pai fala com a voz pesada, "ter enfrentado Pandésia nobremente e perdido. A rendição do antigo rei foi uma derrota

qualquer maneira, apenas mais lenta, e cruel. Dia após dia, ano após ano, liberdade após liberdade nos é tirada, fazendo de todos nós um pouco menos homens."

Kyra sabe que ele está certo; mas também consegue compreender a decisão do rei Tarnis: Pandésia dominava metade do mundo. Com seu vasto exército de escravos, eles poderiam ter devastado Escalon até não sobrar nada. Eles nunca teriam recuado, não importa quantos milhões de homens fossem necessários. Pelo menos agora Escalon continua intacta, o seu povo vivo - se é que isso poderia ser chamado de vida.

"Para eles, isso não é somente sobre levarem nossas meninas," continua seu pai, o seu discurso pontuado pelo fogo crepitante. "Isto diz respeito ao o poder. É subjugação. Eles querem esmagar o que ainda resta de nossas almas."

Seu pai olha para as chamas, e ela pode ver que ele está vendo o seu passado e seu futuro de uma só vez. Kyra ora para que ele olhe para ela e diga que havia chegado o momento de lutar, de defender aquilo em que todos eles acreditam e oferecer resistência, e que ele nunca deixaria que a levassem. Mas em vez disso, para sua crescente decepção e raiva, ele se senta em silêncio, olhando, meditando, sem lhe oferecer as garantias que ela precisa. Ela não tem ideia sobre o que ele está pensando, especialmente depois de seu argumento anterior.

"Eu me lembro da época em que eu servia o rei," diz ele lentamente, sua voz profunda acalmando-a como sempre, "quando toda a terra era uma só voz. Escalon era invencível. Tínhamos apenas que defender as Chamas para conter os trolls e o Portão Sul para conter Pandésia. Éramos um povo livre durante séculos, e é assim que deveríamos continuar."

Ele fica em silêncio por um longo tempo, o fogo ardendo, e Kyra espera impacientemente que ele termine, acariciando a cabeça de Leo.

"Se Tarnis nos tivesse ordenado a defender o portão," continua ele, "nós o teríamos defendido até o último homem. Todos nós morreríamos com prazer por nossa liberdade. Mas uma manhã todos nós acordamos para descobrir nossas terras já ocupadas," ele diz, arregalando os olhos em agonia, como se revivendo tudo novamente diante de seus olhos.

"Eu sei de tudo isso," Kyra lembra impaciente, cansada de ouvir a mesma história.

Ele se vira para ela, seus olhos transmitindo a sensação de derrota.

"Quando o seu próprio rei desiste," ele pergunta: "quando o inimigo já está entre nós, que motivo nos resta para lutar?"

Kyra se irrita.

"Talvez reis nem sempre mereçam o título," ela comenta, não tendo mais paciência. "Reis são apenas homens, afinal, e homens cometem erros. Talvez, às vezes, o caminho mais honroso seja desafiar o seu rei. "

Seu pai suspira, olhando para o fogo, sem realmente ouvi-la.

"Nós, aqui em Vólis, vivemos bem em comparação com o resto de Escalon. Eles nos permitem manter armas - armas de verdade - ao contrário dos outros, que são despojados de todo aço sob pena de morte. Eles nos permitem treinar, nos dando a ilusão de liberdade, apenas o suficiente para nos manter

complacentes. Você sabe por que fazem isso?" Ele pergunta, olhando para ela.

"Porque você era o maior cavaleiro do Rei," ela responde. "Porque eles desejam dar-lhe honras condizentes com a sua posição."

Ele balança a cabeça.

"Não," responde ele. "É apenas porque eles precisam de nós. Eles precisam que Volis defenda as Chamas. Nós somos tudo que resta entre Marda e eles. Pandésia teme Marda mais do que nós. É só porque nós somos os Guardiões. Eles patrulham as Chamas com seus próprios homens, seus próprios recrutas, mas nenhum deles é tão vigilante quanto nós."

Kyra pensa sobre isso.

"Eu sempre achei que estávamos acima de tudo, acima do alcance de Pandésia. Mas esta noite," ele diz gravemente, voltando-se para ela, "percebi que não é verdade. Esta notícia... Eu estava esperando por algo do tipo há anos. Eu não percebi a passagem do tempo. E, apesar de todos esses anos de preparação, agora que ele chegou... não há nada que eu possa fazer."

Ele abaixa a cabeça e ela olha para ele, chocada, sentindo a indignação brotar dentro dela.

"Você está dizendo que vai deixar que eles me levem?" ela pergunta. "Você está dizendo que não pretende lutar por mim?"

Sua expressão se torna sombria.

"Você é jovem," ele fala irritado, "ingênua. Você não entende como o mundo funciona. Você olha para esta luta - e não considera o reino. Se eu lutar por você, se os meus homens lutarem por você,

podemos ganhar uma batalha. Mas eles vão voltar, não com uma centena de homens, ou mil, ou dez mil - mas com um mar de homens. Se eu lutar por você, estarei condenando todo o meu povo à morte."

Suas palavras cortam o coração dela como uma faca, deixando Kyra tremendo por dentro, não apenas pelas palavras, mas pelo desespero atrás delas. Uma parte dela quer sair dali, nauseada, decepcionada com aquele homem que ela um dia ela havia idolatrado. Ela sente vontade de chorar por dentro pela sensação de traição.

Ela se levanta, trêmula, e se dirige a ele.

"Você," ela dispara, "você, o maior lutador da nossa terra - com medo de proteger a honra de sua própria filha?"

Ela vê seu rosto corar, humilhado.

"Cuidado com o que diz," ele alerta ameaçadoramente.

Mas Kyra não pretende recuar.

"Eu te odeio!" Ela grita.

Agora é a vez dele de ficar em pé.

"Você quer que todos os nossos homens morram?" Ele grita de volta. "Tudo pela sua honra?"

Kyra não se contém. Pela primeira vez em muito tempo, ela explode em lágrimas, profundamente ferida pela falta de preocupação de seu pai em relação ao seu bem estar.

Ele se aproxima para consolá-la, mas ela abaixa a cabeça e se afasta, chorando. Então ela rapidamente se controla e se vira, enxugando suas lágrimas enquanto olha para o fogo com os olhos marejados.

"Kyra", ele diz suavemente.

Ela olha para ele e vê que seus olhos também estão lacrimejando.

"É claro que eu lutaria por você," ele declara. "Eu lutaria por você até meu coração parar de bater. Eu, e todos os meus homens, morreríamos por você. Na guerra que se seguiria, você também morreria. É isso que você quer?"

"E a minha escravidão?" Ela rebate. "É isso que você quer?"

Kyra sabe que está sendo egoísta, que está se colocando em primeiro lugar, o que não é a sua natureza. É claro que ela não permitiria que todo seu povo morresse em seu nome. Mas ela gostaria de ouvir seu pai dizer as palavras: Eu vou lutar por você. Quaisquer que sejam as consequências. Você vem em primeiro lugar. Você importa mais.

Mas ele permanece em silêncio, e seu silêncio a magoa mais do que qualquer coisa.

"Eu vou lutar por você!" diz uma voz.

Kyra se vira, surpresa ao ver Aidan entrar no quarto segurando uma pequena lança, tentando parecer valente.

"O que você está fazendo aqui?" Seu pai retruca. "Eu estou falando com sua irmã."

"E eu ouvi tudo!" Aidan afirma, marchando para dentro do quarto, enquanto Leo corre até ele para lambê-lo.

Kyra não consegue deixar de sorrir. Aidan e ela compartilham o mesmo traço de rebeldia, mesmo que ele seja muito jovem e muito pequeno para que sua vontade corresponda a sua força.

"Vou lutar pela minha irmã!" continua ele. "Mesmo contra todos os trolls de Marda!"

Ela se aproxima dele o abraça, beijando sua testa.

Ela, então, enxuga suas lágrimas e olha para seu pai com um olhar sombrio. Ela precisa de uma resposta; ela precisa ouvir a verdade da boca dele.

"Eu não sou mais importante para você do que seus homens?" Ela pergunta para ele.

Ele olha para ela com os olhos cheios de dor.

"Você é mais importante para mim do que o mundo," ele responde. "Mas eu não sou apenas um pai - eu sou um comandante. Meus homens são minha responsabilidade também. Você não consegue entender isso? "

Ela franze a testa.

"E onde fica o limite disso, papai? Quando, exatamente, seu povo passa a importar mais do que a sua família? Se o rapto de sua única filha não é esse limite, então o que será? Estou certa de que, se fosse um de seus filhos, você iria para a guerra. "

Ele faz uma careta.

"Não é nada disso," ele retruca.

"E não é?" Ela responde determinada. "Porque é que a vida de um menino vale mais do que a de uma menina?"

Seu pai se irrita, ofegante, e solta seu colete, mais agitado do que ela já o tinha visto.

"Não há outra saída," ele finalmente diz.

Ela olha para trás, intrigada.

"Amanhã," ele diz lentamente, sua voz assumindo um tom de autoridade, como se estivesse falando com seus vereadores, "você deve escolher um garoto. Qualquer menino que você goste entre o nosso povo. Você deve se casar antes do entardecer. Quando os homens do Governador chegarem, você vai se casar. Intocável. Você ficará em segurança, aqui conosco."

Kyra olha para ele, horrorizada.

"Você realmente espera que eu me case com um rapaz estranho?" ela pergunta. "Que eu

simplesmente escolha uma pessoa, assim? Alguém que eu não ame?"

"Você vai!" seu pai grita, seu rosto vermelho, igualmente determinado. "Se sua mãe estivesse viva, ela providenciaria isso, ela teria lidado com isso há muito tempo, antes que chegássemos a este ponto. Mas

ela não está. Você não é um guerreiro, você é uma garota, garotas se casam. E isso é o fim da

discussão. Se você não tiver escolhido um marido no final do dia, eu escolherei um para você e o

assunto está encerrado!"

Kyra continua olhando para seu pai, revoltada, enfurecida, mas acima de tudo, decepcionada.

"Então é assim que o grande comandante Duncan vence suas batalhas?" Ela pergunta, querendo

magoá-lo. "Encontrando brechas na lei para se esconder de seus agressores?"

Kyra não espera por uma resposta, dando-lhe as costas e saindo do quarto com Leo em seus

calcanhares, batendo a porta de carvalho atrás dela ao sair.

"KYRA!" seu pai grita, mas a batida da porta abafa sua voz.

Kyra anda pelo corredor, sentindo todo o seu mundo se desmoronando, como se ela já não estivesse

caminhando em terreno firme. Ela percebe, a cada passo, que não poderia mais ficar ali, pois sua

presença colocaria todos eles em risco. E isso é algo que não pode permitir.

Kyra não consegue entender as palavras de seu pai. Ela nunca, jamais se casaria com alguém que ela

não ama. Ela nunca desistiria ou concordaria em viver uma vida doméstica como todas as outras

mulheres. Ela prefere morrer a ter que fazer isso. Será que ele não sabe disso? Será que ele não conhece sua própria filha?

Kyra para em seu quarto, calça suas botas de inverno e veste suas peles mais quentes; então ela pega

seu arco e cajado e continua andando.

"KYRA!" A voz irada de seu pai ecoa de algum lugar no corredor.

Ela não quer lhe dar a chance de alcançá-la. Ela continua sua caminhada, atravessando corredor após

corredor, determinada a nunca mais voltar a ver Volis. O que quer que a espere lá fora, no mundo real,

ela pretende enfrentá-lo de frente. Ela pode morrer, e sabe disso, mas, pelo menos, essa

seria sua escolha. Pelo menos ela não viveria de acordo com os planos de outra pessoa.

Kyra chegou às portas principais do forte, acompanhada por Leo, e os servos, parados embaixo das tochas quase extintas, olham para ela intrigados.

"Minha senhora," um deles fala. "É tarde. A tempestade está se intensificando. "

Mas Kyra continua ali, determinada, até que eles finalmente percebem que ela não pretende desistir. Eles trocam um olhar inseguro, e então estendem os braços e lentamente abrem a porta pesada.

Assim que eles abrem a porta, um vento gélido assopra o rosto de Kyra, trazendo com ele flocos de neve. Ela se cobre ainda mais com as peles ao olhar para o chão e ver que a neve se acumula até a altura de suas canelas.

Kyra sai, sabendo que é inseguro viajar à noite, com os bosques cheios de criaturas, criminosos experientes, e às vezes trolls. Especialmente naquela noite, a Lua de Inverno, a única noite do ano em que todos deviam ficar dentro de casa e barrar as portas a noite, uma noite em que os mortos atravessam para este mundo e tudo pode acontecer. Kyra olha para cima e vê a grande lua cor de sangue pendurada no horizonte, como se estivesse chamando por ela.

Kyra respira fundo e dá o primeiro passo, sem olhar para trás, pronta para enfrentar qualquer coisa que a noite quisesse lhe oferecer.

CAPÍTULO OITO

Alec se senta na forja de seu pai com a grande bigorna de ferro diante dele, bem marcada após tantos anos de uso, ergue o martelo e bate no aço brilhante e quente de uma espada recém-retirada das chamas. Ele transpira, frustrado, enquanto ele tenta forjar sua fúria. Tendo acabado de chegar ao seu décimo sexto aniversário, mais baixo do que a maioria dos garotos de sua idade porém mais forte do que eles, com ombros largos, músculos já emergentes, e cabelos fartos, pretos e ondulados, que caem diante de seus olhos, Alec não é de desistir facilmente. Sua vida tinha sido dura - forjada como aquele ferro, e ao se sentar ao lado das chamas, tirando o cabelo da frente de seus olhos continuamente com as costas da mão, ele medita, contemplando a notícia que tinha acabado de receber. Ele nunca tinha sentido tamanha sensação de desespero. Ele bate o martelo repetidas vezes, e à medida que o suor escorre pelo seu rosto e pinga na espada, ele gostaria de martelar todos os seus problemas até que eles desapareçam.

Durante toda sua vida, Alec tinha sido capaz de controlar as coisas, fazendo o que fosse necessário para fazer as coisas certas. Mas agora, pela primeira vez em sua vida, ele teria que sentar e assistir a injustiça chegar à sua cidade, afetando sua família, e não há nada que ele possa fazer quanto a isso.

Alec martela sem parar, o barulho de metal penetra seus ouvidos e seu suor irrita seus olhos, mas ele não se importa. Ele gostaria de martelar o aço até que nada mais restasse e, enquanto ele martela, não pensa na espada, mas sim em Pandésia. Ele mataria todos eles se ele pudesse, todos os invasores que estão vindo para levar seu irmão embora. Alec martela a espada, imaginando que é a cabeça deles, desejando que poder pegar o destino pelas mãos e moldá-lo de acordo com a sua vontade, querendo ser forte o suficiente para enfrentar Pandésia ele mesmo.

Aquele dia, dia da Lua de Inverno, é o seu dia mais odiado, o dia em que Pandésia vasculha todas as aldeias em toda Escalon para recrutar todos os meninos elegíveis que atingiram o seu décimo oitavo aniversário para prestar serviço nas Chamas. Alec, dois anos mais novo, ainda está a salvo. Mas seu irmão, Ashton, tendo completado dezoito durante a última colheita, não está. Por que Ashton, de todas as pessoas? Ele se pergunta. Ashton é o seu herói. Apesar de ter nascido com um pé torto, Ashton sempre tem um sorriso no rosto, está sempre alegre - mais alegre do que Alec - e está sempre disposto a aproveitar o melhor que vida tem para lhe oferecer. Ele é o oposto de Alec, que sente tudo profundamente, que está sempre em meio a uma tempestade de emoções. Não importa o quanto ele se esforce para ser feliz como seu irmão, Alec não consegue controlar suas emoções, e muitas vezes se vê emburrado. Ele sempre ouve que ele leva a vida muito a sério, e que deveria se animar; mas, para ele, a vida é algo sério, e ele simplesmente não sabe como mudar.

Ashton, por outro lado, é calmo, equilibrado e feliz, apesar de sua posição na vida. Ele também é um bom ferreiro, - como seu pai -, e agora está mantendo sozinho toda a família, especialmente desde a doença de seu pai. Se Ashton fosse levado, sua família ficaria na mais completa pobreza. Pior, Alec ficaria arrasado, pois ele tinha ouvido algumas histórias, e sabe que a vida como um recruta significaria a morte de seu irmão. Com o pé de Ashton, seria cruel e injusto se Pandésia decidisse levá-lo. Mas Pandésia não é famosa por sua compaixão e Alec tem a sensação de que hoje poderia ser o último dia

que seu irmão dormiria em casa.

Eles não são uma família rica e não vivem em uma vila rica. Sua casa é bastante simples, uma pequena casa térrea com uma forja ao lado, nos arredores de Soli, um dia de viagem ao norte da capital e um dia de viagem ao sul da Floresta Branca. É uma vila tranquila longe do litoral, em um campo aberto longe da maioria das coisas - um lugar que a maioria das pessoas avista a caminho de Andros. Sua família tem apenas o pão suficiente para viver dia após dia, nem mais, nem menos, e isso é tudo o que desejam. Eles usam suas habilidades para levar ferro até o mercado, e isso é o suficiente para tudo o que eles precisam.

Alec não espera muito da vida - mas ele anseia por justiça. Ele estremece com a ideia de ver seu irmão ser levado para servir Pandésia. Ele tinha ouvido muitos contos de como é ser recrutado para servir de guarda nas Chamas que ardem dia e noite, tornando-se um Guardião. Os escravos Pandesianos que trabalham nas Chamas, Alec tinha ouvido, são homens duros, escravos vindos de todo o mundo, pessoas recrutadas, criminosos e os piores soldados Pandesianos. A maioria daqueles homens não são guerreiros nobres de Escalon, ou os nobres Guardiões de Vólis. O maior perigo das Chamas, Alec tinha ouvido falar, não são os trolls, mas seus companheiros Guardiões. Ashton, ele sabe, não seria capaz de proteger a si mesmo; ele é um bom ferreiro, mas não é um lutador.

"ALEC!"

O tom estridente de sua mãe corta o ar, superando até mesmo o som de suas marteladas.

Alec solta o martelo, respirando com dificuldade, sem perceber o quanto ele tinha se irritado, e enxuga a testa com as costas da mão. Ele olha para cima e vê sua mãe enfiando a cabeça pela porta com uma expressão de desaprovação.

"Eu já estou chamando há dez minutos!" Ela diz asperamente. "O jantar já está pronto! Nós não temos muito tempo antes que eles cheguem. Estamos todos esperando por você. Venha logo de uma vez!"

Alec sai de seu devaneio, descansando seu martelo, e se levanta relutantemente, atravessando a oficina apertada. Ele já não pode adiar o inevitável.

Ele entra em sua casa pela porta aberta, sob o olhar de desaprovação de sua mãe, e para olhando

para a mesa de jantar com tudo que eles têm de melhor, o que não é muito. É um pedaço de madeira simples com quatro cadeiras de madeira, e um cálice de prata está colocado no seu centro, a única coisa de valor que a família possui.

Sentados ao redor da mesa, olhando para ele e esperando, estão seu irmão e seu pai, com tigelas de ensopado diante deles.

Ashton é alto e magro, moreno, enquanto seu pai, sentado ao lado dele, é um homem grande, duas vezes maior que Alec, com uma barriga protuberante, testa pequena e sobrancelhas grossas, assim como as mãos calejadas de um ferreiro. Os dois se parecem - e nenhum deles se assemelha a Alec, que com seus cabelos ondulados rebeldes e olhos verdes, se parece mais com sua mãe.

Ashton olha para eles e imediatamente nota o medo no rosto de seu irmão, a ansiedade em seu pai, ambos aparentando estar um velório. Ele sente um vazio no estômago ao entrar ali. Cada um tem um prato de guisado diante de si, e quando Alec se senta em frente ao seu irmão, sua mãe coloca uma tigela para ele e, em seguida, se senta diante da sua.

Mesmo sendo tarde para jantar, e sabendo que a essa hora ele geralmente estava morrendo de fome, Alec mal consegue sentir o cheiro da comida, sentindo-se nauseado.

"Eu não estou com fome," ele sussurra, quebrando o silêncio.

Sua mãe lança um olhar penetrante na direção dele.

"Eu não me importo," ela retruca. "Você vai comer toda essa comida. Esta pode muito bem ser a nossa última refeição juntos, como uma família - por favor, não desrespeite seu irmão."

Alec olha para sua mãe, uma mulher de aparência simples de uns cinquenta anos, com o rosto enrugado por uma vida de dificuldades, e ele vê a determinação em seus olhos verdes piscando para ele, o mesmo olhar determinado que ele mesmo possui.

"Então vamos apenas fingir que nada está acontecendo?" ele pergunta.

"Ele é o nosso filho, também," ela retruca. "Você não é o único aqui."

Alec olha para seu pai, sentindo uma sensação de desespero.

"Você vai deixar que isso aconteça, pai?" Pergunta Alec.

Seu pai franze a testa, mas permanece em silêncio.

"Você está arruinando uma bela refeição," afirma sua mãe.

Seu pai levanta a mão, e ela se cala. Ele se vira para Alec e o encara.

"O que você quer que eu faça?" Ele pergunta, sua voz grave.

"Nós temos armas!" Alec insiste, esperando uma pergunta como aquela. "Temos aço! Nós somos um dos poucos com esses recursos! Podemos matar qualquer soldado que chegar perto dele! Eles nunca vão esperar por isso!"

Seu pai sacode a cabeça em desaprovação.

"Esses são os devaneios de um jovem," ele diz. "Você, que nunca matou um homem em sua vida. Suponhamos que você mate o soldado que agarrar Ashton - e o que fazer com os duzentos soldados atrás dele?"

"Vamos esconder Ashton, então!" Alec insiste.

Seu pai balança a cabeça.

"Eles têm uma lista de todos os meninos nesta vila. Eles sabem que ele está aqui. Se não entregá-lo, eles matarão todos nós." Ele suspira irritado. "Você não acha que eu não tenha pensado nisso, rapaz? Você acha que você é a única pessoa que se importa? Você acha que eu quero que o meu único filho seja levado embora?"

Alec faz uma pausa, intrigado com as palavras dele.

"O que quer dizer com seu *único* filho?" ele pergunta.

Seu pai enrubesce.

"Eu não disse que *única* - eu disse *o mais velho*."

"Não, você disse *único*," insiste Alec, pensando.

Seu pai fica vermelho e levanta a sua voz.

"Pare de se prender aos detalhes!" Ele grita. "Não em um momento como este. Eu disse *mais velho* e é isso que eu quis dizer e isso é o fim da conversa! Eu não quero que meu filho seja levado, tanto quanto você não quer que seu irmão se vá!"

"Alec, relaxe," fala uma voz compassiva, o único calmo no lugar.

Alec olha para o outro lado da mesa e vê Ashton sorrindo para ele, controlado e bem disposto como sempre.

"Vai ficar tudo bem, meu irmão," declara Ashton. "Vou cumprir com o meu dever e vou voltar."

"Voltar?" Alec repete. "Eles ficam com os Guardiões por sete anos."

Ashton sorri.

"Então eu o verei de novo em sete anos," responde ele, sorrindo abertamente. "Eu suspeito que você deva estar mais alto do que eu até lá."

Esse é Ashton, sempre tentando fazer Alec se sentir melhor, sempre pensando nos outros, mesmo em um momento como aquele.

Alec sente seu coração se partindo dentro dele.

"Ashton, você não pode ir," ele insiste. "Você não vai sobreviver às Chamas."

"Eu-" Ashton começa.

Mas suas palavras são interrompidas por um grande tumulto do lado de fora. Eles ouvem o som de cavalos chegando na aldeia e de homens gritando. Toda a família se entreolha, com medo. Eles permanecem sentados ali, paralisados, enquanto pessoas começam a correr para um lado e para o outro do lado de fora da janela. Alec já consegue ver todos os meninos e famílias fazendo fila do lado de fora.

"Não faz sentido adiarmos o inevitável," diz seu pai, ficando em pé e colocando as mãos sobre a mesa, sua voz quebrando o silêncio. "Nós não devemos sofrer a indignidade de termos nossa casa invadida por eles para que o arrastem para fora. Devemos fazer fila do lado de fora com os outros, com orgulho, e rezaremos para que quando eles virem o pé de Ashton, façam a coisa certa e deixem que ele fique."

Alec se levanta relutantemente da mesa quando os outros se dirigem para fora da casa.

Quando ele sai na noite fria, Alec se depara com uma cena: há um tumulto na sua aldeia como nunca antes. As ruas estão iluminadas com tochas, e todos os meninos com mais de dezoito estão alinhados, cercados por todas as suas famílias, que observam tudo, nervosos.. Nuvens de poeira enchem as ruas à medida que uma caravana de Pandesianos entra na cidade, dezenas de soldados vestidos com armadura escarlate de Pandésia, montando carruagens dirigidos por grandes garanhões. Atrás deles, são rebocadas

carroças feitas com barras de ferro, que sacodem na estrada esburacada.

Alec examina as carroças e vê que elas estão cheias de meninos de todo o reino, olhando para fora com rostos assustados e endurecidos. Ele engole em seco ao ver aquilo, imaginando o que espera pelo seu irmão.

Todos eles param no meio da aldeia, e um silêncio tenso toma conta do lugar, enquanto todos esperam, prendendo a respiração.

O comandante dos soldados Pandesianos salta de sua carruagem, um homem alto sem qualquer sinal de bondade em seus olhos negros e uma longa cicatriz atravessando uma sobrancelha. Ele caminha lentamente, examinando as fileiras de meninos, a cidade tão silenciosa que é possível ouvir suas esporas tilintando enquanto ele anda.

O soldado olha para cada menino, levantando o queixo e olhando-os nos olhos, cutucando seus ombros, dando um pequeno empurrão em cada um deles para testar seu equilíbrio. Ele balança a cabeça enquanto avança e, quando ele faz isso, seus soldados rapidamente pegam os meninos e os arrastam para a carroça. Alguns meninos vão em silêncio; mas alguns protestam, e estes são rapidamente calados com pauladas e jogados dentro da carroça com os outros. Às vezes uma mãe chora ou um pai grita, mas nada consegue parar os Pandesianos.

O comandante continua, esvaziando a aldeia de seus ativos mais valiosos, até que finalmente ele para diante de Ashton, no final da linha.

"Meu filho é manco," sua mãe rapidamente grita, implorando desesperadamente. "Ele seria inútil para vocês."

O soldado olha Ashton de cima para baixo, e para ao olhar seu pé.

"Erga suas calças," ele ordena, "e tire sua bota."

Ashton obedece, apoiando-se em Alec para conseguir se equilibrar, e quando Alec o observa, ele conhece seu irmão bem o suficiente para saber que se sente humilhado; o pé sempre tinha sido uma fonte de vergonha para ele, menor que o outro, torcido e mutilado, forçando-o a mancar enquanto caminha.

"Ele também trabalha para mim na forja," o pai de Alec entra na conversa. "Ele é a nossa única fonte de renda. Se você levá-lo, a nossa família ficará sem nada. Nós não seremos capazes de sobreviver."

O comandante termina de analisar o pé dele e faz um gesto para Ashton colocar a bota novamente. Ele então se vira e olha para seu pai, seus olhos negros frios e firmes.

"Você vive em nossa terra agora," ele diz, sua voz dura como cascalho, "e seu filho é nossa propriedade para fazermos o que quisermos. Levem-no!" O comandante ordena e os soldados correm até Ashton.

"NÃO!" A mãe de Alec grita de dor. "O MEU FILHO NÃO!"

Ela corre e abraça Ashton, agarrando-se a ele, e um soldado Pandesiano se aproxima e dá uma bofetada no rosto dela.

O pai de Alec agarra o braço do soldado e, assim que ele faz isso, vários soldados o atacam, derrubando-o no chão.

Alec fica ali, observando os soldados arrastarem Ashton embora, até que não consegue mais aguentar. A injustiça de tudo aquilo o dilacera - ele sabe que não seria capaz de conviver com aquilo pelo resto de seus dias. A imagem de seu irmão sendo arrastado ficaria impresso em sua mente para sempre.

Algo dentro dele explode.

"Levem-me no lugar dele!" Alec se vê gritando, involuntariamente correndo e ficando entre Alec e os soldados.

Todos param e olham para ele, claramente surpresos.

"Somos irmãos de uma mesma família!" continua Alec. "A lei diz para levar um menino de cada família. Deixem que eu seja esse garoto!"

O comandante se aproxima e olha para ele com cautela.

"E quantos anos você tem, rapaz?" ele pergunta.

"Eu já completei dezesseis anos!" Alec declara com orgulho.

Os soldados riem, enquanto seu comandante parece zombar dele.

"Você é muito jovem para ser recrutado," conclui ele, dispensando-o.

Mas quando ele se vira, Alec corre para a frente, recusando-se a ser rejeitado.

"Eu sou um soldado melhor do que ele!" Alec insiste. "Eu posso jogar uma lança mais longe e cortar mais profundo com uma espada. Minha mira é mais apurada, e eu sou mais forte do que meninos com o dobro da minha idade. *Por favor,*" ele suplica. "Dê-me uma chance."

Quando o comandante olha para trás, Alec, apesar de fingir estar confiante, é tomado pelo medo. Ele sabe que tinha assumido um grande risco: ele poderia facilmente ser preso ou morto por aquilo.

O comandante olha para ele pelo que parece uma eternidade, toda a aldeia permanece em silêncio até que, finalmente, ele acena de volta para seus homens.

"Deixem o aleijado," ele ordena. "Vamos levar o garoto."

Os soldados empurram Ashton, estendem a mão e agarram Alec, e dentro de instantes, Alec se vê sendo arrastado. Tudo acontece muito rápido, é surreal.

"NÃO!", Grita a mãe de Alec.

Ele a vê chorando enquanto continua sendo arrastado, e então é jogado dentro da carroça de ferro cheia de meninos.

"Não!" Ashton grita. "Deixem meu irmão em paz! Levem-me!"

Mas não há mais tempo. Alec é empurrado para dentro da carroça, tomada pelo cheiro dos corpos dos garotos e pelo cheiro do medo, tropeçando em outros garotos que o empurram rudemente, e a porta de ferro é fechada atrás dele, ecoando. Alec sente uma grande sensação de alívio por ter salvado a vida de seu irmão, ainda maior do que o medo. Ele havia dado sua vida pela de seu irmão - e o que acontecesse em seguida importaria pouco comparado a isso.

Ao se sentar no chão encostado nas barras de ferro, com o carro já em movimento abaixo dele, ele sabe que provavelmente não sobreviveria. Ele encontrou os olhos irritados dos outros meninos, analisando-o na escuridão, e enquanto avançam pela estrada, Alec sabe que na viagem que os aguarda, haveria um milhão de maneiras de morrer. Ele se pergunta qual seria a dele. Chamuscado pelas Chamas? Esfaqueado por um dos garotos? Comido por um troll?

Ou será que a coisa menos provável de todas acontecerá: será que ele de alguma forma, contra todas as probabilidades, seria capaz de sobreviver?

CAPÍTULO NOVE

Kyra caminha pela neve ofuscante, acompanhada por Leo, a sensação do corpo dele encostado ao seu a única coisa que a mantém são em mar de branco. A neve bate em seu rosto, e ela não consegue enxergar além de alguns metros, a única luz a da lua cor de sangue, brilhando assustadoramente contra as nuvens quando elas não a encobrem completamente. O frio gela seu corpo até os ossos e, apenas a algumas horas de casa, ela já sente falta do calor do forte de seu pai. Ela se imagina sentada ao lado da lareira naquele instante, em uma pilha de peles, bebendo chocolate quente, perdida em algum livro.

Kyra força esses pensamentos para fora de sua mente e redobra seus esforços, determinada. Ela se afastaria da vida que seu pai havia reservado para ela, custe o que custasse. Ela não seria forçada a se casar com um homem que ela não conhece ou ama, especialmente para apaziguar Pandésia. Ela não seria condenada a uma vida sentada diante de uma lareira, não seria forçada a desistir de seus sonhos. Ela preferia morrer ali fora no frio e na neve do que viver uma vida que outras pessoas tinham planejado para ela.

Kyra continua avançando, caminhando com neve até os joelhos, perdendo-se na noite escura, com o pior clima que ela já tinha visto. É inacreditável. Ela sente uma energia especial no ar naquela noite em que as pessoas acreditavam que os mortos poderiam compartilhar a Terra com os vivos, quando todos temem deixar suas casas, quando os aldeões colocam barras em janelas e portas, mesmo com a melhor das condições meteorológicas. O ar está pesado, e não só com a neve: ela pode sentir os espíritos ao seu redor. É como se eles a estivessem observando enquanto ela caminha de encontro ao seu destino - ou à sua morte.

Kyra atinge o topo de uma colina e um tem um vislumbre do horizonte; pela primeira vez nesta jornada, ela se enche de esperança. Lá, ao longe, iluminando o céu, apesar da tempestade, estão as Chamas, o único farol em um mundo tomado pela neve. Naquela noite escura ele a atrai como um ímã, aquele lugar que ela havia imaginado durante toda a sua vida e que seu pai a tinha proibido estritamente de conhecer. Ela fica surpresa ao perceber que tinha caminhado até ali, e se pergunta se estava inconscientemente marchando naquela direção desde que havia começado sua jornada.

Kyra para, ofegante, e absorve a paisagem. As Chamas. A grande muralha de fogo que se estende por cinquenta milhas ao longo da fronteira oriental de Escalon, a única coisa bloqueando seu país das vastas terras de Marda, o reino dos trolls. O lugar onde seu pai e seu avô antes dele tinham servido obedientemente, protegendo sua terra natal, onde todos os homens de seu pai, todos os Guardiões, cumpriam o seu dever em rotação.

Elas são maiores, mais brilhantes, do que ela tinha imaginado - mais do que todos os homens costumavam contar - e ela se pergunta que força mágica as mantinham acesas, como elas poderiam queimar todo o dia e noite, sem nunca se apagarem. Vê-las em pessoa lhe dá mais perguntas do que respostas.

Kyra sabe que milhares de homens estão estacionados ao longo das Chamas, todos os tipos de homens, profissionais de Vólis, mas também Pandesianos, escravos, recrutas e criminosos. Todos eles, tecnicamente, são Guardiões, embora nenhum deles tenha a mesma habilidade dos homens de seu pai, que guardavam as Chamas há muitas gerações. Do outro lado se escondem milhares de trolls, desesperados para atravessá-las. Aquele é um lugar perigoso. Um lugar místico. Um lugar para os desesperados, os corajosos, e os destemidos.

Kyra precisa vê-las de perto. Se nada mais, ela precisa se orientar naquela tempestade, aquecer suas mãos, e decidir para onde ir.

Kyra desce a encosta pela neve, usando seu cajado para se apoiar, seguida por Leo e , marchando para as Chamas. Embora ela esteja a menos de um quilômetro de distância, ela tem a sensação de ser dez, e o que deveria ser uma caminhada de dez minutos, leva mais de uma hora quando a neve piora, e o frio se intensifica. Ela olha para trás, para Vólis, mas o forte se perdeu há muito tempo, escondido pela paisagem completamente branca. De qualquer forma, ela está com frio demais para fazer a viagem de volta.

Com as pernas trêmulas de frio, os dedos dos pés cada vez mais congelados e sua mão presa ao cajado, Kyra tropeça ao descer a colina e sente uma súbita explosão de calor quando as Chamas surgem diante dela. A visão tira seu fôlego. Quase a cem de metros de distância, a luz é tão brilhante que ilumina a noite, fazendo parecer dia, e as Chamas são tão altas que, ao olhar para cima, Kyra não consegue ver

onde elas terminam. O calor é tão forte que a aquece mesmo naquela distância, e seu corpo lentamente volta à vida quando ela volta a sentir suas mãos e pés. O barulho do fogo é intenso, e abafa o uivo do vento.

Hipnotizado, Kyra chega mais perto, sentindo cada vez mais calor, como se estivesse andando em direção à superfície do sol. Ela sente seu corpo descongelar quando ela se aproxima, voltando a sentir os dedos dos pés e das mãos novamente, que formigam à medida que retomam a sensação. É como estar diante de uma enorme lareira, e ela sente as Chamas trazendo ela de volta à vida. Ela fica em pé diante delas, hipnotizada, como uma mariposa diante da luz, olhando para aquela maravilha do mundo, a maior maravilha de sua terra, a única coisa que os mantém seguros - e a única coisa que ninguém compreendia. Nem os historiadores, ou os reis, e nem mesmo os feiticeiros. Quando ela tinha começado? O que a mantinha acesa? Quando elas seriam extintas?

Dizia-se que os Guardiões sabiam as respostas. Mas eles, é claro, nunca as revelavam. A lenda dizia que a Espada de Fogo, muito bem guardada em uma das duas torres - ninguém sabia qual delas - é o que mantinha as Chamas vivas. As Torres, guardadas por um grupo de homens cultos, os Vigilantes, uma antiga ordem, parte homem e parte outra coisa, ficam muito bem escondidas e protegidas em lados opostos de Escalon, uma na costa ocidental, em Ur, e a outra a sudeste de Kos. Os Vigilantes também têm o apoio dos melhores cavaleiros que o reino tinha para oferecer, tudo com a intenção de manter a Espada de Fogo escondida e as Chamas vivas.

Seu pai havia lhe contado que mais de um troll, tendo ultrapassado as Chamas, havia tentado encontrar as torres para roubar a espada - mas nenhum deles havia conseguido. Os Vigilantes são muito bons no que fazem. Afinal, mesmo Pandésia, com toda a sua força, não se atreveria a tentar ocupar as Torres, não ousaria arriscar irritar os Vigilantes e apagar as Chamas.

Kyra detecta um movimento, e avista ao longe alguns soldados em patrulha, carregando tochas durante a noite, andando ao longo das Chamas com espadas em seus quadris. Eles estão espalhados a cada cinquenta metros mais ou menos, com um vasto território para cobrir. Seu coração bate mais rápido enquanto ela os observa. Ela realmente havia conseguido.

Kyra está se sentindo viva, e sabe que qualquer coisa pode acontecer agora. Ela sabe que, a qualquer momento, um troll poderia atravessar as Chamas. Naturalmente, o fogo mata a maioria deles, mas alguns, usando escudos, conseguem atravessar vivos, pelo menos o suficiente para matar tantos soldados quanto conseguem. Às vezes, um troll sobrevivia a passagem e percorria as florestas e aldeias aterrorizando a todos. Ela se lembra de uma vez, quando um dos homens de seu pai havia levado de volta a cabeça de um troll; aquela é uma visão que ela jamais esqueceria.

Ao olhar para as misteriosas Chamas, Kyra se pergunta sobre o seu destino, tão longe de casa. O que seria dela agora?

"Ei, o que você está fazendo aqui?" Grita uma voz.

Um soldado, um dos homens de seu pai, a vê, e começa a caminhar em sua direção.

Kyra não quer um confronto. Ela está aquecida de novo, seu espírito restaurado, e sabe que é hora de seguir em frente.

Ela assobia para Leo, e os dois se viram e voltam para a tempestade, dirigindo-se para a floresta distante. Ela não sabe aonde ir, mas inspirada pelas chamas, ela sabe que seu destino está lá fora em algum lugar, mesmo que ela ainda não possa vê-lo.

*

Kyra viaja durante a noite, gelada até aos ossos, grata pela presença de Leo e se perguntando por quanto tempo mais ela seria capaz de continuar. Ela procura por abrigo em todos os lugares, por uma proteção contra o vento cortante e a neve e, apesar dos riscos, ela se vê caminhando em direção à Floresta de Espinhos, o único lugar à vista. As Chamas já ficaram muito atrás dela, seu brilho não é mais visível no horizonte, e a lua cor de sangue há muito tempo foi engolida pelas nuvens, deixando Kyra na escuridão total. Os dedos de suas mãos e pés estão dormentes de novo, e sua situação parece se agravar a cada minuto. Ela começa a se perguntar se teria sido tola ao abandonar o forte, e se seu pai, que estava disposto a fazer com que ela se casasse à força, sentiria sua falta.

Kyra sente uma nova explosão de raiva, enquanto ela continua em meio à neve, marchando sem ter certeza para onde, mas determinada a fugir da vida que tinham planejado por ela. Quando outro

vendaval passa por ela e Leo choraminga, Kyra olha para cima e fica surpresa ao ver que havia conseguido: diante dela está a Floresta de Espinhos.

Kyra faz uma pausa, sentindo-se apreensiva, sabendo como ela é perigosa - mesmo durante o dia, e mesmo em um grupo. Entrar ali sozinha à noite, - e durante a Lua de Inverno, quando os espíritos estão à solta - seria imprudente. Qualquer coisa, ela sabe, poderia acontecer.

Mas quando outro vendaval assopra, mandando neve para o seu pescoço, e congelando até seus ossos, Kyra toma coragem e passa pela primeira árvore, seus galhos pesados de neve, e entra na floresta. Assim que ela entra na floresta, Kyra imediatamente se sente aliviada. Os galhos das árvores a protegem do vento, e tudo é mais calmo ali. A forte nevasca é mais fraca na floresta, sua queda amortecidas pelos grandes galhos, e pela primeira vez desde sua partida, Kyra consegue ver novamente. Ela até mesmo já se sente mais aquecida.

Kyra aproveita a oportunidade para tirar a neve de seus braços, ombros e cabelos, enquanto Leo também se sacode, mandando neve para todos os lados. Ela enfia a mão em seu saco e tira um pedaço de carne seca para ele, que come ansiosamente enquanto ela acaricia a sua cabeça.

"Não se preocupe, eu vou encontrar um abrigo, amigo," ela fala.

Kyra entra mais profundamente na floresta, à procura de algum abrigo onde pudesse passar a noite para esperar a tempestade passar, acordar em um novo dia, e continuar a sua caminhada na parte da manhã. Ela procura uma pedra ou o tronco de uma árvore onde possa se encostar, ou de preferência uma caverna - qualquer coisa- mas ela não encontra nada.

Kyra caminha mais um pouco, com neve até os joelhos, roçando galhos de árvores cobertos pela neve na densa floresta; enquanto avança, ela ouve o som de animais estranhos ao seu redor. Ela ouve um ronronar profundo ao lado dela e se vira rapidamente, procurando em meio aos galhos - mas está escuro demais para enxergar qualquer coisa. Kyra se apressa, sem querer saber que animais podem estar à espreita ali, e sem disposição para um confronto. Ela segura seu arco com força, sem saber se conseguiria usá-lo, considerando que suas mãos estão congeladas.

Kyra sobe um declive suave e ao chegar ao topo, ela olha para a paisagem, tendo uma visão da área

abaixo dela quando a lua brilha momentaneamente através de uma abertura nas árvores. Lá embaixo, diante dela, há um lago brilhando, com águas azul-gelo transparentes que ela reconhece imediatamente: o Lago dos Sonhos. Seu pai a tinha trazido até ali uma vez, quando ela era uma criança, e eles tinham acendido uma vela e a colocado sobre uma vitória régia, em homenagem a sua mãe. Havia rumores de que o lago era um lugar sagrado, um grande espelho que permitia que as pessoas vissem a vida passada e futura. O lago é um lugar místico, um lugar que ninguém visitava sem uma boa razão, um lugar onde os desejos sinceros não seriam ignorados.

Kyra caminha até o lago, sentindo-se atraída por ele. Ela tropeça ao descer a colina íngreme, usando seu cajado para se firmar, contornado as árvores, escorregando e firmando-se novamente até chegar a sua encosta. Curiosamente, a área ao redor do lago, feita de uma areia branca e fina, está livre de neve. É uma visão mágica.

Kyra se ajoelha na beira do lago, tremendo de frio, e olha para baixo. À luz da lua, ela vê seu reflexo, seu cabelo loiro caindo em seu rosto, seus olhos cinza claros, suas maçãs do rosto salientes, suas feições delicadas, nada parecidas com as de seu pai ou irmãos, olhando para ela. Em seus olhos, ela se surpreende ao ver um olhar desafiador, os olhos de um guerreiro.

Quando ela vê seu reflexo, ela se lembra das palavras do pai há tantos anos: *uma oração sincera no Lago dos Sonhos não pode ser recusada.*

Kyra, em uma encruzilhada em sua vida como nunca antes, precisa de orientação - agora mais do que nunca. Ela nunca havia se sentido mais confusa quanto ao que fazer, - ou para onde ir em seguida. Ela fecha os olhos e reza com toda sua fé.

Deus, eu não sei quem você é, mas peço a sua ajuda. Dê-me alguma coisa, e eu lhe darei tudo que você pedir em troca. Mostre-me o caminho a seguir. Dê-me uma vida de honra e coragem. De valor. Permita que eu me torne uma grande guerreira, para nunca ficar à mercê de ninguém. Permita que eu tenha a liberdade de fazer o que eu escolher, - sem que alguém decida por mim.

Kyra fica ajoelhada ali, insensível ao frio, quase sem esperanças, sem nenhum lugar aonde ir, rezando com todo seu coração e toda a sua alma. Ela perde completamente a noção de tempo e lugar.

Kyra não faz idéia de quanto tempo se passa, mas quando ela abre os olhos, há flocos de neve em suas pálpebras. Ela se sente mudada de alguma forma, ela não sabe como, como se uma paz interior tivesse tomado conta dela. Ela olha para dentro do lago e, desta vez, o que ela vê a deixa sem fôlego.

Olhando de volta para ela, ela não vê seu próprio reflexo, mas o reflexo de um dragão. Ele tem ferozes olhos amarelos brilhantes e escamas vermelhas antigas, e ela sente o sangue correr frio em suas veias quando ele abre a boca e grita para ela.

Kyra se vira, assustada, esperando encontrar um dragão em pé atrás dela. Ela procura por todos os lados, mas não vê nada.

Ela está sozinha com Leo, que choraminga baixinho.

Kyra olha para o lago novamente e, desta vez, vê apenas seu rosto olhando para ela.

Seu coração bate acelerado dentro de seu peito. Teria sido um truque de luz? De sua própria imaginação? Obviamente, aquilo não era possível - dragões não visitavam Escalon há mil anos. Será que ela está perdendo a cabeça? O que aquilo tudo poderia significar?

Kyra assusta quando de repente ela ouve um barulho terrível em algum lugar distante da floresta, algo parecido com um uivo, ou possivelmente uma gargalhada. Leo também ouve, e começa a rosar com o pelo eriçado. Kyra procura pela floresta e, ao longe, vê um brilho fraco atrás de uma fileira de árvores. É como se fosse um incêndio, mas não há fogo, - apenas um brilho branco fantasmagórico.

Kyra sente o cabelo de sua nuca arrepiar e, ao mesmo tempo, tem a sensação de que algum outro mundo está chamando por ela. Ela tem a impressão de que abriu um portal para este outro mundo e, por mais que seus instintos gritem para que ela corra, ela se vê hipnotizada ao se levantar e começar a abrir caminho inextricavelmente em direção à luz.

Kyra e Leo sobem o morro, e o brilho vai ficando mais brilhante à medida que ela avança entre as árvores. Finalmente eles chegam ao cume, e naquele exato instante Kyra fica paralisada - completamente chocada. Diante dela, em uma pequena clareira, há uma visão que ela não esperava e que jamais esqueceria.

Uma mulher idosa, com o rosto mais branco do que a neve, grotescamente coberta de verrugas e cicatrizes, olha para o que parece ser um incêndio abaixo dela, segurando suas mãos enrugadas sobre ele. Mas o fogo é de um branco brilhante, e não há madeira embaixo dele. Ela olha para Kyra com olhos

azul-gelo, olhos sem branco, completamente azuis e sem íris. É a coisa mais assustadora que Kyra já tinha visto, e seu coração congela dentro dela. Tudo dentro dela lhe diz para virar e correr, mas ela não se contém e continua se aproximando.

"A Lua de Inverno," a velha senhora diz, com a voz estranhamente profunda, como se um sapo boi tivesse. "Quando os mortos não estão completamente vivos, e os vivos não estão exatamente mortos."

"E você, o que é?" Pergunta Kyra, dando um passo a frente.

A mulher dá uma gargalhada, um som horrível que dá um frio na espinha de Kyra. Ao lado dela, Leo rosna.

"A questão é," a mulher responde, "o que *você* é?"

Kyra franze a testa.

"Eu estou viva," ela insiste.

"Está? Aos meus olhos, você está mais morta do que eu."

Kyra se pergunta o que ela queria dizer com aquilo, e sente que está sendo repreendida, repreendida por não seguir em frente com coragem, por seguir seu próprio coração.

"O que é que você procura, brava guerreira?" Pergunta a mulher

O coração de Kyra acelera ao ouvir o termo, e ela se sente encorajada.

"Eu quero uma vida maior," ela responde. "Eu quero ser uma guerreira, como o meu pai."

A velha olha de volta para a luz, e Kyra fica aliviada quando ela desvia o olhar. Um longo silêncio recai sobre eles enquanto Kyra espera, pensando.

Por fim, quando o silêncio se estende para sempre, o coração de Kyra se decepciona. Talvez a mulher não fosse responder. Ou, talvez, seu desejo não fosse possível.

"Você pode me ajudar?" Pergunta Kyra finalmente. "Você pode mudar o meu destino?"

A mulher olha para cima, com os olhos brilhando, intensos e assustadores.

"Você escolheu uma noite em que tudo é possível," responde ela lentamente. "Se você quer muito alguma coisa, você pode tê-lo. A pergunta é: o que você está disposta a sacrificar por isso?"

Kyra pensa, seu coração batendo acelerado com as possibilidades.

"Eu lhe darei qualquer coisa," ela declara. "*Qualquer coisa.*"

Outro longo silêncio se segue enquanto o vento uiva. Leo começa a gemer.

"Cada um de nós nasce com um destino," diz, finalmente, a velha. "Contudo, devemos escolhê-lo por nós mesmos. Destino e livre-arbítrio executam uma dança durante toda a sua vida. Existe um cabo de guerra constante entre os dois. Qual lado ganha... bem, isso depende."

"Depende do quê?" Pergunta Kyra.

"Da sua força de vontade. Do quão desesperadamente você quer algo, e de quanto você é agraciada por Deus. E, talvez, acima de tudo, do que você está disposta a abrir mão."

"Eu vou me sacrificar," Kyra diz, sentindo a força crescendo dentro dela. "Eu vou sacrificar *tudo* para não viver a vida que outros escolheram para mim."

No longo silêncio que se segue, a mulher olha nos olhos dela com tal intensidade, que Kyra quase precisa se virar.

"Faça um juramento para mim," diz a velha. "Nesta noite, comprometa-se a pagar o preço."

Kyra avança solenemente, com o coração batendo forte, sentindo que sua vida está prestes a mudar.

"Eu prometo," ela proclama, - o que significa mais do que qualquer palavra que ela já tinha proferido em sua vida.

A certeza do seu tom de voz corta o ar, uma voz com tamanha autoridade que surpreende até mesmo Kyra.

A velha olha para ela e, pela primeira vez, balança a cabeça, e seu rosto se transforma no que parece ser um olhar de respeito.

"Você vai ser uma guerreira e muito mais," a mulher declara em voz alta, elevando as palmas das mãos para fora ao lado de seu corpo, e sua voz aumenta, ficando cada vez mais alta enquanto ela

continua a falar. "Você vai ser o maior de todos os guerreiros. Maior que o seu pai. Mais do que isso, você vai ser uma grande governante. Você vai alcançar um poder além do que você poderia

imaginar. Nações inteiras terão você como exemplo."

O coração de Kyra bate forte em seu peito enquanto ela ouve as palavras da mulher, falando com tal autoridade, que é como se tudo aquilo já tivesse acontecido.

"No entanto, você também vai ser tentada pela escuridão," continua ela. "Haverá uma grande luta dentro

de você, as trevas lutando contra luz. Se você conseguir derrotar a si mesma, então o mundo será seu."

Kyra fica parada, confusa, quase sem acreditar em tudo aquilo. Como seria possível? Certamente, ela está falando da pessoa errada. Ninguém jamais disse que ela seria importante, que ela seria especial. Tudo parece tão estranho para ela, tão inatingível.

"Como?" Pergunta Kyra. "Como isso é possível? Sou apenas uma menina."

A mulher sorri um sorriso terrível que Kyra se lembraria para o resto de sua vida. Ela dá um passo para perto, tão perto que Kyra treme de medo.

"Às vezes," a velha sorri, "o seu destino está esperando por você ao virar a esquina, com sua próxima respiração."

Há um súbito lampejo de luz, e Kyra protege os olhos enquanto Leo rosna e pulou na direção da velha.

Quando Kyra abre os olhos, a luz havia desaparecido. A mulher tinha ido embora, e Leo salta no ar. Não há nada na clareira da floresta além de escuridão.

Kyra procura em toda parte, perplexa. Ela teria imaginado aquilo tudo?

De repente, como se em resposta aos seus pensamentos, ela ouve um grito primitivo horrível, como se os céus estivessem gritando. Kyra ficara ali, paralisada no lugar, e pensa sobre o lago. Sobre seu reflexo

Porque embora ela nunca tenha visto um, ela sabe, simplesmente *sabe* que aquele é o grito de um dragão. Que ele está esperando por ela, um pouco além da clareira.

Parada ali sozinha, sem a mulher, Kyra se sente confusa enquanto tenta processar o que havia acontecido, o que tudo aquilo poderia significar. Acima de tudo, ela tenta entender o barulho. O barulho de um rugido, um som diferente de qualquer que ela já tinha ouvido, tão primitivo, como se a terra estivesse nascendo. Ele ao mesmo tempo a aterroriza e a atrai, deixando-a sem nenhum outro lugar para ir. Ele ressoa através dela de uma forma que ela não consegue entender, e ela percebe que é um som que ela tinha ouvido em algum lugar de seu inconsciente durante toda a sua vida.

Kyra atravessa os bosques, com Leo ao lado dela, caminhando com neve até os joelhos, e galhos açoitam o seu rosto mas ela não se importa, sentindo uma urgência de alcançar o barulho. Pois quando ele grita mais uma vez, Kyra imediatamente sabe que aquele é um grito de aflição.

O dragão, ela sabe, está morrendo e precisa desesperadamente da ajuda dela.

CAPÍTULO DEZ

Merk fica no centro da clareia com um homem morto a seus pés, e olha para os outros sete ladrões que o encaram, assustados. Eles agora têm um olhar de respeito e medo em seus olhos, claramente percebendo que haviam cometido um erro ao presumirem que ele fosse apenas um viajante vulnerável.

"Estou cansado de matar," Merk fala para eles com calma, com um sorriso no rosto, "por isso, hoje é o seu dia de sorte. Vocês têm uma chance de virar e correr."

Um tenso silêncio recai sobre eles enquanto todos se entreolham, claramente debatendo claramente sobre que decisão tomar.

"Você matou o nosso amigo," dispara um.

"Seu *ex*-amigo," corrige Merk. "E se você continuar falando, você será o próximo."

O ladrão faz uma careta e ergue sua clava.

"Ainda há sete de nós contra você. Abaixе essa faca bem devagar e levante as mãos, e talvez não o cortemos em pedaços."

Merk sorri ainda mais. Ele está cansado, ele percebe, de resistir ao impulso de matar, de resistir a quem ele é. Seria muito mais fácil parar de lutar contra sua essência, e voltar a ser o velho assassino de sempre.

"Vocês foram avisados," ele diz, balançando a cabeça.

O ladrão parte para cima dela, erguendo sua clava e golpeando descontroladamente.

Merk é surpreendido. Para um homem grande, ele dá golpes mais rápido do que ele poderia imaginar. No entanto, ele é desajeitado, e Merk apenas abaixa, esfaqueia o intestino do homem e se afasta, deixando que ele caia de cara no chão.

Outro ladrão ataca, levantando uma adaga e apontando para o ombro de Merk. Merk segura seu

pulso e torce o braço do homem, que perfura seu próprio coração com a adaga.

Merk vê um ladrão levantar um arco e mirar, e rapidamente pega outro ladrão prestes a atacá-lo e o coloca diante dele, usando-o como um escudo humano. Seu refém grita quando a flecha atravessa seu peito.

Merk, em seguida, empurra o moribundo pra frente, para cima do homem com o arco, bloqueando sua visão, e então ergue e arremessa sua adaga. Ela gira pelo ar, cruzando a clareira até ser empalada no pescoço do homem, matando-o imediatamente.

Isso deixa três deles, que agora olham para Merk com rostos incertos, como se debatendo deveriam atacar ou correr.

"Há três de nós e um dele!" Um dos homens grita. "Vamos atacar juntos!"

Os três ladrões atacam de uma vez, e Merk fica ali, esperando pacientemente, relaxado. Ele está desarmado, e é assim que ele quer; muitas vezes, a melhor maneira de derrotar os inimigos, especialmente quando em desvantagem numérica, é usar suas armas contra eles.

Merk espera que primeiro deles o ataque, um garoto idiota que ataca desajeitadamente com uma espada, apenas força e sem qualquer técnica. Merk desvia para o lado, segura o pulso do garoto, quebrando-o, e em seguida, desarma seu agressor e corta sua garganta. Quando o segundo atacante chega até ele, Merk gira o corpo e corta o peito dele. Ele então se vira e encara o terceiro ladrão, arremessando a espada em um movimento que o homem não esperava. Ela gira no ar e entra no peito do homem, derrubando-o de costas no chão.

Merk fica parado, olhando para os oito homens mortos e fazendo um balanço do seu trabalho com o olho de um assassino profissional. Ele nota que um deles, - o homem com a clava - ainda está vivo, se contorcendo com as mãos em seu estômago. O velho Merk está no controle, e Merk não consegue se controlar ao caminhar até o homem, ainda insatisfeito. *Não deixe nenhum inimigo vivo. Nunca. Nunca deixe que vejam o seu rosto.*

Merk caminha casualmente até o ladrão, estende a perna e chuta o homem até que ele fique deitado de costas. O ladrão olha para cima, sangrando pela boca, seus olhos cheios de medo.

"Por favor... não faça isso," ele implora. "Eu teria deixado você ir."

Merk sorri.

"Teria?" Pergunta ele. "Antes ou depois de me torturar?"

"Por favor!" O homem grita, começando a chorar. "Você disse que tinha renunciado à violência!"

Merk ajusta sua postura e considera aquilo.

"Você está certo," ele diz.

O homem pisca para ele, a esperança evidente em seus olhos.

"Eu renunciei," acrescenta Merk. "Mas acontece que você despertou algo em mim hoje, algo que eu preferiria ter reprimido."

"Por favor!" Grita o homem, soluçando.

"Eu me pergunto," diz Merk, pensativo, "quantas mulheres e crianças inocentes, você já matou nesta estrada?"

O homem continua chorando.

"RESPONDA!" Merk grita.

"E que diferença faz?" O homem responde entre soluços.

Merk coloca a ponta de sua espada na garganta do homem.

"Faz diferença para mim," Merk diz, "e muita."

"Ok, ok!" Ele grita. "Eu não sei. Dezenas? Centenas? É o que eu tenho feito durante toda a minha vida."

Merk pensa sobre isso; pelo menos é uma resposta honesta.

"Eu mesmo já matei muitos homens em minha vida," declara Merk. "Não me orgulho de todas elas - mas todas às vezes havia uma causa, um propósito. Às vezes, eu era enganado para matar um inocente, mas, nesses casos, eu sempre matava a pessoa que havia me contratado. Eu nunca matei mulheres, e eu nunca matei crianças. Eu nunca caçava os inocentes, ou os indefesos. Eu nunca roubei e eu nunca enganei. Eu acho que isso faz de mim uma espécie de santo," continua Merk, rindo da própria piada.

Ele suspira.

"Mas você," continua ele, "você é escória."

"Por favor!" O homem implora. "Você não pode matar um homem desarmado!"

Merk pensa sobre isso.

"Você está certo," ele responde, procurando à sua volta. "Vê essa espada ao seu lado? Pegue-a."

O homem olha para cima, o medo em seus olhos é evidente.

"Não," ele grita, tremendo.

"Pegue a espada," ordena Merk, empurrando a ponta de sua espada contra a garganta do homem,

"ou eu vou te matar."

O ladrão finalmente estica o braço, segura o punho da espada, e a ergue com mãos trêmulas.

"Você não pode me matar!" O homem grita novamente. "Você jurou nunca matar de novo!"

Merk sorri amplamente e, em um movimento rápido, mergulha a espada no peito do homem.

"O bom de começar de novo," Merk diz, "é que há sempre um amanhã."

CAPÍTULO ONZE

Kyra corre pela neve, afastando os galhos grossos de seu caminho, o grito do dragão ainda ecoando em seus ouvidos, e chega até uma clareira, onde ela de repente para. Toda a sua expectativa não a prepara para o que ela vê à sua frente.

Ela fica sem fôlego - não pela nevasca ou por causa do frio ou do vento - mas desta vez pelo que ela encontra, - diferente de tudo que ela tinha visto em sua vida. Ela já tinha ouvido histórias, noite após noite no quarto de seu pai, das antigas lendas de dragões, e se perguntava se elas eram verdadeiras. Ela havia passado noites inteiras imaginando como eles seriam, mas ainda assim era incapaz de acreditar que eles existiam de verdade.

Até agora.

Diante dela, quase a seis metros de distância, Kyra fica surpresa ao se encontrar cara a cara com um verdadeiro dragão. Ele é aterrorizante - ainda que magnífico. Ele grita deitado de lado, tentando se levantar, mas incapaz de fazê-lo, batendo uma das asas enquanto a outra parece estar quebrada. Ele é enorme, e cada uma de suas escamas vermelho-escarlate é do tamanho de Kyra. Kyra observa dezenas de árvores derrubadas, e percebe que ele deve ter caído do céu, criando aquela clareira. O dragão está deitado em um banco de neve íngreme, perto de um rio corrente.

Enquanto olha espantada para a criatura, Kyra tenta processar a visão diante dela. Um dragão. Ali, em Escalon. Em Volis, na Floresta de Espinhos. Não é possível; dragões, ela sabe, vivem do outro lado do mundo, e nunca, em toda a sua vida, - ou na época de seu pai ou de seu avô, um dragão tinha sido avistado em Escalon e muito menos perto de Volis. Aquilo não faz o menor sentido.

Ela pisca várias vezes e esfrega os olhos, pensando que aquilo poderia ser uma ilusão.

Ele continua lá, gritando novamente, cravando suas garras na neve manchada de vermelho com o seu sangue. Ele está definitivamente ferido e, de fato, é um dragão.

Kyra sabe que deveria virar e fugir, - e uma parte dela gostaria de fazer isso; afinal de contas, aquele dragão certamente poderia matá-la com uma única respiração, ou simplesmente com golpe de suas garras. Ela tinha ouvido contos dos danos que um dragão podia fazer, do seu ódio pela humanidade, de sua capacidade de rasgar uma pessoa em pedaços em um piscar de olhos, ou acabar com uma vila inteira com um único sopro.

Mas algo dentro de Kyra a faz permanecer no lugar. Ela não sabe se é coragem ou loucura ou seu próprio desespero - ou algo ainda mais profundo. Pois no fundo, por mais loucura que possa ser, ela sente uma conexão primitiva com aquela criatura que ela não consegue entender.

Ele pisca os olhos, lentamente, olhando para ela com igual surpresa. Quando ele faz isso, o que mais aterroriza Kyra mais não são suas presas ou suas garras ou seu tamanho - mas seus olhos. Eles são enormes, grandes círculos amarelos brilhantes, tão ferozes e antigos, olhos cheios de alma que olham diretamente nos dela. Kyra se arrepia ao perceber que aqueles olhos são os mesmos olhos que ela tinha visto em seu próprio reflexo no Lago dos Sonhos.

Kyra se prepara, na expectativa de sua própria morte, - mas o dragão não cospe fogo. Em vez disso, ele apenas olha para ela. Ele está sangrando, e seu sangue escorre pelo banco de neve até o rio, e a visão deixa Kyra transtornada. Ela quer ajudá-lo, e mais do que isso, ela sabe que é esse o seu dever. Todos os clãs do reino faziam um juramento, uma lei que todas as famílias eram obrigadas a seguir, sob risco de terem suas famílias amaldiçoadas. A lei de sua família, transmitida por gerações, é nunca matar um animal ferido - na verdade, essa é a insígnia da casa de seu pai: um cavaleiro segurando um lobo. Sua família tinha levado a lei ainda mais longe ao longo das gerações, tomando para si a responsabilidade de

ajudar qualquer animal ferido que encontrassem.

Ao ver que o dragão respira com dificuldade, Kyra se entristece e pensa no dever de sua família. Ela sabe que, se virar as costas e ignorar o dragão, uma terrível maldição cairia sobre sua família, e ela está determinada a ajudá-lo, qualquer que seja o risco.

Enquanto Kyra continua ali, paralisada, incapaz de se mover, ela percebe que não pode ir embora por outro motivo: ela sente uma conexão mais forte com aquele dragão do que com qualquer outro animal que ela já tinha visto, mais ainda do que com Leo, que é como um irmão para ela. Ela sente como se tivesse acabado de ser reunida a um amigo perdido há muito tempo. Ela pode sentir o tremendo poder, orgulho e ferocidade do dragão, e a mera proximidade com ele a deixa inspirada. Isso a deixa com a sensação de que o mundo é muito maior do que ela pensa.

Ainda na entrada da clareira, debatendo sobre quais medidas tomar, ela se assusta com o estalar de um galho, seguido de risos - a risada de um homem cruel. Enquanto ela observa, Kyra fica surpresa ao ver um soldado vestido com a armadura escarlate e peles importantes dos homens do Governador entrar na clareira empunhando uma lança, e ficar em pé sobre o dragão.

Kyra se encolhe quando o soldado de repente cutuca o dragão com a lança, fazendo com que ele grite e se encolha; ela sente como se também tivesse sido apunhalada. É evidente que o soldado está aproveitando que o dragão está ferido, preparando-se para matá-lo, mas torturando-o primeiro. Essa constatação deixa Kyra ainda mais transtornada.

"Meu machado, garoto!" O soldado grita

Um menino, com talvez treze anos, cautelosamente entra na clareira, guiando um cavalo. Ele parece um escudeiro, e parece aterrorizado quando ele se aproxima, olhando para o dragão com cautela. Ele faz o que o soldado manda e pega um longo machado na sela, entregando-o para o seu mestre.

Kyra assiste com uma sensação de pavor quando o soldado se aproxima com a lâmina brilhando ao luar.

"Eu diria que isso vai ser um belo troféu," ele declara, claramente orgulhoso de si mesmo. "Eles vão cantar canções a meu respeito por gerações, sobre como eu gloriosamente matei esse dragão."

"Mas você não o matou!" O escudeiro protesta. "Você o encontrou ferido!"

O soldado se vira e aponta a lâmina para a garganta do menino ameaçadoramente.

"Eu matei ele, menino, você está entendendo?"

O menino engole em seco, e balança a cabeça lentamente.

O soldado volta a olhar para a criatura, erguendo seu machado, e estuda o pescoço exposto do dragão. O dragão luta para fugir, para se levantar, mas está impotente.

O dragão de repente olha diretamente para Kyra, como se lembrasse dela, seus olhos amarelos brilhando, e ela sente que ele está implorando a ajuda dela.

Kyra não consegue mais se segurar.

"NÃO!" ela grita.

Sem pensar, Kyra corre para a clareira, correndo encosta abaixo e escorregando na neve, seguida por Leo. Ela não pausa para pensar que um confronto com um dos homens do Governador é um crime punível com a morte, ou que ela está sozinha ali fora, exposta, e que suas ações poderiam provavelmente resultar em sua própria morte. Ela só pensa em salvar a vida do dragão, protegendo o que é inocente. Quando ela corre pra frente, ela instintivamente puxa o arco do ombro, coloca uma flecha no lugar e aponta para o soldado.

Ele parece verdadeiramente chocado em ver outra pessoa ali, no meio do nada, e ainda mais por se tratar de uma garota, e apontando um arco na direção dele. Ele fica segurando seu machado parado no ar e, em seguida, ele se vira na direção dela, abaixando lentamente sua arma.

Os braços de Kyra tremem ao segurar a corda do arco e apontar para o peito do homem, sem a intenção de disparar a não ser que fosse forçada a isso. Ela nunca tinha matado um homem antes, e não tem certeza se conseguiria.

"Abaixe seu machado," ela ordena, tentando usar sua voz mais séria. Ela gostaria, em um momento como este, de ter a voz profunda e autoritária de seu pai.

"E quem é você para me dar ordens?" O homem grita de volta em uma voz zombeteira, parecendo

se divertir.

"Eu sou Kyra," ela grita, "filha de Duncan, Comandante de Volis." Ela acrescenta a última informação com ênfase, na esperança de intimidá-lo.

Mas ele apenas sorri ainda mais.

"Um título insignificante," ele responde. "Vocês são escravos de Pandésia, como o resto de Escalon. Vocês respondem ao Lorde Governador - como qualquer outra pessoa."

Ele a olha de cima embaixo e lambe os lábios, em seguida, dá um passo ameaçador em direção a ela, claramente sem medo.

"Você sabe qual é a pena por apontar uma arma para um homem do Governador, menina? Eu poderia prender você e seu pai e todo o seu povo apenas por isso."

O dragão de repente respira com dificuldade, assoprando, e o soldado volta a olhar para ele, lembrando de sua presença. Está claro que ele está tentando assoprar fogo, mas sem sucesso.

O soldado olha de novo para Kyra.

"Eu tenho um trabalho a fazer!" Ele grita para ela, impaciente. "Este é o seu dia de sorte. Vá embora agora, volte para o seu pai, e sinta-se grata por continuar viva. Agora suma!"

Ele dá as costas para ela com desdém, ignorando-a completamente, como se ela fosse inofensiva. Ele ergue o machado mais uma vez, dando um passo adiante, e o segura sobre a garganta do dragão.

Kyra sente-se corar de raiva.

"Eu não vou avisá-lo de novo!" Ela grita, com a voz mais baixa dessa vez, mas cheia de significado, o que também a deixa surpresa.

Ela puxa ainda mais o arco para trás, e quando o soldado olha para ela desta vez, ele não sorri, percebendo que ela está falando sério. Kyra fica perplexa ao vê-lo olhar por cima de seu ombro, como se estivesse vendo algo atrás dela. No mesmo instante ela de repente detecta um movimento com o canto do olho, mas já é tarde demais.

Kyra sente uma pancada na lateral de seu corpo e sai voando, deixando seu arco escapar de suas mãos, sua flecha atravessando inofensivamente o ar, quando um corpo pesado cai em cima dela e a derruba no chão. Ela cai sobre um monte de neve tão profundo que ela mal consegue respirar.

Desorientada, Kyra abre caminho de volta para a superfície e vê que um soldado está em cima dela, prendendo-a no chão. Ela vê quatro homens do Governador em pé sobre ela, e finalmente percebe que havia mais deles, escondidos na floresta. Que estupidez a dela, ela percebe, ao presumir que soldado estava sozinho. Aqueles outros homens deviam estar escondidos durante todo esse tempo. É por isso, ela percebe agora, que o primeiro soldado havia sido tão descarado, mesmo com um arco apontado para ele.

Dois dos homens a levantam abruptamente, enquanto os outros dois se aproximam dela. Eles são homens de aparência cruel, com rostos grosseiros, barba por fazer, ávidos por sangue - ou algo pior. Um deles começa a desatar o cinto.

"Uma menina com um pequeno arco, é mesmo?" Pergunta um dos homens, zombando dela.

"Você deveria ter ficado em casa no forte do seu pai," diz outro.

Ele mal termina de falar quando ouve um rosnado - e Leo salta no ar em cima de um deles, levando-o ao chão.

Um dos soldados se vira e chuta Leo, mas Leo morde seu tornozelo, derrubando mais um deles. Leo se alterna entre os dois soldados, rosnando e mordendo enquanto eles retribuem com chutes.

Os outros dois soldados, porém, continuam concentrados em Kyra, e com Leo ocupado, ela sente uma onda de pânico. Estranhamente, porém, apesar de suas circunstâncias, ela percebe que não está preocupada consigo mesma, e sim com o dragão. Com o canto do olho, ela vê o primeiro soldado erguer o machado mais uma vez e se aproximar do animal, e ela sabe que logo ele estaria morto.

Kyra reage instintivamente. Quando um dos soldados momentaneamente relaxa o aperto em seu braço, surpreendido por Leo, ela estica o braço e paga o cajado preso em suas costas, golpeando com ele com velocidade relâmpago. Ela acerta um deles perfeitamente em uma das têmporas, e o derruba antes que ele possa reagir.

Então, prepara o cajado, firmando suas mãos ao redor dele, e golpeia o nariz do outro soldado. Ele grita, com sangue jorrando de seu nariz, e cai de joelhos.

Kyra sabe que essa é a sua chance de acabar com aqueles dois homens. Eles agora estão de bruços, e Leo mantém os outros dois no chão, ainda lutando.

Mas o coração de Kyra ainda está com o dragão, e ela só consegue pensar nele, sabendo que não lhe resta muito tempo. Então, ela corre até o seu arco e o pega no chão, coloca uma flecha nele e, sem tempo para pensar e muito menos para apontar, se prepara para disparar. Ela tem apenas uma chance, ela sabe, e terá que dar um tiro certeiro. Aquele seria o primeiro tiro que ela daria em ação, em uma batalha de verdade, no escuro, com a neve ofuscante e o vento, entre árvores e galhos e com um alvo a vinte metros de distância; seria o primeiro tiro que ela daria com a sua vida em jogo.

Kyra invoca todas as lições que havia aprendido, lembrando os longos dias e noites de prática, todo o seu conhecimento, e se esforça para se concentrar, obrigando-se a pensar na arma como uma extensão de seu próprio ser.

Kyra puxa o arco e libera a flecha, e o tempo parece parar enquanto ela observa a flecha cortar o ar, sem saber se conseguiria acertar. Há muitas variáveis em jogo, desde uma rajada de vento e galhos balançando e suas mãos congeladas, até o movimento do soldado.

Kyra ouve com satisfação o som da flecha acertando seu alvo, e ouve o grito do soldado. Ela vê seu rosto à luz do luar, contorcido de dor, e vê quando ele derruba o machado no chão e cai, morto.

O dragão olha para Kyra e os olhos deles se encontram. Seus enormes olhos amarelos, brilhantes mesmo no meio da noite, parecem reconhecer o que ela tinha feito, e naquele momento ela tem a sensação de que ele sabe que ela o tinha salvado, e que agora tinham uma ligação que duraria pelo resto de suas vidas.

Kyra se surpreende sem acreditar no que ela acaba de fazer. Ela tinha realmente acabado de matar um homem? E não era qualquer homem - mas um dos homens do Governador. Ela havia infringido a lei sagrada de Escalon. É um ato do qual não há retorno - um ato que provocaria uma guerra, afetando todos os seus povos. O que ela havia feito?

Mas de alguma forma, ela não se arrepende, ela não tem dúvidas sobre suas ações. Ela sente como se tivesse finalmente seguido o seu destino.

Uma dor lancinante em seu rosto a tira de seus devaneios, e Kyra sente mãos calejadas acertarem um soco em sua mandíbula. Tudo o que ela sente é a dor, ao cair de joelhos no chão, apoiada em suas mãos

e vendo estrelas enquanto o mundo parece girar ao seu redor. Antes que ela possa se recuperar, Kyra sente um chute nas costelas, e então um segundo homem salta sobre ela e empurra seu rosto de encontro à neve.

Kyra luta para respirar à medida que o soldado a coloca em pé. Ela fica ali, de frente para os dois homens cujas vidas ela havia poupado. Leo rosna, mas ele ainda está ocupado, lutando com os outros dois. Um soldado sangra pelo nariz e outro na lateral da cabeça, e Kyra percebe que deveria tê-los matado quando teve a chance. Ela luta com todas as forças para se soltar de suas garras, mas sem sucesso. Ela pode ver o olhar de ódio em seus olhos.

Um deles olha para o comandante morto e, em seguida, dá um passo na direção dela, zombando.

"Parabéns," ele sussurra. "Pela manhã, seu forte, e todo o seu povo, serão destruídos."

Ele a esbofeteia, e seu rosto é tomado pela dor enquanto ela cambaleia para trás.

O outro soldado a segura com firmeza e coloca sua adaga contra a garganta dela, enquanto o outro se prepara para tirar o cinto.

"Antes de morrer, vamos lhe dar algo para se lembrar de nós," ele fala. "Essa será a última lembrança de sua curta vida."

Kyra ouve um gemido e, ao olhar para trás, vê um dos soldados esfaqueando Leo. Seu rosto se contorce, como se ela mesma tivesse sido ferida, embora Leo, sem medo, se vira e afunda os dentes no pulso do soldado.

Kyra sente a lâmina fria contra seu pescoço, e sabe que ela está sozinha. No entanto, em vez de medo, ela se sente liberada. Ela sente toda a sua raiva e seu desejo de vingança contra os homens do Governador, bem dentro dela. Na figura daquele homem, ela teria o alvo perfeito. Ela poderia morrer, mas jamais desistiria sem lutar.

Ela espera até o último momento e, quando o soldado se aproxima e começa a agarrar suas roupas, ela coloca um pé chão para servir de apoio e usa sua flexibilidade para dar um chute certo para cima usando toda a sua força.

Kyra sente seu pé acertar entre as pernas do homem com brutalidade, e ouve quando ele grita antes

de cair de joelhos, e sabe que tinha dado um golpe perfeito. No mesmo momento, Leo, abandona seus atacantes e salta sobre o homem que ela havia derrubado, cravando suas presas na garganta dele.

Ela vira o rosto para o outro soldado, o último ainda de pé, e ele tira a espada da bainha, preparando-se para enfrentá-la. Kyra pega seu cajado na neve e encara o soldado, que sorri.

"Um cajado contra uma espada," ele zomba. "É melhor desistir agora, sua morte não será tão dolorosa."

Ele parte para cima dela com a espada e, assim que ele faz isso os instintos de Kyra assumem o controle; ela imagina que ainda está no campo de treinamento. Assim que ele dá seus golpes, ela se esquiva para um lado e para o outro, usando sua velocidade como vantagem. O soldado é grande e forte e está segurando uma espada pesada - enquanto ela é leve e desimpedida, e quando ele desfere um golpe particularmente feroz com a intenção de cortá-la ao meio, ela se esquiva, desequilibrando seu agressor; então ela rapidamente bate o cajado no pulso dele, que deixa a espada cair, perdendo-se na neve.

Ele olha para ela, chocado, e então parte para cima dela mais uma vez, desarmado, como se quisesse derrubá-la no chão. Kyra espera e, em seguida, no último momento, se agacha e ergue a ponta de seu cajado, acertando o queixo dele. O golpe quebra o pescoço do homem, que cai de costas no chão, imóvel. Leo salta sobre ele e afunda suas presas em sua garganta, certificando-se de que ele está morto.

Kyra, acreditando que todos os seus atacantes estão mortos, fica confusa ao ouvir um movimento atrás dela. Ela se vira e vê um dos dois soldados que Leo havia atacado de alguma forma em pé, mancando para seu cavalo, e tirando uma espada de sua sela. O soldado corre de volta até Leo, que ainda está com as presas na garganta do outro soldado, de costas para ele.

O coração de Kyra bate acelerado em seu peito; ela está muito longe para alcançá-lo a tempo.

"LEO!" Ela grita.

Mas Leo, muito ocupado rosnando, não ouve seu aviso.

Kyra sabe que deve tomar medidas drásticas ou então assistir Leo ser morto diante de seus olhos. Seu arco ainda está na neve, muito longe dela.

Ela pensa rápido. Ela pega o cajado e bate com ele em seu joelho, partindo-o em dois pedaços. Ela pega uma das metades com pontas irregulares, mira e arremessa o pedaço de madeira como se fosse uma lança.

Ele atravessa o ar e ela torce para que ele encontre o seu alvo.

Kyra respira de alívio quando ela vê o pedaço do cajado perfurar o pescoço do soldado antes que ele consiga chegar até Leo. O homem tropeça e cai aos pés de Leo, morto.

Kyra fica em silêncio, respirando com dificuldade, vendo a carnificina ao redor dela, os cinco homens do Governador jogados na neve manchada de vermelho, e ela mal pode acreditar no que tinha feito. Mas antes que ela possa terminar de processar tudo, de repente ela detecta um movimento com o canto do olho. Ela se vira e vê o escudeiro, correndo para seu cavalo.

"Espere!" Kyra grita.

Ela sabe que precisa impedir que ele fuja. Se ele conseguir voltar para o Lorde Governador, ele contaria tudo que tinha acontecido. Eles saberiam que ela tinha feito isso, e seu pai e todo o seu povo seriam mortos.

Kyra pega seu arco, mira, e espera até conseguir um bom ângulo. Finalmente, o rapaz invade a clareira, e quando as nuvens se partem e a lua brilha sobre eles, ela tem sua chance.

Mas ela não consegue atirar. O menino não tinha feito nada, afinal de contas, e algo dentro dela simplesmente não consegue matar um menino inocente.

Kyra abaixa o arco com as mãos trêmulas e assiste enquanto garoto se afasta, sentindo-se doente, sabendo que aquele tinha sido sua sentença de morte. Certamente, uma guerra se seguiria.

Com o escudeiro em fuga, Kyra sabe que não lhe resta muito tempo. Ela precisa correr de volta pela floresta, para o forte de seu pai e alertá-los, contando o que tinha acontecido. Eles precisam de tempo para se preparar para a guerra, para proteger o forte - ou fugir para salvar suas vidas. Ela sente um terrível sentimento de culpa, mas também, de dever cumprido.

No entanto, Kyra não vai à parte alguma. Em vez disso, ela fica ali e observa - hipnotizada, quando o dragão bate a asa que não está ferida e olha para ela. Ela sente que precisa ficar ao seu lado.

Kyra caminha rapidamente pela clareira, para baixo do banco de neve, em direção ao rio, e se põe diante do dragão. Ele levanta o pescoço um pouco e olha para ela; seus olhares se cruzam, e o dragão a observa com uma expressão inescrutável. Em seu olhar, Kyra pensa ver a gratidão, mas ela também vê fúria em seus olhos, e fica sem compreender.

Kyra chega mais perto, enquanto Leo rosna ao lado dela, até ficar a poucos metros de distância dele. Sua respiração fica presa na garganta. Ela mal pode acreditar que está tão perto de uma criatura tão magnífica. Ela sabe como aquilo é perigoso, sabia que o dragão poderia matá-la a qualquer momento, se assim ele quisesse.

Kyra lentamente ergue o braço, mesmo quando o dragão parece estar franzindo a testa e, com coração batendo de medo, estende a mão e toca suas escamas. A pele dele é tão grossa, tão dura e primitiva - que é como se ela estivesse tocando o princípio dos tempos. Sua mão treme enquanto ela o acaricia, e não por causa do frio.

Sua presença ali ainda é um mistério, e sua mente está agitada com um milhão de perguntas.

"O que feriu você?" Pergunta Kyra, acariciando suas escamas. "O que você está fazendo deste lado do mundo?"

Um som parecido com um rosnado sai de dentro de sua garganta, e Kyra afasta a mão, com medo. Ela não sabe interpretar o dragão, e mesmo que tenha acabado de salvar a sua vida, Kyra de repente sente que ficar tão próxima a ele não é a melhor das ideias.

O dragão olha para Kyra e levanta lentamente uma garra afiada até tocar o pescoço dela. Kyra fica paralisada - completamente apavorada - se perguntando se ele cortaria sua garganta.

Algo brilhou em seus olhos e ele parece mudar de ideia. Ele afasta a garra e, em seguida, para surpresa de Kyra, em um movimento rápido golpeia seu rosto.

Kyra sente uma dor lancinante no rosto e ela grita assim que a garra roça seu rosto, tirando sangue. É só um arranhão, mas é o suficiente, Kyra sabe, para deixar uma cicatriz.

Kyra estende a mão e toca a ferida em seu rosto, e ao ver sangue fresco em suas mãos, é tomada por um profundo sentimento de traição e confusão. Ela encara os olhos amarelos do dragão, cheios de

rebeldia, e simplesmente não consegue compreender o que ele está pensando. Ele a odeia? Ela teria cometido um erro ao salvar vida dele? Por que ele a tinha arranhado quando poderia simplesmente tê-la matado?

"Quem é você?" Ela pergunta baixinho, com medo.

Ela ouve uma voz, uma voz antiga, no fundo de sua mente:

Theos.

Ela fica surpresa. Ela tem certeza de que aquela é a voz do dragão.

Kyra fica em silêncio, esperando que ele diga alguma coisa - mas então, de repente, sem aviso, Theos quebra o silêncio e grita, erguendo a cabeça e tentando se afastar dela. Ele cai e rola freneticamente, tentando desesperadamente decolar.

Kyra não consegue entender por quê.

"Espere!" ela grita. "Você está ferido! Deixe-me ajudá-lo!"

Vê-lo se debater a deixa incomodada, com sangue escorrendo de sua ferida e incapaz de voar. Ele é tão grande que cada tentativa frustrada ergue uma grande nuvem de neve, balançando o chão, fazendo um estrondo que quebra o silêncio na noite escura. Ele faz o possível para levantar vôo, mas não consegue.

"Para onde você quer ir?" Kyra pergunta.

Theos fracassou novamente e desta vez ele cai pelo íngreme banco de neve, rolando sem parar, fora de controle, incapaz de parar. Ele rola direto para o rio que corre por perto.

Kyra assistiu com horror, impotente, enquanto o dragão espirrado nas águas turbulentas do rio abaixo.

"NÃO!" Ela grita, correndo pra frente.

Mas não há nada que ela possa fazer. Theos cai nas corredeiras se debatendo, gritando, e começa a descer rio abaixo, serpenteando através da floresta, fazendo uma curva e sumindo de vista.

Kyra vê quando ele desaparece e seu coração se parte. Ela havia sacrificado tudo, sua vida, o destino

de seu povo, para salvar aquela criatura, e agora ele tinha ido embora. Qual seria o propósito de tudo isso? Aquilo tudo tinha mesmo acontecido?

Kyra olha para trás e vê os cinco homens mortos, ainda deitados na neve, vê Leo, ferido ao lado dela; ela estende a mão e sente o arranhão em seu rosto, vê o sangue - e sabe aquilo tudo era real. Ela tinha sobrevivido a um encontro com um dragão. Ela havia matado cinco homens do Governador.

Depois desta noite, ela sabe, sua vida nunca mais seria a mesma.

Kyra vê o rastro de um cavalo perdendo-se na floresta, e se lembra do escudeiro, correndo para alertar seu povo. Ela sabe que os homens do Governador atacariam o seu povo.

Kyra entra correndo na floresta, acompanhada por Leo, determinada a voltar a Volis para alertar seu pai e todo o seu povo, se não fosse já tarde demais.

CAPÍTULO DOZE

Vesúvio, - Rei dos Trolls e Líder Supremo de Marda - fica em pé na enorme caverna subterrânea, em uma varanda de pedra de cem metros de altura, e ele observa o trabalho de seu exército de trolls abaixo dele. Milhares de trolls trabalham neste circuito subterrâneo de cavernas, martelando rochas com picaretas e martelos, abrindo caminho na terra e pedra, e o som de pesado de mineração domina o ar. Tochas intermináveis cobrem as paredes, enquanto rios de lava correm pelo chão, brilhando, emitindo um brilho, iluminando a gruta e mantendo o lugar aquecido enquanto trolls suam e arquejam no calor abaixo.

Vesúvio abre um sorriso largo, com seu rosto grotesco de trolls, deformado, duas vezes o tamanho da cabeça de um ser humano, com duas longas presas saindo de sua boca, e olhos vermelhos redondos que gostam de assistir o sofrimento das pessoas. Ele quer que seu povo trabalhe, que se dediquem mais do que jamais se dedicaram, pois ele sabe que somente através de dedicação extrema ele conseguiria o que seus pais não haviam conseguido. Duas vezes o tamanho de um troll normal, e três vezes o tamanho de um ser humano, Vesúvio é puro músculo e fúria, e ele sabe que ele é diferente, sabe que ele pode conseguir o que ninguém antes dele jamais havia sonhado. Ele tinha um plano que até mesmo seus

antepassados não poderiam ter concebido, um plano que traria glória ao seu país para sempre. Seria o maior túnel já criado, um túnel para que todos atravessassem, embaixo das Chamas, todo o caminho até Escalon - e, a cada martelada, o túnel se torna um pouco mais profundo.

Seu povo não havia conseguido descobrir um modo de atravessar as Chamas em massa - nem uma única vez em todos os séculos; alguns trolls solitários tinham sido capazes de passar aqui e ali, mas a maioria havia morrido nessas missões suicidas. Vesúvio precisa que todo o exército de trolls atravesse junto, ao mesmo tempo, destruindo Escalon de uma vez por todas. Seus pais não conseguiam entender como fazê-lo, e haviam se tornado complacentes, conformando-se com uma vida nos confins de Marda. Mas não ele. Ele, Vesúvio, é mais sábio do que todos os seus pais, mais resistente, mais determinado - e mais cruel. Um dia, enquanto pensava, ele havia concluído que, se não fosse possível passar pelas Chamas, ou sobre elas, então talvez ele pudesse tentar atravessar embaixo delas. Cativado pela idéia, ele havia colocado seu plano em movimento naquele mesmo instante, e não havia parado desde então, reunindo milhares de seus soldados e escravos para construir o que seria a maior criação do reino dos trolls: um túnel por baixo das Chamas.

Vesúvio assiste com satisfação quanto um de seus feitores chicoteia um escravo humano que eles tinham capturado no Ocidente, acorrentado às centenas de outros escravos. O homem grita e cai, sendo açoitado até a morte. Vesúvio sorri, satisfeito por ver os outros seres humanos se dedicando mais. Seus trolls são quase duas vezes o tamanho dos seres humanos, e sua aparência também é muito mais grotesca, com músculos salientes e rostos desfigurados, repletos de uma sede de sangue insaciável. Os seres humanos, ele havia descoberto, eram uma boa válvula de escape para seu povo liberar sua violência.

No entanto, enquanto ele observa, Vesúvio ainda se sente frustrado: não importa quantas pessoas ele escravize, quantos de seus soldados ele coloca para trabalhar, não importa quantas chicotadas sejam dadas, ou quantos de seus próprios homens ele torture ou mate para motivá-los, o progresso permanece muito lento. A rocha é muito dura, o trabalho grande demais. A este ritmo, ele sabe, eles nunca completariam o túnel em sua vida, e seu sonho de invadir Escalon continuaria sendo apenas um sonho.

Claro, eles tinham espaço mais que suficiente ali em Marda - mas ainda não é um quarto do que Vesúvio quer. Ele quer matar, subjugar todos os seres humanos, para tomar-lhes tudo o que possuem, apenas para seu próprio divertimento. Ele quer tudo, e sabe que para chegar lá, o momento havia chegado para tomar medidas mais drásticas.

"Meu Senhor e Rei?" diz uma voz.

Vesúvio se vira e vê vários de seus soldados ali em pé, vestindo a armadura verde distinta da nação Troll com sua insígnia - a cabeça de um javali rugindo com um cachorro na boca, estampada na frente. Seus homens baixam as cabeças em sinal de deferência, olhando para o chão, como tinham sido treinados para fazer quando estavam em sua presença.

Vesúvio vê que eles estão segurando um soldado Troll entre eles, vestindo uma armadura esfarrapada, com o rosto coberto de terra e cinzas e coberto por marcas de queimadura.

"Podem se dirigir a mim," ele ordena.

Lentamente, eles erguem o rosto e olham em seus olhos.

"Este foi capturado dentro de Marda, em Southwood," um deles relata. "Ele foi pego voltando do outro lado das Chamas."

Vesúvio olha o soldado apreendido, algemado, e se sente enojado. Todos os dias ele envia homens a oeste, através de Marda, com a missão de atravessar as Chamas e chegar até o outro lado, em Escalon. Se eles sobrevivessem a viagem, eles eram obrigados a causar terror entre tantos humanos quanto conseguissem. Se sobrevivessem a isso, suas ordens eram para procurar as duas torres e roubar a Espada de Fogo, a arma mística que supostamente sustentava as Chamas. A maioria de seus trolls nunca voltava da viagem, eles eram sempre mortos ao tentarem atravessar as Chamas ou, eventualmente, pelos seres humanos em Escalon. Aquele era uma missão sem volta: eles tinham ordens para nunca mais voltar, a não ser que estivessem com a Espada de Fogo nas mãos.

Mas de vez em quando alguns de seus trolls furtivamente retornam, - a maior parte desfigurada após a jornada através das Chamas, sem sucesso em sua missão, mas procurando voltar, de qualquer maneira, para a proteção de Marda. Vesúvio não tolera esses trolls, que ele julga serem desertores.

"E que notícias você traz do Ocidente?" ele pergunta. "Será que você encontrou a espada?" ele acrescenta, já sabendo a resposta.

O soldado engole em seco, parecendo aterrorizado.

Ele balança a cabeça lentamente.

"Não, meu Senhor e Rei," ele diz com a voz embargada.

Vesúvio permanece em silêncio.

"Então por que você retornou à Marda?" Pergunta ele.

O troll mantém sua cabeça abaixada.

"Eu fui emboscado por um grupo de seres humanos," ele explica. "Tive a sorte de escapar e conseguir voltar para cá."

"Mas por que você voltou?" Vesúvio insiste.

O soldado olha para ele, confuso e nervoso.

"Porque minha missão havia terminado, meu Senhor e Rei."

Vesúvio se enraivece.

"Sua missão era encontrar a Espada - ou morrer tentando."

"Mas eu consegui atravessar as Chamas!" Ele implora. "Eu matei muitos seres humanos! E eu consegui voltar! "

"E diga-me" diz Vesúvio gentilmente, dando um passo a frente e colocando a mão no ombro do troll enquanto caminha lentamente com ele em direção à borda da varanda. "Você realmente acha que, ao voltar, eu o deixaria viver?"

Vesúvio de repente agarra o troll pela parte de trás da camisa, dando um passo adiante, e o arremessa sobre a borda da varanda.

O soldado grita, se debatendo tanto quanto suas algemas lhe permitem. Todos os trabalhadores embaixo param e olham para cima, assistindo enquanto ele cai. Ele despenca cem metros e finalmente cai com um estrondo em cima de uma rocha.

Todos os trabalhadores olham para Vesúvio, e ele retorna seus olhares, sabendo que aquele seria um bom lembrete para todos os que falhavam com ele.

Eles rapidamente voltam a trabalhar.

Vesúvio, ainda com raiva e sentindo a necessidade de descontá-la em alguém, atravessa a varanda e percorre os degraus de pedra sinuosos esculpidos na parede do canyon, seguido por seus homens. Ele quer ver o progresso de perto e, enquanto estiver lá embaixo, espera encontrar um escravo patético em quem bater.

Vesúvio abre caminho descendo as escadas, esculpidas na rocha, descendo lance após lance até a base da vasta caverna, sentindo o calor mais intenso a cada passo. Dezenas de seus soldados fazem fila atrás dele enquanto ele percorre todo o chão da caverna, tecendo seu caminho entre os rios de lava, entre grupos de trabalhadores. Enquanto ele avança, milhares de soldados e escravos param de trabalhar e abrem caminho para ele, curvando suas cabeças em sinal de respeito.

Está quente ali embaixo, a base aquecida não só pelo suor dos homens, mas pelos rios de lava que cruzam pelo chão da caverna e escorrem pelas paredes, pelas faíscas que saem das rochas que os homens acertam em todos os lugares com machados e picaretas. Vesúvio marcha por todo o vasto chão da caverna até que, finalmente, ele chega à entrada do túnel. Ele fica em pé diante do buraco e analisa a situação: com quarenta metros de largura por quinze de altura, o túnel está sendo escavado com uma descida gradual, cada vez mais fundo, com profundidade suficiente para suportar um exército quando chegasse a hora de passar embaixo das Chamas. Um dia eles invadiriam Escalon, atingindo a superfície, e conquistariam milhares de escravos humanos. Esse seria, ele sabe, o maior dia de toda sua vida.

Vesúvio continua marchando, pega um chicote das mãos de um soldado e, erguendo o braço, começa a atacar soldados por todos os lados. Todos voltam ao trabalho, batendo na rocha duas vezes mais rápido, partindo a rocha preta até que nuvens de poeira encham o ar. Ele, então, caminha até os escravos humanos, homens e mulheres que eles haviam sequestrado em Escalon e trazido de volta com eles. Essas era, as missões que ele mais gostava, missões com o único intuito de aterrorizar o Ocidente. A maioria dos humanos morria na passagem de volta, mas um número suficiente sobrevivia, mesmo que bastante queimados e mutilados - e estes, ele condenava ao trabalho em seus túneis, até a morte.

Vesúvio se aproxima deles. Ele coloca um chicote na mão de um humano e aponta para uma mulher.

"Mate-a!" Ele ordena.

O ser humano fica ali, tremendo, e apenas balança a cabeça.

Vesúvio arranca o chicote das mãos dele e passa a bater no homem, uma e outra vez, até que ele finalmente para de resistir, morto.

Os outros voltam ao trabalho, desviando o olhar, enquanto Vesúvio joga o chicote no chão, ofegante, e olha de volta para a boca da caverna. É como olhar para seu inimigo, uma criação pela metade, sem levar a lugar algum. O progresso está acontecendo muito lentamente.

"Meu Senhor e Rei," diz uma voz atrás dele.

Vesúvio se vira lentamente e vê vários soldados do Mantra, sua divisão de elite de trolls, vestidos com a armadura preta e verde reservada para as suas melhores tropas. Eles ficam parados, orgulhosamente segurando suas alabardas. Estes são os poucos trolls que Vesúvio respeita, e vê-los faz seu coração bater acelerado. A presença deles ali só poderia significar uma coisa: eles trazem notícias. Vesúvio tinha despachado o Mantra em uma missão há muitas luas: encontrar o gigante que se escondia na Grande Floresta, que rumores diziam de ter matado milhares de trolls. Seu sonho é capturar este gigante, trazê-lo de volta, e usar seus músculos para completar o túnel. Vesúvio tinha enviado missão após missão, e nenhuma delas havia voltado. Todos tinham sido encontrados mortos, assassinados pelo gigante.

Quando Vesúvio olha para seus homens, seu coração bate mais rápido com a esperança.

"Diga," ele ordena.

"Meu Senhor e Rei, nós encontramos o gigante," um deles relata. "Nos o encurralamos encurralado. Nossos homens aguardam seu comando. "

Vesúvio sorri lentamente, satisfeito pela primeira vez desde que ele consegue se lembrar. Seu sorriso se alarga à medida que um plano se forma em sua mente. Finalmente, ele percebe, tudo seria possível; finalmente, ele teria a chance de atravessar as Chamas.

Ele olha para seu comandante, cheio de vontade, pronto para fazer o que for preciso.

"Leve-me até ele."

CAPÍTULO TREZE

Kyra tropeça na neve, que agora passa de seus joelhos, abrindo caminho através da Floresta de Espinhos apoiada em seu cajado, tentando avançar em meio ao que havia se tornado uma forte nevasca. A tempestade se alastra com força, penetrando os grandes galhos da Floresta, soprando em torno das árvores enormes com rajadas de vento tão fortes que elas quase se curvam. Rajadas de vento e neve chicoteiam seu rosto, dificultando sua visão - tornando difícil até mesmo que ela mantenha o

equilíbrio. Quando a intensidade do vento aumenta cada vez mais, Kyra precisa de todas as suas forças apenas para dar alguns passos.

A lua cor de sangue desapareceu há muito tempo, como se tivesse sido engolida pela tempestade, e agora ela não tem qualquer fonte de luz para ajudá-la a se orientar. Mesmo que ela tivesse, ela mal consegue enxergar. Tudo o que ela ainda tem é Leo, caminhando lentamente, ferido, apoiando-se contra ela, a presença dele seu único consolo. A cada passo seus pés parecem afundar mais e ela começa a se perguntar se estaria mesmo conseguindo progredir. Ela sente urgência em voltar para o seu povo, para avisá-los, tornando cada passo ainda mais frustrante.

Kyra tenta olhar para cima, apertando os olhos na direção do vento, na esperança de encontrar algum marco distante. Mas ela está perdida em um mundo completamente branco. Seu rosto arde com o arranhão do dragão, parecendo estar em chamas. Ela estende o braço e encosta na ferida - e sua mão, salpicada de sangue, é a única coisa quente que ainda resta em seu universo. Sua bochecha lateja, como se o dragão a tivesse infectado.

Quando rajada de vento particularmente forte a derruba, Kyra finalmente percebe que não é possível continuar; eles teriam que encontrar algum abrigo. Ela está desesperada para chegar Volis antes dos Homens do Governador, mas ela sabe que se continuar caminhando assim, ela provavelmente morreria ali. Seu único consolo é o fato de que homens do Governador também não seriam capazes de atacar com este clima - se o escudeiro tivesse mesmo chegado em casa.

Kyra olha em volta, desta vez procurando por abrigo - mas nisso ela também não tem êxito. Sem conseguir ver nada, exceto o branco, com um vento uivante tão forte que ela mal consegue pensar, Kyra começa a entrar em pânico, a ter visões de si mesma e Leo sendo encontrados congelados na neve, ou de nunca mais serem vistos. Ela sabe que se não encontrar algo em breve, eles certamente estariam mortos antes do amanhecer. Esta situação havia lentamente tomado forma, e agora a deixa completamente desesperada. De todas as noites para deixar Volis, ela percebe agora, ela tinha escolhido a pior.

Como se pressentisse seus planos, Leo começa a lamentar-se e de repente se vira e corre para longe

dela. Ele atravessa uma clareira e, ao chegar do outro lado, começa a cavar ferozmente em um monte de neve.

Kyra observa com curiosidade, enquanto Leo uiva, movimentando-se freneticamente, cavando cada vez mais fundo na neve, perguntando-se o que ele teria encontrado. Por fim, Leo encontra o que procura, e ela fica surpresa ao ver que ele havia descoberto uma pequena caverna, escavado na encosta de uma enorme pedra. Com o coração batendo com esperança, ela corre até lá e vê que o espaço é apenas o suficiente para abrigá-los. Ela se emociona ao ver que ele também está seco - e protegido do vento.

Ela se inclina e beija a cabeça de Leo.

"Bom trabalho, rapaz."

Ele lambe o rosto de Kyra.

Kyra se ajoelha e rasteja para dentro da caverna, com Leo ao lado dela, e quando ela entra, é tomada por uma sensação imediata de alívio. Finalmente, tudo está tranquilo; o ruído do vento foi silenciado e, pela primeira vez, não está batendo contra seu rosto e seus ouvidos; finalmente, ela está seca. Ela sente como se pudesse respirar novamente.

Kyra rasteja sobre agulhas de um pinheiro, entrando cada vez mais fundo na caverna e se perguntando qual seria sua profundidade até que finalmente ela chega à parede traseira. Ela se senta encostada contra a parede e olha para fora. Rajadas ocasionais de neve chegam até ali, mas a caverna permanece predominantemente seca, nenhuma neve chega até ela. Pela primeira vez, ela pode realmente relaxar.

Leo se arrasta até o seu lado, aconchegando a cabeça em seu colo, e ela o abraça junto ao peito enquanto ela continua encostada na pedra, tremendo, tentando manter-se aquecida. Ela tira os flocos de neve de suas peles e dos pelos dele, tentando secá-los, e examina a ferida de Leo. Felizmente, ela não é profunda.

Kyra usa neve para limpá-la, e ele geme quando ela toca a ferida

"Shhh," ela diz.

Ela enfia a mão no bolso e entrega seu último pedaço de carne seca para Leo; ele come avidamente.

Enquanto continua ali, sentada no escuro, ouvindo o vento furioso e vendo a neve começar a se acumular novamente, bloqueando sua visão, Kyra sente como se o mundo fosse acabar. Ela tenta fechar os olhos, sentindo-se extremamente cansada, congelada, precisando desesperadamente de descanso, mas o arranhão em sua bochecha a mantém acordada, latejando.

Eventualmente, seus olhos ficam pesados e começam a se fechar. As folhas embaixo dela parecem estranhamente confortáveis, e quando seu corpo se torna pesado, ela logo se vê, apesar de seus melhores esforços, sucumbindo aos abraços de um sono profundo.

*

Kyra voa nas costas de um dragão, segurando firme, movendo-se mais rápido do que ela acreditava ser possível, enquanto ele grita e bate suas asas. Elas são tão grandes e magníficas, e ficam ainda maiores enquanto ela as observava, parecendo estar prestes a cobrir todo o mundo.

Ela olha para baixo e seu coração se aperta quando ela vê, abaixo deles, as colinas de Volis. Ela nunca as tinha visto deste ângulo, de tão alto. Eles sobrevoam uma paisagem exuberante, com colinas verdes, trechos de matas, rios correntes e vinhas férteis. É um terreno familiar, e logo Kyra reconhece o forte, enorme, com suas paredes de pedra antigas cobrindo a paisagem, enquanto carneiros pastam do lado de fora.

Mas, quando o dragão mergulha, Kyra sente imediatamente que algo está errado. Ela vê fumaça no ar - não a fumaça de chaminés, mas uma fumaça preta e espessa. Quando ela olha mais de perto, Kyra fica horrorizada ao ver que o forte de seu pai está pegando fogo, com ondas de chamas engolfando tudo. Ela vê um exército de homens do Governador, que se estende até o horizonte, em torno do forte, incendiando tudo, e ao ouvir os gritos, ela sabe que todas as pessoas que ela conhece e ama, estão sendo massacradas.

"NÃO!" Ela tenta gritar.

Mas as palavras, presas em sua garganta, não querem sair.

O dragão estica o pescoço e olha nos olhos dela - e Kyra fica surpreso ao ver que é o mesmo dragão que ela havia salvado, com seus penetrantes olhos amarelos olhando de volta para ela. Theos.

Você me salvou, ela ouve o dragão dizendo em sua mente. Agora vou te salvar. Nós somos um

agora, Kyra. Nós somos um.

De repente, Theos faz uma curva brusca, e Kyra perde o equilíbrio e cai.

Ela grita ao despencar através do ar, à medida que o solo se aproxima rapidamente dela.

"NÃO!" Kyra grita.

Kyra se senta, gritando na escuridão, sem saber onde ela está. Respirando com dificuldade, ela olha ao seu redor, até que finalmente percebe: ela ainda está na caverna.

Leo geme ao seu lado, com a cabeça no colo dela, lambendo-lhe a mão. Ela respira fundo, tentando lembrar onde ela está. Ainda está escuro lá fora, e a tempestade ainda ruge, ventos uivam, e a neve se acumula em grande pilhas no chão. A dor latejante em sua bochecha está pior, e ela estende a mão vê seus dedos sujos de sangue fresco. Ela se pergunta se a ferida algum dia iria parar de sangrar.

"Kyra!" Grita uma voz mística, soando quase como um sussurro.

Kyra, assustada, se pergunta quem poderia estar na caverna com ela, olhando para a escuridão em estado de alerta. Ela vê uma figura estranha em pé sobre ela na caverna. Ele usa um longo manto preto e um casaco, e segura um cajado; ele parece ser um homem mais velho, de cabelos brancos que escapam de seu capuz. Seu cajado brilha, emitindo uma luz suave na escuridão.

"Quem é você?" Ela pergunta, sentando-se, em guarda. "Como é que você entrou aqui?"

Ele dá um passo à frente, e ela quer ver seu rosto, mas ele ainda está obscurecido pela sombra.

"O que é que você busca?" Ele pergunta, e sua voz antiga de alguma forma a deixa à vontade.

Ela considera a pergunta, tentando entender.

"Eu procuro ser livre," ela responde. "Eu quero ser uma guerreira."

Lentamente, ele balança a cabeça.

"Você está se esquecendo de alguma coisa," ele fala. "A coisa mais importante de todas. O que é que você busca?"

Kyra olha para ele, confusa.

Finalmente, ele dá mais um passo à frente.

"Você procura o seu destino."

Kyra considera suas palavras.

"E mais," ele diz, "você procura saber quem você é."

Ele dá um passo a frente de novo, tão perto, mas ainda obscurecido na sombra.

"Quem é você, Kyra?" ele pergunta.

Ela olha fixamente para ele, querendo responder, mas naquele momento ela sabe como. Ela já não tem certeza de nada.

"Quem é você?" ele pergunta em voz alta, ecoando pelas paredes e ferindo seus tímpanos.

Kyra leva as mãos ao rosto, preparando-se quando ele se aproxima.

Kyra abre os olhos de novo e fica chocada ao ver que não há ninguém lá. Ela não consegue entender o que está acontecendo. Ela lentamente baixa as mãos, e quando ela faz isso, percebe que, desta vez, ela está completamente acordada.

Uma luz brilhante entra na caverna, refletida pela neve, iluminando as paredes da caverna, cegando. Ela aperta os olhos, desorientada, tentando se recompor. O vento furioso tinha ido embora; a neve ofuscante tinha ido embora. Em vez disso, há neve bloqueando parcialmente a entrada e além dela um mundo com um céu azul cristal e o canto dos pássaros. É como se o mundo tivesse renascido.

Kyra tem dificuldade para entender o que havia acontecido: ela havia sobrevivido a longa noite.

Leo morde suavemente a perna de sua calça e cutuca Kyra, impaciente.

Desorientada, Kyra lentamente se levanta e imediatamente cambaleia de dor. Seu corpo está dolorido devido aos combates e os golpes que ela tinha recebido, mas acima de tudo, seu rosto queima como se estivesse pegando fogo. Ela se lembra da garra do dragão, e estende a mão para tocar seu rosto; embora apenas um arranhão, ele ainda está misteriosamente úmido, coberto de sangue.

Ao se levantar, Kyra se sente tonta, e ela não sabe se é devido à exaustão, fome, ou por causa do arranhão do dragão. Ela caminha com as pernas bambas, sentindo-se estranha, seguindo Leo, que lidera o caminho com impaciência para fora da caverna e de volta ao dia, cavando a neve para ampliar a saída.

Kyra se agacha e dá um passo para fora e ao se levantar, vê que está cercada por um mundo de branco ofuscante. Ela ergue as mãos aos olhos para poder enxergar, e sua cabeça dói. Está

consideravelmente mais quente, o vento havia cessado, pássaros cantam e o sol filtra através das árvores na clareira da floresta. Ela ouve um barulho e vê um enorme monte de neve de cair dos falhos de um pinheiro e fazer o seu caminho até o chão da floresta. Ela olha para o chão e vê que ela está com neve até as coxas.

Leo abre caminho, pulando da neve, certamente correndo na direção de Volis. Ela o segue, lutando para acompanhá-lo.

Kyra, porém, se vê lutando com cada passo que dá. Ela lambe os lábios e sente cada vez mais vertigens. O sangue pulsa em sua bochecha, e ela começa a se perguntar se a ferida estaria infectada. Ela sente que está mudando. Ela não consegue explicar, mas sente como se o sangue do dragão estivesse pulsando através dela.

"Kyra!"

Há um grito distante, que parece estar a um mundo de distância. Ele é seguido por várias outras vozes, gritando seu nome, seus gritos absorvidos pela neve e pinheiros. Kyra precisa de um momento até perceber, até reconhecer as vozes: homens de seu pai. Eles estão ali, procurando por ela.

Kyra sente uma onda de alívio.

"Aqui!" Ela grita, pensando que está gritando, mas se surpreendendo ao perceber que sua própria voz é quase um sussurro. Naquele momento, ela percebe como está fraca. Sua ferida está fazendo alguma coisa com ela, algo que ela não consegue entender.

De repente, seus joelhos dobram embaixo dela, e Kyra cai na neve, incapaz de resistir.

Leo dá um latido e, em seguida, corre na direção das vozes distantes.

Ela quer chamar Leo de volta, gostaria de chamar todos eles, mas ela agora está muito fraca. Ela fica ali, deitada na neve, e olha para o mundo branco, para o sol ofuscante de inverno, e fecha os olhos quando um sono que ela já não consegue resistir toma conta dela.

CAPÍTULO CATORZE

Alec segura a cabeça entre as mãos, tentando diminuir sua dor de cabeça, enquanto a carroça cheia de meninos sacode ao longo da estrada, como fazia desde que a noite havia começado. Os buracos e valas parecem nunca ter fim, e a carroça de madeira simples, com suas barras de ferro e rodas de

madeira, parece ter sido construída para causar o máximo de desconforto possível. A cada solavanco, a cabeça de Alec bate na madeira atrás dele; após a primeira batida, ele havia pensado que aquilo não poderia durar muito, e que a estrada logo chegaria ao fim.

Mas hora após hora havia se passado e, se alguma coisa havia mudado, tinha sido para pior. Ele tinha ficado acordado a noite toda, sem esperança de cair no sono, incomodado com os repetidos solavancos, com o fedor dos outros meninos, e com as cotoveladas e empurrões que o mantinham acordado.

Durante toda a noite o carro faz paradas em aldeias, pegando mais e mais meninos, e colocando todos ali em meio à escuridão. Alec pode sentir os olhos deles sobre ele - analisando-o, um mar de rostos desesperados com olhares cheios de raiva. Eles são todos mais velhos, miseráveis, e à procura de uma vítima.

Alec a princípio havia pensado que haveria uma solidariedade entre eles, já que estavam todos juntos na mesma situação, levados contra a sua vontade para servir nas Chamas. Mas ele tinha rapidamente aprendido que não era esse o caso. Cada menino está em seu próprio mundo, e se Alec havia recebido qualquer tipo de comunicação, tinha sido apenas hostilidade. Os meninos têm expressões duras, barbas por fazer, cicatrizes em seus rostos, e narizes que parecem ter sido quebrados algumas vezes, e Alec começa a perceber que nem todos os meninos naquela carroça acabavam de completar dezoito anos - alguns são mais velhos, com experiência de vida, e parecem ser criminosos, ladrões, estupradores, assassinos, jogados com os outros, todos a caminho do trabalho forçado de proteger as Chamas.

Alec, sentado na madeira dura, apertado e sentindo como se estivesse se dirigindo ao inferno, está certo de que a situação não poderia ficar pior; mas as paradas da carroça não cessam e, para sua surpresa, eles jogam cada vez mais meninos ali dentro com ele. Quando ele havia chegado ali pela primeira vez,

uma dúzia de meninos parecia apertado, sem margem de manobra; mas agora, com mais de duas dezenas e contando, Alec mal pode respirar. Os meninos que chegaram depois dele são obrigados a ficar em pé, tentando segurar no teto, em qualquer coisa, mas, sobretudo, escorregando e caindo uns sobre os outros a cada solavanco da carroça. Mais de um menino com raiva se empurram, e brigas intermináveis eclodem

durante toda a noite, enquanto os meninos constantemente acotovelam e empurram uns aos outros. Alec assiste incrédulo quando um menino arranca a orelha de outro com uma mordida. A única sorte é que eles não têm espaço para manobrar, até mesmo para levar seus braços para trás para dar um soco, então as lutas invariavelmente logo se acalmam, com promessas de serem retomadas mais tarde.

Alec ouve o canto de pássaros e olha para fora, com os olhos turvos, para ver a primeira luz do dia atravessando as barras de ferro. Ele fica espantado em ver um novo dia, por ter sobrevivido à noite mais longa de sua vida.

À medida que o sol ilumina a carroça, Alec começa a dar uma olhada melhor em todos os novos meninos que haviam chegado. Ele é, de longe, o mais jovem do lote - e, ao que parece, um dos menos perigosos. Aquele é um grupo de musculosos, meninos irascíveis, cheios de cicatrizes, alguns tatuados, parecendo os meninos esquecidos da sociedade. Eles estavam todos no limite, irritados depois da noite longa, e Alec sente que uma explosão está prestes a acontecer.

"Você parece muito jovem para estar aqui," fala uma voz profunda.

Alec olha para o lado e vê um menino, talvez um ou dois anos mais velho, sentado ao seu lado, ombro a ombro. Ele é a presença, Alec percebe que ele havia sentido, encostado contra ele durante toda a noite, um menino com ombros largos, fortes músculos e a expressão simples e inocente de um fazendeiro. Seu rosto é diferente dos outros, aberto e amigável, talvez até um pouco ingênuo, e Alec encontra nele uma alma amiga.

"Eu tomei o lugar do meu irmão," Alec responde sem rodeios, mas se perguntando o quanto dizer a ele.

"Ele estava com medo?" O menino pergunta, intrigado.

Alec balança a cabeça.

"Ele é manco," Alec corrige.

O garoto balança a cabeça, como se compreendesse, e olha para Alec com um novo respeito.

Eles caem em silêncio, e Alec olha para o garoto.

"E você?" Pergunta Alec. "Você também não parece ter dezoito anos."

"Dezessete" responde o garoto.

Alec lança um olhar confuso.

"Então por que você está aqui?" ele pergunta.

"Eu me ofereci."

Alec fica atordoado.

"Você se *ofereceu*? Mas por quê?"

O menino olha para o chão e dá de ombros.

"Eu queria ir embora."

"Para fugir de quê?" Alec pergunta perplexo.

O menino fica em silêncio e Alec pode ver uma expressão sombria em seu rosto. Ele continua em silêncio e Alec começa a achar que ela não vai responder quando, finalmente, o rapaz resmunga: "De casa."

Alec vê a tristeza em seu rosto, e compreende tudo. Claramente, algo tinha dado terrivelmente errado na casa deste rapaz, e pelas contusões nos seus braços e pelo olhar de tristeza misturado com raiva, Alec só consegue imaginar.

"Eu sinto muito," Alec responde.

O menino olha para ele com uma expressão de surpresa, como se não esperasse encontrar qualquer compaixão naquela carroça. De repente, ele estende a mão.

"Marco," ele se apresenta.

"Alec".

Eles apertam as mãos, a do menino o dobro do tamanho da mão de Alec, e com um aperto forte que deixa a mão dele doendo. Alec sente que ele havia encontrado um amigo em Marco, e a constatação é um alívio, considerando o mar de rostos diante dele.

"Eu suspeito que você seja a única pessoa que se ofereceu para estar aqui," afirma Alec.

Marco olha em volta e dá de ombros.

"Eu suspeito que você esteja certo. A maioria deles é gente convocada ou prisioneiros."

"Prisioneiros?" Pergunta Alec, surpreso.

Marco assente.

"Os Guardiões são compostos não apenas de convocados, mas de uma boa quantidade de criminosos, também."

"Quem você está chamando de criminoso, menino?" diz uma voz selvagem.

Os dois se viram e se deparam com um dos rapazes, envelhecido prematuramente, aparentando ter quarenta anos de idade, embora não tenha mais que vinte, com um rosto cheio de marcas e olhos redondos. Ele está agachado, e olhando para o rosto de Marco.

"Eu não estava falando com você," responde Marco, em tom desafiador.

"Bem, agora que você está," o menino dispara, claramente procurando por uma briga. "Diga isso de novo. Você quer me chamar de um criminoso na minha cara?"

Marco enrubesce e aperta a mandíbula, ficando com raiva.

"Se a carapuça serve," responde Marco.

O outro garoto cora de raiva, e Alec admira a coragem de Marco, sua falta de medo. O menino salta para cima de Marco, colocando as mãos em torno do pescoço dele e apertando com toda sua força.

Tudo acontece tão rápido, Marco é claramente apanhado desprevenido e, dentro daquela carroça, ele tem pouco espaço de manobra. Seus olhos se arregalam ampla quando ele começa a perder o fôlego, tentando, sem sucesso, tirar as mãos do menino de seu pescoço. Marco é maior, mas o menino tem mãos grossas, calejadas, provavelmente devido a anos de assassinato, e Marco não consegue soltar seu aperto.

"LUTA! LUTA!" Os outros meninos gritam.

Os outros olham, assistindo a briga sem muito ânimo, apenas uma das doze lutas que haviam acontecido durante a noite.

Marco, lutando, joga seu corpo pra frente rapidamente e então joga a cabeça para trás contra o garoto, esmagando seu nariz. Há um barulho de algo se partindo e sangue começa a jorrar do nariz do menino.

Marco tenta se levantar para ficar em uma posição melhor, mas quando ele tenta, uma grande bota

pressiona seu ombro quando outro garoto o segura no lugar. No mesmo instante, o primeiro menino, com sangue ainda jorrando de seu nariz, enfia a mão na cintura e tira algo brilhante. O objeto reflete a luz da manhã, e Alec percebe, - chocado, que é um punhal. Tudo acontece tão rápido, que Marco não tem tempo de reagir.

O menino empurra o punhal para frente, apontando para o coração de Marco.

Alec reage. Ele pula pra frente e segura o pulso do rapaz com as duas mãos, prendendo a mão dele no chão, e poupando Marco do golpe mortal um momento antes que a lâmina atingisse seu peito. A lâmina passa raspando em Marco, rasgando sua camisa, mas sem tocar sua pele.

Alec e o rapaz vão ao chão, lutando para segurar a lâmina, enquanto Marco consegue se recuperar e torce o tornozelo de seu outro atacante, quebrando-o com um estalo.

Alec sentiu mãos oleosas em seu rosto, sente as unhas compridas do primeiro menino arranhando seu rosto, estendendo a mão para alcançar seus olhos. Alec sabe que ele precisa agir rápido; ele solta a mão com o punhal e bate com o cotovelo para trás, sentindo grande satisfação ao ouvir o barulho quando seu cotovelo encontra a mandíbula de seu agressor.

O menino é arremessado para longe dele, caindo de cara no chão.

Alec, respirando com dificuldade, com o rosto ardendo por causa dos arranhões, consegue de alguma forma ficar em pé com Marco ao seu lado, ambos cercados pelos outros meninos. Os dois ficam lado a lado, olhando para seus atacantes deitados no chão, imóveis. O coração de Alec bate em seu peito, e enquanto ele fica ali, ele decide que não quer mais se sentar; que a posição o deixa muito vulnerável a ataques de cima. Ele prefere ficar em pé resto do caminho, por mais longa que seja a viagem.

Alec olha pra frente e vê todos os olhares hostis na direção dele, e desta vez, em vez de desviar o olhar, ele simplesmente retribui o gesto, percebendo que precisa projetar confiança se quiser sobreviver naquele grupo. Finalmente, todos parecem olhar para ele de forma diferente, algo como respeito, e então eles desviam o olhar.

Marco olha para baixo, examinando o rasgo em sua camisa, onde o punhal quase havia perfurado seu coração. Ele olha para Alec com o rosto cheio de gratidão.

"Você tem um amigo para a vida," Marco diz com sinceridade.

Ele estende a mão Alec e Alec a aperta, sentindo-se bem. Um amigo: isso é exatamente o que ele

precisa.

CAPÍTULO QUINZE

Kyra abre os olhos lentamente, - desorientada, e se perguntando onde ela está. Ela vê um teto de pedra alto acima dela, refletindo a luz de tochas ao seu redor, e sente que está deitada em uma cama de peles luxuosas. Ela não consegue entender; em sua última lembrança, ela estava caída na neve, certa de que iria morrer.

Kyra levanta a cabeça e olha ao seu redor, esperando ver a floresta de neve. Mas em vez disso, ela fica chocada ao ver um grupo de rostos familiares aglomerados em torno dela - seu pai, seus irmãos Brandon, Braxton e Aidan, Anvin, Arthfael, Vidar, e uma dúzia dos melhores guerreiros de seu pai. Ela está de volta à fortaleza, em seu quarto, na sua cama, e todos olham para ela com preocupação. Kyra sente uma pressão em seu braço, e ao olhar para o lado vê Lyra, o curandeiro da corte, com seus grandes olhos castanhos e cabelos longos cor de prata em pé sobre ela, examinando-lhe o pulso.

Kyra abre os olhos totalmente ao perceber que não está mais na floresta. De alguma forma, ela havia conseguido voltar. Ela ouve um gemido ao lado dela, sente o nariz de Leo em sua mão, e então percebe: ele deve tê-los guiado até ela.

"O que aconteceu?" Ela pergunta ainda confusa, tentando juntar todos os pedaços.

O grupo parece aliviado ao vê-la acordada, falando, e seu pai se aproxima com o rosto cheio de remorso e alívio enquanto segura sua mão com firmeza. Aidan corre e pega sua outra mão, e ela sorri ao ver seu irmão mais novo ao seu lado.

"Kyra," seu pai diz, sua voz cheia de compaixão. "Você está em casa agora. Segura."

Kyra vê a culpa no rosto de seu pai, e as lembranças voltam para ela: a discussão na noite anterior. Ela percebe que ele deve ter se sentido responsável - as palavras dele, afinal, tinham-na afastado.

Kyra sente uma picada e grita de dor quando Lyra estende o braço e encosta um pano frio na bochecha dela; há algum tipo de pomada nele, e sua ferida arde e depois parece esfriar.

"Água de Lírio," Lyra explica suavemente. "Precisei testar seis pomadas para descobrir o que curaria

esta ferida. Você tem sorte, podemos tratá-la - a infecção já estava ficando séria."

Seu pai olha para seu rosto com uma expressão de preocupação.

"Conte-nos o que aconteceu," ele pede. "Quem fez isso com você?"

Kyra se apoia em um cotovelo, com a cabeça girando, sentindo todos os olhares sobre ela, todos os homens atentos, esperando em silêncio. Ela tenta se lembrar, juntar todos os pedaços.

"Eu me lembro..." ela começa, com a voz rouca. "A tempestade... as Chamas... a Floresta de Espinhos."

A testa de seu pai franze em preocupação.

"Por que você foi se aventurar lá?" ele pergunta. "Por que caminhar até lá em uma noite como essa?"

Ela tenta se lembrar.

"Eu queria ver as Chamas com meus próprios olhos," ela explica. "E então... Eu precisava de abrigo. Eu me lembro... o Lago dos Sonhos... e então... uma mulher."

"Uma mulher?" ele pergunta. "Na Floresta de Espinhos?"

"Ela era... antiga... a neve não a alcançava."

"Uma bruxa," engasga Vidar.

"Essas coisas andam à solta durante a Lua de Inverno," acrescenta Arthfael.

"E o que ela disse?" Seu pai exige, ansioso.

Kyra pode ver a confusão e preocupação em todos os rostos, e decide abster-se, decide não lhes

contar sobre a profecia, sobre seu futuro. Ela ainda está tentando processar tudo, e ela teme que, se eles ouvissem tudo, poderiam pensar que ela era louca.

"Eu... não consigo me lembrar," ela responde.

"Ela fez isso com você?" Pergunta seu pai, olhando para seu rosto.

Kyra balança a cabeça e engole, com a garganta seca, e Lyra se adianta para lhe entregar um pouco de água. Ela bebe, percebendo como estava sedenta.

"Houve um grito," continua Kyra. "Diferente de qualquer outro que eu já tinha ouvido antes."

Ela se senta, sentindo-se mais lúcida, e as lembranças começam a voltar para ela. Ela olha seu pai diretamente nos olhos, imaginando como ele reagiria.

"O choro de um dragão," ela fala sem rodeios, preparando-se para a reação deles, se perguntando se eles

sequer acreditariam nela.

O quarto emite um suspiro audível de descrença, e todos os homens olham para ela

boquiabertos. Um intenso silêncio cai sobre eles, e todos parecem mais atordoados do que ela já os tinha visto.

Ninguém fala pelo que parece ser uma eternidade.

Finalmente, seu pai balança a cabeça.

"Dragões não visitam Escalon há mais de mil anos," ele diz. "Você deve ter ouvido alguma outra coisa, talvez seus ouvidos a tenham enganado."

Thonos, historiador e filósofo do antigo rei e agora um residente de Volis, dá um passo à frente, com sua longa barba grisalha, apoiado em sua bengala. Ele raramente falava, e quando o fazia, sempre comandava grande respeito, um poço de conhecimento e sabedoria esquecida.

"Na Lua de Inverno," começa ele, sua voz frágil, "essas coisas são possíveis."

"Eu o vi," Kyra insiste. "Eu o salvei."

"*Salvou?*" Pergunta seu pai, olhando para ela como se ela fosse louca. "Você, salvou um dragão?"

Todos os homens olham para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

"Foi a pancada," Vidar fala. "Afetou a cabeça dela."

Kyra cora, desesperadamente querendo que eles acreditem nela.

"Ela *não* afetou minha cabeça," ela insiste. "Eu não minto!"

Ela procura algo em todos os seus rostos, desesperada.

"Quando foi que qualquer um de vocês me ouviu mentir?" Ela pergunta.

Todos continuam parecendo incertos, sem responder.

"Dê à menina uma chance," Vidar fala. "Vamos ouvir sua estória."

Seu pai acena de volta para ela.

"Vá em frente," ele pede.

Kyra lambe os lábios, ajustando sua postura na cama.

"O dragão estava ferido," ela começa. "Os homens do Governador o tinham encurralado. Eles estavam pretendendo matá-lo. Eu não podia deixá-lo morrer, não gosto disso."

"O que você fez?" Pergunta Anvin, parecendo menos cético do que os outros.

"Eu os matei," ela responde, olhando para o vazio, vendo-os de novo diante dela, sua voz pesada, percebendo como sua história parece maluca. Ela quase não consegue acreditar. "Eu matei todos eles."

Outro longo silêncio recai sobre o quarto, ainda mais grave do que o primeiro.

"Eu sei que vocês não vão acreditar em mim," ela acrescenta finalmente.

Seu pai limpa a garganta e aperta a mão dela.

"Kyra," ele diz, sombrio. "Encontramos cinco homens mortos perto de você - homens do Governador. Se o que você diz é verdade, você percebe como isso é grave? Você entende o que você fez?"

"Eu não tinha escolha, papai," ela diz. "O símbolo de nossa casa - somos proibidos de deixar um animal ferido morrer."

"Um dragão não é um animal!" Ele rebate com raiva. "Um dragão é uma...".

Mas sua voz perde força, ele obviamente não sabe o que dizer, enquanto olha para o espaço.

"Se os homens do Governador estão todos mortos," opina Arthfael, quebrando o silêncio, enquanto esfrega a barba, "o que isso importa? Quem poderia saber que foi a garota quem os matou? Como eles podem chegar até nós?"

Kyra tem uma sensação de apreensão, mas sabe que precisa lhes dizer toda a verdade.

"Havia mais uma pessoa," acrescenta ela, relutante. "Um escudeiro. O rapaz testemunhou tudo, e escapou a cavalo."

Eles a encaram, seus rostos sombrios.

Maltren se adianta, franzindo a testa.

"E por que você deixou que ele vivesse, então?" Pergunta ele.

"Ele era apenas um menino," ela diz. "Ele estava desarmado, de costas para mim. Por acaso eu deveria ter colocado uma flecha nele?"

"Eu duvido que você tenha colocado uma flecha em qualquer um deles," Maltren dispara. "Mas, se assim for, é melhor deixar que um menino viva e condenar todos nós à morte?"

"Ninguém nos condenou à morte," seu pai repreende Maltren, defendendo Kyra.

"E o que foi que ela fez então?" ele pergunta. "Se ela não estiver mentindo, então os homens do Governador são mortos, Volis é culpada, eles têm uma testemunha, e todos nós estamos condenados."

Seu pai se vira para ela, com a expressão mais séria que ela já tinha visto.

"Isso é grave notícia, de fato" ele diz, parecendo ter um milhão de anos de idade.

"Eu sinto muito, papai," ela fala. "Eu não tive a intenção de lhe causar problemas."

"Não quis?" Maltren rebate. "Não, você só acidentalmente matou cinco dos homens do governado. E tudo isso para quê?"

"Eu já lhes disse," ela responde. "Para salvar o dragão."

"Para salvar um dragão imaginário," Maltren ri. "Isso faz tudo valer a pena. Um dragão que, se existisse mesmo, teria prazer em dilacerar você."

"Ele não me atacou," ela responde.

"Chega dessa conversa absurda sobre um dragão," seu pai diz, levantando a voz, agitado. "Conte-nos agora a verdade. Somos todos homens aqui. Conte-nos o que aconteceu - nós não vamos julgá-la."

Ela sente vontade de chorar por dentro.

"Eu já disse a vocês," ela declara.

"Eu acredito nela," afirma Aidan, em pé ao seu lado. Ela se sente grata a ele por isso.

Mas, quando ela olha de volta para o mar de rostos diante dela, está claro que ninguém mais acredita em sua história. Um longo silêncio recai sobre o quarto.

"Não é possível, Kyra," seu pai finalmente lhe diz baixinho.

"*É sim,*" afirma de repente uma voz sombria.

Todos se viram quando a porta do quarto se abre de repente e vários homens de seu pai entram marchando, tirando a neve de suas peles e cabelos. O homem que havia falado, seu rosto ainda vermelho do frio, olha para Kyra espantado.

"Nós encontramos rastros," ele diz. "No rio. Perto de onde foram encontrados os corpos. Pegadas grandes demais para qualquer coisa que anda nesta terra. Pegadas de um dragão."

Todos os homens olham para Kyra, agora parecendo incertos.

"E onde está esse dragão, então?" pergunta Maltren.

"A trilha leva até o rio," relata o homem.

"Ele não conseguia voar," explica Kyra. "Ele estava ferido, como eu disse. Ele rolou para as corredeiras

e eu o perdi de vista."

O quarto cai em um longo silêncio, e agora, está claro, todos acreditam nela. Eles olham para ela com admiração.

"Você diz que viu este dragão?" Pergunta seu pai.

Ela assente com a cabeça.

"Eu cheguei tão perto dele como você e eu estamos agora," ela responde.

"E como você sobreviveu?" ele pergunta.

Ela engole em seco, sem saber o que responder.

"Foi como eu ganhei este arranhão," ela explica, tocando seu rosto.

Todos olham para o rosto dela sob uma nova luz, parecendo atordoados.

Quando Kyra corre os dedos ao longo dela, ela sente que ficaria com uma cicatriz que mudaria sua aparência para sempre; mas de alguma forma, estranhamente, ela não se importa.

"Mas eu não acho que ele quis me machucar," ela acrescenta.

Eles olham para ela como se ela fosse louca. Ela gostaria de lhes explicar a ligação que tinha com a criatura, mas não acha que eles entenderiam.

Todos olham para ela, todos aqueles homens adultos completamente perplexos, até que seu pai finalmente pergunta:

"Por que você arriscaria sua vida para salvar um dragão? Por que você colocaria todos nós em perigo?"

É uma boa pergunta, uma pergunta que Kyra não sabe como responder. Ela gostaria de saber a resposta, mas não consegue expressar seus sentimentos com palavras, explicando suas emoções, o sentido de ter encontrado seu destino ao chegar perto da besta - e ela não acha que aqueles homens jamais poderiam entender. No entanto, ela sabe que todos eles estão em perigo, e ela se sente terrivelmente mal por isso.

Tudo o que ela pode fazer é baixar a cabeça e dizer: "Perdoe-me, papai."

"Não é possível," diz Maltren, agitado. "É impossível enfrentar um dragão e sobreviver."

"A menos que," começa Anvin, olhando para Kyra estranhamente e, em seguida, virando-se para seu pai. "A menos que sua filha seja o-"

Seu pai, de repente lança um olhar para Anvin, que imediatamente se cala.

Kyra olha para os dois, intrigada, imaginando o que Anvin estava prestes a dizer.

"A menos que eu seja *o quê?*" Kyra exige saber.

Mas Anvin desvia o olhar e não diz mais nada. Na verdade, toda a sala fica em silêncio, e enquanto

Kyra analisa seus rostos, ela se dá conta de que todos os homens estão desviando o olhar, como se todos tivessem algum segredo sobre ela.

Seu pai, de repente se levanta da cabeceira e solta a mão dela. Ele permanece em pé, de uma forma que sinaliza que a reunião havia terminado.

"Você tem que descansar agora," ele diz. Depois ele vira e se dirige gravemente aos seus

homens. "Um exército se aproxima," ele diz com urgência, sua voz cheia de autoridade. "Temos que nos preparar."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Kyra está sozinho no campo quente de verão, admirando o mundo ao seu redor. Tudo está

floreando em cores deslumbrantes; as colinas estão verdes, tão vibrantes, salpicadas com flores

amarelas e vermelhas brilhantes. Árvores estão florescendo em todos os lugares, sua folhagem grossa

balançando ao vento e seus galhos estão carregados de frutas. As colinas estão cobertas de vinhedos, e o cheiro de flores e uvas está pesado no ar de verão. Kyra se pergunta onde ela estava, onde o seu povo tinha ido - e o que havia acontecido com o inverno.

Há um grito, alto no céu, e Kyra olha para cima e vê Theos circulando acima dela. Ele desce,

pousando na grama, a poucos metros de distância dela, e olha para ela com seus intensos olhos amarelos

e brilhantes. Algo se passa entre os dois, a ligação entre eles é intensa, como se as palavras não precisassem ser ditas.

Theos de repente estica o pescoço e grita, soprando fogo na direção dela.

Por alguma razão, Kyra não sente medo. Ela não vacila enquanto as chamas se aproximam dela,

sabendo - de alguma forma, que ele nunca iria machucá-la. O fogo se divide, espalhando-se à esquerda e à direita dela, incendiando a paisagem ao redor dela sem lhe causar qualquer dano.

Kyra se vira e fica horrorizado ao ver as chamas se espalharem em todo o campo, ao ver todo o verde exuberante toda a beleza do verão, se transformar em cinzas. A paisagem muda diante de seus olhos, as árvores queimadas até virarem carvão, a grama substituída pela terra.

As chamas sobem cada vez mais, espalhando-se até mais longe e mais rápido, até que ela assiste, - horrorizada, Volis sendo consumida pelas chamas, até que nada mais resta exceto escombros e cinzas.

Theos finalmente para, e Kyra se vira e olha para ele. Kyra fica ali, na sombra do dragão, humilhada por seu tamanho e sem saber o que esperar. Ele quer alguma coisa dela, mas ela não consegue entender o que é.

Kyra estende a mão para tocar suas escamas, e de repente ele ergue uma garra, gritando, e corta a bochecha dela.

Kyra se senta na cama, gritando, segurando seu rosto, a dor terrível se espalhando através dela. Ela se debate, tentando fugir do dragão, mas fica surpresa ao sentir mãos humanas em volta dela, acalmando-a, tentando contê-la.

Kyra pisca os olhos e vê um rosto familiar sobre ela, segurando uma compressa em sua bochecha.

"Shh," Lyra diz, consolando-a.

Kyra olha em volta, desorientada, e finalmente percebe que tinha sonhado. Ela ainda está em casa, no forte de seu pai, ainda em seu quarto.

"Foi só um pesadelo," Lyra fala.

Kyra percebe que deve ter caído no sono, como há muito tempo não fazia. Ela verifica a janela e vê que a luz do sol tinha sido substituída pela escuridão. Ela se senta, alarmada.

"Que horas são?" ela pergunta.

"É tarde da noite, minha senhora," responde Lyra. "A lua já está alta no céu."

"E o exército que se aproxima?" ela pergunta com o coração acelerado.

"Nenhum exército chegou, minha senhora," responde ela. "A neve ainda está alta, e era quase noite quando você acordou. Nenhum exército pode marchar nestas condições. Não se preocupe, você só dormiu algumas horas. Descanse agora."

Kyra volta deitar e exala o ar; ela sente um nariz molhado na mão dela e vê Leo, lambendo sua mão.

"Ele não saiu do lado de sua cama, minha senhora," Lyra sorri. "E nem ele."

Ela faz um gesto e Kyra fica tocada ao ver Aidan deitado, dormindo em uma pilha de peles ao lado da lareira com um livro nas mãos.

"Ele leu para você enquanto você dormia," acrescenta ela.

Kyra é tomada pelo sentimento de amor por irmão caçula - e isso a deixa ainda mais alarmada com o que está por vir.

"Eu posso sentir sua tensão," Lyra continua, pressionando uma compressa em sua bochecha. "Você teve sonhos conturbados. É a marca de um dragão."

Kyra a vê olhando para ela de forma significativa, com admiração, e decide perguntar.

"Eu não entendo o que está acontecendo comigo," Kyra diz. "Eu nunca havia sonhado antes, não assim. Eles parecem ser mais do que sonhos - como se eu estivesse realmente lá. Como se eu estivesse vendo através do olho do dragão."

A enfermeira olha para Kyra com olhos sábios, e coloca as mãos em seu colo.

"Ser marcada por um animal é uma coisa muito sagrada," Lyra fala. "E esse não é um animal comum. Se uma criatura toca você, vocês compartilham uma sinergia - para sempre. Você pode ver o

que ele vê, ou sentir o que ele sente, e ouvir o que ele ouve. Pode acontecer esta noite, ou pode ser no próximo ano. Mas um dia, deve acontecer."

Lyra olha para ela, procurando algo.

"Você entende Kyra? Você não é a mesma garota que você era ontem, quando você saiu daqui. Isso não é uma mera marca em sua bochecha - isso é um sinal. Agora você carrega dentro de você a marca de um dragão."

Kyra franze a testa, tentando entender.

"Mas o que isso quer dizer?" Kyra pergunta, tentando encontrar algum sentido em tudo aquilo.

Lyra suspira, exalando por um longo tempo.

"O tempo irá mostrar."

Kyra pensa nos homens do Governador, na guerra que se aproxima, e sente uma onda de urgência. Ela tira as peles de cima dela e fica em pé, e assim que faz isso ela se sente incerta, - diferente de antes. Lyra corre e a segura pelos ombros, estabilizando-a.

"Você deve se deitar," Lyra pede. "A febre ainda não passou."

Mas Kyra sente urgência em ajudar e não consegue mais ficar deitada na cama.

"Eu vou ficar bem," ela responde, agarrando sua capa e colocando-a sobre os ombros para protegê-la do vento. Ao começar a se afastar, ela sente uma mão em seu ombro.

"Beba isso, pelo menos," Lyra pede, entregando-lhe uma caneca.

Kyra olha para baixo e vê um líquido vermelho dentro da caneca.

"O que é isso?"

"A minha própria invenção," ela responde com um sorriso "Ele vai acalmar sua febre e aliviar a dor."

Kyra dá um longo gole, segurando a caneca com as duas mãos, e o líquido lhe parece grosso, difícil de engolir. Ela faz uma careta e Lyra sorri.

"Tem gosto de terra," Kyra observa.

Lyra sorri ainda mais. "Ele não é conhecido pelo sabor agradável."

Mas Kyra já começa a se sentir melhor, e todo o seu corpo imediatamente se aquece.

"Obrigada," ela diz. Ela vai até Aidan e beija a testa dele, com cuidado para não acordá-lo. Ela então sai correndo do quarto, seguida de perto por Leo.

Kyra corre pelos intermináveis corredores de Volis, escuros e iluminados apenas pelas tochas ao longo das paredes. Apenas alguns homens montam guarda a esta hora tardia, enquanto o resto do forte dorme tranquilo. Kyra sobe uma escadaria de pedra em espiral e para diante dos aposentos de seu pai, bloqueado por um guarda. Ele olha para ela, com algo parecido com reverência em seus olhos, e ela se pergunta até que ponto a história já tinha se espalhado. Ele acena para ela.

"Minha senhora," ele diz.

Ela o cumprimenta com a cabeça.

"Meu pai está em seu quarto?"

"Ele não conseguia dormir. Da última vez que o vi ele estava andando em direção ao seu escritório."

Kyra corre pelos corredores de pedra, abaixando a cabeça ao passar embaixo de um arco rebaixado, e desce uma escada em espiral até finalmente chegar ao lado extremo do forte. O corredor termina em uma grossa porta de madeira que dá acesso à biblioteca de seu pai, e ela estende a mão para abri-la, mas encontra a porta já entreaberta. Ela para ao ouvir vozes urgentes e tensas vindas de seu interior.

"Estou lhe dizendo que *não* é isso que ela viu," diz a voz irritada de seu pai.

Ele parece nervoso, e ela para antes de entrar, imaginando que seria melhor esperar. Ela fica ali, esperando que as vozes parem de falar, e curiosa para saber com quem ele está falando e sobre o quê. Eles estariam se referindo a ela? Kyra se pergunta.

"Se ela realmente viu um dragão," fala uma voz rachada, que Kyra imediatamente reconhece como Thonos, o mais antigo conselheiro de seu pai, "resta pouca esperança para Volis."

Seu pai diz algo que ela não consegue entender, e um longo silêncio se segue, enquanto Thonos suspira.

"Os manuscritos antigos," Thonos responde, com a voz fraca, "falam da ascensão dos dragões. Uma época em que todos nós seremos esmagados sob suas chamas. Nós não temos nenhuma parede para mantê-los longe. Não temos nada exceto montanhas e céu. E se eles vieram, eles estão aqui por uma razão."

"Mas que razão?" Pergunta o pai de Kyra. "O que obrigaria um dragão a atravessar metade do mundo?"

"Talvez a melhor pergunta comandante," Thonos responde: "é o que poderia tê-lo ferido?"

Há um longo silêncio, interrompido apenas pelo crepitar do fogo, até que finalmente Thonos volta a falar.

"Eu suspeito que não seja o dragão o que mais o perturba, não é?" Pergunta Thonos.

Outro silêncio se segue e Kyra, embora soubesse que não deveria bisbilhotar, se inclina para frente, incapaz se controlar, e olha pela fresta. Seu coração fica pesado ao ver seu pai sentado ali, com a cabeça entre as mãos, pensando.

"Não," ele diz, sua voz cheia de exaustão. "Não é" admite ele.

Kyra se pergunta do que eles poderiam estar falando.

"Você está preocupado com as profecias, não é verdade?" Pergunta ele. "A hora em que ela nasceu?"

Kyra se aproxima, com o coração batendo em seus ouvidos, sentindo que eles estão falando sobre ela, mas sem entender o que eles querem dizer.

Não já qualquer resposta.

"Eu estava lá, comandante," Thonos finalmente diz. "Assim como você."

Seu pai suspira, mas não levanta a cabeça.

"Ela é sua filha. Você não acha que ela merece saber? Sobre seu nascimento? Sua mãe? Será que ela não tem o direito de saber quem ela é?"

O coração de Kyra bate em seu peito; ela odeia segredos, especialmente sobre ela. Ela está morrendo de vontade de entender o que eles estão falando.

"Não é a hora certa," diz finalmente seu pai.

"Mas a hora nunca é certa, não é?" o velho declara.

Kyra respira bruscamente, sentindo-se traída.

De repente, ela se vira e sai correndo, sentindo um peso no peito enquanto as palavras de seu pai ressoam em seus ouvidos. Elas a magoam mais que um milhão de facas, mais do que qualquer coisa que os homens do Governador poderiam fazer com ela. Ela se sente traída ao descobrir que seu pai esconde um segredo dela - algum segredo que ele havia escondido desde o dia de seu nascimento. Ele estava mentindo para ela.

Será que ela não tem o direito de saber quem ela é?

Sua vida inteira Kyra havia sentido que as pessoas olhavam para ela de forma diferente, como se soubessem algo sobre ela que ela não sabia, como se ela fosse uma forasteira, e ela nunca tinha entendido por que. Agora, ela compreende. Ela não se sente diferente dos outros, ela é diferente. Mas como?

Quem é ela?

CAPÍTULO DEZESSETE

Vesúvio marcha, seguido por uma centena de trolls, através da Grande Floresta, subindo uma

encosta íngreme demais para os cavalos. Ele marcha com um senso é de determinação e, pela primeira vez, otimismo. Ele corta o mato grosso com sua lâmina, sabendo que é desnecessário - pelo simples prazer de matar e destruir.

A cada passo Vesúvio ouve o rugido do gigante capturado cada vez mais alto, fazendo com que o chão sob eles trema. Ele observa o medo nos rostos de seus companheiros trolls - e isso o faz sorrir. Esse medo é o que ele tinha esperança de ver por anos - significa que finalmente, depois de todos os boatos, o gigante havia sido encontrado.

Ele corta a última moita e chega ao topo da colina, onde a floresta se abre em uma grande clareira diante dele. Vesúvio para em seu caminho, surpreendido pela visão. No outro lado da clareira há uma enorme caverna, com uma abertura em arco de cem metros de altura, e acorrentado a uma de suas rochas, por correntes com vinte metros de comprimento e três metros de espessura, uma para cada tornozelo e punho, está a maior e mais hedionda criatura que ele já tinha visto em toda sua vida. É um gigante de verdade, uma criatura grotesca com pelo menos trinta metros de altura e dez metros de largura, com o corpo de um homem mas com quatro olhos, nenhum nariz, e uma boca que é pura mandíbula e dentes. Ele abre a sua boca e dá um rugido, um som horrível, e Vesúvio, que nada temia, que havia enfrentado as criaturas mais terríveis do mundo, deve admitir que até *ele* está com medo. Ele abre a boca cada vez mais, mostrando dentes afiados com quase dois metros de comprimento, e parece pronto para engolir o mundo.

Ele também parece enfurecido. Ele ruge repetidas vezes, batendo seus pés, lutando contra as correntes que o mantêm preso, e o chão treme, a caverna balança, toda a montanha parece vibrar. É como se aquela besta, com todo o seu poder, estivesse movendo toda a montanha sozinho, como se tivesse tanta energia que não poderia ser contido. Vesúvio sorri; isso é exatamente o que ele precisa. Uma criatura como esta poderia explodir através do túnel, poderia fazer o que um exército de trolls não tinha sido capaz de conseguir.

Vesúvio se adianta e entra na clareira, percebendo as dezenas de soldados mortos, seus corpos jogados no chão, e assim que faz isso, suas centenas de soldados esperam - alinhados em atenção. Ele

pode ver o medo em todas as suas faces, como se não tivessem idéia do que fazer com o gigante agora que eles o haviam capturado.

Vesúvio para na beira da clareira, fora do alcance das correntes do gigante, sem querer acabar como os cadáveres, e se vê sendo atacado pelo gigante, que dá golpes com suas longas garras e erra Vesúvio por apenas alguns centímetros.

Vesúvio fica parado, olhando para ele, enquanto seu comandante se aproxima correndo e para ao seu lado, mantendo a distância ao longo do perímetro, para ficar fora do alcance do gigante.

"Meu Senhor e Rei," diz o comandante, curvando-se respeitosamente. "O gigante foi capturado. Ele é seu para fazer o que quiser. Mas não podemos amarrá-lo, já perdemos muitos soldados tentando. Não sabemos mais o que fazer."

Vesúvio fica ali, com as mãos nos quadris, sentindo os olhos de todos os seus trolls sobre ele enquanto inspeciona a besta. o gigante é uma espécie impressionante, e quando ele olha para baixo e rosna para ele, ansioso para destruí-lo, Vesúvio pode ver qual é o problema. Ele percebe imediatamente, como sempre, a melhor maneira de corrigi-lo.

Vesúvio coloca a mão no ombro de seu comandante e se aproxima dele.

"Você está tentando chegar até ele," ele fala em voz baixa. "Você tem que deixá-lo vir até você. Você deve pegá-lo desprevenido, e só então poderá amarrá-lo. Você deve dar o que ele quer."

Seu comandante olha para trás, confuso.

"E o que é que ele quer, meu Senhor e Rei?"

Vesúvio começa a andar, levando seu comandante pra frente enquanto eles avançam pela clareira, em direção ao gigante.

"Ué, *você*," Vesúvio finalmente responde, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo. Em seguida, ele empurra o seu comandante com toda força, enviando o soldado desavisado tropeçando na direção do gigante.

Vesúvio recua, fora do alcance da criatura, e vê quando o gigante olha para baixo, surpreso. O soldado fica em pé, tentando correr, mas o gigante reage imediatamente, abaixando suas garras, pegando o homem e apertando as mãos em volta de sua cintura enquanto o ergue até o nível de seus olhos. Ele

aproxima o soldado da boca e morde a cabeça do troll, engolindo seus gritos.

Vesúvio sorri, satisfeito por se livrar de um comandante incompetente.

"Se eu preciso lhe dizer o que fazer," ele fala para o cadáver do que tinha sido seu comandante, "então por que eu teria um comandante?"

Vesúvio se vira e olha para o resto de seus soldados, e todos eles, petrificados, olham para ele em estado de choque. Ele aponta para um soldado que está por perto.

"Você," ele aponta.

O troll olha para ele nervoso.

"Sim, meu Senhor e Rei?"

"Você é o próximo."

Os olhos do troll se arregalam, e ele cai de joelhos e junta as mãos diante dele, implorando

"Eu não posso, meu Senhor e Rei!" Ele chora. "Eu lhe imploro! Eu não! Escolha outra pessoa!"

Vesúvio dá um passo à frente e faz um gesto amigável com a cabeça.

"Tudo bem," responde ele. Ele se adianta e corta a garganta do troll com sua adaga, e o troll cai de cara no chão, morto, aos seus pés. "Eu vou."

Vesúvio virou para seus outros soldados.

"Peguem ele," ele ordena, "e joguem-no para o gigante. Quando ele se aproximar, estejam preparados com suas cordas. Vocês devem prendê-lo quando ele se aproximar da isca."

Meia dúzia de soldados pega o cadáver, correm pra frente, e o atiram para dentro da clareira. Os outros soldados seguem o comando do Vesúvio, correndo para cada lado da clareira com suas cordas grossas nas mãos.

O gigante estuda o corpo do troll aos seus pés, como se estivesse considerando suas opções. Mas, finalmente, como Vesúvio havia previsto, ele dá uma exibição de sua inteligência limitada e pula pra frente, agarrando o cadáver exatamente como Vesúvio sabia que ele faria.

"AGORA!" Ele grita.

Os soldados atiram as cordas, arremessando-as sobre as costas do gigante, agarrando em ambos os

lados e puxando, prendendo-o para baixo. Mais soldados correm e jogam mais cordas, dezenas deles, repetidas vezes, amarrando seu pescoço, seus braços, suas pernas. Eles puxam com toda força enquanto o cercam, e a besta resiste e luta, gritando enfurecidamente, mas não há nada que ele possa fazer. Aprisionado por dezenas de cordas grossas, aprisionado por centenas de homens, ele deita de bruços no chão, rugindo, impotente.

Vesúvio se aproxima e fica sobre o gigante, algo inimaginável há poucos momentos, e olha para baixo, satisfeito com sua conquista.

Finalmente, depois de todos aqueles anos, ele sorri largamente.

"Agora," ele fala devagar, saboreando cada palavra, "Escalon será minha."

CAPÍTULO DEZOITO

Kyra fica na janela de seu quarto assistindo o amanhecer sobre o campo com uma sensação de expectativa e medo. Ela havia passado uma noite longa atormentada por pesadelos, sem conseguir dormir depois de ter ouvido a conversa de seu pai. Ela ainda pode ouvir as palavras ressoando em sua cabeça:

Será que ela não tem o direito de saber quem ela é?

Durante toda a noite ela havia sonhado com uma mulher com o rosto coberto, vestindo um véu, uma mulher que ela tinha certeza era sua mãe. Ela havia estendido a mão para ela, várias vezes, apenas para acordar agarrando-se à cama, segurando o nada.

Kyra não sabe mais o que é real e o que é sonho, qual a verdade e o que é mentira. Quantos segredos tinham sido escondidos dela? O quê eles podiam lhe contar?

Kyra havia finalmente acordado ao amanhecer, apertando sua bochecha, que ainda ardia, e se perguntado sobre sua mãe. Durante toda a sua vida ela tinha sido informada que sua mãe havia morrido no parto, e ela não tinha motivos para acreditar no contrário. Kyra sabe que realmente não se parece com ninguém em sua família ou naquele forte, e quanto mais ela pensa sobre isso, mais ela percebe que todos sempre haviam olhado para ela de maneira um pouco diferente, como se ela não fizesse parte

daquele lugar. Mas ela nunca tinha imaginado que poderia haver alguma coisa nisso, que seu pai estivesse mentindo para ela, guardando algum segredo em relação a ela. Sua mãe ainda estaria viva? Por que eles tinham que esconder isso dela?

Kyra fica na janela, tremendo por dentro, espantada com a forma como sua vida havia mudado tão drasticamente no último dia. Ela também sente um fogo queimando em suas veias, correndo de seu rosto para seu ombro e para baixo até seu pulso, e ela sabe que não é a mesma pessoa de antes. Ela pode sentir o calor do dragão correndo dentro dela, pulsando em suas veias. Ela se pergunta o que aquilo significava. Será que ela nunca mais seria a mesma pessoa?

Kyra olha para as pessoas abaixo, centenas delas correndo para lá e para cá logo cedo, e fica encantada com toda aquela atividade. Normalmente, aquela hora do dia era tranquila, mas não agora. Os homens do Governador estão se aproximando, como uma tempestade se aproxima, e seu povo sabe que haverá retaliação. O espírito no ar é diferente; seu povo sempre tinha sido rápido em recuar. Mas seu espírito parece ter endurecido desta vez, e ela fica emocionada ao vê-los se preparando para a luta. Dezenas dos homens de seu pai estão reforçando as trincheiras, dobrando a guarda nos portões, baixando a ponte levadiça, tomando posições sobre as muralhas, barrando janelas e cavando mais valas. Homens selecionam e afiam armas, enchem aljavas com flechas, selam cavalos e se reúnem no pátio, nervosos. Todos estão se preparando

Kyra mal pode acreditar que ela tinha sido o catalisador de tudo isso; ela sente um sentimento de culpa e de orgulho ao mesmo tempo. Acima de tudo, ela se sente apavorada; seu povo, ela sabe, não poderia sobreviver a um ataque direto dos homens do Governador que, afinal, tinham o apoio do Império Pandesiano. Eles poderiam oferecer resistência, mas quando Pandésia chegasse com toda sua força, todos certamente morreriam.

"Fico feliz em ver que você está de pé," diz uma voz alegre.

Kyra se vira, assustada, e Leo faz o mesmo, sem saber que alguém estaria acordado no forte tão cedo, e fica aliviada ao ver Anvin em pé na porta, com um sorriso no rosto, acompanhado por Vidar,

Arthfael, e vários outros homens de seu pai. Quando o grupo fica olhando para ela, ela vê que seus olhos a observam de forma diferente desta vez. Há algo diferente em seus olhares: respeito. Eles já não olham para ela como se ela fosse uma menina, um observador, mas sim, como se ela fosse um deles, uma igual.

Aquele olhar fortalece o coração dela, fazendo com que ela sinta que tudo tinha valido a pena. Não há nada que ela queira mais do que o respeito daqueles homens.

"Você está melhor, então?" Pergunta Vidar.

Kyra pensa sobre isso, e quando ela abre e fecha os punhos e estica os braços, ela percebe que está, de fato, melhor - na verdade, ela se sente mais forte do que nunca. Ao acenar de volta para eles, ela vê que eles também olham para ela com outra coisa: um toque de medo. Como se ela tivesse algum tipo de poder que eles não conhecem ou confiam.

"Eu me sinto renascida," ela responde.

Anvin sorri abertamente.

"Bom" ele diz. "Você vai precisar. Vamos precisar de toda ajuda que pudermos reunir."

Ela olha para ele, surpresa e emocionada.

"Vocês estão me oferecendo uma chance de lutar com vocês?" Pergunta ela, com o coração acelerado. Nenhuma notícia seria mais emocionante para ela.

Arthfael sorri e dá um passo à frente, apertando-lhe o ombro.

"Só não conte nada ao seu pai," ele pede.

Leo dá um passo adiante e lambe as mãos dos homens e todos eles acariciam sua cabeça.

"Nós temos um pequeno presente para você," declara Vidar.

Kyra fica surpresa.

"Um presente?" ela pergunta.

"Considere como um presente pela sua volta," Arthfael fala, "algo para ajudá-la a esquecer o arranhão em seu rosto."

Ele dá um passo para o lado, como fazem os outros, e Kyra percebe que eles querem que ela os

acompanhe. Não há nada que ela queria mais. Ela sorri para eles, sentindo-se feliz pela primeira vez desde que conseguia se lembrar.

"É isso o que é preciso para ser convidada para se juntar ao seu grupo?" Ela pergunta com um sorriso. "Eu tinha que matar cinco dos homens do Governador?"

"Três," corrige Arthfael. "Pelo que me lembro, Leo aqui matou dois deles."

"Sim," completa Anvin. "E sobreviver a um encontro com um dragão também conta para alguma coisa."

*

Kyra marcha com os homens de seu pai por todo o território do forte, com Leo ao seu lado, suas botas esmagam a neve e ela se sente energizada por todo o trabalho sendo realizado ao redor dela, todos no forte tão ocupados, tomados por um senso de propósito, surpreendentemente ativos no começo da manhã. Ela passa por carpinteiros, sapateiros, seleiros, pedreiros, todos trabalhando duro em seu ofício, enquanto homens intermináveis afiam espadas e outras lâminas ao longo de pedras. Enquanto caminham, Kyra sente que as pessoas param e olham para ela; suas orelhas ardem. Todos já deviam saber que os homens do Governador estavam chegando, e o que ela tinha feito. Ela se sente em grande evidência, e teme que seu povo a odeie.

Mas ela fica surpresa ao ver que eles olham para ela com admiração e mais alguma coisa, talvez medo. Eles devem ter descoberto que ela havia sobrevivido a um encontro com um dragão, e parece que eles não sabem o que fazer com ela.

Kyra olha para cima e procura no céu, torcendo para ver Theos, recuperado, voando alto, circulando o céu acima dela. Mas quando ela olha para cima, ela não vê nada. Onde ele está? ela se pergunta. Ele havia sobrevivido? Será que algum dia ele voltaria a voar? Ele já está do outro lado do mundo? Enquanto caminham, cruzando o forte, Kyra fica curioso para saber onde eles a estão levando e que presente eles podem ter para ela.

"Para onde estamos indo?" Ela pergunta para Anvin, ao virarem em uma rua de paralelepípedos estreita. Eles passam por aldeões removendo neve, enquanto enormes placas de gelo e neve deslizam das telhas de barro. Fumaça sai de chaminés por toda a vila, o cheiro dela nítido no ar naquela manhã de

inverno.

Eles viram em outra rua e Kyra avista uma grande casa de pedra, coberta de neve, com uma porta de carvalho vermelha, separada das outras, que ela reconhece imediatamente.

"Aquela não é a forja do ferreiro?" ela indaga.

"É," responde Anvin, ainda caminhando.

"Mas por que vocês me trouxeram até aqui?" Pergunta ela.

Eles param diante da forja, e Vidar sorri ao abrir a porta, dando um passo para o lado.

"Veja você mesma."

Kyra abaixa e passa pela porta baixa, seguida por Leo e pelos outros, e quando ela entra é imediatamente atingida pelo calor do fogo da forja que queima ali dentro. Ela imediatamente vê todas as armas dispostas nas bigornas do ferreiro, e as estuda com admiração: espadas e machados ainda em andamento, algumas ainda em brasa, outras sendo moldadas.

O ferreiro está sentado com seus três aprendizes, - seus rostos cobertos de fuligem - e olha para cima, sem expressão, através de sua espessa barba negra. O lugar está cheio de armas - espalhadas sobre todas as superfícies, no chão, penduradas em ganchos, e parece que ele está trabalhando em dezenas de uma só vez. Kyra conhece Brot, o ferreiro, um homem baixo e atarracado, com a testa franzida perpetuamente em concentração, como sendo um homem sério e de poucas palavras, que vivia por suas armas. Ele é conhecido por ser rude, por não se importar muito com os homens - interessado apenas no aço.

As poucas vezes que Kyra havia falado com ele, no entanto, Brot tinha provado, sob a aparência rude, ser um homem de bom coração e sensível ao falar sobre armas. Ele deve ter visto uma alma gêmea em Kyra, que também tinha grande interesse em armamentos.

"Kyra," ele fala, parecendo satisfeito em vê-la. "Sente-se."

Ela se senta diante dele em um banco vazio, de costas para a forja, sentindo o seu calor. Anvin e os outros se aglomeram ao redor deles, e todos eles observam enquanto Brot trabalha com algumas armas:

uma lança, uma foice, uma maça em andamento, sua corrente ainda à espera de ser forjada. Kyra vê uma espada, suas bordas ainda ásperas, à espera de ser afiada. Atrás dele, os aprendizes trabalham enquanto o ruído de suas ferramentas enche o ar. Um deles martela um machado, faíscas voando por toda parte, enquanto outro estende suas longas pinças e puxa uma tira de aço quente da forja, colocando-a sobre a bigorna e se preparando para martelar. O terceiro usa suas pinças para tirar uma alabarda da bigorna e colocá-la na grande banheira de ferro, suas águas sibilando no exato segundo que ela fica submersa e emitindo uma nuvem de vapor.

Para Kyra, aquela forja sempre tinha sido o lugar mais emocionante de Vólis.

Enquanto ela o observa, seu coração bate mais rápido, se perguntando que presente aqueles homens tinham para ela.

"Eu ouvi falar de suas façanhas," Brot declara, sem olhar em seus olhos, observando uma longa espada que ele examina, testando seu peso. É uma das espadas mais longas que ela já tinha visto, e ele franze a testa e aperta os olhos enquanto examina sua lâmina, parecendo insatisfeito.

Ela sabe que não deve interrompê-lo, e espera pacientemente em silêncio que ele continue.

"Uma pena," ele finalmente diz.

Kyra olha para ele, confusa.

"O quê?" ela pergunta.

"Você não ter matado o garoto," ele responde. "Nós não estaríamos nessa situação se você tivesse, não é mesmo?"

Ele ainda encontra os olhos dela, pesando a espada, e ela enrubesce, sabendo que ele está certo, mas sem se arrepender de suas ações.

"Uma lição para você," acrescenta ele. "Mate todos eles, sempre. Você me entende?" Ele pergunta, seu tom duro ao olhar para cima e encontrar os olhos dela, falando sério. "*Mate todos eles.*"

Apesar de seu tom áspero, Kyra admira Brot por sempre dizer o que ele pensa, o que os outros tinham medo de dizer. Ela também o admira por sua coragem: possuir armas de aço é proibido por Pandésia, sob pena de morte. As armas dos homens de seu pai eram sancionadas apenas porque eles protegiam as Chamar - mas Brot também forja armas ilegalmente para dezenas de outras pessoas,

ajudando a abastecer um exército secreto. Ele poderia ser capturado e morto a qualquer momento, e ainda assim ele nunca vacilava em face do dever.

"É por isso que você me chamou?" Ela pergunta intrigada. "Para me dar conselhos sobre quem eu devo matar?"

Ele martela uma espada sobre a bigorna diante dele, trabalhando por um tempo, ignorando-a até que tenha terminado. Ainda olhando para baixo, ele diz:

"Não. Para ajudá-la a matá-los."

Ela pisca, confusa, e Brot se aproxima dela e faz um gesto para um de seus aprendizes, que corre e lhe entrega um objeto.

Brot olha para ela.

"Ouvi dizer que você perdeu duas armas na noite passada," ele fala. "Um arco e um cajado, certo?"

Ela assente com a cabeça, se perguntando onde ele estava indo com aquela conversa.

Brot sacode a cabeça em desaprovação.

"Isso é porque você luta com varas. Armas de uma criança. Você matou cinco dos Homens do Governador e sobreviveu ao encontro com um dragão, e isso é mais do que qualquer pessoa nesta sala já tenha feito. Você é uma guerreira agora, e você merece as armas de um guerreiro."

Ele estica o braço quando um de seus aprendizes lhe entrega alguma coisa, e então se virou e coloca um longo objeto em cima da mesa, coberto por um pano de veludo vermelho.

Ela olha para ele interrogativamente, enquanto seu coração bate acelerado pela ansiedade, e ele faz um sinal para ela.

Kyra estende a mão, lentamente remove o pano vermelho, e engasga com o que vê: diante dela há um belo arco, sua alça ornamentada coberta por uma fina chapa de metal brilhante. Ele é diferente de qualquer arco que ela já tenha visto.

"Aço Alcaniano," ele explica, e Kyra ergue o arco e se admira com sua leveza. "O aço mais forte do mundo - e também o mais leve. Muito escasso, e usado apenas por reis. Estes homens pagaram por ele - e meus homens trabalharam a noite toda."

Kyra se vira e vê Anvin e os outros olhando para ela, sorrindo, e seu coração se enche de gratidão.

"Experimente," Brot insiste. "Vá em frente."

Kyra ergue o arco e sente seu peso em sua mão, espantada pela forma como ele se encaixa em sua mão.

"É ainda mais leve do que meu arco de madeira," ela diz, confusa.

"Ele é feito de madeira de faia," ele declara. "Mais forte do que o que você tinha e mais leve também. Este arco nunca vai quebrar e suas flechas devem ir muito mais longe."

Ela o admira, sem palavras, percebendo que aquele é o maior gesto de amor que alguém já tinha demonstrado para ela. Brot estende a mão e lhe entrega uma aljava cheia de flechas, todas com pontas novas e brilhantes, e ao passar o dedo nelas Kyra se espanta ao ver como eles são afiadas. Ela inspeciona os detalhes de seu design.

"Pontas largas e farpadas," Brot diz com orgulho. "Ao acertar uma dessas flechas, as pontas não vão sair, elas foram projetadas para matar."

Kyra olha para Brot e os outros, oprimida, sem saber o que dizer. O que mais importa para ela não são as armas, mas o fato daqueles grandes homens se preocuparem o suficiente com ela para se esforçarem daquela forma.

"Eu não sei como lhes agradecer," ela diz. "Eu vou fazer o meu melhor para honrar o seu trabalho, e para ser digna desta arma."

"Eu ainda não terminei," ele diz, com a voz rouca. "Estenda seus braços."

Ela obedece, intrigada, e ele se adianta e as examina, arregaçando suas mangas e verificando seus antebraços. Ele finalmente concorda com a cabeça, satisfeito.

"Esta quase certo," ele fala.

Brot acena para um aprendiz, que se adianta com dois objetos brilhantes e os coloca nos antebraços dela. Quando o metal frio toca sua pele, Kyra fica chocada ao ver que são braçadeiras, finas proteções para seu antebraço. Eles cobrem seu pulso até o cotovelo, e ao se fecharem em torno de seu braço com um clique, eles se encaixam perfeitamente.

Kyra dobra os cotovelos encantada, examinando as braçadeiras e, ao fazer isso, ela se sente

invencível, como se eles fossem uma parte dela. Eles são leves, mas muito fortes, e a proteção do pulso ao cotovelo.

"Braçadeiras," diz Brot. "Finas o suficiente para permitir que você se mova, mas fortes o bastante para suportar o golpe de qualquer espada." Ele olha diretamente para ela. "Elas não servem apenas para protegê-la da corda do arco quando soltar suas flechas - são extra longas, e também são feitas de aço

Alcaniano. Elas substituem um escudo, e serão sua armadura. Se um inimigo vier até você com uma espada, agora você tem meios para se defender."

De repente, ele pega uma espada da mesa, erguendo-a bem alto, e dá um golpe rápido na direção da cabeça dela.

Kyra, chocada, reage, levantando seus braços com suas novas braçadeiras - e fica espantada ao interromper o golpe, lançando faíscas no ar.

Brot sorri abaixando a espada, satisfeito.

Kyra examina suas braçadeiras e sente uma grande alegria.

"Você me deram tudo que eu poderia desejar," Kyra declara, preparando-se para abraçá-los.

Mas Brot levanta a mão e a interrompe.

"Nem *tudo*," ele a corrige.

Brot gesticula para o terceiro aprendiz, que apresenta um longo objeto envolto em um pano de veludo preto.

Kyra olha para o objeto com curiosidade, e então coloca o arco por cima do ombro e estende o braço, pegando o objeto nas mãos. Ela o desembrulha lentamente e, quando finalmente vê o que está por baixo, ela fica sem fôlego.

É um cajado, uma obra de extrema beleza, ainda mais bonito do que seu antigo cajado e, ainda mais surpreendente, brilhante. Assim como o arco, ele é coberto por uma placa de aço Alcaniano, refletindo a luz. No entanto, mesmo com todo aquele metal, ao sentir seu peso nas mãos, Kyra percebe que ele é mais leve do que seu cajado antigo.

"Da próxima vez," Brot diz, "quando atingirem seu cajado, ele não vai quebrar. E quando você acertar um inimigo, o golpe será mais grave. É uma arma e um escudo em um só objeto. E isso não é

tudo," ele fala, apontando para a arma.

Kyra olha para baixo, confusa, sem entender o que ele está apontando.

"Gire," ele pede.

Ela faz o que ele pede e, para sua surpresa, o cajado se divide em duas metades iguais. Em cada extremidade há uma lâmina pontiaguda embutida, com vários centímetros de comprimento.

Kyra olha para ele surpresa, e Brot sorri.

"Agora você tem mais maneiras de matar um homem," ele diz.

Ela olha para as lâminas brilhantes, o melhor trabalho que ela já tinha visto, e fica em êxtase. Ele havia forjado aquela arma sob medida para ela, dando-lhe um cajado que se transformava em duas lanças curtas, uma arma particularmente adequada para os seus pontos fortes. Ela monta o cajado novamente, juntando as duas partes tão perfeitamente que ela mesma não seria capaz de dizer que havia uma arma escondida dentro dele.

Ela olha para Brot, para todos os homens, com lágrimas nos olhos.

"Eu nunca serei capaz de lhes agradecer," ela diz.

"Você já fez o bastante," responde Anvin, dando um passo à frente. "Você trouxe uma guerra até nós, uma guerra que nós mesmos tínhamos medo de começar. Você nos fez um grande favor."

Antes que ela possa processar suas palavras, de repente, uma série de trombetas soa à distância, uma após a outra, ecoando pelo forte.

Todos eles trocam um olhar, sabendo o que aquilo significa: a batalha havia chegado.

Os homens do Governador estavam ali.

CAPÍTULO DEZENOVE

Merk caminha sem parar pela trilha da floresta, as sombras ficando mais longas desde que ele havia seguido seu caminho pela Floresta Branca, os ladrões mortos agora a um dia de caminhada atrás dele. Ele não tinha parado de andar desde então, tentando limpar sua mente do incidente, para voltar

para o lugar tranquilo que ele havia habitado até então. Não é fácil. Suas pernas estão cansadas, e Merk está cada vez mais ansioso para encontrar a Torre de Ur e assumir a sua nova vida como um Vigilante, e examina o horizonte, tentando ter um vislumbre do que o espera além das árvores.

Mas não há qualquer sinal dela. Aquela caminhada está começando a parecer mais como uma peregrinação, uma que nunca acabaria. A Torre de Ur é mais remota, mais bem escondida, do que ele imaginava.

O encontro com aqueles ladrões havia despertado algo dentro dele, fazendo Merk perceber o quão difícil seria abandonar seus antigos costumes. Ele não sabe se teria a disciplina necessária. Ele só espera que os Vigilantes o aceitem em sua ordem; caso contrário, sem ter a quem recorrer, ele certamente voltaria a ser o homem que ele um dia havia sido.

Mais à frente, Merk vê uma mudança na floresta, vendo um bosque de árvores brancas antigas, com troncos da largura de dez homens, extremamente altas, com galhos que se espalham como um dossel de folhas vermelhas brilhantes. Uma das árvores, com um tronco grosso e curvo, parece particularmente convidativa, e Merk, com os pés doloridos, se senta ao lado dela. Ele se inclina para trás e tem uma sensação imediata de alívio, sentindo a dor deixando suas costas e pernas após horas de caminhada. Ele arranca suas botas e sente a dor latejante em seus pés, e suspirando quando uma brisa fresca assopra, balançando as folhas acima dele.

Merk enfia a mão no saco e extrai o que resta das tiras secas de carne de coelho que ele havia caçado anteriormente. Ele dá uma mordida e mastiga lentamente, fechando os olhos, descansando, querendo saber o que o futuro reserva para ele. Ficar ali, sentado contra aquela árvore, sob o farfalhar das folhas, parece o bastante para ele.

Os olhos de Merk estão pesados e ele permite que eles se fechem, apenas por um momento, precisando do descanso.

Quando ele volta a abri-los, Merk fica surpreso ao ver que o céu havia escurecido, e percebe que ele havia adormecido. Já está anoitecendo, e ele percebe assustado que teria dormido a noite toda, se não tivesse sido acordado por um barulho.

Merk se senta e olha a sua volta, imediatamente em guarda quando seus instintos assumem o controle. Ele segura o punho de sua adaga, escondida em sua cintura, e espera. Ele não quer ter que recorrer à violência, - mas até chegar à Torre, ele está começando a sentir que tudo seria possível.

O farfalhar fica mais alto, e parece que alguém está correndo, atravessando a floresta. Merk fica intrigado: o que outra pessoa estaria fazendo ali, no meio do nada, no crepúsculo? Pelo som das folhas, Merk percebe que se trata de uma pessoa, e uma pessoa leve. Talvez uma criança, ou uma menina.

De fato, um momento depois, surge diante dele uma menina, que emerge correndo da floresta, chorando. Ele olha para ela surpreso, e a garota corre sozinha, e então tropeça e cai de cara no chão, a alguns metros de distância dele. Ela é bonita, talvez com dezoito anos, mas desgrehada, seu cabelo uma bagunça - sujo e cheio de folhas, e suas roupas estão esfarrapadas e rasgadas.

Merk fica em pé, e quando ele se levanta e o vê, seus olhos se arregalam de pânico.

"Por favor, não me machuque!" Ela grita, de pé, recuando.

Merk ergue as mãos.

"Eu não lhe desejo mal algum," diz ele lentamente, completamente em pé. "Na verdade, eu estava prestes a seguir o meu caminho."

Ela recua vários metros, aterrorizada e ainda chorando, e ele não consegue deixar de se perguntar o que teria acontecido. Fosse o que fosse, ele não quer se envolver, ele já tem problemas suficientes em sua vida.

Merk volta para a trilha e começa a se afastar, quando a voz da garota grita atrás dele:

"Não, espere!"

Ele se vira e a vê em pé, desesperada.

"Por favor, eu preciso de sua ajuda," ela implora.

Merk olha para ela e vê como ela é bonita embaixo de sua aparência desgrehada, - com cabelos loiros, olhos azuis claros, e um rosto com traços perfeitos, coberto de lágrimas e sujeira. Ela usa roupas simples de fazendeiro, e ele percebe que ela não é rica. Ela parece estar correndo por um longo tempo.

Ele balança a cabeça.

"Você não tem dinheiro para me pagar," responde Merk. "Eu não posso ajudá-la, seja lá o que você precisa. Além disso, eu estou a caminho de minha própria missão."

"Você não entende," ela implora, se aproximando. "Minha família: a nossa casa foi invadida esta manhã. Mercenários. Meu pai foi ferido. Ele os perseguiu, mas eles voltarão em breve e com muito mais homens para matá-lo, para matar toda a minha família. Eles disseram que vão queimar nossa fazenda até

o chão. Por favor!" Ela implora, se aproximando. "Eu lhe darei qualquer coisa. Qualquer coisa!"

Merk fica ali, sentindo pena dela, mas determinado a não se envolver.

"Há muitos problemas no mundo, senhorita," ele diz. "E eu não posso resolver todos eles."

Ele se vira mais uma vez para ir embora, quando a voz dela soa novamente:

"Por favor!" Ela grita. "É um sinal, você não vê? Que eu o tenha encontrado aqui, no meio do nada? Eu não esperava que fosse encontrar alguém, mas eu encontrei você. Você está no local certo, na hora certa para me ajudar. Deus está te oferecendo uma chance de se redimir. Você não acredita em sinais?"

Ele fica ali, observando a garota soluçar, e se sente culpado, mas, sobretudo, imparcial. Uma parte dele pensa em quantas pessoas ele já tinha matado em sua vida, e se pergunta que diferença faria mais algumas. Mas sempre haveria mais alguém, aquilo nunca parecia ter fim. Ele precisa traçar o limite em algum lugar.

"Eu sinto muito, senhorita," ele fala. "Mas eu não sou seu salvador."

Merk lhe dá as costas mais uma vez e começa a se afastar, determinado a não parar desta vez, em abafar seus soluços e tristeza ao pisotear as folhas com os pés, bloqueando o barulho.

Mas não importa o quanto ele se esforce, os gritos da garota continuam, tocando algum lugar na parte de trás de sua cabeça, chamando por ele. Ele se vira e observa a menina fugir, desaparecendo na floresta, e ele gostaria de sentir uma sensação de alívio. Mas mais do que tudo, ele se sente assombrado - assombrado pelo grito que não quer ouvir.

Ele xinga enquanto avança, enfurecido, desejando que nunca a tivesse conhecido. Por quê? Ele se pergunta. Por que ele?

O sentimento o incomoda, sem deixá-lo em paz, e ele odeia aquela situação. Seria essa a sensação, ele se pergunta, de ter uma consciência?

CAPÍTULO VINTE

O coração de Kyra bate acelerado enquanto ela caminha com seu pai e irmãos, Anvin e todos os guerreiros, marchando solenemente pelas ruas de Volis, todos se preparando para a guerra. Há um

silêncio solene no ar, o céu está cinza e uma neve fraca volta a cair à medida que suas botas deixam rastros pela neve, enquanto se aproximam do portão principal do forte. Trombetas soam diversas vezes, e seu pai lidera seus homens estoicamente, surpreendendo Kyra com sua calma, como se ele já tivesse feito isso milhares de vezes antes.

Kyra olha pra frente e, pelas barras de ferro da grade levadiça ela tem um vislumbre do Lorde Governador, liderando uma centena de seus homens, vestido com sua armadura escarlate, enquanto os estandartes Pandesianos amarelos e azuis se agitam no vento. Eles galopam através da neve em seus enormes cavalos pretos, vestindo a melhor armadura e vestindo o melhor armamento, todos indo diretamente para as portas de Volis. O estrondo de seus cavalos é audível à distância, e Kyra sente o chão tremer sob seus pés.

Enquanto Kyra marcha, com seu coração batendo acelerado, ela segura seu novo cajado, com seu arco novo colocado por cima do ombro e suas novas braçadeiras - sentindo-se renovada. Finalmente, ela se sente como uma verdadeira guerreira, com armas de verdade. Ela está feliz em tê-las.

Enquanto marcham, Kyra está satisfeito em ver seu povo unido, sem medo, todos se juntando a eles em sua marcha para enfrentar o inimigo. Ela vê todas as pessoas do lugar olhando para o seu pai e para seus homens com esperança, e ela se sente honrada por estar marchando com eles. Todos parecem ter uma confiança infinita em seu pai, e ela suspeita que, se estivessem sob qualquer outra liderança, aquelas pessoas não estariam tão calmas.

Os homens do Lorde Governador se aproximam, uma trombeta soa mais uma vez, e o coração de Kyra se acelera.

"Não importa o que aconteça," Anvin fala, se aproximando dela e falando em voz baixa, "não importa o quão perto eles cheguem, não tome qualquer atitude sem o comando de seu pai. Ele é o seu comandante agora. Falo com você não como filha dele, mas como um de seus homens. Uma de nós."

Ela assente com a cabeça, sentindo-se honrada.

"Eu não quero ser a causa da morte do nosso povo," ela diz.

"Não se preocupe," afirma Arthfael, aproximando-se também. "Este dia custou a chegar. Você não começou esta guerra - eles o fizeram. No exato segundo em que atravessaram o Portão Sul e invadiram

Escalon."

Kyra, tranquilizada, aperta a mão em torno de seu cajado, pronta para o que viesse. Talvez o Lorde Governador fosse razoável. Talvez ele negociasse uma trégua?

Kyra e os outros chegam até a ponte levadiça, e todos param e olham para seu pai.

Ele fica lá, olhando para fora, sem expressão, com uma expressão dura no rosto, preparado. Ele se dirige aos seus homens.

"Nós não devemos nos esconder atrás de portões de ferro com medo de nossos inimigos," ele dispara, "mas encontrá-los, como homens, do lado de fora do portão. Abram-no!" Ele ordena.

Um rangido se segue quando alguns soldados erguem lentamente o portão de ferro. Finalmente, ele para com um estrondo, e Kyra se junta aos outros quando todos atravessam.

Eles marcham pela ponte de madeira, suas botas ecoando, passando por cima do fosso, e ficam parados do lado oposto, esperando.

Um estrondo enche o ar quando os homens do Governador param alguns metros à frente deles. Kyra está vários metros atrás de seu pai, junto com os outros, mas ela abre caminho até as linhas de frente, querendo estar ao seu lado para olhar para os homens do Governador, cara a cara.

Kyra vê o Lorde Governador, um homem calvo de meia-idade, com tufo de cabelos grisalhos e uma grande barriga, sentado presunçosamente em seu cavalo a uma dúzia de metros de distância, olhando para eles como se ele fosse superior. Uma centena de seus homens se senta em seus cavalos atrás dele, todos usando expressões sérias e armados até os dentes. Aqueles homens, ela percebe, estão preparados para a guerra e para a morte.

Kyra se sente orgulhosa ao ver seu pai ali, diante de todos os seus homens, inflexível, sem demonstrar qualquer medo. Ele exhibe no rosto a expressão de um comandante em guerra, uma expressão que ela nunca tinha visto antes. Não é o rosto do pai que ela conhecia, mas um rosto que ele reservava para seus homens.

Um silêncio tenso longo toma conta do ar, pontuado apenas pelo uivo do vento. O Lorde Governador toma seu tempo, examinando-os por um longo período, claramente tentando intimidá-los,

para forçar seu povo a olhar para eles e apreciar a grandiosidade de seus cavalos, armas e armaduras. O silêncio se estende por tanto tempo que Kyra começa a se perguntar se alguém iria quebrá-lo, quando ela percebe que o silêncio de seu pai, sua forma de cumprimentá-los em silêncio, friamente, com todos os seus homens armados, é em si um ato de desafio. Ela o ama por isso. Ele não é o tipo de homem a recuar para ninguém, sejam quais forem suas chances de vitória.

Leo é o único a fazer um som, rosnando baixinho para eles.

Finalmente, o Lorde Governador limpa a garganta, enquanto encara o pai dela.

"Cinco dos meus homens estão mortos," anuncia ele com sua voz anasalada. Ele permanece em seu cavalo, e recusando-se a descer para falar com eles. "Sua filha infringiu a sagrada lei Pandesiana. Você sabe a consequência: encostar em um homem do Governador resulta na pena de morte."

Ele fica em silêncio, e seu pai não responde. À medida que a neve e vento aumentam, o único som que pode ser ouvido é o bater dos estandartes ao vento. Os homens, em igual número de ambos os lados, se encaram em um silêncio tenso.

Finalmente, o Lorde Governador continua.

"Porque eu sou uma pessoa misericordiosa," ele diz, "eu não irei executar sua filha. Nem vou matar você e seus homens ou seu povo, que é o meu direito. Estou, na verdade, disposto a deixar toda essa história sórdida para trás."

O silêncio continua enquanto o governador, tomando seu tempo, lentamente analisa todos os seus rostos, até que parar em Kyra. Ela sente um calafrio quando seus olhos gananciosos recaem sobre ela.

"Em troca, eu vou levar a sua filha, como é meu direito. Ela é solteira, está na idade certa e, como você sabe, a lei Pandesiana me dá esse direito. Sua filha - todas as suas filhas - agora nos pertencem."

Ele faz uma careta para seu pai.

"Considere-se um homem de por eu não exigir uma punição mais severa," ele conclui.

O Lorde Governador se vira e acena para seus homens, e dois de seus soldados, homens de aspecto feroz, desmontam e começam a atravessar a ponte, suas botas e esporas ecoando sobre a madeira à medida que eles se aproximam.

O coração de Kyra bate em seu peito quando ela vê os homens se aproximando dela; ela quer reagir,

preparar seu arco e atirar, quer usar o seu cajado. Mas ela lembra as palavras de Anvin sobre aguardar o comando de seu pai, sobre como soldados disciplinados devem agir, e por mais difícil que seja, ela se obriga a esperar.

Quando eles se aproximam, Kyra se pergunta o que seu pai faria. Será que ele a entregaria para aqueles homens? Será que ele lutaria por ela? ganhando ou perdendo, sendo levada ou não, não faz diferença para Kyra - a única coisa que importa para ela é que seu pai se importa o suficiente para resistir às ordens do Lorde Governador.

Quando eles se aproximam, porém, seu pai não reage. O coração de Kyra bate dentro de seu peito, e ela sente uma onda de decepção, percebendo que ele pretende deixar que a levem. Isso a faz querer chorar.

Leo rosna furiosamente, ficando na frente dela com o pelo eriçado; ainda assim eles não param de se aproximar dela. Ela sabe que se ordenar que ele ataque, ele fará como ela pede; no entanto, ela não quer que ele se machuque, e não quer desafiar o comando de seu pai e desencadear uma guerra.

Os homens estão a poucos metros de distância dela quando, de repente, no último segundo, seu pai acena para seus homens, e Kyra fica feliz ao ver quando seis deles se adiantam e abaixam suas alabardas, bloqueando a aproximação dos soldados.

Os soldados param, batendo suas armaduras de metal contra as alabardas, e olham para o pai dela, surpresos, claramente sem antecipar aquela reação.

"Vocês não têm autorização para passar," seu pai diz. Sua voz é forte, poderosa, uma voz ninguém ousaria desafiar. Ele demonstra ter autoridade, provando que não é apenas um servo.

Naquele momento, Kyra o ama mais do que nunca.

Ele se vira e olha para o Lorde Governador.

"Somos todos livres aqui," ele declara, "homens e mulheres, velhos e jovens igualmente. A escolha é sua, Kyra," continua ele, voltando-se para ela, "você deseja partir com esses homens?"

Ela olha para ele, suprimindo um sorriso.

"Não," ela responde com firmeza.

Ele volta a olhar para o Lorde Governador.

"Aí está," ele diz. "A escolha é dela, não cabe a você - ou a mim, decidir. Se você deseja alguma propriedade ou mina de ouro como recompensa por sua perda," ele fala para o Governador, "você

poderá tê-lo. Mas você não terá a minha filha, ou qualquer de nossas filhas - independentemente do que um escriba tenha determinado como lei Pandesiana."

O Lorde Governador o encara, com uma expressão de choque no rosto, claramente não acostumado a ser desafiado daquela maneira. Ele parece não saber o que fazer. Obviamente, aquela não é a recepção que ele estava esperando.

"Você se atreve a bloquear a passagem de meus homens?" ele questiona. "Se atreve a recusar a minha oferta?"

"Isso não é uma oferta digna," responde Duncan.

"Pense bem, servo," ele repreende. "Eu não farei a mesma oferta duas vezes. Se você me recusar, terá que enfrentar a morte, - a sua e a de todo o seu povo. Certamente você sabe que eu não estou sozinho, eu falo em nome de todo o vasto exército Pandesiano. Você acredita que possa enfrentar Pandésia sozinho, quando o seu próprio rei abriu mão de seu reino? Quando as chances são tão claramente contra você? "

Seu pai dá de ombros.

"Eu não luto por chance," responde ele. "Eu luto por causas. O número de seus homens não importa para mim. O que importa é a nossa liberdade. Você pode ganhar, mas nunca conquistará o nosso espírito."

A expressão no rosto do governador endurece.

"Quando todas as suas mulheres e crianças forem tomadas de vocês aos gritos," ele ameaça, "lembre-se da escolha que você fez hoje."

O Lorde Governador se vira, chuta seu cavalo e parte, seguido por vários atendentes, voltando pela estrada em que havia chegado e cavalgando em direção ao campo coberto de neve.

Seus soldados, porém, ficam para trás, e seu comandante ergue o estandarte no alto e ordena:

"AVANCEM!"

Os homens do Governador desmontam, alinham-se em uma fileira, e marcham em perfeita disciplina, atravessando a ponte na direção deles.

Kyra, com o coração batendo acelerado, olha para o pai, assim como todos os outros, aguardando o

seu comando, e de repente ele levanta uma mão e com um grito de guerra feroz, a abaixa.

De repente, o céu se enche de flechas. Kyra olha por cima do ombro e vê vários dos arqueiros de seu pai ter atirando de cima das ameias. Flechas passam voando acima de sua cabeça e ela vê quando elas acertam os homens do Governador por todos os lados.

Seus gritos enchem o ar enquanto eles caem mortos ao redor dela. É a primeira vez Kyra vê tantos homens morrendo diante dela, uma visão que a deixa atordoada.

Seu pai, ao mesmo tempo, tira uma espada curta de cada lado de sua cintura, dando um passo à frente, e esfaqueia os dois soldados que tinham vindo buscar sua filha, deixando que caíssem mortos aos seus pés.

No mesmo momento, Anvin, Vidar, e Arthfael erguem suas lanças e as arremessam, e cada um deles acerta um soldado que se aproximava pela ponte. Brandon e Braxton dão um passo adiante e também atiram lanças, e uma delas passa raspando o braço de um soldado enquanto a outra acerta a perna de outro, ferindo-os, pelo menos.

Mais homens atacam e Kyra, inspirada, deixa de lado seu cajado e pega seu arco novo pela primeira vez, coloca uma flecha, e dispara. Ela aponta para o comandante, que lidera seus homens em um ataque a cavalo, e ela observa com grande satisfação quando sua flecha atravessa o ar e acerta seu peito. É seu primeiro tiro com o arco novo, e sua primeira vez matando um homem em um combate de verdade, - e quando o comandante caiu no chão, ela olha para baixo em estado de choque com o que ela tinha acabado de fazer.

Ao mesmo tempo, uma dúzia dos homens do Governador levanta seus arcos e dispara de volta, e Kyra assiste com horror quando as flechas passam por ela no sentido oposto e quando alguns dos homens de seu pai gritam feridos, caindo ao seu redor.

"POR ESCALON!" Seu pai grita.

Ele saca a espada e parte para um ataque em cima da ponte, correndo na direção do grupo de homens do Governador. Seus soldados o seguem de perto, e Kyra pega seu cajado e se junta a eles, excitada para se juntar a batalha e querendo estar ao lado de seu pai.

Enquanto eles correm, os homens do Governador preparam mais uma rodada de flechas e disparam mais uma vez, e logo uma chuva de flechas cai sobre eles.

Mas então, para surpresa de Kyra, os homens de seu pai levantam seus grandes escudos, criando uma parede quanto todos se agacham juntos, perfeitamente disciplinados. Ela se agacha atrás de um deles, e ouve a batida quando as flechas mortais são bloqueadas.

Todos se levantam e atacam novamente, e ela percebe que a estratégia de seu pai é chegar perto o suficiente para que as flechas dos homens do Governador se tornem inúteis. Logo eles alcançam a parede de soldados e há um grande estrondo de metal quando os homens finalmente iniciam o confronto, com espadas encontrando espadas, alabardas batendo contra escudos e lanças encontrando armaduras. É aterrorizante e emocionante ao mesmo tempo.

Espremidos na ponte sem terem para onde ir, os homens lutam lado a lado, gemendo, cortando e bloqueando, em meio ao barulho ensurdecedor de metal. Leo pula pra frente e afunda os dentes no pé de um homem, enquanto um dos homens de seu pai grita ao lado dela e ela vê que ele tinha sido perfurado por uma espada, o sangue escorrendo de sua boca.

Kyra assiste Anvin dar uma cabeçada em um homem e, em seguida, mergulhar uma espada em seu intestino. Ela vê seu pai usar seu escudo como uma arma, quebrando dois homens ao ir de encontro a eles e empurrá-los para dentro do fosso. Ela nunca tinha visto seu pai em ação antes, e ela fica impressionada com suas habilidades. Ainda mais impressionante é a maneira como seus homens entram em formação em torno dele, e fica claro eles lutam juntos há muitos anos. Eles têm uma camaradagem invejável.

Os homens de seu pai lutam bem, e pegam os homens do Governador desprevenidos, claramente sem esperar uma resistência tão organizada. Os homens do Governador lutam pelo seu líder, que já os tinha abandonado - enquanto os homens de seu pai lutam por suas casas, suas famílias e por suas próprias. Suas emoções, e os riscos, lhes dão força para que continuem.

Em um local apertado e com pouca margem para manobras, Kyra vê um soldado se aproximar dela com a espada levantada, e ela imediatamente pega seu cajado com as duas mãos, virando-o de lado, e o

ergue acima de sua cabeça como um escudo. O homem vem para cima dela com uma espada longa, e ela torce para que o aço alcaniano de Brot seja capaz de resistir ao impacto.

A espada bate no cajado, como faria em um escudo, e para seu alívio, seu cajado não se quebra.

Kyra segura o cajado e bate na lateral da cabeça do soldado com ele. O soldado cambaleia para trás e, então, ela lhe dá um chute que o arremessa para trás, fazendo com que ele caia dentro do fosso.

Outro soldado a ataca balançando um mangual, e Kyra percebe que não seria capaz de reagir a tempo. Mas Leo corre e se lança sobre o peito dele, prendendo-o no chão com as quatro patas.

Outro soldado parte para cima dela com um machado, tentando acertar a lateral de seu corpo, e

Kyra mal tem tempo para reagir, ao girar o corpo e usar o cajado para bloqueá-lo. Ela segura o cajado na vertical, quase incapaz de deter o soldado, e o machado se aproxima cada vez mais dela. Ela aprende uma lição valiosa, e percebe que não deve tentar enfrentar aqueles homens de frente. Ela não conseguiria dominá-los; ela teria que usar sua própria força, e não a deles.

Perdendo a força à medida que a lâmina do machado chega cada vez mais perto, Kyra se lembra da engenhoca de Brot. Ela torce o cajado, que se divide em duas partes, e dá um passo atrás quando o machado passa zunindo, sem conseguir acertá-la. O soldado fica atordoado, claramente sem esperar por aquilo e, com o mesmo movimento, Kyra levanta as duas metades do cajado e mergulha as lâminas no peito do soldado, matando-o imediatamente.

Kyra ouve algumas vozes, gritos de guerra vindos de trás dela, e vê uma multidão de moradores da aldeia - agricultores, pedreiros, ferreiros, armeiros - empunhando armas - foices, machados, toda e qualquer coisa, correndo na direção da ponte. Dentro de instantes, eles se juntam aos homens de seu pai, todos prontos para defender o forte.

Kyra assiste quando Thomak, o açougueiro, usa uma machadinha para cortar o braço de um homem, enquanto Brine, o pedreiro, bate no peito de um soldado com um martelo, derrubando-o. O povo da aldeia traz uma nova explosão de energia para a batalha e, apesar de desajeitados, eles pegam os homens do Governador desprevenidos. Eles lutam com paixão, liberando anos de raiva reprimida em sua servidão. Agora, finalmente, eles teriam a oportunidade de se defenderem - uma oportunidade de vingança.

Eles empurram os homens do Governador para trás ao abrirem caminho com força bruta, derrubando homens - e seus cavalos - à esquerda e à direita. Mas depois de alguns minutos de intensa luta, os guerreiros amadores começam a cair, e o ar é preenchido com seus gritos, enquanto soldados melhor armados e melhor treinados começam a acertá-los. Os homens do Governador começam a ganhar terreno e a vantagem volta a ser deles.

A ponte fica mais cheia quando mais homens do Governador se juntam à batalha. Os homens de seu pai, escorregando na neve, estão cansados, e vários deles são derrotados, mortos pelos homens do Governador. A maré da batalha está se voltando contra eles, e Kyra sabe que ela precisa fazer algo rapidamente.

Kyra olha à sua volta e tem uma idéia: ela pula no muro de pedra na borda da ponte, tendo o ponto de vista de que precisa, vários metros acima dos outros, expondo-se, mas já sem se importar. Ela é a única de seu grupo ágil o suficiente para saltar até ali, e ela pega seu arco, mira e dispara.

Com seu ângulo superior, Kyra é capaz de atirar em um soldado após o outro. Ela mira em um dos homens do Governador, que se prepara para dar uma machadada nas costas de seu pai, que está distraído, e acerta em seu pescoço, derrubando-o antes que ele possa enfiar sua lâmina em seu pai. Ela, então, dispara contra um soldado empunhando um mangual, atingindo-o nas costelas antes que ele pudesse acertar a cabeça de Anvin.

Atirando flecha após flecha, Kyra derrubada uma dúzia de homens - até que ela é finalmente descoberta. Ele sente uma flecha passar ao lado de seu rosto, e vê alguns arqueiros atirando na direção dela. Antes que ela possa reagir, ela sente uma dor horrível quando uma flecha corta seu braço, tirando sangue.

Kyra salta de cima do muro, voltando para o combate. Ela cai rolando e fica de joelhos, respirando com dificuldade, sentindo uma terrível dor no braço, e vê mais reforços chegando até a ponte. Ela vê o seu povo começar a recuar, e vê quando um deles, ao lado dela, um homem que ela conhecia e amava, é esfaqueado no intestino e cai no fosso, morto.

Enquanto ela fica ajoelhada ali, um soldado feroz levanta seu machado lá no e se prepara para golpeá-la. Ela sabe que será impossível reagir a tempo e se prepara para receber o golpe mortal quando, de repente, Leo aparece e afunda suas presas no estômago do homem.

Kyra sente um movimento com o canto do olho e ao se virar se depara com outro soldado prestes a baixar a alabarda na direção do pescoço dela. Incapaz de tomar qualquer atitude, ela se prepara mais uma vez para o golpe, esperando que fosse morrer.

Há um estrondo, e quando ela abre os olhos, Kyra vê a lâmina pairando diretamente acima da cabeça dela - tendo sido bloqueada por uma espada. Seu pai está em pé sobre ela, empunhando a espada, salvando-a do golpe mortal. Ele gira o corpo com a espada, tirando a alabarda do caminho, e em seguida, perfura o coração do soldado.

O movimento, porém, deixa seu pai indefeso, e Kyra assiste horrorizada quando outro soldado dá um passo adiante e fere o braço de seu pai; ele grita e sai cambaleando quando o soldado se joga em cima dele.

Enquanto Kyra permanece ali, uma sensação estranha começa a tomar conta dela; é um calor, surgindo a partir de seu plexo solar e lentamente se espalhando por todo seu corpo. É uma sensação estranha, que ela abraça imediatamente ao sentir que ela lhe dá uma força infinita, espalhando-se por seu corpo, um membro de cada vez, enquanto corre por suas veias. Mais do que força, a sensação lhe trás foco, e ao olhar à sua volta, é como se o tempo estivesse mais lento. Em um único olhar, ela vê todos os soldados inimigos, enxergando todas as suas vulnerabilidades, e vendo como matar todos e cada um deles.

Kyra não entende o que está acontecendo com ela, e ela não se importa. Ela abraça esse novo poder que toma conta dela e se permite sucumbir à doce raiva, deixando que ele faça o que quiser com ela.

Kyra está se sentindo invencível, como se todo o mundo estivesse se movendo em câmera lenta em torno dela. Ela levanta o cajado e parte para cima da multidão.

O que acontece em seguida é um flash, uma sequência de acontecimentos que ela mal consegue processar e da qual mal se lembro. Ela sente o poder tomar conta de seus braços, sentindo enquanto ela a instrui sobre o que atacar, para onde ir, e ela se vê atacando soldados inimigos enquanto ela abre

caminho no meio da multidão. Ela acerta um soldado no lado da cabeça, em seguida, volta atrás e espeta um na garganta; em seguida, ela salta no alto e com as duas mãos leva seu cajado diretamente para baixo sobre as cabeças de dois soldados. Ela se contorce e gira o cajado sem parar, passando por cima dos soldados inimigos como um furacão, matando homens do Governador por todos os lados e deixando um rastro de destruição por onde passa. Ninguém consegue se aproximar dela, - e ninguém é capaz de detê-la.

O som estridente de seu cajado de metal batendo contra armaduras ecoa no ar, e tudo acontece incrivelmente rápido. Pela primeira vez em sua vida, ela se sente unida ao universo; sentindo-se como se já estivesse tentando controlar, mas permitindo-se ser controlada. Ela sente como se estivesse fora de si, e não entende esse novo poder, que a aterroriza e a deixa eufórica ao mesmo tempo.

Dentro de instantes, ela havia tirado todos os homens do Governador de cima da ponte. Ela se vê em pé no lado mais distante, espetando um último soldado entre os olhos.

Kyra fica parada, respirando com dificuldade, e de repente o tempo parece voltar ao normal. Ela olha em volta e vê o estrago que havia feito, e fica mais chocada do que todos eles.

Uma dúzia dos soldados do Governador que ainda resiste, em pé do outro lado da ponte, olha para ela com pânico nos olhos e corre na direção oposta, escorregando na neve.

Há um grito quando o pai de Kyra lidera um ataque, perseguindo os homens que fogem. Eles matam cada um deles até que não resta qualquer sobrevivente.

Uma trombeta soa, a batalha havia terminado.

Todos os homens de seu pai, todos os moradores, ficam ali, atordoados, percebendo que haviam conseguido o impossível. No entanto, estranhamente, não se ouve o clamor jubilante que normalmente segue uma vitória como aquela; ela chega sem aplausos e abraços de alívio, não há gritos de alegria. Em vez disso, o ar está estranhamente silencioso, o humor sombrio; eles haviam perdido muitos bons irmãos naquele dia, seus corpos espalhados diante deles, e talvez isso estivesse fazendo com que os homens reconsiderassem o acontecido.

Mas é mais do que isso, Kyra sabe. Não é isso que está causando o silêncio. O silêncio, ela sabe, é por

sua causa.

Todos os olhos no campo de batalha se voltam para ela. Até Leo olha para ela com medo em seus olhos, como se já não a reconhecesse.

Kyra fica ali, ainda respirando com dificuldade, com as bochechas coradas, e sente todos olhando para ela. Eles a observam com admiração, mas também com desconfiança. Eles olham para ela como se ela fosse um estranho em seu meio. Todos eles, ela sabe, estão fazendo a mesma pergunta. É uma pergunta que ela mesma gostaria de saber a resposta, uma pergunta que a aterroriza mais do que qualquer outra coisa:

Quem era ela?

CAPÍTULO VINTE E UM

Alec tem um sono agitado enquanto continua no carrinho, imprensado entre a massa de meninos, sonhando rápido, sonhos conturbados. Ele se vê sendo esmagado até a morte em um caixão cheio de meninos, vê a tampa sendo fechada sobre ele.

Ele acorda com um sobressalto, respirando com dificuldade, percebendo que ainda está em pé na carroça. Mais paradas são feitas e mais meninos são amontoados em torno dele à medida que a carroça sacode pelo caminho, durante todo o segundo dia de viagem, subindo e descendo morros, dentro e fora de florestas. Alec tinha ficado em pé desde o confronto, sentindo-se mais seguro, e suas costas estão começando a incomodar. Mas ele não se importa mais. Ele acha mais fácil cochilar em pé, especialmente com Marco ao lado dele. Os garotos que o haviam atacado tinham recuado para o outro lado da carroça, mas naquele momento, ele não confia em ninguém.

Os solavancos da carroça havia entrada na consciência de Alec, e ele já não se lembra como é ficar em terra firme. Ele pensa em Ashton e encontra consolo no fato de que, pelo menos, seu irmão não está ali agora. Isso lhe dá um senso de propósito, e coragem para seguir em frente.

Quando as sombras parecem ficar maiores, sem qualquer fim à vista para a sua viagem, Alec começa a perder a esperança, tendo a sensação de nunca chegaria às Chamas.

Mais tempo se passa, e depois de cochilar várias vezes, ele sente uma cotovelada nas costelas. Ele abre os olhos para ver que é Marco, gesticulando com a cabeça.

Alec sente uma onda de excitação tomando conta da multidão de meninos, e desta vez ele sente que

algo está diferente. Todos os garotos se animam e começam a virar e olhar pelas barras de ferro. Alec se vira e tenta olhar para fora, desorientado, mas ele não consegue ver através da multidão de corpos diante dele.

"Você tem que ver isso," diz Marco, olhando para fora.

Marco abre caminho para que Alec possa espiar. Quando ele faz isso, Alec tem uma visão que jamais seria capaz de esquecer:

As Chamas.

Alec tinha ouvido falar sobre as Chamas durante toda a sua vida, mas ele nunca tinha acreditado que elas pudessem mesmo existir. É uma daquelas coisas tão difícil de acreditar que, sempre que tentava, ele simplesmente não conseguia imaginar como aquilo poderia ser possível. Como as Chamas poderiam realmente alcançar o céu? Como é possível que elas queimassem para sempre?

Mas agora, ao colocar os olhos sobre elas pela primeira vez, ele percebe que é tudo verdade. Ele fica sem fôlego quando, no horizonte, ele vê as Chamas, erguendo-se, - como dizia a lenda, até as nuvens, tão espessas que ele não consegue ver onde elas terminam. Ele pode até mesmo ouvir seu crepitar, sentir o calor delas, mesmo a essa distância. É imponente e assustador ao mesmo tempo.

Ao longo das chamas, Alec vê centenas de soldados estacionados, rapazes e homens montando guarda, espalhados a cada trinta metros ou mais. No horizonte, no final da estrada, ele vê uma torre de pedra negra, em torno do qual há várias outras pequenas construções. O lugar está bastante movimentado.

"Parece que chegamos ao nosso novo lar," observa Marco.

Alec vê as fileiras de barracas miseráveis, repletas de meninos cobertos de fuligem. Ele sente um vazio na boca do estômago, ao perceber que aquele é um triste vislumbre de seu futuro, do inferno que sua vida se tornaria.

*

Alec se prepara ao ser arrancado para fora da carroça por guardas Pandesianos e é jogado no chão duro sobre um monte de meninos. Outros garotos caem em cima dele, e enquanto ele luta para respirar, ele fica surpreso com a dureza do chão - e ao constatar que eles está coberto de neve. Ele não está acostumado a esse clima do nordeste, e percebe imediatamente que suas roupas das terras médias, muito

finas, serão inúteis ali. Em Soli, embora apenas alguns dias de viagem ao sul, o chão é suave, coberto de musgo verde, exuberante; nunca neva lá e o ar cheira a flores. Ali o clima é frio e duro, sem vida, e o ar cheira somente a fogo.

Ao se livrar da massa dos corpos, Alec mal fica em pé quando é empurrado pelas costas. Ele tropeça e, ao olhar para trás, vê um dos guardas atrás dele, arrebanhando os meninos como se fossem gado, levando-os em direção às barracas.

Atrás dele Alec observa várias dezenas de meninos saindo da carroça; mais de um deles, ele fica surpreso ao ver, são tirados da carroça mortos. Ele se espanta que tenha sobrevivido a viagem, amontoados como estavam. Todos os ossos de seu corpo estão doloridos, suas articulações rígidas, e enquanto marcha, ele nunca havia se sentido mais cansado. Ele sente como se não dormisse há meses, e como se tivesse chegado ao fim do mundo.

Um barulho constante preenche o ar e, ao olhar para cima, Alec vê, - talvez a cem metros de distância, as Chamas. Eles caminham em direção a elas e, à medida que se aproximam, elas ficam cada vez maiores. As Chamas são impressionantes vistas de perto, e ele aprecia o seu calor, ficando mais quente a cada passo que dá. Ele teme, porém, o calor que sentiria ao chegar mais perto, como os outros que estavam na patrulha a quase vinte metros de distância delas. Ele nota que eles usam uma armadura incomum como proteção. Mesmo assim, alguns parecem doentes, prestes a entrarem em colapso.

"Vê aquelas Chamas, rapaz?" Diz uma voz sinistra.

Alec se vira para ver o menino que ele havia enfrentado na carroça se aproximando dele, acompanhado de seu companheiro.

"Quando eu empurrar seu rosto de encontro a elas, ninguém mais irá reconhecê-lo - nem mesmo sua mãe. Eu vou queimar suas mãos até que não reste nada exceto tocos. Aproveite enquanto você as tem, pois logo irá perdê-las."

Ele dá uma risada sombria, soando como uma tosse.

Alec olha pra trás, desafiador, com Marco agora ao lado dele.

"Você não conseguir bater em mim na carroça," Alec responde, "e não vai conseguir me bater agora."

O menino ri.

"Isso aqui não é nenhuma carroça, menino," ele fala. "Você vai dormir comigo hoje à noite. Essas barracas são de todos nós. Uma noite, embaixo de um só telhado. É você e eu, e eu tenho todo o tempo do mundo. Pode ser hoje à noite ou pode ser amanhã, mas uma noite qualquer, quando você menos esperar, você estará dormindo e nós vamos te pegar. Você vai acordar com seu rosto naquelas Chamas. Durma bem," conclui ele com uma risada.

"Se você é tão durão," fala Marco, ao lado dele, "o que você está esperando? Aqui estamos nós. Venha."

Alec vê que o rapaz hesita quando ele olha para os guardas Pandesianos.

"Quando for a hora certa," responde ele.

Com isso, eles se afastam no meio da multidão.

"Não se preocupe," diz Marco. "Você vai dormir quando eu acordar, - e eu farei o mesmo por você. Se essa escória se aproximar de nós, eles terão o que merecem."

Alec concorda com a cabeça, agradecido, olhando para as barracas e pensando. A poucos metros da entrada lotada, Alec já consegue sentir o cheiro que emana de lá. Ele tenta recuar ao ser empurrado para dentro.

Alec tenta se acostumar com a escuridão do alojamento, iluminado apenas pela luz fraca que atravessa algumas janelas no alto. Ele olha para o chão de terra e percebe imediatamente que a carroça, por pior que fosse, era melhor do aquele lugar. Ele vê filas de rostos hostis com olhares suspeitos, apenas o branco dos olhos visíveis, analisando-o. Eles começam a vaiar e a gritar, claramente tentando intimidar os novatos, e para demarcar seu território, e o alojamento irrompe em uma confusão de vozes.

"Carne fresca!" grita um dos garotos.

"Comida para as Chamas!" Grita outro.

Alec sente um profundo senso de apreensão à medida que eles são empurrados cada vez mais para o fundo de um grande quarto. Ele finalmente para, com Marco ao lado dele, diante de uma pilha de feno no chão - apenas para ser imediatamente empurrado por trás.

"Esse lugar é meu, rapaz."

Alec se vira e vê um recruta mais velho olhando para ele, segurando um punhal.

"A menos que você queira que eu corte sua garganta," ele alerta.

Marco dá um passo adiante.

"Fique com o seu feno," ele diz. "Ele cheira mal mesmo."

Os dois deles se viram e continuam avançando pelo alojamento até que, em um canto distante, Alec encontra um pequeno pedaço de feno escondido nas sombras. Ele não vê ninguém por perto, e se senta com Marco, a poucos metros de distância um do outro, de costas contra a parede.

Alec imediatamente dá um suspiro de alívio; ele sente uma sensação de alívio ao descansar as pernas doloridas, finalmente sem a necessidade de movimentá-las. Ele se sente seguro, de costas para a parede, em um canto, onde ele não poderia facilmente sofrer uma emboscada, e de onde ele tem uma visão do lugar. Ele vê centenas de recrutas entediados, todos em algum estado de discussão, enquanto dezenas de outros recrutas continuam entrando. Ele também vê diversos garotos sendo arrastados para fora por seus tornozelos, mortos. Aquele lugar é uma visão do inferno.

"Não se preocupe, isso ainda vai piorar," diz uma voz ao seu lado.

Alec vê um recruta escondido nas sombras a poucos metros de distância, um menino que ele não tinha notado antes, de costas, com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto. Ele mastiga um pedaço de palha, e tem uma voz profunda e cansada.

"A fome provavelmente vai matar você," o garoto acrescenta sombriamente. "Ela mata cerca de metade dos meninos que passam por aqui. A doença mata a maioria dos outros. Se isso não te pegar, outro menino vai. Talvez você vá brigar por um pedaço de pão - ou talvez sem qualquer motivo. Talvez alguém não goste do jeito que você anda, ou da maneira como você olha. Talvez você os lembre de alguém. Ou será apenas por puro ódio, sem motivo. Isso acontece muito por aqui."

Ele suspira.

"E se nada disso te matar," ele acrescenta, "as Chamas vão. Talvez não em sua primeira patrulha - ou durante a segunda. Mas trolls atravessam quando você menos espera, geralmente pegando fogo, sempre à procura de matar alguma coisa. Eles não têm nada a perder e eles surgem do nada. Eu vi um outro dia, que afundou seus dentes na garganta de um menino antes que os outros pudessem fazer qualquer coisa."

Alec troca um olhar com Marco, ambos querendo saber para a que tipo de vida eles tinham se condenado.

"Não," o rapaz acrescenta, "Eu não vi nenhum menino sobreviver mais do que uma lua aqui."

"Você ainda está aqui," observa Marco.

O menino sorri, mordendo sua palha, ainda olhando para cima.

"Isso é porque eu aprendi a sobreviver," ele responde.

"Há quanto tempo você está aqui?" Pergunta Alec.

"Há duas luas," responde ele. "As mais longas de toda a minha vida."

Alec engasga, chocado. Duas luas, e ele é o sobrevivente mais velho. Aquele lugar é realmente uma fábrica de mortes. Ele começa a se perguntar se teria cometido um erro em vir até ali; Talvez ele devesse apenas ter lutado contra os Pandesianos quando eles chegaram à Solis; ele teria tido uma morte rápida, e ainda estaria em casa. Ele encontra os seus pensamentos se voltando para uma escapada; afinal, seu irmão tinha sido poupado - o que ele teria a ganhar ficando ali agora?

Alec se vê olhando para as paredes, verificando janelas e portas, contando os guardas, e se perguntando se haveria uma maneira.

"Isso é bom," o menino fala, ainda olhando para o teto, mas de alguma forma a observá-lo. "Pense em fugir. Pense em qualquer coisa, exceto neste lugar. É assim que você vai conseguir sobreviver."

Alec enrubesce, envergonhado que o menino tenha lido sua mente, e espantado que ele tenha conseguido fazê-lo sem sequer olhar diretamente para ele.

"Mas, por favor, não tente nada," o menino diz. "Eu nem posso dizer quantos de nós morrem a cada noite tentando escapar. É melhor ser morto do que morrer dessa forma."

"Morrer de que maneira?" Pergunta Marco. "Eles os torturam?"

O garoto balança a cabeça.

"Pior," ele responde. "Eles permitem que você vá."

Alec olha para trás, confuso.

"O que você quer dizer?" ele pergunta.

"Eles escolheram bem este lugar," ele explica. "Essas florestas estão repletas de morte. Javalis, bestas, trolls - tudo que você possa imaginar. Nenhum menino jamais conseguiu sobreviver."

O menino sorri, e olha para eles pela primeira vez.

"Bem vindos às Chamas, meus amigos," ele diz com um grande sorriso nos lábios.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kyra caminha pelas ruas sinuosas de Volis, esmagando a neve sob suas botas, em transe depois de sua primeira batalha. Tudo havia acontecido muito rápido, e tinha sido mais cruel e mais intenso do que ela poderia ter imaginado. Homens haviam morrido - homens bons, que ela conhecia desde criança, - de formas horríveis e dolorosas. Pais, irmãos e maridos agora jazem mortos na neve, seus cadáveres empilhados do lado de fora dos portões do forte, o solo ainda duro demais para enterrá-los.

Ela fecha os olhos e tenta tirar as imagens de sua mente.

Tinha sido uma grande vitória, mas ainda assim, a batalha a tinha deixado mais humilde, fazendo com que ela visse como era uma batalha de verdade, lembrando-a da fragilidade da vida. A luta havia lhe mostrado a facilidade com que os homens poderiam morrer - e a facilidade com que ela havia tirado a vida de outro homem a tinha deixado igualmente perturbada.

Ser uma grande guerreira é tudo o que ela sempre quis; no entanto, ela pode ver agora que o título custa um alto preço. A coragem é algo pelo qual ela se esforça, mas não é fácil, - ela começa a entender, a ter coragem. Ao contrário dos despojos de guerra, a coragem não é algo que ela possa segurar em sua mão, e não é algo que ela possa pendurar em sua parede. Ainda assim, é algo pelo qual todos os homens se esforçam. Onde está essa coisa chamada coragem? Agora que a batalha havia acabado para onde ela foi?

Mais do que tudo, os acontecimentos do dia forçam Kyra a se perguntar sobre si mesma, sobre seu poder misterioso, que surgia do nada e parecia desaparecer com a mesma rapidez. Ela tenta invocá-lo novamente, mas não consegue. O que seria? De onde ele vem? Kyra não gosta do que ela não consegue entender, do que ela não pode controlar. Ela preferiria ser menos poderosa e entender de onde seus talentos vinham.

Enquanto Kyra anda pelas ruas, ela fica intrigada com a reação de o povo de sua cidade. Após a batalha, ela esperava que eles entrassem em pânico, voltando para suas casas ou se preparando para

evacuar o forte. Afinal de contas, muitos dos homens do Governador haviam morrido, e certamente

logo sofreriam a ira de Pandésia. Um grande e terrível exército viria para acabar com todos eles; pode ser que seja no dia seguinte, ou no dia seguinte a ele, ou na semana seguinte - mas eles certamente

viriam. Eles são todos mortos-vivos ali. Como poderiam não sentir medo?

No entanto, quando ela se junta ao seu povo, Kyra não detecta qualquer medo. Pelo contrário, ela vê

seu povo em júbilo, energizado, rejuvenescido; ela vê um povo que tinha sido libertado. Eles se

movimentam em todas as direções, batendo nas costas uns aos outros, celebrando - e se preparando. Eles

afiam armas, reforçam portões, empilham pedras, estocam alimentos, e se apressam com grande senso de

propósito. Os Volisianos, seguindo o exemplo de seu pai, têm uma vontade de ferro. Eles não são

facilmente intimidados e, de fato, parecem estar aguardando, ansiosos, o próximo confronto, custe o que

custar e por mais fracas que sejam as chances de vitória.

Kyra também nota outra coisa enquanto caminha entre seus subordinados, algo que a deixa

incomodada: a nova maneira que olham para ela. Claramente o boato sobre que ela tinha feito havia se

espalhado, e ela pode sentir os sussurros ao passar diante de alguns grupos. Eles olham para ela como se ela não fizesse parte deles, aquelas pessoas que ela conhecia e amava durante toda sua vida. Isso a faz se sentir como uma estranha aqui, e a faz se perguntar onde seria seu verdadeiro lar. Acima de tudo, isso a faz se perguntar sobre o segredo de seu pai.

Kyra caminhou até as muralhas e sobe os degraus de pedra, com Leo logo atrás dela, subindo até os

níveis superiores. Ela passa por todos os homens de seu pai, montando guarda a cada vinte metros ou

mais, e pode ver que eles também olham para ela de forma diferente agora, com um novo respeito em

seus olhos. Aquele olhar faz com que tudo tenha valido a pena para ela.

Kyra vira uma esquina e, ao longe, acima dos portões em arco, com vista para o campo, ela vê o

homem que ela estava procurando: seu pai. Ele fica ali, com as mãos nos quadris e vários de seus homens ao seu redor, olhando para a neve que se acumula. Ele encara o vento de frente, sem parecer se

incomodar com ele, - ou com seus ferimentos da batalha.

Ele vira quando ela se aproxima, fazendo um gesto para os seus homens. Todos eles se afastam,

deixando-os sozinhos.

Leo corre e lambe a mão dele, e seu pai acaricia a cabeça dele.

Kyra fica olhando seu pai de frente, e não sabe o que falar. Ele olha para ela, sem expressão, e ela não sabe dizer se ele está bravo com ela, orgulhoso, ou ambos. Ele é um homem complicado, mesmo no mais simples dos tempos, - e aquela certamente não é uma situação simples. A expressão em seu rosto é dura, como as montanhas além deles, tão branca como a neve que cai, e ele se parece com a rocha antiga a partir da qual Volis tinha sido esculpida. Ela não sabe se ele pertencia a este lugar, ou se o local fazia parte dele.

Ele se vira e olha para o campo, em pé ao lado dela, e Kyra também olha na mesma direção. Eles compartilham o silêncio, interrompido apenas pelo vento, enquanto ela espera que ele fale.

"Eu costumava pensar que a nossa segurança, a nossa vida segura aqui, fosse mais importante do que a liberdade," ele finalmente começa, sua voz um ruído surdo. "Hoje, eu percebo que estava errado. Você me ensinou o que eu esqueci; que a liberdade - e a honra, valem mais do que tudo."

Ele sorri quando ele olha para ela, e ela fica aliviada ao ver o calor em seus olhos.

"Você me deu um grande presente," ele diz. "Você me fez lembrar o que significa a honra."

Ela sorri, tocada por suas palavras, aliviada ao ver que ele não está chateado com ela, sentindo a divisão que havia surgido entre eles desaparecendo.

"É difícil ver homens morrerem," continua ele, pensativo, voltando-se para o campo. "Mesmo para mim."

Um longo silêncio se segue, e Kyra se pergunta se ele pretende falar sobre o ocorrido; sentindo que é isso que ele quer. Ela gostaria de levantar o assunto ela mesma, mas não sabe como.

"Eu sou diferente, papai, não sou?" Ela questiona, sua voz suave, com medo de fazer a pergunta.

Ele continua olhando para o horizonte, inescrutável, até que, finalmente, ele acena ligeiramente com a cabeça.

"Tem alguma coisa a ver com a minha mãe, não é mesmo?" Ela pressiona. "Quem era ela? Eu sou mesmo sua filha?"

Ele se vira e olha para ela, a tristeza evidente em seus olhos, misturada com um olhar nostálgico que ela não entende totalmente.

"Estas são perguntas para outro momento," ele diz. "Quando você estiver pronta."

"Estou pronta agora," ela insiste.

Ele balança a cabeça.

"Há muitas coisas que você deve aprender primeiro, Kyra. Muitos segredos que tive que esconder de você," ele fala, sua voz cheia de remorso. "Não foi fácil para mim, mas tive que fazer isso para protegê-la. Está chegando a hora de você saber de tudo, saber quem você realmente é."

Ela fica parada, e seu coração bate acelerado - desesperada para saber, mas ao mesmo tempo com medo.

"Eu pensei que eu pudesse cuidar de você," ele suspira. "Eles me alertaram que esse dia chegaria, mas eu não acreditei nisso. Não até hoje, não até que eu vi a sua habilidade. Seus talentos... eles estão além do que eu posso compreender."

Ela franze a testa, confusa.

"Eu não entendo, papai," ela fala. "O que você está dizendo?"

Seu rosto endurece com determinação.

"É hora de você nos deixar," completa ele, sua voz cheia de determinação, assumindo o tom que ele usa quando está decidido. "Você deve deixar Volis agora mesmo e procurar seu tio, irmão de sua mãe. Akis. Na Torre de Ur."

"A Torre de Ur?" Ela repete, chocada. "Meu tio então é um Vigilante?"

Seu pai balança a cabeça.

"Ele é muito mais do que isso. É ele quem deve treiná-la e é ele, somente ele, que pode revelar o segredo de quem você realmente é."

Embora aprender o segredo a deixa animada, ela se entristece com a ideia de deixar Volis.

"Eu não quero ir," ela diz. "Eu quero ficar aqui, com vocês - especialmente agora."

Ele respira fundo.

"Infelizmente, o que você e eu queremos não importa mais," ele fala. "Isso não diz respeito apenas a mim e a você, trata-se de Escalon - toda Escalon. O destino de nossas terras encontra-se em suas

mãos. Você não vê Kyra?" ele pergunta, voltando-se para ela. "É você. Você é a única que pode guiar o nosso povo para fora da escuridão."

Ela pisca, chocada, mal acreditando em suas palavras.

"Como?" ela pergunta. "Como isso é possível?"

Mas ele apenas permanece em silêncio, recusando-se a dizer mais.

"Eu não posso sair do seu lado, papai," ela implora. "Eu não vou. Não agora."

Ele estuda o campo, a tristeza evidente em seus olhos.

"Dentro de duas semanas, tudo que você vê aqui, será destruído. Não há esperança para nós. Você deve escapar enquanto puder. Você é a nossa única esperança, e se você morrer aqui conosco não vai ajudar ninguém."

Kyra se sente magoada por suas palavras. Ela não tem coragem de abandonar Vólis sabendo que seu povo morreria.

"Eles vão voltar, não vão?" ela fala.

É mais uma afirmação do que uma pergunta.

"Sim, ele virão," ele responde. "Eles vão atacar Vólis como uma praga de gafanhotos. Tudo o que você está vendo, e tudo que você ama deixará de existir."

Ela sente um vazio no estômago ao ouvir sua resposta, e sabe que ele diz a verdade, ficando grata por isso.

"E o que dizer da capital?" questiona Kyra. "E o antigo rei? Você não pode ir até Andros e ressuscitar o antigo exército para um último confronto?"

Ele balança a cabeça.

"O rei já se rendeu uma vez," ele diz, melancolicamente. "A hora de lutar já passou. Andros está cercado por políticos agora, não soldados, e nenhum deles é de confiança. "

"Mas certamente eles lutariam por Escalon, se não por Vólis," ela insiste.

"Vólis é apenas uma fortaleza," ele declara, "que eles podem se dar ao luxo ignorar. A nossa vitória de hoje, por maior que tenha sido, é demasiado pequena para que eles arrisquem uma guerra em toda Escalon."

Ambos ficam em silêncio enquanto eles estudam o horizonte, e Kyra pensa sobre suas palavras.

"Você está com medo?" ela pergunta.

"Um bom líder deve sempre conhecer o medo," responde ele. "O medo aguça nossos sentidos, e ajuda a nos preparar. Não é a morte que eu temo, - preocupa-me apenas que ela seja digna."

Eles continuam ali, olhando para os céus, e Kyra percebe a verdade em suas palavras. Um silêncio

longo e confortável recai sobre eles.

Finalmente, ele olha para ela.

"Onde está o seu dragão agora?" Ele pergunta de repente, e então se vira e sai, como às vezes fazia.

Kyra, sozinha, continua ali e estuda o horizonte. Estranhamente, ela havia se perguntado a mesma coisa. O céu está vazio, com nuvens pesadas se movimentando, e ela continua com esperança, no fundo de sua mente, de ouvir um grito, de ver suas asas mergulharem abaixo das nuvens.

Mas não há nada, - nada além do vazio e do silêncio, - e a persistente pergunta de seu pai:

Onde está o seu dragão agora?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Alec é acordado abruptamente por um chute nas costelas e abre os olhos, exausto, desorientado, tentando saber onde está. Ele tira feno de sua boca, vê que está deitado de cara no chão, e se lembra: o alojamento. Ele tinha passado a maior parte da noite acordado, observando tudo e cuidando de Marco enquanto a noite avançava, repleta de sons de meninos brigando, arrastando-se dentro e fora das sombras, chamando um ao outro de forma ameaçadora. Ele tinha visto mais de um menino ser arrastado para fora, com os pés esticados, mortos, - mas não sem antes terem suas roupas reviradas e seus poucos pertences roubados por uma multidão de garotos.

Alec é chutado novamente e, desta vez, alerta, ele rola, pronto para qualquer coisa. Ele olha para cima, piscando na escuridão, e fica surpreso ao ver não outro menino, mas sim dois soldados Pandesianos. Eles estão chutando meninos acima e abaixo da fileira, agarrando-os, puxando-os pelos pés. Alec sente mãos ásperas embaixo de seus braços, sente seu corpo ser puxado para cima e, em seguida, empurrado para fora do alojamento.

"O que está acontecendo? O que está acontecendo?" Ele pergunta, ainda sem ter certeza de que estava acordado.

"É hora de cumprir seu dever," o soldado retruca. "Você não está aqui por prazer, menino."

Alec havia se perguntado quando ele seria enviado para patrulhar as Chamas, mas nunca havia lhe ocorrido que seria no meio da noite, e tão pouco tempo depois de uma longa viagem. Ele se arrasta para

a frente, bêbado de exaustão, imaginando como conseguiria sobreviver a isso. Eles não lhes tinha dado nada para comer desde que ele havia chegado, e ele ainda se sente fraco da longa viagem.

Na frente dele, um menino desmaia, - talvez de fome ou de exaustão, não importa – e os soldados se lançam sobre ele, chutando-o violentamente, até que ele para de se mover completamente. Eles o deixam no chão, morto, e continuam marchando.

Sem querer acabar como aquele menino, Alec dobra sua determinação e se esforça para ficar acordado. Marco aparece ao lado dele.

"Dormiu bem?" Ele pergunta com um sorriso irônico.

Alec balança a cabeça tristemente.

"Não se preocupe," Marco fala. "Vamos dormir quando estivermos mortos, e estaremos mortos em breve."

Eles fazem uma curva e Alec fica momentaneamente cego pelas Chamas, quase a cinquenta metros de distância, um tremendo calor, mesmo à distância.

"Se trolls passarem, matem todos eles," um soldado do Império grita. "Fora isso, não se matem. Pelo menos não até amanhã de manhã. Queremos este lugar bem guardado."

Alec leva um último empurrão, e ele e o grupo de meninos são deixados perto das Chamas, enquanto os soldados se afastam marchando. Ele se pergunta como eles poderiam confiar que eles ficariam de guarda, que não fugiriam, mas, ao se virar, ele vê torres de vigia em todos os lugares, e soldados com bestas, seus dedos no gatilho, todos esperando ansiosamente que um menino ousasse tentar fugir.

Alec fica ali, sem armadura e sem armas, e se pergunta como eles poderiam esperar que ele fosse um guarda eficaz. Ele olha e vê que alguns dos outros meninos têm espadas.

"Onde você conseguiu isso?" Alec pergunta para um rapaz que está por perto.

"Quando um menino morrer, você pega dele," o garoto grita de volta. "Se alguém não chegar até ele primeiro."

Marco franze a testa.

"Como é possível ficar de guarda se eles não nos dão armas?" ele pergunta.

Um dos outros meninos, completamente preto de fuligem, cai na risada.

"Novatos não recebem armas," ele responde. "Eles esperam que você morra. Se você ainda estiver aqui depois de algumas noites, vai encontrar uma maneira de conseguir uma."

Alec olha para as Chamas crepitando intensamente, o calor aquecendo seu rosto, e tenta não pensar sobre o que está do outro lado, esperando para atravessar.

"O que devemos fazer enquanto isso?" ele pergunta. "Se um troll aparecer?"

Um menino ri.

"Mate-os com as mãos!" Ele grita. "Você pode sobreviver - mas, por outro lado, talvez você morra. Ele estará em chamas e, provavelmente, vai queimar você com ele."

Os outros meninos viram as costas e se dispersam, cada um se dirigindo para suas próprias estações, e Alec, desarmado, olha para as Chamas com uma sensação desesperadora.

"Viemos até aqui para morrer," ele fala para Marco.

Marco, a dez metros dele, olha para as Chamas, parecendo desiludido.

"Servir como guarda das Chamas costumava ser um nobre chamado," ele diz, sua voz melancólica. "Antes da invasão de Pandésia. Os Guardiões eram homens honrados, bem armados e bem equipados. É por isso que eu me ofereci. Mas agora... parece ser algo completamente diferente. Os Pandesianos não querem que os trolls atravessem, mas eles não usam seus próprios homens. Eles querem que nós façamos seu trabalho, e mesmo assim nos deixam morrer aqui."

"Talvez devêssemos deixá-los passar, então," Alec diz, "e permitir que os trolls matem todos eles."

"Nós poderíamos fazer isso," diz Marco. "Mas eles invadiriam Escalon, e matariam nossas famílias também."

Eles ficam em silêncio, os dois ali de pé, olhando para as Chamas. Alec não sabe quanto tempo passa enquanto ele fica ali, pensando. Ele consegue evitar a sensação de que está olhando para sua própria morte. O que sua família estaria fazendo agora? ele se pergunta. Será que estão pensando nele? Será que eles se importam?

Alec se vê consumido por pensamentos depressivos e sabe que precisa mudar seu estado de espírito. Ele se força a desviar o olhar, a olhar por cima do ombro e estudar a floresta escura. A floresta

está escura como o breu, assustadora, e os soldados nas torres de vigia nem sequer se incomodam em olhar naquela direção. Em vez disso, eles mantêm os olhos fixos nos recrutas, nas Chamas.

"Eles estão com medo de ficarem de guarda sozinhos," Alec observa olhando para os soldados. "No entanto, eles não querem nos deixar em paz. Covardes."

Alec mal termina de pronunciar as palavras quando de repente sente uma dor enorme nas costas, e cai para a frente. Antes que ele possa ver o que está acontecendo, ele sente uma clava sendo batida em suas costelas, e cai de cara no chão.

Ele ouve uma voz sinistra em seu ouvido, que ele reconhece imediatamente.

"Eu te disse que encontraria você, garoto."

Antes que ele possa reagir Alec sente mãos ásperas segurando ele por trás e arrastando seu corpo para a frente, em direção às Chamas. Há dois deles, o menino da carroça e seu amigo, e Alec tenta resistir, mas é inútil. Eles apertam com força e o arrastam cada vez mais, até que seu rosto sente o intenso calor das Chamas.

Alec ouviu o barulho de uma luta e olhar para trás, fica surpreso ao ver Marco preso por correntes, com dois rapazes segurando-o no lugar. Eles haviam planejado bem aquele ataque, e fica claro que eles realmente querem vê-los mortos.

Alec se esforça, mas não consegue ganhar vantagem. Eles o arrastam cada vez mais perto das chamas, até quase três metros de distância, e o calor é tão intenso que ele já começa a sentir dor, sentir como se seu rosto estivesse prestes a derreter. Ele sabe que, em questão de metros, ele seria desfigurado por toda a vida, se não fosse morto.

Alec joga o corpo para trás, mas eles estão segurando com tanta força que ele não consegue se soltar.

"NÃO!" Ele grita.

"É hora de dar o troco," sussurra a voz em seu ouvido.

De repente ele ouve um grito terrível, e Alec fica chocado ao perceber que não é a sua. O aperto em seus braços diminui e ele imediatamente se afasta das chamas. No mesmo momento, ele vê uma explosão de luz e assiste paralisado, quando uma criatura irrompe das Chamas, pegando fogo, e de repente pousa em cima do menino ao lado dele, prendendo-o no chão.

O troll, ainda em chamas, rola com o menino no chão, afundando suas presas em sua garganta. O menino grita, e morre instantaneamente.

O troll se vira e olhou em volta, em um frenesi, e seus olhos, grandes e vermelhos, recaem sobre Alec. Alec fica apavorado. Ainda em chamas, o troll respira pela boca, suas longas presas cobertas de sangue, e parece com sede para matar, como um animal selvagem.

Alec fica ali, paralisado pelo medo, incapaz de se mover, mesmo se quisesse.

O outro rapaz corre, e o troll, detectando movimento, se vira e, para alívio de Alec, parte para cima do garoto. Com um salto, ele o joga no chão, ainda em chamas, e afunda suas presas na parte de trás do pescoço dele. O menino dá um único grito antes de ser morto.

Marco consegue se livrar dos meninos atordoados e agarra sua corrente, começando a girar, quebrando o rosto de um e as pernas do outro.

Alarmes começam a tocar nas torres de vigia e o caos toma conta de tudo. Meninos começam a correr ao longo das Chamas para tentar combater o troll. Eles o golpeiam com lanças, mas a maioria, inexperiente, tem medo de chegar muito perto. O troll estende a mão, pega uma lança e puxa um dos meninos e o abraça com força. O menino grita, envolto em chamas.

"Chegou a nossa vez," sussurra uma voz urgente.

Alec se vira e vê Marco correndo para o lado dele.

"Estão todos distraídos, esta pode ser nossa única chance."

Marco olha para trás e Alec segue seu olhar e vê que ele olha para a floresta. Ele quer escapar.

Escura e completamente negra, a floresta é assustadora. Alec sabe que perigos ainda maiores provavelmente se escondem lá dentro, mas ele sabe que Marco está certo - esta é a sua oportunidade, e que nada, exceto a morte os espera aqui.

Alec balança a cabeça e, sem dizer nada, eles começam a correr juntos, fugindo para cada vez mais longe das Chamas, em direção à floresta.

O coração de Alec bate em seu peito e ele esperava que, a qualquer momento, vai receber um tiro

nas costas, e ele corre para salvar sua própria vida. Mas, ao olhar para trás, por cima do ombro, ele vê todos em torno do Troll, distraídos.

Um momento depois, eles entram na mata, envoltos pela escuridão; entrando, ele sabe, em um mundo de perigos maior do que ele jamais poderia imaginar. Ele provavelmente morreria ali. Mas, pelo menos, ele estaria livre.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kyra fica do lado de fora dos portões de Volis, estudando a paisagem invernal enquanto a neve cai, o céu escarlate como se o sol estivesse lutando para romper, e se coloca outra pedra em cima do monte que não para de crescer, respirando com dificuldade. Kyra tinha se juntado aos outros para recolher aquelas enormes pedras do rio para erguer outro muro ao redor do perímetro de Volis. Enquanto o pedreiro ao lado dela coloca o cimento, ela coloca uma pedra após a outra no lugar. Agora, com os braços tremendo, ela precisa de uma pausa.

Kyra está acompanhada por centenas de seu povo, alinhados ao longo de toda a parede, todos contribuindo para torná-la mais alta e mais espessa. Outros, do lado de fora do muro, trabalham com pás, cavando valas frescas, enquanto outros cavam sepulturas para os mortos. Kyra sabe que tudo isso é inútil, que não nada seria capaz de conter o exército Pandesiano quando ele chegasse, e que não importa o que fizerem, todos morreriam naquele lugar. Todos eles sabem disso, mas continuam a tarefa de construírem o muro. Isso lhes dá algo para fazer, a sensação de estar no controle, enquanto aguardam a morte de chegar.

Ao fazer uma pausa, Kyra se encosta na parede, olhando para a paisagem enquanto pensa. Tudo está tão quieto agora, a neve abafa todos os sons, como se o mundo não tivesse nada além de paz. Mas ela sabe a verdade - ela sabe que os Pandesianos estão lá fora em algum lugar, se preparando. Ela sabe que eles voltariam, em um estrondo ensurdecedor, e destruiriam tudo o que ela considera precioso. O que ela vê diante de si é uma ilusão: é apenas a calmaria antes da tempestade. É difícil entender como o mundo poderia ser tão quieto, tão perfeito, em um momento - e tão cheio de destruição e caos no momento seguinte.

Kyra olha por cima do ombro e vê seu povo terminando o trabalho do dia, empilhando espátulas e pás quando a noite começa a cair e caminhando de volta para suas casas. A fumaça sobe das chaminés, velas são acesas nas janelas, e Volis parece aconchegante e protegida, como se nada pudesse atingi-la. Ela fica encantada com a ilusão.

Enquanto fica ali, ela não consegue deixar de ouvir as palavras de seu pai, zumbindo em seus ouvidos, seu pedido para que ela deixasse Volis imediatamente. Ela pensa em seu tio, que ela nunca havia conhecido, na viagem que seria necessária, até o outro lado de Escalon, através da Floresta Branca, todo o caminho até a Torre de Ur. Ela pensa em sua mãe, no segredo escondido dela. Ela pensa em seu

tio, e no treinamento que a deixaria ainda mais forte - e tudo isso a deixa animada.

Mas quando ela se olha para o seu povo, ela sabe que não seria capaz de abandoná-los naquele momento de luta, mesmo para isso tivesse que sacrificar sua própria vida. Ela simplesmente não é assim.

De repente, uma trombeta suave soa, sinalizando um final do dia de trabalho.

"A noite cai," diz o pedreiro, em pé ao lado dela, deixando no chão sua colher de pedreiro. "Há pouco que podemos fazer no escuro. Nosso povo está se preparando para comer. Vamos," ele diz,

enquanto filas de pessoas se viram e se encaminham para o outro lado da ponte, através dos portões.

"Vou entrar em um momento," ela responde, querendo mais tempo para desfrutar da paz, do silêncio. Ela sempre se sentia mais feliz sozinha, ao ar livre.

Leo geme e lambe os lábios.

"Leve Leo com você, ele está com fome."

Leo deve ter entendido porque corre atrás do pedreiro antes que ela termine de falar, e o pedreiro ri enquanto atravessa a ponte com ele.

Kyra permanece do lado de fora do forte, fecha os olhos contra o ruído e se perde em seus pensamentos. Finalmente, o som dos martelos tinha parado. Finalmente, ela tem uma verdadeira sensação de paz.

Ela olha para fora e estuda o horizonte, observando a floresta escura, as nuvens cinzentas que se aproximam encobrendo o céu escarlate, e pensa. Quando eles viriam? Quantos soldados trariam? Como seria o seu exército?

Quando ela olha para fora, Kyra se surpreende ao detectar um movimento à distância. Algo chamou sua atenção e, enquanto observa, ela vê um cavaleiro solitário se materializar, emergindo da floresta e pegando a estrada principal na direção da fortaleza. Kyra estica o braço e inconscientemente pega seu arco, preparando-se, se perguntando se ele seria um olheiro, se ele seria um sinal de que o exército se aproxima.

Mas quando ele chega mais perto, ela afrouxa seu aperto e relaxa ao reconhecê-lo: é um dos homens de seu pai. Maltren. Ele galopa e, ao mesmo tempo, leva um cavalo pelas rédeas ao lado dele. É uma visão mais curiosa.

Maltren para abruptamente diante dela e olha para ela com urgência, parecendo estar com medo; ela não consegue entender o que está acontecendo.

"O que é isso?" Pergunta ela, alarmada. "Pandésia está vindo?"

Ele continua sentado, respirando com dificuldade, e balança a cabeça.

"É o seu irmão," ele diz. "Aidan."

O coração de Kyra se sobressalta com a menção do nome de seu irmão, a pessoa que ela mais ama no mundo. Ela entra imediatamente em estado de alerta.

"O que tem Aidan?" Ela pergunta. "O que aconteceu com ele?"

Maltren segura a respiração.

"Ele tem foi gravemente ferido," ele responde, "e precisa de ajuda."

O coração de Kyra começa a bater forte. Aidan? Ferido? Vários cenários terríveis se passam em sua mente, mas, sobretudo, Kyra fica confusa.

"Como?" Ela pergunta. "O que ele estava fazendo na floresta? Eu pensei que ele estava no forte, se preparando para a festa."

Maltren balança a cabeça.

"Ele saiu com os seus irmãos," ele diz. "Em uma caçada. Ele teve uma queda feia de seu cavalo - suas pernas estão quebradas."

Kyra sente um lampejo de determinação atravessar seu corpo. Cheia de adrenalina, sem ao menos parar para pensar em tudo com cuidado, ela corre e monta no cavalo que Maltren trouxe.

Se ela tirasse um momento para se virar, para olhar na direção do forte, ela teria encontrado Aidan, em segurança lá dentro. Mas alimentada pela urgência, ela não perde tempo em questionar Maltren.

"Leve-me até ele," ela diz.

Os dois então, em um dueto improvável, se afastam de Volis juntos e, à medida que a noite cai, seguem na direção da floresta escura.

*

Kyra e Maltren galopam pela estrada, sobre as colinas, em direção a floresta, ela respira com dificuldade e bate seus pés em seu cavalo, ansiosa para salvar Aidan. Um milhão de pesadelos invadem a cabeça dela. Como Aidan poderia ter quebrado as pernas? O que seus irmãos estavam fazendo caçando ali, perto do anoitecer, quando todo o povo de seu pai havia sido proibido de deixar o forte? Nada disso faz qualquer sentido para ela.

Eles chegam à beira do bosque e, quando Kyra se prepara para entrar, ela fica intrigada ao ver

Maltren de repente trazer seu cavalo a uma parada antes de entrar. Ela para de repente ao lado dele e vê quando ele desmonta. Ela também desmonta - ambos os cavalos respirando com dificuldade, - e o segue, perplexa, quando ele para diante da entrada da floresta.

"Por que você está parando?" ela pergunta, ofegante. "Eu pensei que Aidan estivesse na floresta?"

Kyra olha ao seu redor e, assim que faz isso, ela tem a sensação de que algo está terrivelmente errado

- de repente, Kyra fica horrorizada ao ver, saindo da Floresta, o próprio Lorde Governador, ladeado por duas dezenas de homens. Ela ouve a neve ser pisoteada atrás dela, e ao virar vê mais uma dúzia de homens a cercando, todos com arcos apontados para ela, e um deles segurando as rédeas de seu cavalo. Seu sangue gela quando ela percebe que tinha caído em uma armadilha.

Ela olha para Maltren em fúria, percebendo que ele a tinha traído.

"Por quê?" Ela pergunta revoltada com a visão dele. "Você é um dos homens do meu pai. Por que você faria isso?"

O Lorde Governador se aproxima de Maltren e coloca um grande saco de ouro em suas mãos, enquanto Maltren desvia o olhar, sentindo-se culpado.

"Por ouro suficiente," o Lorde Governador responde, com um sorriso arrogante no rosto, "você vai aprender que os homens farão qualquer coisa que você desejar. Maltren aqui vai ser rico para sempre,

mais rico do que seu pai, e será poupado do terrível fim do forte."

Kyra olha para Maltren, sem querer acreditar naquilo.

"Você é um traidor," ela diz.

Ele faz uma careta para ela.

"Eu sou o nosso salvador," ele responde. "Eles teriam matado todo o nosso povo, graças a você. Graças a mim, Vólis será poupada. Eu fiz um acordo. Você pode me agradecer pelas vidas deles."

Ele sorri, satisfeito. "É tudo que eu precisei fazer foi colocar minhas mãos em você."

Kyra de repente sente mãos ásperas agarrá-la por trás, e sente seu corpo ser levantado no ar. Ela resiste e se contorce, mas não consegue se livrar deles; Kyra sente suas mãos e tornozelos sendo amarrados, e então é jogada na parte de trás de uma carroça.

Um momento depois, as barras de ferro se fecham e a carroça começa a se movimentar para longe, atravessando o campo. Ela sabe que, onde quer que eles a estivessem levando, ninguém jamais a veria ou teria notícias dela novamente. E quando eles entram na floresta, bloqueando sua visão da noite, Kyra sabe que a sua vida, como ela a conhecia, havia acabado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O gigante jaz aos pés do Vesúvio, amarrado por milhares de cordas e segurado por uma centena de trolls e, quando Vesúvio fica sobre ele, tão perto de suas presas, ele o estuda com reverência. A besta estica o pescoço, rosnando, tentando chegar perto e matá-lo, mas ele não consegue se libertar.

Vesúvio sorri, encantado. Ele se orgulha de ter poder sobre coisas indefesas, e mais do que tudo, ele gosta muito de ver seus prisioneiros sofrendo.

Ver aquele gigante ali, em sua caverna, em seu próprio território, o deixa um pouco emocionado. Ser capaz de ficar tão perto o faz sentir tremendo poder, como se não houvesse nada no mundo que ele não pudesse conquistar. Finalmente, depois de todos aqueles anos, seu sonho tinha sido

realizado. Finalmente, ele seria capaz de alcançar seu objetivo de vida, e criar o túnel que levaria seu povo por baixo das Chamas em direção ao Ocidente.

Vesúvio zomba da criatura.

"Você vê, você não é tão forte como eu," ele diz, de pé sobre o gigante. "Ninguém é tão forte como eu."

A fera rugiu, um som horrível, e luta em vão. Quando ele faz isso, todos os trolls que o seguram são jogados para os lados - as cordas mexem, mas não cedem. Vesúvio sabe que seu tempo é curto. Se eles pretendem mesmo fazer isso, teria que ser agora.

Vesúvio vira e inspeciona a caverna: milhares de trabalhadores param seu trabalho para ver o gigante. Na outra extremidade fica o túnel inacabado, e Vesúvio sabe que essa seria a parte mais complicada. Ele teria que colocar o gigante para trabalhar. De alguma forma, ele teria de incitá-lo a entrar no túnel e abrir caminho através da rocha. Mas como?

Vesúvio fica ali, quebrando a cabeça, até que uma idéia lhe ocorre.

Ele se vira para o gigante e desembainha a espada, que brilha contra as chamas da caverna.

"Eu vou cortar suas cordas," Vesúvio fala para a besta, "porque eu não tenho medo de você. Você será livre, e você deve seguir o meu comando. Você vai abrir caminho através da rocha desse túnel, e você não deve parar até ter escavado sob as chamas de Escalon."

O gigante solta um rugido de desafio.

Vesúvio vira e examina seu exército de trolls, que aguarda o seu comando.

"Quando minha espada abaixar," ele grita, sua voz cada vez mais alta, "vocês devem cortar todas as cordas de uma vez. Então todos devem atacá-lo com as suas armas até que ele chegue ao túnel. "

Seus trolls olham para trás, nervosos - todos claramente aterrorizados com a idéia de libertá-lo. Vesúvio também tem medo, embora ele nunca se permitisse mostrá-lo. E, no entanto, ele sabe que não há outra maneira - essa seria a única saída.

Vesúvio não perde tempo. Ele avança decisivamente, levanta a espada e corta a primeira das grossas cordas amarradas em torno do pescoço do gigante.

Imediatamente, centenas de seus soldados se aproximam, levantam suas espadas e cortam as cordas, e o barulho de cordas se rompendo enche o ar.

Vesúvio rapidamente dá um passo atrás, recuando, mas não de maneira muito visível, sem querer que seus homens testemunhem o seu medo. Ele desliza para trás de suas fileiras de homens, para as

sombras das rochas, fora do alcance do animal depois que fica em pé. Ele pretende esperar para ver o que aconteceria primeiro.

Um rugido horrível enche o canyon quando o gigante fica em pé, enfurecido, e sem perder um segundo, bate com suas garras em ambos os lados. Ele pega quatro trolls em cada mão, e então os arremessa para o outro lado da caverna. Os trolls saem voando sobre pelo ar, até o outro lado da caverna, onde se chocam contra a parede oposta e caem no chão, mortos.

O gigante junta suas mãos e fecha os punhos, e de repente bate no chão, usando-as como um martelo, apontando na direção dos trolls que correm. Trolls fogem para salvar suas vidas, mas não há tempo, e eles são esmagados como formigas, enquanto a caverna trema a cada batida.

Quando trolls tentam correr entre suas pernas, o gigante levanta seus pés e pisa, esmagando-os.

Enfurecido, ele mata trolls em todas as direções, e ninguém parece capaz de escapar de sua ira.

Vesúvio assiste tudo com um pavor crescente. Ele sinaliza para seu comandante e, imediatamente, um alarme toca.

Naquele exato instante, centenas de seus soldados marcham a partir das sombras, com piques longos e chicotes na mão, todos se preparando para cutucar a fera. Eles o cercam, correndo em todas as direções, fazendo o seu melhor para guiá-lo até o túnel.

Mas Vesúvio fica horrorizado ao ver seu plano falhar miseravelmente diante de seus olhos. A besta se inclina para trás e chuta uma dúzia de soldados de uma só vez; em seguida, ele vira seu antebraço e golpeia mais cinquenta soldados, quebrando-os em uma parede junto com suas lanças. Ele pisoteia outros soldados que seguram chicotes, matando tantos tão rapidamente que ninguém consegue chegar perto dele. Eles são inúteis contra aquela criatura, mesmo com seus números e com todas as suas armas. O exército de Vesúvio está se dissolvendo diante de seus olhos.

Vesúvio pensa rapidamente. Ele não pode matar o animal, - ele precisa do gigante vivo, e precisa controlar sua força. No entanto, o gigante primeiro precisa obedecer aos seus comandos. Mas como? Como ele poderia guiá-lo dentro do túnel?

De repente, ele tem uma idéia: se ele não pode guiá-lo, talvez seja possível seduzi-lo.

Ele se vira e agarra o troll ao lado dele.

"Você," ele ordena. "Corra para o túnel. Certifique-se de que o gigante veja você."

O soldado encara Vesúvio com os olhos arregalados de medo.

"Mas, meu Senhor e Rei, e se ele me seguir?"

Vesúvio sorri.

"Essa é exatamente a ideia."

O soldado fica ali, em pânico, assustado demais para obedecer - e Vesúvio apunhala seu coração. Ele, então, se aproxima de outro soldado e segura o punhal em sua garganta.

"Você pode morrer aqui agora," ele diz, "pela borda de minha lâmina - ou pode correr para o túnel e ter uma chance de viver. Você escolhe."

Vesúvio pressiona a lâmina contra a garganta dele, e o troll, percebendo que ele está falando sério, se vira e sai correndo.

Vesúvio vê quando ele atravessa a caverna, zigzagueando seu caminho em meio a todo o caos, entre todos os soldados que morrem, por entre as pernas do animal, correndo para a entrada do túnel.

O gigante vê o troll, e dá um tapa na direção dele, errando. Num acesso de raiva, e atraído pelo soldado que está fugindo dele, o gigante, como Vesúvio havia previsto, começa imediatamente a segui-lo. Ele corre até a caverna, e cada passo que ele dá sacode a terra e as paredes.

O troll corre para salvar sua vida e, finalmente, entra no túnel. Apesar da grande largura e altura, o túnel é raso, terminando depois de apenas cinquenta metros apesar de anos de trabalho, e quando o troll corre para dentro, ele logo chega a um beco sem saída, uma parede de pedra.

O gigante, enfurecido, parte para cima deles, sem diminuir o ritmo. Quando ele alcança o troll, o gigante bate nele com seus enormes punhos e garras. O troll se abaixa e o gigante acerta a rocha. O chão treme, um grande estrondo se segue, e Vesúvio assiste com admiração quando a parede desmorona, e uma avalanche de rochas levanta uma enorme nuvem de poeira.

O coração de Vesúvio acelera. É isso. É exatamente como ele sempre sonhou, - exatamente o que ele precisa e o que ele tinha imaginado desde o dia em que havia decidido encontrar esta besta. Ele bate de

novo, e arranca outro pedaço de rocha, tirando uns bons vinte metros em um único golpe, mais do que os escravos de Vesúvio tinham sido capazes de fazer em um ano inteiro de escavação.

Vesúvio fica muito feliz, percebendo que aquilo iria funcionar.

Mas, então, o gigante encontra o troll, o levanta no ar, e morde sua cabeça.

"FECEM O TÚNEL!" Vesúvio ordena, apressando-se para a frente e dirigindo seus soldados.

Centenas de trolls, à espera de um comando, correm e começam a empurrar a porta de pedra

Altusiana que Vesúvio tinha posicionado diante da entrada do túnel, uma rocha tão espessa que nenhum animal, nem mesmo aquela criatura, seria capaz de quebrar. O som de pedra raspando sobre pedra enche o ar enquanto Vesúvio observa o túnel lentamente se fechar.

O gigante, ao ver que a entrada que está sendo fechada, se vira e corre na direção dela.

Mas eles conseguem selar a entrada um segundo antes da chegada do gigante. Toda a caverna treme quando o gigante se choca contra a pedra, mas felizmente a pedra resiste.

Vesúvio sorri; o gigante estava preso. Ele está exatamente no lugar que Vesúvio queria.

"Enviem o próximo!" Vesúvio ordena.

Um escravo humano é empurrado para a frente, açoitado por seus captores, repetidas vezes, em direção a uma pequena abertura na laje de pedra. O ser humano, percebendo o que está prestes a acontecer, se recusa a ir, chutando e oferecendo resistência; mas eles o espancam até que, finalmente, eles conseguem empurrá-lo através da abertura, dando-lhe um último solavanco.

De dentro do túnel eles ouvem os gritos abafados do escravo, claramente correndo para salvar sua vida, tentando fugir do gigante. Vesúvio fica lá e ouve com alegria o som do gigante enfurecido, preso, golpeando e quebrando a rocha, cavando o túnel para ele.

Com um soco de cada vez, seu túnel está sendo cavado a cada golpe, ele sabe, deixando-o mais perto das Chamas - e de Escalon. Ele então transformaria os humanos em uma nação de escravos.

Finalmente, a vitória seria sua.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kyra abre os olhos para a escuridão, deitada em um chão de pedra fria, com dor de cabeça, seu

corpo dolorido, e se pergunta em que lugar ela está. Tremendo de frio, com a garganta seca, sentindo-se como se não comesse há dias, ela estende a mão e sente o chão de paralelepípedos sob seus dedos, e tenta se lembrar.

Imagens inundam sua mente, e a princípio ela não tem certeza se são lembranças ou pesadelos. Ela se lembra de ter sido capturada pelos homens do Governador, de ser jogada em uma carroça, e se lembra de um portão de metal sendo fechado diante dela. Ela se lembra de uma viagem longa e difícil, de ter resistido quando o portão se abriu, lutando para se libertar, e se lembra de ter levado uma pancada na cabeça. Depois disso, tudo que ela se lembra, felizmente, é da escuridão.

Kyra estende a mão e sente uma protuberância na parte de trás de sua cabeça, e sabe que não tinha sido um sonho. Tudo tinha sido real. A realidade recai sobre ela como uma pedra: ela tinha sido capturada por homens do Governador e tinha sido levada embora, aprisionada.

Kyra está furiosa com Maltren por sua traição, furiosa com ela mesma por ser tão estúpida a ponto de ter acreditado nele. Ela também está com medo, pensando no que viria a seguir. Ela está deitada, sozinha, sob a custódia do Governador, e somente coisas terríveis poderiam acontecer com ela agora. Ela tem certeza que seu pai e seu povo não têm idéia de onde ela está. Talvez seu pai presumisse que ela tinha ouvido seus conselhos e se aventurado até a Torre de Ur. Maltren certamente mentiria e lhe informaria que a tinha visto fugindo Volis para sempre.

Enquanto Kyra se mexe no escuro, ela instintivamente estende a mão para seu arco e seu cajado, mas eles tinham sido todos retirados dela. Ela olha para cima e vê uma luz fraca atravessando as barras da cela, e vê tochas revestindo as paredes de pedra de uma masmorra, sob os quais pairam vários soldados, em atenção. Há uma grande porta de ferro no centro da masmorra, e tudo está em silêncio - o único som vem de uma goteira em algum lugar no teto, e de ratos correndo em algum canto escuro.

Kyra se senta contra a parede, abraçando os joelhos contra o peito, tentando se aquecer. Ela fecha os olhos e respira fundo, forçando-se a imaginar que está em outro lugar, em qualquer outro lugar. Quando ela faz isso, ela vê os intensos olhos amarelos de Theos olhando para ela. Ela pode ouvir a voz do dragão no olho da sua mente.

A força não é definida em tempos de paz. Ela é encontrada em meio às dificuldades. Abraça a sua dificuldade, não se intimide dela. Só então você poderá superá-la.

Kyra abre os olhos, chocada com a visão, olhando ao redor à espera de encontrar Theos diante dela.

"Você o viu?" A voz de uma menina de repente corta a escuridão, deixando Kyra assustada.

Kyra se vira, chocada ao ouvir a voz de outra pessoa naquela cela com ela, vinda de algum lugar nas sombras - e ainda mais surpresa ao perceber que é a voz de uma menina. Ela parece ter a sua idade, e quando uma figura emerge das sombras, Kyra vê que ela estava certa: uma menina bonita aparece diante dela, talvez com quinze anos, com olhos castanhos e cabelos longos embaraçados, o rosto coberto de sujeira e roupas em farrapos. Ela parece aterrorizada enquanto olha para Kyra.

"Quem é você?" Pergunta Kyra.

"Você já o viu?" A garota repete, urgentemente.

"Vi o quê?"

"O filho dele," ela responde.

"Filho dele?" Pergunta Kyra, confusa.

A menina vira e olha para fora da cela, aterrorizada, e Kyra se pergunta a que horrores ela teria sido submetida.

"Eu não vi ninguém," diz Kyra.

"Oh Deus, por favor, não deixe que eles me matem," a menina pede. "Por Favor, eu odeio esse lugar!"

A menina começa a chorar incontrolavelmente, encolhida no chão de pedra, e Kyra, com o coração em pedaços, se levanta, aproximando-se dela, e para o braço em torno de seu ombro, tentando acalmá-la.

"Shhh," diz Kyra, tentando confortá-la. Kyra nunca tinha visto alguém naquele estado; aquela menina parece positivamente apavorada com quem quer que fosse que ela estivesse falando. Isso deixa Kyra um terrível pressentimento sobre o que está por vir.

"Diga-me," Kyra pede. "De quem você está falando? Quem te machucou? O governador? Quem é

você? O que você está fazendo aqui? "

Ela vê hematomas no rosto da menina, as cicatrizes em seus ombros, e tenta não pensar sobre o que eles tinham feito com aquela pobre menina. Ela espera pacientemente para que ela pare de chorar.

"Meu nome é Dierdre," ela responde. "Eu estou aqui... Eu não sei. Achei que estivesse aqui há uma ciclo de lua, mas perdi a noção do tempo. Eles me tiraram da minha família, desde que a nova lei foi colocada em prática. Tentei resistir, e me trouxeram até aqui."

Dierdre olha para o vazio como se estivesse revivendo tudo.

"Todos os dias novas torturas me aguardam," ela continua. "Primeiro foi o filho, e depois pai. Eles me passam adiante como uma boneca e agora... Eu não sou... nada."

Ela olha para Kyra com uma intensidade que a assusta.

"Eu só quero morrer agora," Dierdre implora. "Por favor, apenas me ajude a morrer."

Kyra olha para ela, horrorizada.

"Não diga isso," Kyra fala.

"Eu tentei roubar uma faca outro dia, para me matar, mas ela escorregou de minhas mãos e eles me capturaram novamente. Por favor, eu farei qualquer coisa. Mate-me."

Kyra balança a cabeça, absolutamente horrorizada.

"Ouça-me," diz Kyra, sentindo uma nova força interior surgir dentro dela, uma nova determinação ao ver a situação de Dierdre. É a força de seu pai, a força de gerações de guerreiros, que corre dentro

dela. E mais do que isso: é a força do dragão - uma força que ela não sabia que ela tinha até o então.

Ela segura os ombros de Dierdre e olha dentro de seus olhos, querendo chegar até ela.

"Você não vai morrer," Kyra fala com firmeza. "E eles não vão te machucar. Você me entende? Você vai viver. Eu tenho certeza disso."

Dierdre parece se acalmar, parece animada pela força de Kyra.

"Tudo o que eles fizeram com você," continua Kyra, "está no passado agora. Logo você estará livre - nós estaremos livres. Você vai começar sua vida de novo. Vamos ser amigas e eu vou te proteger. Você confia em mim?"

Dierdre olha para ela, claramente chocada. Finalmente, ela balança a cabeça, calma.

"Mas como?" Pergunta Dierdre. "Você não entende. Não há como escapar daqui. Você não entende como eles são-"

Ambas se encolhem quando a porta de ferro se abre de repente. Kyra vê quando o Lorde Governador entra na cela, seguido por meia dúzia de homens, acompanhado por um homem que é a sua imagem viva, com o mesmo nariz gordo e olhar complacente, talvez na casa dos trinta anos. Ele deve ser seu filho, e tem o mesmo ar sarcástico de seu pai, o rosto estúpido, o olhar arrogante.

Eles atravessam o calabouço e se dirigem até as barras da cela, e seus homens se aproximam com tochas, iluminando a cela. Kyra olha em volta e fica horrorizado ao ver suas acomodações pela primeira vez, notando as manchas de sangue espalhadas por todo o chão. Ela não quer pensar em quem mais havia ficado ali, ou sobre o que tinha acontecido com eles.

"Traga-a até aqui," o governador ordena para seus homens.

A porta da cela é aberta, os homens marcham até Kyra e a colocam em pé, prendendo seus braços atrás das costas, e ela é incapaz de se libertar por mais que tente. Eles a levam para perto do Lorde Governador, que olha para ela como se ela fosse um inseto.

"Eu por acaso não a avisei?" Ele diz baixinho, com uma voz ameaçadora.

Kyra franze a testa.

"A lei Pandesiana lhe permite escolher meninas solteiras como esposas, e não prisioneiras," Kyra declara, desafiadoramente. "Você violou sua própria lei ao me prender."

O Lorde Governador troca um olhar com os outros, e eles caem na gargalhada.

"Não se preocupe," ele diz, encarando-a, "Eu vou fazer de você minha esposa. Muitas vezes. E meu filho, também - e qualquer outra pessoa que eu escolher. E quando tivermos terminado com você, se você ainda não estiver morta, deixarei que passe o resto de seus dias aqui em baixo".

Ele sorri um sorriso maligno, claramente apreciando aquilo.

"Quanto ao seu pai e ao seu povo," ele continua, "Eu mudei de ideia: vamos matar até o último deles. Eles em breve serão apenas uma memória. Nem isso, eu receio: eu vou fazer com que Volis seja apagada dos livros de história. Enquanto falamos, uma divisão inteira do exército Pandesiano se encaminha para Volis, para vingar meus homens e destruir a sua fortaleza."

Kyra sente uma grande indignação crescendo dentro dela. Ela tenta desesperadamente invocar seu

poder, seja lá o que a tenha ajudado na ponte, mas, para seu espanto, nada acontece. Ela se contorce e resiste, mas não consegue se libertar.

"Você tem um espírito forte," ele fala. "Isso é bom. Vou gostar de destruir esse seu espírito. Vou aproveitar muito."

Ele vira as costas para ela, como se estivesse partindo, quando, de repente, sem aviso, ele vira e dá um tapa no rosto dela com toda a força.

É um movimento que ela não esperava, e Kyra sente o golpe esmagar sua mandíbula e mandá-la até o chão, caída ao lado Dierdre.

Kyra, com dor no maxilar, fica deitada e olha para cima, observando enquanto eles se afastam. Quando todos deixam sua cela, trancando-a atrás deles, o Lorde Governador para, colocando o rosto contra as grades, e olha para ela.

"Eu vou esperar até amanhã para torturá-la," ele fala sorrindo. "Eu acho que as minhas vítimas sofrem mais após uma noite inteira para pensar sobre as dificuldades que virão."

Ele dá uma risada horrível, encantado consigo mesmo, em seguida, se vira com seus homens e sai do calabouço, batendo a porta maciça de ferro atrás dele, como um caixão que se fecha em torno do coração de Kyra.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Merk caminha pela Floresta Branca ao pôr do sol, com as pernas doendo, seu estômago roncando, tentando manter a fé de que a Torre de Ur está no horizonte e que, eventualmente, ele iria alcançá-la. Ele tenta se concentrar em como seria sua nova vida uma vez que ele chegasse, em como ele se tornaria um Vigilante e começaria de novo.

Mas ele não consegue se concentrar. Desde que havia encontrado a garota, desde ouvir sua história, algo incomoda Merk. Ele gostaria de tirá-la de sua mente, mas por mais que ele tente, simplesmente não consegue. Ele está decidido a se afastar de uma vida de violência. Se ele voltasse até ela e a ajudasse a matar aqueles homens, quando os assassinatos chegassem ao fim? Não haveria algum outro trabalho, outra causa, logo depois?

Merk caminha sem parar, batendo no chão com cajado, esmagando as folhas sob seus pés,

furioso. Por que ele tinha que encontrar aquela garota? A floresta é enorme - porque eles não tinham conseguido se manter longe um do outro? Por que a vida sempre tem que jogar as coisas no seu caminho, - coisas além de sua compreensão?

Merk odeia decisões difíceis, e odeia a sensação de hesitação; toda a sua vida, ele sempre esteve certo de tudo, e havia considerado isso como um de seus pontos fortes. Ele sempre soube quem ele era. Mas agora, ele não tem tanta certeza. Agora, ele se vê vacilando.

Ele amaldiçoa os deuses por tê-lo feito encontrar aquela garota. Por que as pessoas não podiam cuidar de si mesmas, afinal? Por que elas sempre precisam dele? Se ela e sua família não tinham sido incapazes de se defender, então por que eles merecem viver? Se ele os salvasse, algum outro predador, mais cedo ou mais tarde, não conseguiria matá-los?

Não. Ele não pode salvá-los, as pessoas precisam aprender a se defender sozinhas.

E, no entanto, talvez, ele pondera, haja uma razão pela qual ela tenha sido colocada diante de seus olhos. Talvez ele esteja sendo testado.

Merk olha para o céu, o sol uma tira fina no horizonte, pouco visível através da Floresta Branca, e se espanta com sua aparente fé.

Testado.

É uma palavra poderosa, uma idéia poderosa - uma que ele não gosta. Ele não gosta do que ele não entende, do que ele não pode controlar, e estar sendo testado significa precisamente isso. Enquanto continua caminhando, destruindo as folhas com o seu cajado, Merk sente seu mundo cuidadosamente construído entrar colapso ao seu redor. Antes, sua vida tinha sido fácil; agora, sua vida lhe parece um estado de constante - e desconfortável - questionamento. Ter certeza sobre as coisas na vida, ele percebe, é fácil; questionar as coisas é que é difícil. Ele havia saído de um mundo preto e branco e entrado em um mundo cheio de tons de cinza, e a incerteza o deixa inquieto. Ele não entende o que ele está se tornando, e isso o incomoda acima de tudo.

Merk chega ao topo de uma colina, respirando com dificuldade, mas não pelo esforço. Quando ele chega ao topo, ele para e olha para fora, e pela primeira vez desde que havia começado aquela viagem, ele sente um raio de esperança. Ele quase não consegue acreditar no que está vendo.

Diante de seus olhos, no horizonte, brilhando contra o pôr do sol - não é uma lenda, ou um mito, mas um lugar de verdade: a Torre de Ur.

Situada em uma pequena clareira no meio de um bosque vasto e escuro, uma torre circular de pedra antiga, com quase cinquenta metros de diâmetro, a torre se eleva acima da linha das árvores. Aquela é a coisa mais antiga que ele já tinha visto, ainda mais antiga que os castelos em que ele havia servido. Ele tinha uma misteriosa, aura impenetrável para ele. Ele podia sentir que era um lugar místico. Um lugar de poder.

Merk dá um suspiro profundo de cansaço e alívio. Ele havia conseguido; ver a torre diante de seus olhos é como um sonho. Finalmente, ele teria um lugar no mundo, um lugar para chamar de lar. Ele teria uma chance de começar uma nova vida, uma chance de se redimir. Ele se tornaria um Vigilante.

Ele sabe que deveria estar feliz, e que deve dobrar o ritmo e partir para a etapa final da viagem antes do anoitecer. No entanto, por mais que ele tente, por algum motivo Merk não consegue dar o primeiro passo. Ele fica ali, paralisado, enquanto algo o incomoda por dentro.

Merk se vira, capaz de ver o horizonte em todas as direções, e ao longe, contra o sol poente, ele vê uma fumaça preta subindo. É como um soco no estômago. Ele sabe de onde vem a fumaça: a garota. A família dela. Os assassinos estão colocando fogo em tudo.

Enquanto segue o rastro de fumaça ele percebe que ela ainda não havia atingido a fazenda. Eles ainda estão incendiando os campos nos arredores. Em pouco tempo, eles iriam alcançá-la. Mas, por enquanto, por alguns minutos preciosos, ela estaria segura.

Merk estala o pescoço, como costuma fazer quando está dividido por um conflito interno. Ele fica ali, parado no lugar, com uma grande sensação de mal-estar, incapaz de ir adiante. Ele se vira e olha para a Torre de Ur, o destino dos seus sonhos, e sabe que deveria seguir em frente. Ele havia chegado, e quer relaxar, gostaria de comemorar.

Mas, pela primeira vez em sua vida, um desejo brota dentro dele. Um desejo de agir desinteressadamente, um desejo de agir puramente em busca de justiça. Por nenhuma taxa e nenhuma recompensa. Merk detesta essa nova sensação.

Merk joga a cabeça para trás e grita, em guerra consigo mesmo, com o mundo. Por quê? Por que justo agora, de todos os tempos?

E então, apesar de cada grama de bom senso que ele possui, ele começa a se afastar da Torre, indo em direção à fazenda. Primeiro é uma caminhada lenta, em seguida, ele apressa o passo até finalmente sair correndo.

Enquanto ele corre, algo dentro dele está sendo posto em liberdade. A Torre pode esperar. É hora de Merk fazer a coisa certa, é hora dos assassinos encontrarem o que merecem.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Kyra se senta contra a parede de pedra fria, com os olhos injetados de sangue, enquanto observa os primeiros raios da aurora através das barras de ferro, cobrindo o quarto com uma luz pálida. Ela tinha ficado acordada a noite toda, como o Governador havia previsto, revirando em sua mente o castigo terrível por vir. Ela pensa sobre o que eles tinham feito com Dierdre, e tenta não pensar nas maneiras que aqueles homens cruéis tentariam destruí-la.

Kyra considera mil esquemas para resistir, para escapar. O espírito guerreiro dentro dela se recusa a desistir e se entregar - ela preferia morrer primeiro. No entanto, enquanto ela reflete sobre todas as formas possíveis de rebeldia, de fuga, o sentimento de desesperança e desespero não a abandonam. Aquele lugar é mais bem guardado do que qualquer outro lugar que ela já tinha sido. Ela está no meio do forte do Lorde Governador, um reduto Pandesiano, um complexo militar maciço guardado por milhares de soldados. Ela está longe de Volis, e mesmo que de alguma forma conseguisse escapar, ela sabe que nunca conseguiria voltar sem ser capturada - ou morta. Isso se Volis ainda existisse. Pior, seu pai não tem idéia de onde está, e ele nunca conseguiria descobrir. Ela está completamente sozinha no universo.

"Sem sono?" diz uma voz suave, tirando Kyra de seu devaneio.

Kyra vê Dierdre sentada contra a parede oposta, com o rosto iluminado com a primeira luz da aurora, ela parece pálida, e tem olheiras profundas embaixo dos olhos. Ela parece realmente abatida, e olha para Kyra com olhos assombrados.

"Eu também não dormi," continua Dierdre. "Eu fiquei pensando a noite toda sobre o que eles pretendem fazer com você, provavelmente o mesmo que fizeram comigo. Mas por alguma razão, a ideia

que elas façam o mesmo com você me incomoda ainda mais. Eu já estou quebrada; nada mais resta em minha vida. Mas você ainda está perfeita."

Kyra sente um profundo senso de pavor ao contemplar suas palavras. Ela não consegue imaginar os horrores a que sua nova amiga tinha sido submetida, e vê-la dessa maneira só a deixa mais determinada em lutar.

"Deve haver outra maneira," diz Kyra.

Dierdre balança a cabeça.

"Não há nada aqui, exceto uma vida miserável. E, depois, a morte."

Elas ouvem um barulho súbito de uma porta batendo do outro lado do corredor do calabouço, e Kyra fica em pé, preparada para enfrentar qualquer coisa e disposta a lutar até a morte - se necessário. Dierdre de repente fica em pé e corre até ela, agarrando seu cotovelo.

"Prometa-me uma coisa," Dierdre insiste.

Kyra vê o desespero nos olhos dela, e assente.

"Antes que eles a levem," ela fala, "mate-me. Estrangule-me se for preciso. Não me deixe mais viver assim. Por favor, Eu lhe imploro."

Quando Kyra olha para a garota, ela sente uma determinação crescer dentro dela. Ela deixa de sentir pena de si mesma, deixando de lado todas as suas dúvidas. Ela sabe que, naquele momento, precisa viver. Se não por ela mesma, então ela faria isso por Dierdre. Não importa quanto a vida possa lhe parece sombria, ela sabe que não pode desistir.

Os soldados se aproximam, suas botas ecoando pelas paredes de pedra e suas chaves tinindo, e Kyra, sabendo que não lhe resta muito tempo, se vira e segura os ombros de Dierdre com um aperto firme enquanto olha nos olhos dela.

"Escute o que vou lhe dizer," Kyra implora. "Você vai viver. Você me entende? E não é só isso, você também vai escapar comigo. Você vai recomeçar sua vida - e terá uma vida longa e feliz. Vamos nos vingar de tudo que esses canalhas fizeram com você, juntas. Você está me ouvindo?"

Dierdre olha para ela, em dúvida.

"Eu preciso que você seja forte," Kyra insiste falando também para si mesma, ela percebe. "Viver não é

para os fracos. Morrer e desistir é para os fracos - viver é para os fortes. Você quer ser fraca e morrer? Ou deseja ser forte e continuar viva?"

Kyra fica olhando para ela intensamente quando a luz de tochas ao longo das paredes inunda a cela, e soldados entram marchando - e, finalmente, ela pensa ter visto algo mudar nos olhos de Deirdre. É como um pequeno vislumbre de esperança, seguido por um pequeno aceno de afirmação.

Elas ouvem um barulho das chaves, a porta da cela se abre Kyra vê dois soldados se aproximarem. Suas mãos calejadas e ásperas agarram os pulsos dela, Kyra é arrancada da cela, e porta é fechado atrás dela. Ela deixa seu corpo relaxado, tentando conservar sua energia. Agora não é o momento de resistir, ela precisa pegá-los desprevenidos, e aguardar o momento perfeito. Mesmo um inimigo poderoso, ela sabe, sempre tem um momento de vulnerabilidade.

Os dois soldados seguram Kyra no lugar, e pela porta de ferro surge um homem que Kyra vagamente reconhece como sendo o filho do governador.

Kyra pisca, confusa.

"Meu pai me mandou buscar você," ele diz enquanto se aproxima, "mas decidi me aproveitar de você primeiro. Ele não vai ficar satisfeito quando descobrir, é claro, mas, por outro lado, o que ele pode fazer quando for tarde demais?"

O rosto do filho se contorce em um sorriso maligno.

Kyra sente um frio na espinha enquanto olha para aquele homem doente, que lambe os lábios e a examina como se ela fosse um objeto.

"Você vê," ele fala, dando um passo à frente, começando a tirar o casaco de pele, sua respiração visível na cela fria, "meu pai não precisa saber todos os acontecimentos deste forte. Às vezes eu gostaria de ter primazia sobre o que passa por aqui - e você, minha querida, é um belo exemplar. Eu vou me divertir com você, e então vou torturá-la. Mas eu a mantereí viva, para que eu tenha algo para levar para ele."

Ele sorri, ficando tão perto que ela pode sentir seu mau hálito.

"Você e eu, minha querida, vamos nos tornar grandes amigos."

O filho acena para seus dois guardas, e ela fica surpresa quando eles soltam seus braços e recuam, cada um para um lado da sala para lhe dar espaço.

Ela fica ali, com as mãos livres, e furtivamente olha ao redor dela, analisando suas chances. Há apenas dois guardas, cada um armado com uma espada longa, e o próprio filho do Governador, muito mais alto e mais largo do que ela. Kyra não seria capaz de dominar todos eles, mesmo se ela estivesse armada, - o que não é o caso.

Ela nota suas armas no canto, encostadas na parede - seu arco, seu cajado e sua aljava de flechas, e seu coração bate mais rápido. Ela daria qualquer coisa para tê-las nas mãos agora.

"Ahh," o filho diz, sorrindo. "Você está olhando para as suas armas. Você ainda acha que pode sobreviver a isso. Vejo que você ainda está disposta a nos desafiar. Não se preocupe, eu vou acabar com isso em breve."

Inesperadamente, o filho se aproxima dela e dá um tapa no rosto dela, deixando Kyra sem fôlego e seu rosto ardendo de dor. Kyra cambaleia para trás, caindo de joelhos, com sangue escorrendo de sua boca, e sentindo um dor profunda. Ela fica ajoelhada ali, apoiada em suas mãos e joelhos, tentando recuperar o fôlego, e percebe que aquilo é apenas uma prévia do que está por vir.

"Você sabe como nós domamos nossos cavalos, minha querida?" o filho do Governador pergunta, em pé sobre ela e sorrindo cruelmente. Um guarda atira o cajado de Kyra e o filho o pega no ar sem dificuldades e dá um golpe nas costas expostas de Kyra.

Kyra grita, sentindo uma dor insuportável, e cai de cara na pedra, com a sensação de que tinha quebrado todos os ossos do seu corpo. Ela mal consegue respirar e sabe que, se ela não fizer algo em breve, ela ficaria incapacitada para o resto da vida.

"Não!" Grita Dierdre, implorando por trás das grades. "Não a machuquem! Levem-me em seu lugar!"

Mas o filho do Governador a ignora.

"Sempre começamos com uma vara," ele ensina Kyra. "Cavalos selvagens resistem, mas se você adestrá-los, batendo neles repetidas vezes, uma e outra vez, sem piedade, dia após dia, uma hora eles aprendem. E então, eles são seus. Não há nada melhor do que infligir dor em outra criatura, não é mesmo?"

Kyra sente um movimento e, com o canto do olho, ela vê quando ele levanta o cajado novamente com um olhar sádico, se preparando para um golpe ainda mais forte.

Os sentidos de Kyra ficam mais aguçados, e seu mundo desacelera. A mesma sensação que ela teve em cima da ponte volta correndo, um calor familiar, que começa em seu plexo solar e se irradia por todo seu corpo. Ela se sente energizada, com mais força e velocidade do que ela jamais poderia ter sonhado. Imagens passam diante de seus olhos. Ela se vê treinando com os homens de seu pai, se lembra dos intermináveis duelos, de seu aprendizado sobre como tolerar a dor e não ficar atordoado e como lutar contra vários atacantes de uma só vez. Anvin havia treinado com ela incansavelmente durante horas, dia após dia, até que ela tinha aperfeiçoado sua técnica, até que seus ensinamentos finalmente haviam se tornado uma parte dela. Ela havia insistido para que os homens de seu pai lhe ensinassem tudo, por mais difícil que fosse a lição, e agora ela consegue lembrar tudo o que havia aprendido. Ela havia treinado para uma situação exatamente como a que se encontra.

Enquanto ela continua ali, superando a dor em suas costas, o calor toma conta de seu corpo, Kyra olha para o filho do Governador e sente quanto seus instintos assumem o controle. Ela morreria, mas não ali, não hoje, e não pelas mãos daquele homem.

Uma de suas primeiras lições surge em sua mente: Um baixo ponto de vista pode lhe dar alguma vantagem. Quanto mais alto um homem é, mais vulnerável ele fica. Os joelhos são um alvo fácil se você se encontra no chão. Dê uma rasteira, e eles cairão no chão.

Quando o cajado se aproxima dela, Kyra de repente coloca as mãos espalmadas no chão de pedra, erguendo-se o suficiente para ganhar vantagem, e passa a perna de forma rápida e decisiva, apontando para a parte de trás dos joelhos do filho do Governador. Com toda a sua força, ela tem a satisfação de chutar a parte sensível atrás do joelho dele.

Seus joelhos se dobram e ele cai, aterrissando de costas sobre a pedra com um baque, e o cajado cai de suas mãos e rola pelo chão. Ela mal pode acreditar que tinha funcionado. Quando ele cai, ela ouve o barulho do crânio dele batendo no chão, tão alto que ela tem certeza que o tinha matado.

Mas ele deve ser invencível, pois imediatamente ele começa a se sentar, olhando para ela com o veneno de um demônio, preparando-se para atacar.

Kyra não espera. Ela fica em pé e se joga em cima de seu cajado, jogado no chão a vários metros de distância, sabendo que, se conseguisse pegar sua arma, ela teria uma chance justa contra todos aqueles homens. Enquanto corre para ele, porém, o filho se levanta e estende a mão para agarrar sua perna, tentando segurá-la no lugar.

Kyra reage, sua agilidade assume o controle, e ela pula como um gato por cima dele, escapando de suas mãos. Ela cai no chão com uma cambalhota e pega seu cajado no caminho.

Ela fica ali, segurando seu cajado com cautela diante dela, grata por ter sua arma de volta, e o cajado se encaixa perfeitamente em suas mãos. Os dois guardas se aproximam com espadas e, cercada, ela olha rapidamente em todas as direções, como um animal ferido e acuado. Ela tem sorte, ela percebe, que tudo tenha acontecido tão rapidamente, dando-lhe tempo antes que os guardas pudessem entrar.

O filho se levanta, limpa o sangue dos lábios com a palma de sua mão, e faz uma careta para ela.

"Esse foi o maior erro da sua vida," ele fala. "Agora, eu não só vou torturar você-"

Kyra está farto dele, e ela não está disposta a esperar que ele ataque primeiro. Antes que ele termine de falar, ela pula para a frente, levanta seu cajado e ataca rapidamente, como uma cobra, desferindo um golpe bem entre os olhos dele. É um golpe perfeito, e ele grita quando ela quebra seu nariz.

Ele cai de joelhos, chorando, segurando o nariz.

Os dois guardas se aproximam dela, empunhando espadas e tentando acertar a cabeça dela. Kyra usa o cajado e bloqueia uma lâmina, e logo em seguida vira e bloqueia a outra, instantes antes do soldado acertar seu golpe. Para um lado e para o outro, ela continua bloqueando repetidos golpes à medida que os dois soldados a atacam tão rápido que ela mal tem tempo de reagir.

Um dos guardas dá um golpe forte demais e Kyra encontra uma abertura: ela levanta o cajado e bate com força no pulso exposto dele, fazendo com que ele solte a espada. Quando ela cai no chão com um som estridente, Kyra dá um golpe para o lado, acertando um golpe na garganta do outro guarda que o deixa atordoado - em seguida, ela se vira e acerta um golpe na têmpora do outro guarda, derrubando-o.

Kyra não lhes dá qualquer chance; quando um guarda, de costas, tenta se levantar, ela salta para o alto e bate com seu cajado no plexo solar dele e, quando ele se senta, ela dá um chute no rosto dele, que

cai desmaiado. E quando o outro guarda rola, segurando sua garganta, começando a se levantar novamente, Kyra o atinge na parte de trás da cabeça, nocauteando-o.

Kyra de repente sente mãos ásperas em torno de seu corpo, e percebe que o filho está de volta, tentando tirar a vida dela, tentando fazer com que ela derrube seu cajado.

"Boa tentativa," ele sussurra em seu ouvido, sua boca tão perto que ela pode sentir a respiração quente dele em seu pescoço.

Kyra, com uma carga de energia fluindo através de seu corpo, encontra uma nova força dentro dela, apenas o suficiente para chegar à frente com os braços, fechar os cotovelos, e se livrar do abraço do homem. Ela, então, pega seu cajado e dá um golpe para cima, com as duas mãos, tentando acertar entre as pernas do filho do Governador.

Ele geme e cai de joelhos, e ela fica sobre ele, que finalmente parece indefeso ao olhar para ela com olhos chocados e cheios de dor.

"Diga olá para o seu pai por mim," ela fala, levantando o cajado e batendo com toda força na cabeça dele.

Desta vez, ele cai inconsciente no chão de pedra.

Kyra, ainda respirando com dificuldade, ainda enfurecida, analisa o resultado de seu trabalho: três homens, homens formidáveis, jazem imóveis no chão. Ela, uma menina indefesa, tinha feito aquilo.

"Kyra!" Grita uma voz.

Ela se vira e, lembrando-se de Dierdre, não perde um segundo e correu até a cela sala. Ela pega as chaves da cintura do guarda, destrancando a cela, e Dierdre corre para seus braços, abraçando-a.

Kyra afasta a garota e olha dentro dos olhos dela, querendo saber se ela está mentalmente preparada para escapar.

"Está na hora," diz Kyra com firmeza. "Você está pronta?"

Dierdre fica ali, em estado de choque, olhando para a carnificina ao seu redor.

"Você os venceu," Deirdre fala, olhando para os corpos e parecendo não acreditar. "Eu mal posso acreditar nisso, você realmente os derrotou."

Kyra vê algo mudar nos olhos de Deirdre. Todo o medo desaparece, e Kyra vê uma mulher forte

surgindo, uma mulher que ela não havia conhecido antes. Vendo seus atacantes inconscientes causa alguma mudança nela, dando-lhe uma nova força.

Dierdre caminha até uma das espadas no chão, pega ela nas mãos, e caminha de volta para o filho, que ainda está deitado de bruços, inconsciente. Ela olha para baixo, e seu rosto se molda em um sorriso de escárnio.

"Isto é por tudo o que você fez para mim," ela diz.

Ela levanta a espada com mãos trêmulas, e Kyra vê uma grande batalha acontecendo dentro dela, que parece hesitar.

"Dierdre," Kyra fala suavemente.

Dierdre olha para ela, com uma dor selvagem em seu olhar.

"Se você fizer isso," diz Kyra suavemente, "você vai ser como ele."

Dierdre fica parada, com os braços tremendo, passando por uma tempestade emocional até que, finalmente, ela abaixa a espada, deixando que ela caia no chão de pedra.

Ela cuspe no rosto dele, então coloca a perna para trás e dá um chute forte no rosto do filho do Governador. Dierdre, Kyra está começando a ver, é uma pessoa muito mais forte do aparenta.

Ela olha para Kyra com os olhos brilhando, a vida restaurada neles, à medida que se seu antigo começa a ser restaurado.

"Vamos," fala Deirdre, sua voz cheia de força.

*

Kyra e Dierdre escapam do calabouço no início da manhã, e se encontram bem no meio de Argos, a fortaleza Pandesiana e complexo militar do Lorde Governador. Kyra pisca diante da claridade, feliz ao ver a luz do dia, apesar da temperatura fria ali fora, e quando ela consegue se orientar ela vê que elas estão no centro de um grande complexo de fortes de pedra, rodeado por um muro alto e por uma porta maciça. Os homens do Governador estão lentamente começando a acordar, tomando suas posições ao redor do quartel; deve haver milhares deles. Aquele é um exército profissional, e o lugar se parece mais com uma cidade do que com uma aldeia.

Os soldados tomam suas posições ao longo das paredes, olhando para o horizonte; ninguém olha

para dentro. Claramente ninguém espera que duas meninas possam escapar do calabouço, o que lhes dá uma vantagem. Ainda está escuro o suficiente, também, para que elas fiquem ocultas pelas sombras e, quando Kyra olha para a entrada bem guardada na extremidade do pátio, ela sabe que se elas teriam qualquer chance de fuga, seria agora.

Mas o pátio é longo para atravessar a pé, e ela sabe que elas não conseguiriam - e mesmo conseguissem, elas seriam localizadas assim que atravessassem o portão.

"Ali!" Diz Deirdre, apontando.

Kyra olha e vê, do outro lado do pátio, um cavalo amarrado com um soldado que do lado, segurando as rédeas de costas para elas.

Dierdre olha para ela.

"Vamos precisar de um cavalo," ela fala. "É nossa única saída."

Kyra assente com a cabeça, surpresa que eles tenham pensado da mesma maneira, e que Dierdre seja tão perspicaz. Dierdre, que Kyra a princípio havia pensado ser mais uma responsabilidade, está se mostrando ser realmente inteligente, rápida e decidida.

"Você consegue fazer isso?" Pergunta Dierdre, olhando para o soldado.

Kyra aperta a mão em torno de seu cajado e acena com a cabeça.

Elas correm para fora das sombras juntas, e silenciosamente atravessam o pátio. O coração de Kyra bate em seu peito quando ela se concentra em um soldado, de costas para ela, se aproximando a cada passo e rezando para que elas não sejam descobertas.

Kyra corre tão rápido que ela mal consegue respirar, se esforçando para não escorregar na neve, já não sentindo frio quando adrenalina é bombeada em suas veias.

Ela finalmente chega até o soldado e, no último segundo, ele as ouve e se vira.

Mas Kyra já está em movimento, erguendo seu cajado e dando um golpe no soldado, que cai de joelhos. Ela ergue a arma mais uma vez e dá uma pancada forte na parte de trás da cabeça dele, deixando-o inconsciente.

Kyra sobe no cavalo, enquanto Dierdre o desamarra e salta atrás dela, e ambas chutam o cavalo que sai em disparada.

Kyra sente o vento frio assoprar o seu cabelo quando o cavalo atravessa o pátio coberto de neve, seguindo na direção do portão no lado oposto, talvez uma centena de metros de distância. Enquanto eles avançam, soldados sonolentos começam perceber a fuga, e correm de encontro a elas.

"Vamos lá!" Kyra grita para o cavalo, querendo que ele vá mais rápido, vendo a saída iminente se aproximando cada vez mais delas.

Há um enorme arco de pedra um pouco à frente, seu portão levantado, dando acesso a uma ponte e o coração de Kyra acelera ao ver, além dela, o campo aberto. Liberdade.

Ela chuta o cavalo com toda sua força quando vê os soldados na saída perceberem a aproximação delas.

"DETENHAM-NAS!" Grita um dos soldados.

Vários soldados correm para grandes manivelas de ferro e, como Kyra temia, começam a virar as manivelas para abaixarem o portão. Kyra sabe que se ele se fechar antes que elas possam chegar até ele, suas vidas estariam terminadas. Faltam apenas vinte metros e elas estão cavalgando mais rápido do que nunca - no entanto o portão, com trinta metros de altura, continua abaixando lentamente, um metro de cada vez.

"Abaxe-se o máximo que conseguir!" Kyra grita para Dierdre, inclinando-se para a frente até que seu rosto fica em cima da crina do cavalo.

Kyra corre com o coração batendo em seus ouvidos, e quando elas passam embaixo do arco de pedra, o portão está tão baixo que ela não sabe se conseguiria atravessar.

Então, quando ela está certa de que iria morrer, o cavalo consegue atravessar e o portão bate logo atrás delas com um estrondo. Um momento depois, elas estão do outro lado da ponte e, para grande alívio de Kyra, a céu aberto.

Alarmes soam atrás delas, e um momento depois, Kyra se encolhe ao ouvir uma flecha passar sobre sua cabeça.

Ela olha para trás e vê os homens do Governador tomando posições ao longo das muralhas, e

disparar contra elas. Ela tenta desviar com o cavalo, percebendo que elas ainda estavam dentro do alcance deles.

Elas estão progredindo, já a talvez cinquenta metros de distância, longe o suficiente para que a maioria das flechas não as alcance quando, de repente, para seu horror, Kyra vê uma flecha se alojar na lateral de seu cavalo. Ele imediatamente empina para trás, derrubando-as.

O mundo de Kyra se transforma em caos. Ela bate no chão, sem fôlego, e o cavalo rola ao lado dela, felizmente longe o bastante para não esmagá-la.

Kyra se ajoelha, atordoada e com dor na cabeça, e vê Dierdre ao lado dela. Ela olha para trás e vê, ao longe, o portão sendo levantado. Centenas de soldados estão alinhados, esperando, e quando o portão é aberto, eles saem em disparada. É um exército em grande escala, a caminho para matá-las. Ela fica confusa com a rapidez que eles haviam se preparado, mas então ela se lembra: eles já estavam prontos ao amanhecer, preparando-se para atacar Volis.

Kyra, a pé, olha para o seu cavalo morto, para as vastas planícies diante delas, e ela sabe que, finalmente, a sua hora havia chegado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Aidan vai até os aposentos de seu pai, impaciente, com Leo ao seu lado e uma profunda sensação de que algo está errado. Ele havia procurado sua irmã Kyra por todo o forte, junto com Leo, verificando todos os lugares que ela costumava frequentar - o arsenal, o ferreiro, o Portal dos Lutadores- e ainda assim, não tinha conseguido encontrá-la. Ele e Kyra sempre tiveram uma relação estreita, desde que ele havia nascido, e ele sempre sabe quando algo está errado com ela e, agora, ele sente que há algo de errado com ela. Ela não tinha comparecido à festa, e ele sabe que ela não a teria perdido.

O mais preocupante de tudo, Leo não está com ela - o que nunca, nunca acontecia. Aidan tinha tentado interrogar Leo, mas o lobo, claramente tentando lhe dizer alguma coisa, não conseguia se comunicar. Ele simplesmente permanece ao lado de Aidan, recusando-se a deixá-lo.

Aidan tinha passado a festa com um nó no estômago, verificando constantemente a porta por

qualquer sinal de Kyra. Ele havia tentado falar com seu pai a respeito disso durante a refeição, mas Duncan estava cercado por muitos homens, todos eles concentrados na batalha por vir, e ninguém lhe tinha dado ouvidos.

Na primeira luz do dia, Aidan, que havia permanecido acordado a noite toda, levantou-se e correu para a janela, procurando qualquer sinal dela, mas não havia nada. Ele então havia saído de seu quarto, atravessando o corredor correndo e passando por todos os homens de seu pai até chegar ao quarto de Kyra, e nem sequer havia batido na porta antes de bater com o ombro nela e entrar, procurando por ela. Mas seu coração havia se partido ao encontrar sua cama vazia, ainda feita desde o dia anterior. Ele soube naquele exato momento que algo havia acontecido.

Aidan então tinha percorrido os corredores até os aposentos de seu pai. Agora, parado diante da porta gigante, ele olha para os dois guardas diante dele.

"Abram a porta!" Aidan ordena urgentemente.

Os guardas trocam um olhar inseguro.

"Foi uma longa noite, menino," um dos guardas diz. "Seu pai não ficará feliz em seu acordado."

"Pode haver uma grande batalha hoje," comenta o outro. "Ele precisa estar descansado."

"Eu não vou pedir de novo," Aidan insiste.

Eles olham para ele, céticos, e Aidan, incapaz de esperar, se adiante e bate na porta.

"Calma lá, garoto!" exclama um deles.

Em seguida, percebendo sua determinação, o outro guarda fala: "Tudo bem, mas é a sua cabeça, se acontecer alguma coisa. E o lobo fica aqui."

Leo rosna, mas o guarda relutantemente abre a porta apenas o suficiente para Aidan entrar, fechando-a atrás dele.

Aidan corre para a cama de seu pai e o encontra dormindo em suas peles, roncando com uma garota seminua deitada ao lado dele. Ele agarra o ombro de seu pai e o empurra, mais e mais uma vez.

Finalmente, seu pai abre os olhos com um olhar feroz, parecendo estar prestes a atacá-lo. Mas Aidan

não seria dissuadido.

"Pai, você precisa acordar agora!" Aidan pede. "Kyra está desaparecida!"

O olhar de seu pai se transforma em confusão, e ele encara Aidan com os olhos injetados de sangue, como se estivesse bêbado.

"Desaparecida?" ele pergunta, sua voz grave, rouca, retumbando em seu peito. "O que você quer dizer com isso?"

"Ela não voltou para seu quarto na noite passada. Algo aconteceu com ela, estou certo disso. Alerte seus homens imediatamente!"

Seu pai se senta, desta vez parecendo mais alerta, esfregando o rosto e tentando espantar o sono.

"Estou certo de que sua irmã está bem," ele diz. "Ela está sempre muito bem. Ela sobreviveu a um encontro com um dragão - você acha mesmo que uma pequena tempestade de neve a levaria embora? Ela está apenas em algum lugar que você não ainda não procurou, ela gosta de ficar sozinha. Agora vá embora, siga o seu caminho antes que eu decida lhe dar umas boas palmadas."

Mas Aidan fica ali, determinado, com o rosto vermelho.

"Se você não vai procurar por ela, então eu mesmo o farei." ele grita e se vira, saindo correndo do quarto, esperando que de alguma forma seu pai acredite nele.

*

Aidan fica do lado de fora dos portões de Volis, acompanhado por Leo, em pé sobre a ponte e assistindo a luz do dia se espalhar por todo o campo. Ele procura no horizonte tentando detectar qualquer sinal de Kyra, esperando que talvez ela esteja voltando de algum treinamento com seu arco, mas não encontra ninguém. Seu pressentimento ruim aumenta. Ele havia passado a última hora acordando todos, desde seus irmãos até o açougueiro, perguntando quem a tinha visto pela última vez. Finalmente, um dos homens de seu pai havia relatado que ele a tinha visto se encaminhando para a Floresta de Espinhos com Maltren.

Aidan tinha varrido o forte à procura de Maltren, e havia sido informado de que ele estava fora, em sua caçada matinal. E agora ele está ali, esperando pelo retorno de Maltren, ansioso para enfrentá-lo e descobrir o que tinha acontecido com sua irmã.

Aidan fica ali, com neve até as canelas, tremendo, mas ignorando o frio, com as mãos na cintura, esperando, observando, até que, finalmente, ele vê uma figura aparecer no horizonte, atravessando a neve a galope, vestindo a armadura dos homens de seu pai, com insígnia do dragão brilhando em seu peitoral. Seu coração se anima ao ver que o homem é Maltren.

Maltren galopa em direção ao forte, com um cervo jogado na parte de trás de seu cavalo e, quando ele se aproxima, Aidan vê sua expressão de desaprovação. Ele olha para Aidan e relutantemente para diante dele.

"Saia do caminho, rapaz!" Maltren grita. "Você está bloqueando a ponte."

Aidan mantém sua posição, enfrentando-o.

"Onde está minha irmã?" Aidan exige.

Maltren o encara, e Aidan vê um momento de hesitação em seu rosto.

"Como eu poderia saber?" Ele dispara. "Eu sou um guerreiro - não acompanho as brincadeiras de uma menina."

Mas Aidan continua firme.

"Disseram-me que ela foi vista com você pela última vez. Onde ela está?" Ele repete com mais firmeza.

Aidan fica impressionado com a autoridade em sua própria voz, que o faz lembrar seu próprio pai, embora ele ainda seja muito jovem e não tenha a profundidade de tom que ele tanto deseja.

Ele deve ter afetado Maltren, porque ele desmonta lentamente, a raiva e impaciência evidente em seus olhos, e caminha em direção a Aidan de forma ameaçadora, sua armadura fazendo um barulho enquanto ele anda. Quando ele se aproxima, Leo rosna, de forma tão virulenta que Maltren para alguns metros antes, alternando o olhar entre o lobo e Aidan.

Ele se aproxima de Aidan, fedendo a suor, e mesmo tentando não demonstrar, Aidan tem que admitir que está com medo. Ele agradece a Deus por ter Leo ao seu lado.

"Sabe qual é a punição por desafiar um dos homens de seu pai?" Pergunta Maltren, sua voz sinistra.

"Ele é meu pai," Aidan insiste. "E Kyra é sua filha, também. Agora, onde está ela?"

No fundo, Aidan está tremendo de medo, mas ele não está disposto a recuar, não com Kyra em perigo.

Maltren olha em volta, por cima do ombro, aparentemente checando para ver se alguém está assistindo. Ciente de que não há ninguém, ele se inclina para perto, sorri e diz:

"Eu a vendi para os homens do Governador por um preço considerável. Ela era uma traidora e uma encenqueira, exatamente como você."

Os olhos de Aidan se arregalam em choque, furioso com a sua traição.

"Quanto a você," diz Maltren, segurando Aidan pela camisa e puxando-o para perto. O coração de Aidan pula quando ele vê Maltren deslizar a mão até um punhal em seu cinto. "Sabe quantos meninos morrem neste fosso a cada ano? É uma coisa muito triste. Esta ponte é muito escorregadia, e aquelas encostas são demasiado íngremes. Ninguém nunca vai suspeitar que isso tenha sido qualquer coisa, que não um acidente."

Aidan tenta se libertar, mas o aperto de Maltren é muito forte. Ele sente que está corado pelo pânico, e sabe que está prestes a morrer.

De repente, Leo rosna e pula sobre Maltren, afundando suas presas em seu tornozelo. Maltren deixa Aidan cair e levanta a adaga para apunhalar o lobo.

"NÃO!" Aidan grita.

O som de um alarme toca, seguido por cavalos que saem pelo portão, galopando através da ponte, e Maltren para com o punhal no meio do ar. Aidan se vira e fica aliviado ao ver seu pai e dois irmãos se aproximando, acompanhados por uma dúzia de homens, com arcos já apontados para o peito de Maltren.

Aidan se solta e Maltren fica ali, parecendo sentir medo pela primeira vez, segurando o punhal na mão, pegado em flagrante. Aidan estala os dedos, e Leo relutantemente recua.

Duncan desmonta e se aproxima com os seus homens, e quando eles fazem isso, Aidan olha para eles.

"Você vê, Pai! Eu te disse! Kyra desapareceu. E Maltren nos traiu, vendendo minha irmã para o

Lorde Governador!"

Duncan se adianta e um silêncio tenso toma conta deles à medida que seus homens cercam

Maltren. Ele olha nervosamente por cima do ombro para o seu cavalo, como se contemplando uma fuga, mas os homens se aproximam e arrancam as rédeas de suas mãos.

Maltren olha para Duncan, claramente nervoso.

"Você pretendia colocar suas mãos em meu menino, não é mesmo?" Pergunta o pai, olhando

Maltren no olho, seu tom duro e frio.

Maltren engole em seco e não diz nada.

Duncan ergue lentamente a espada e segura a ponta contra a garganta de Maltren, a morte evidente em seus olhos.

"Você vai nos levar até minha filha," ele diz, "e essa será a última coisa que fará antes de morrer."

CAPÍTULO TRINTA

Kyra e Dierdre correm para salvar suas vidas através das planícies cobertas de neve, tentando recuperar o fôlego, enquanto escorregam e caem no gelo. Eles correm durante toda a manhã gelada, com vapor saindo de suas bocas, o frio queimando os pulmões de Kyra, e com as mãos dormentes enquanto segura seu cajado. O estrondo de mil cavalos enche o ar, e ao olhar para trás, Kyra se arrepende: milhares dos homens do Governador se aproximam, cada vez mais próximos delas. Ela sabe que não faz sentido algum correr - sem qualquer abrigo em vista, nada, exceto as planícies abertas diante delas, elas estão condenadas.

No entanto, elas continuam correndo, impulsionadas por algum instinto de sobrevivência.

Kyra escorrega, caindo de cara na neve, sem fôlego, e imediatamente sente uma mão embaixo de seu braço, puxando-a para cima; ela olha e vê Dierdre, que a ajuda a se levantar.

"Você não pode parar agora!" Dierdre diz. "Você não me deixou e eu não vou deixar você. Vamos!"

Kyra fica surpreso com a autoridade e confiança na voz de Dierdre, como se ela tivesse renascido desde que elas haviam deixado a prisão, sua voz cheia de esperança, apesar das circunstâncias.

Kyra começa a correr, ambos sem fôlego, até que finalmente alcançam o topo de uma colina. Ela

tentou não pensar no que aconteceria quando o exército as alcançasse, ou quando chegassem a Volis e matassem todo seu povo. E, no entanto, Kyra havia sido treinada para não desistir, por piores que fossem suas circunstâncias.

Elas chegam ao topo do morro e Kyra para em seu caminho, atordoada com a visão diante dela. Dali de cima ela tem uma vista para o campo, um enorme platô que se estende à sua frente, e seu coração pula de êxtase quando ela vê, andando em direção a elas, seu pai, levando uma centena de homens. Ela não consegue acreditar: ele tinha vindo para salvá-la. Todos aqueles homens tinham vindo de tão longe, arriscando suas vidas em uma missão suicida, apenas para salvá-la.

Kyra começa a chorar, sentindo amor e gratidão por seu povo. Eles não haviam se esquecido dela. Kyra corre até eles, e quando ela se aproxima, vê a cabeça decepada de Maltren amarrada ao seu cavalo, e percebe logo o que havia acontecido: eles haviam descoberto a traição e vindo à procura dela. Seu pai parece igualmente surpreso ao vê-la, correndo ao seu encontro; ele provavelmente esperava ter que libertá-la do forte, ela percebe.

Todos param ao se encontrarem no meio do caminho, seu pai desmonta, aproximando-se dela e a envolvendo em um abraço forte. Quando ela sente seus braços fortes em torno dela, ela se sente aliviada, e sabe que tudo ficaria bem, apesar de todas as suas adversidades. Ela nunca havia sentido tanto orgulho de seu pai quanto naquele momento.

A expressão de seu pai muda de repente, seu rosto fica sério quando ele olha por cima do ombro dela, e Kyra sabe que ele tinha visto o vasto exército de homens do Governador, atingindo o topo da colina.

Ele aponta para o cavalo de Kyra, e ela vê que há outro para Dierdre.

"Seu cavalo está esperando por você," ele diz, apontando para um belo cavalo branco. "Você vai lutar com a gente agora."

Sem tempo para palavras, Kyra imediatamente monta em seu cavalo ao mesmo tempo em que seu pai monta no dele, e ela entra na linha junto com todos os seus homens, todos de frente para o horizonte. Diante dela, no horizonte, ela vê os homens do Senhor, esparramados diante de seus olhos, milhares de soldados contra seu pequeno grupo de cem homens. No entanto, os homens de seu pai

sentam-se com orgulho, e nenhum deles recua.

"HOMENS!" Seu pai grita, sua voz forte, comandando a atenção de todos. "LUTAMOS PELA ETERNIDADE!"

Eles soltam um enorme grito de guerra, soando seus chifres, e como um só, todos avançam, apressando-se para enfrentar o inimigo.

Kyra sabe que aquilo seria um suicídio. Atrás dos mil homens do Governador há mais mil, e outros mil atrás deles. Seu pai também sabe disso; todos os seus homens sabem. Mas ninguém hesita. Pois eles não estavam lutando por sua terra, mas por algo ainda mais precioso: sua própria existência. Seu direito de viver como homens livres. A liberdade significa mais para aqueles homens do que a vida, e enquanto eles poderiam ser mortos, todos eles, ao menos, morreriam por opção, morreriam como homens livres.

Ao avançar ao lado do pai, ao lado de Anvin, Vidar e Arthfael, Kyra se sente animada, energizada pela descarga de adrenalina. Em seu estado, ela vê sua vida passar diante de seus olhos, vê todas as pessoas que tinha conhecido e amado, os lugares onde havia ido, a vida que havia levado, sabendo que tudo está prestes a acabar. À medida que os dois exércitos se aproximam, ela vê o rosto feio do Lorde Governador, liderando o caminho, e sente um novo sentimento de raiva por Pandésia. Suas veias queimam por vingança.

Kyra fecha os olhos e faz um último pedido.

Se eu estou realmente fadada a me tornar uma grande guerreira, deixe que seja agora. Se eu realmente tenho um poder especial, mostre-me. Deixe-o sair agora, e permita-me derrotar meus inimigos. Só dessa vez, neste dia. Permita que a justiça seja feita.

Kyra abre os olhos, e de repente ela ouve um grito horrível cortar o ar. O grito arrepia os cabelos em sua nuca, e ao olhar para o céu ela vê algo que a deixa sem fôlego.

Theos.

O imenso dragão voa, descendo diretamente para ela, olhando para Kyra com seus grandes olhos amarelos e brilhantes, os olhos que ela tinha visto em seus sonhos, e em seus momentos de vigília. Aqueles são os olhos que ela não conseguiu tirar de sua mente, os olhos que ela tinha certeza que

ela veria um dia novamente.

Com sua asa curada, Theos recolhe suas garras e mergulha para baixo, diretamente para cima da cabeça de Kyra, como se quisesse matá-la.

Kyra vê quando os homens de seu pai olham para cima, boquiabertos de medo, abaixando e se preparando para morrer. Mas ela mesma não sente medo. Ela sente a força dentro do dragão, e sabe que, naquele momento, ela e o dragão são um só.

Kyra observa com admiração quando Theos vem direto até ela, suas asas tão grandes que bloqueiam o sol, e dá um poderoso grito, o suficiente para aterrorizar os homens perto dela. Ele chega perto e, em seguida, voa para cima no último segundo, suas garras quase raspando suas cabeças.

Kyra se vira e vê Theos voar em linha reta para cima e, em seguida, virar e circular de volta até eles. Desta vez, ele voa para trás de seus homens, correndo para a frente como se quisesse lutar com eles, pronto para enfrentar os homens do Governador.

Ele abre suas grandes mandíbulas e voa por cima deles, até finalmente abrir caminho, na frente dos homens de seu pai, avançando sozinho, para encontrar os homens do Governador em uma batalha pela primeira vez.

Kyra assiste boquiaberta à medida que dragão se aproxima do exército inimigo e o rosto do Lorde Governador se transforma de arrogância em medo; de fato, ela vê o terror em todas as suas faces, todos finalmente com medo, todos percebendo o que está por vir. Vingança.

Theos abre a boca em cima deles e com um barulho crepitante assopra fogo sobre eles em um fluxo de chamas que ilumina a manhã de neve. Os gritos dos homens enchem o ar, e um grande incêndio se espalha através das fileiras do exército, matando fileira após fileira de homens.

O dragão continua, voando novamente, circulando, respirando fogo, matando todos os inimigos à vista, até que finalmente, não resta mais ninguém. Nada além de pilhas intermináveis de cinzas onde antes havia homens e cavalos.

Kyra assiste tudo acontecer como se em um sonho. É como assistir seu destino se desdobrar diante dela. Naquele momento, ela sabe que é diferente - ela é especial. O dragão tinha vindo por causa dela.

Não há como voltar atrás agora: os homens do Governador estão mortos. Pandésia tinha sido atacada, e Escalon tinha dado o primeiro golpe.

O dragão pousa diante deles, nos campos de cinzas, e Kyra e todos os homens param, olhando para ele, em reverência. Mas Theos olha apenas para Kyra, com seus olhos amarelos brilhantes travados nela. Ele ergue as asas - que se estendem assustadoramente, e grita - grito terrível de raiva que parece preencher todo o universo.

O dragão sabe.

A hora da Grande Guerra havia chegado.

EM BREVE!

Livro nº 2 da série Reis e Feiticeiros

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Download Morgan Rice books on Kobo now!](#)



Ouçã a série O ANEL DO FEITICEIRO em áudio livro!

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro Nº1 da série

Trilogia de Sobrevivência) e

[EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro N°1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)